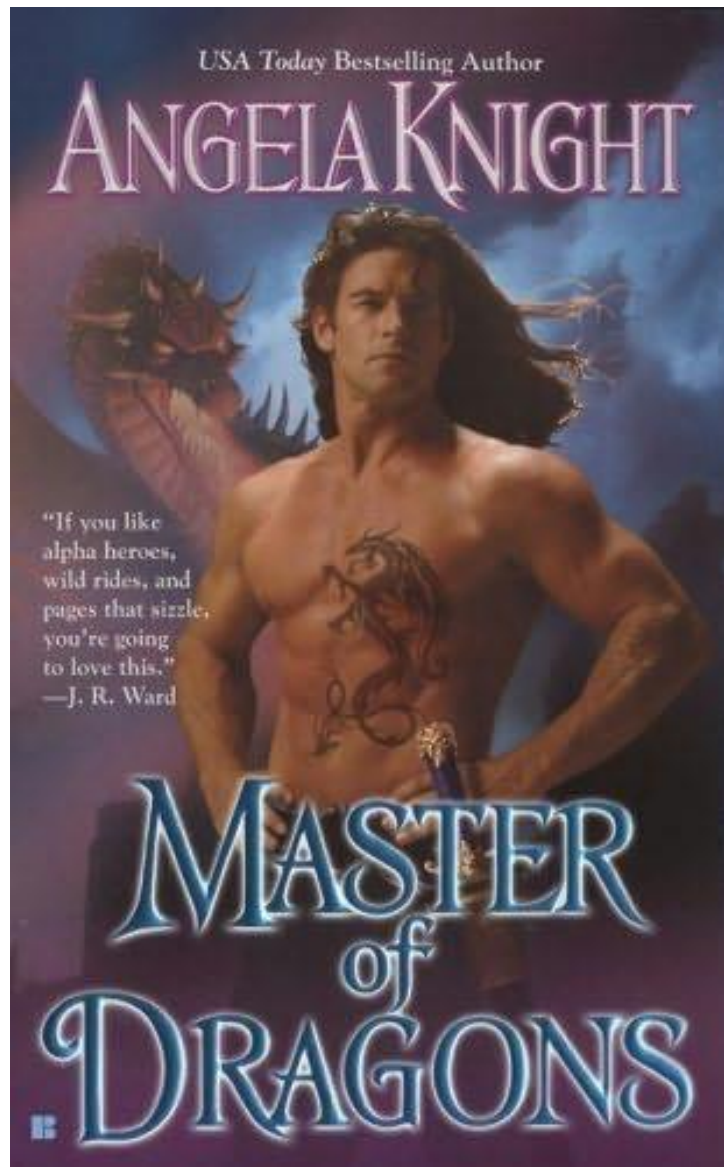




Mestre dos dragões

Angela Knight



A última vez que a princesa fada Nineva Morrow usou sua magia, as forças do mal a deixaram órfã, isolada e incapaz de confiar a alguém sua sobrevivência. Mas depois de anos vivendo clandestinamente na Terra, ela vai usar seus poderes mais uma vez e atrair mais cavaleiros do que ela pode manipular.

Agora, no centro de um complô de um nobre rebelde do Mageverso que é inutilmente dominado por um espírito poderoso que possui seu corpo, a única esperança de Nineva é o cavaleiro Dragão que arde sem chamas, Kel. Este renegado que pertence a Corte de Arthur tem bastante desejo para incendiar cada porta de seu coração – se as forças em torno do Rei Llyr afastar-se tempo suficiente para deixa-lhe fazer isso.

A sobrevivência do Mageverso se pendura em um equilíbrio apaixonado de direito e prazer, com a ameaça de destruição levando todo um universo mágico a ficar de joelhos...

A Profecia de Semira

*Aprisionada pelas legiões dos Escuros e
Por amor, no aço preservada,
A deusa Semira sobreviverá apesar de tudo
Levada a batalha pelos deuses guerreiros
E pela necessidade de seus Avatares sustentando
Poder para a legítima vontade soberana
Vinte filhas de seu sangue
Com lealdade a serviram
Até que a última assuma seu manto
Para lutar lado do cavaleiro dragão azul
Perdida e ardendo em seu fogo,
Destroçada e renascida, graças ao poder de Semira,
O Avatar a sua deusa libertará
Os escuros serão banidos
Os reinos libertados
Do julgo daqueles que quer usurpá-los
E as pessoas viverão em paz.*

Prólogo

Dallas (Texas) 25 de abril de 1995.

A primeira vez que o cavaleiro entrou nos sonhos de Nineva Morrow, foi demasiado para ela. Era muito, em tudo – masculino, alto e poderoso, vestido com uma armadura azul meia noite – para alguém jovem como ela e fez com que seu coração adolescente acelerar com uma mescla de medo e desejo.

Até o rosto, de perfil duro e feroz, dava a impressão de ser perigoso. Tinha as bochechas altas e cinzeladas, o nariz estreito, inclinado para baixo, com narinas próprias de um predador; sobre o queixo proeminente, forte e anguloso, a boca grossa e sensual. O cabelo comprido e de cor cobalto que caia em mechas lisas como seda sobre ombros maciços de um indivíduo que não desconhecia as batalhas.

- Será minha. – A ela pareceu sentir a voz em seu próprio sangue – Quando for uma mulher, sentirá minha carícia.

- Não. – Sacudiu a cabeça contra o travesseiro.

- Os olhos de cor escarlate e entrecerraram de ira ante a negativa, logo emitiram uma luz tão intensa que ela não pode ver mais nada.

Quando o brilho se desvaneceu, uma enorme figura alada apareceu em seu lugar, um dragão de escamas de cor azul brilhante e ardentes olhos vermelho rugiu e exalou um jato de fogo que se derramou sobre Nineva como Napalm¹.

Ela soltou um grito enquanto o fogo percorria sua pele, acompanhada de uma onda de dor aguda. Retorcendo-se e quase morta, se debatia para escapar e extinguir o fogo com sua própria magia.

Em frente a ela apareceu uma espada cujo empunhadura tinha a forma sinuosa de uma mulher nua. A pegou com a cega esperança de que, de alguma forma, a salvaria.

¹- Napalm: é um conjunto de líquidos inflamáveis à base de gasolina gelificada, utilizados como armamento militar. O napalm é na realidade o agente espessante de tais líquidos, que quando misturado com gasolina a transforma num gel pegajoso e incendiário. (N. T)

O rosto de uma mulher de beleza não humana, cujo cabelo flutuava em um pálido halo em torno de sua cabeça, se fez visível ante seu olhar angustiado. A íris dos olhos resplandecia iguais opalas sob a luz da lua e em sua profundidade brilhavam partículas mágicas.

Nineva estendeu uma mão tremula e ardente para ela.

- Ajuda-me!

A mulher sorriu com uma alegria que enchia aqueles olhos incríveis.

- Obrigado por seu sacrifício, menina. Libertou-me. - Fez um movimento para cobrir a Nineva que, instintivamente, tentou se distanciar com um pulo.

-Não faça isso!

Muito tarde. Os delicados dedos da deusa se fecharam sem misericórdia sobre os seus.

Nineva nem sequer pode gritar quando a magia de Semira a destroçou.

Despertou sobressaltada, transpirando e com o coração a ponto de explodir. Endireitando-se com um salto, jogou as mantas e levantou as mãos tremulas. A pele estava lisa e saudável, sem sinais de queimaduras.

O alarme desapareceu enquanto se deixava cair de novo sobre o travesseiro com um grito entrecortado de alívio. Resmungou e cruzou os braços sobre o rosto.

Era hora de ir para o colégio. Aquela manhã tinha exame de trigonometria.

Levantou-se da cama como se tivesse areia nos olhos e não pudesse voltar a dormir.

Meia hora depois, Nineva estava vestida e pronta para sair, e descia as escadas com a mochila de livros pendurada no ombro.

No ar havia o cheiro de bacon frito e um aroma sutil de ovos mexidos. Entrou na cozinha enquanto seu estomago roncava. A ducha havia contribuído muito para acabar com os vestígios do pesadelo e imaginou se teria tempo para comer algo antes de ir para a escola.

A cozinha, igual ao restante do rancho alugado, não era grande. A decoração típica dos anos setenta havia merecido uma renovação, mas ainda assim havia algo acolhedor e alegre nos aparatos de colheita dourados e alegres margaridas no papel de parede.

A mãe de Nineva estava diante do fogão. O cabelo escuro chegava à metade das costas. Sara Morrow era uma

mulher encantadora, apesar da luta contínua para emagrecer uns quilos a mais. Os olhos castanhos dominavam a preciosa face tão parecida a Nineva e o sorriso fazia com que até o mais mal humorado devolvesse o gesto. Aquele dia vestia uma camisola de flanela rosa, combinando com os chinelos em forma de coelhos; se deu a volta quando Nineva jogou a bolsa com livros junto do lugar que geralmente ocupara na mesa.

-Bom dia, tesouro, dormiu bem?

-Na verdade, não. Tive um pesadelo com um deus repugnante. – Tratando de livrar-se da recordação, foi até onde estava seu pai para beijar-lhe a bochecha. – Bom dia, papai. Como vai o trabalho?

Seus pais trabalhavam no segundo turno de uma fabrica de tecidos Drayton Textile Inc. Assim Nineva normalmente estava adormecida quando eles voltavam para casa.

- Muito bem. – Eirnin Morrow a rodeou só com um braço e uma expressão, coisa rara nele, melancólica. Um raio de Liz resplandecia em seu cabelo muito curto e ruivo, e tinha a curva da orelha pontuda

Nineva desabou na cadeira, olhando com as sobrancelhas franzidas, enquanto tratava de pegar o prato de ovos mexidos.

-Tem algo errado?

-Seu pai também teve um pesadelo. – A preocupação atravessou rapidamente o semblante de Sara antes de forçar um sorriso. Colocou o bacon que acabava de fritar no prato e levou a mesa. – O que sonhou?

Nineva pegou um pedaço de bacon e mordeu. Estava defumado e crocante com perfeição, como sempre sua mãe fazia.

- Sonhei que libertava a deusa.

-Seu pai levantou o rosto e a olhou com um sorriso tenso.

A mim isso não parece um pesadelo.

- Já conhece a lenda: "Perdida e ardendo em seu fogo..." – Se entreteve com o prato de ovos antes de cruzar com o olhar preocupado de sua mãe – O dragão me queimava e doía. Muito.

Sara sentou-se a frete dela.

- Foi só um sonho, tesouro. – Sorriu, mas a curva em sua linda boca parecia crispada – Mas olhe, eu vivia sonhando que ia nua para a escola.

- Sim, eu também. – Nineva levantou o garfo cheio, mas voltou a deixá-lo no prato porque era incapaz de comer com o estomago feito nó como uma rede de pesca – E se for uma visão futura? A profecia...

- Você é o Avatar numero vinte e um, Nineva. – Eirnin a interrompeu com um tom duro, insólito nele. – Teu destino é libertar a deusa e se sofres, a recompensa será maior por isso.

Isso era o que sempre haviam ensinado a ela. Desde muito pequena foi capaz de recitar a lenda e, todavia, jamais havia pensado nas conseqüências.

“...Destroçada e renascida”. Acaso “renascida” não implicava em morrer? E não era covardia de sua parte preocupar-se por isso quando a deusa estava presa há tantos séculos?

Certamente, um universo de distancia separava aquele momento da Espada de Semira. Não era que tivesse que se inquietar por isso. O exame de trigonometria era uma preocupação mais imediata.

Nineva tratou de desfazer-se da inquietude persistente e observou com inquietação a expressão de seu pai, que não utilizava aquela brusquidão ao falar.

Alto e atlético, Eirnin Morrow parecia dez anos mais jovem que Sara, ainda que na realidade fosse muito mais velho. A íris de seus olhos tinha turbilhões de opalescência igual aos de Nineva e, igual a ela, tinha que recorrer a encantamentos para ter aspecto humano. Fazia-se chamar Ernie Morrow, mas este era só o mais recente dos nomes.

Eirnin havia deixado o reino dos Sidhes² há mil e seiscentos anos, quando seu primo homicida se converteu em rei. Igual a Nineva, havia nascido com a Marca de Semira que, em seu caso, significava que estava destinado a gerar a seguinte Avatar. Esta circunstância também havia o convertido em uma ameaça ao rei Ansgar, a que o povo de Morven considerava o usurpador da profecia.

Eirnin perambulava desde então pela Terra Mortal, enganando os assassinos enviados por Ansgar e tratando de gerar a filha prometida em uma serie de amantes mortais. E por fim conseguiu, quando conheceu Sara e se casou com ela.

Nineva acreditava que seu pai as amava de verdade, a ela e sua mãe, mas nunca havia abrigado ilusões vãs. Sua vida inteira estava dedicada a garantir que ela cumprisse seu destino: liberar a deusa, e para ele, aquele era o motivo pelo qual os dois haviam nascido.

2 - Sidhe: é um genitivo singular irlandês da palavra que designa as divindades feéricas (fadas e duendes) da mitologia celta. São seres metade deus e metade humano que tem a habilidade de mudar de forma. Por extensão, abarca o reino do que está mais adiante dos sentidos, o Outro Mundo (N. T. E.).

Esse dia se via pálido e tenso; a preocupação se desenhava nas sobrancelhas franzidas que cobriam aqueles olhos assombrados.

- O que sonhou papai?

Eirnin não havia provado o desjejum e tamborilava sem cessar os longos dedos sobre a mesa.

Espero que não seja nada que se converta em realidade. – Levantou a vista para o relógio de parede com um sorriso forçado. – É melhor que vá para a escola, querida, ou chegará tarde.

Tinha razão. Nineva pegou o último pedaço de bacon, beijou seus pais e se dirigiu para a porta. Baixou saltando os passos da casa de ladrilhos e correu até o Toyota vermelho brilhante, que havia sido um presente surpresa em seu aniversário de dezessete anos. Seus pais não eram ricos, assim que economizaram cada centavo que puderam; e ela desejava muito ter um carro, ainda que fosse usado.

O sonho voltou a dar voltas em sua cabeça, enquanto voltava à excessiva velocidade pelo caminho. Já havia tido sonhos proféticos. Que aconteceria se...

O carro chocou-se contra algo suave. Ouviu o ganido de um cachorro e pisou no freio.

-Merda! – Nineva abriu a porta com um empurrão e saltou. – Oh, não!

O setter irlandês do vizinho estava tombado ao lado da caixa de correios, gemendo baixinho de dor. A morte já invadia o animal e tinha tornado os olhos opacos, quando ela se agachou junto a ele. Estava tão absorta em suas preocupações pessoais que não tinha olhado por aonde ia e havia matado o cão.

A culpa e o horror se cravaram nela como uma faca quando tocou o lombo dele. A pele vermelha era tão suave...As lágrimas começaram a correr dos olhos. Pensou em Johnny, o vizinho de dez anos que todos os dias brincava com o cachorro quando voltava da escola. Iria quebrar seu coração.

“Não”

Nineva sabia que não tinha que fazê-lo, que talvez fosse muito perigoso. Mas não podia permitir que Johnny sofresse porque ela se equivocara. Se ela se protegesse com um escudo como seu pai havia ensinado, o rei não

poderia detectar o que ela estava fazendo. Todos estariam a salvo, e o garotinho teria seu cachorro.

Enquanto o coração começava a palpitar com força, lançou um feitiço que formou velozmente uma barreira ao redor dela e do setter. A tarefa seria difícil, pois às vezes perdia o controle da magia, em especial quando a embargava com emoções tão fortes.

Certas ocasiões, ser descendente de uma deusa significava dor. Sim, tinha muito poder, mas era como manipular uma mangueira de incêndio. Fazer com que a magia fosse à direção correta poderia ser cansativo.

Nineva estendeu as duas mãos sobre a cabeça suave e peluda, derramando seu poder sobre o animal com toda a culpa e a determinação que sentia na alma. A Marca da Deusa fez com que o calor em seu peito aumentasse. Encontrou as costelas quebradas que haviam perfurado os pulmões, curou as feridas doloridas e deteve a hemorragia.

A Marca brilhou de repente em uma labareda vermelho vivo e antes que pudesse frear a magia, seu escudo explodiu em silêncio numa chuva de faíscas.

Nineva estremeceu de dor.

-Maldição!

Outra vez havia feito saltar a barreira. Havia se delatado?

O cachorro se sacudiu debaixo de suas mãos, logo deu um salto. Ela olhou para cima sobressaltada quando o setter se foi correndo e latindo, com o rabo metido entre as patas. Tinha um círculo branco ao redor dos olhos quando a olhou.

- Bem, isso sim que é gratidão! – Nineva levantou a vista e gritou. – Ao menos podia me lambe o rosto.

O cachorro seguiu andando.

Sentia uma dor pulsante na queimadura do seio direito. Levantou a borda do pescoço de sua camiseta rosa com um dedo e se olhou. A Arca da Deusa ardia em sua pele em um intrincado redemoinho dourado e iridescente que brilhava como a luz de uma lanterna. Arrumou depressa a camisa para tampá-la.

- Nineva!- A voz de seu pai ressoou da garagem. – Que fez?

Saltou com um sentimento de culpa e virou para olhá-lo.

- Atropelei o cachorro do Johnny com o carro, assim o curei.

- Nineva! Quantas vezes te disse que...

- Primeiro fiz um escudo de proteção, – O interrompeu precipitadamente. – mas então senti uma força poderosa me invadir, e o escudo explodiu. Não entendo o que fiz de mal...

Interrompeu-se. Eirnin ficou branco como uma folha de papel enquanto a olhava, os olhos arregalados de dor porque se havia dado conta de algo horrível. Seu olhar cruzou com o da esposa enquanto abria com um puxão a porta da cozinha.

- Doce Semira, Sara, é por isso. Esse é o motivo.

- Que? Que disse? – O coração de Nineva começou a bater com mais força debaixo da Marca – Papai, a proteção desapareceu só um minuto. O rei não pode ter se dado conta, não? Temos que voltar a nos mudar?

-Mudar-nos? – Eirnin repetiu com a voz estrangulada – Não, não temos que mudar-nos.

Ela tinha esperado certa raiva, mas não aquele desespero profundo.

- Papai, eu sinto na alma. Sei que não deveria ter feito isso, mas não podia deixar o cachorro morrer. Johnny o adora. Foi minha culpa

Ele lhe deu uma olhada e entrou na casa, mas seu modo de andar era rígido como o de um robô.

- Mamãe, teremos que nos mudar outra vez? – Nineva voltou-se para a mãe. As vezes era mais fácil convencer Sarah quando seu pai não queria escutá-la. – Quero graduar-me com meus colegas e será em três semanas.

A mãe desviou o olhar, a boca retorcida em um ricto.

-Não. Esta vez não servirá mudar. É demasiado tarde para isso.

Nineva parou em seco.

- Que está dizendo? – A Marca doía como se fosse uma ferida e aumentava o pânico que sentia. – Mamãe, fiz uma besteira de verdade, não é?

- Nineva, não diga bobagem.

A impotência que estava desenhada no rosto de sua mãe fez desaparecer de sua cabeça qualquer outra preocupação. Pegou no pulso de sua mãe.

- Podemos ir. Vamos chamar papai e sairemos. Agora mesmo.

A mãe voltou-se e a fez estremecer com um abraço violento.

- Menina, não é culpa tua. Recorde-se, ta? É uma pessoa boa e compassiva, tal como te educamos para ser. E te amamos.

Nineva a estreitou em seus braços e se aferrou nela enquanto uma náusea fria inundava o estomago.

-Mami, sinto muito. Amo-te. Não é muito tarde, temos tempo...

Seu pai saiu da casa com uma mochila, abriu a porta do Toyota e jogou-a dentro.

-Nessa bolsa estão várias mudas de roupas e dinheiro que juntamos para você, seis mil dólares. É uma reserva de emergência, então use somente quando seja absolutamente necessário. Precisarás conseguir um trabalho, o que não será fácil sem ter um diploma, mas é provável que depois possa obter um certificado de estudos.

Ela parou olhando fixamente para ele.

- Quer que eu vá e os deixe aqui?

A fria determinação que havia o rosto de Eirnin se transformou em dor. Aproximou-se dela e a abraçou. O sentiu alto e forte, e cálido.

-Deve ir-se, querida. Já estão a caminho e não temos tempo para discutir. A última oportunidade para que se salve é que tua mãe e eu nos entregamos até que possa escapar.

Nineva cravou suas unhas em seus amplos ombros.

-Não irei!Sou o Avatar e posso ajudar! Lutaremos contra eles!

Ele a afastou e si e olhou-a nos olhos com uma resolução feroz.

-E perderíamos. Nineva, isto é o que sonhei à noite. Existem vinte guerreiros sidhe a caminho. Se tentarmos escapar, nos pegarão; se Ansgar colocar as mãos em você, te matará para assegurar-se de que a profecia não se converta em realidade porque você é uma ameaça que não pode ignorar. – Um sentimento de horror mórbido atravessou por um instante seu rosto por quem sabe que destino via para ela. – Não o permitirei. Vai. Agora mesmo.

- Papai, não!- Lágrimas de culpabilidade e dor rodavam por seu rosto – Não irei a nenhum lugar!

Eirnin se endireitou e naquele momento, ela o viu como o príncipe que era.

- Nineva Morrow, é o último Avatar da deusa e não permitirei que caia nas mãos de Ansgar. – A olhou com os olhos opalescentes³ entrecerrados – Você irá.

Lançou um encantamento violento na mente de Nineva que a fez dobrar os joelhos.

- Papai! – Gemeu.

- Vai! – Seu rosto era implacável, mas seus olhos brilhavam com lágrimas sem derramar – Deve sobreviver para libertar a Semira. Esse é seu destino. Muita gente esperou e sonhou com este momento. Não pode morrer.

Nineva deu meia volta, subjugada com firmeza pelo feitiço, e entrou no carro. Se esforçava para chamar a deusa e fazer com que seu corpo obedecesse, mas a mão se dirigiu a chave e ligou o motor.

Enquanto partia pelo caminho, pode olhar pelo espelho retrovisor bem a tempo de ver que sua mãe se refugiava nos braços de seu pai e enterrava o rosto em seu peito.

Nineva chorava tanto que apenas enxergavam, mas o corpo, dominado pelo feitiço paterno, a dirigia até a estrada.

Duas horas mais tarde, sentiu um estalo psíquico de pena de Eirnin quando sua mãe morreu; uma hora depois disso, a compulsão do feitiço cessou.

Sabia o que significava: a magia de seu pai havia morrido com ele.

Nineva deteve o carro, apoiou a cabeça no volante e lutou com as lágrimas até que pode voltar a conduzir.

Devia muito a seus pais.

³¹ *Que brilha como a opala. 2 Que tem uma cor azulada e leitosa como opala; opalescente. (N.T)*

Capítulo 1

A cidade de Avalon, doze anos depois.

O vampiro atacou brandindo a espada e com os lábios esticados num ricto maníaco, com um estouro de músculos e aço. Kel o rechaçou e sentiu nos dentes a sacudida das espadas, que se entrechocavam. Ovo de Cachamwri!, o vampiro era forte.

Kel dirigiu a espada com tanta força contra seu adversário que fez o homem voar. O guerreiro se retorceu no meio do ar para aterrissar de cócoras; a determinação desenhava um gesto melancólico na cara barbuda e, lançando um grito de batalha ruidoso, e saiu à carga.

Pelo canto do olho, Kel viu que uma bola ardente de energia mística voava para sua cabeça. Esquivou-se e contra-atacou com sua bruxa de cabelos escuros que tinha atirado e logo rechaçou o golpe lateral de seu companheiro.

Inclusive enquanto o bloqueava, descobriu uma brecha e bateu no ventre do guerreiro. Seu adversário caiu respirando com um som rouco e o ruído metálico da armadura azul. Antes que pudesse as duras penas levantar-se, plantou a borá no peito do homem e levantou a espada.

- Renda-se!

Passou um rápido olhar para a mulher. Viu que também estava caída, retorcendo-se no solo e rindo.

- Caracas, Kel! – disse ela entre fôlegos, enquanto seu feitiço fazia cócegas sem misericórdia. - Basta, pare.

- Não até que Gawain se renda! – Olhou a seu amigo com um sorriso – Diga, Wain.

- O cavaleiro lançou uma gargalhada e se rendeu como esperava.

- Você ganha, seu lagartão!

- Permita.

Kel retirou o pé do peito de Gawain e fez desaparecer o feitiço.

- O amor te fez ficar débil.

- Isso é o que você acredita – disse Lark com um sorriso travesso, enquanto se levantava e sacudia o pó da armadura dos joelhos.

Gawain se colocou de pé em um salto e com um sorriso brincalhão se afastou para que Kel embainhasse a espada.

- Teria que provar uma vez.

- Acredito que passo...- Kel observou que a folha se deslizava na bainha, lembrando a sensação que havia produzido no couro. Havia estado preso em uma espada mágica durante mil e quinhentos anos, unido a mente de Gawain, e quase sem poder mover-se dentro de sua jaula de aço. – Gosto da minha liberdade.

Gawain e Lark haviam quebrado o feitiço que o mantinha prisioneiro na espada há cinco meses. A primeira coisa que Kel fez foi matar o dragão que o havia encerrado, seu próprio tio, que depois assassinou sua mãe.

Kel tinha tudo com o que havia sonhado durante aqueles séculos em que esteve prisioneiro. Era respeitado e poderoso. O mesmíssimo Arthur Pendragon o nomeou Cavaleiro da Távola Redonda em recompensa pela proteção que brindou durante séculos a Gawain e a Avalon com sua magia. Tinha a sua disposição todas as mulheres que desejasse e uma tarefa interessante que supunha um desafio constante: evitar que a humanidade se destruísse. Havia se vingado por ele e por sua mãe.

Sua vida era perfeita. Não havia duvida.

- Ei, não critique o amor até que o prove.

Gawain foi até onde se encontrava sua mulher e a atraiu com força, dando-lhe um beijo devorador.

Ela devolveu o beijo, enquanto o cheiro de seu desejo crescente incitava os agudos sentidos de Kel. Seis meses atrás, isso teria dado pé para que fosse dormir, afundando no aço da espada para deixar-lhes intimar.

A recordação o inquietou.

- Imagino que isto significa que terminamos com a prática. Divirtam-se.

Kel se despediu bruscamente do par e saiu a grandes passos, tratando de fazer caso omissos da pontada de ciúmes. Qualquer das muitas mulheres que conhecia teria se encantado em fazer amor com ele quando tivesse vontade, mas nenhuma lhe daria o que existia entre Lark e Gawain. Ainda podia recordar o momento em que estava unido aos dois, a sensação de seu amor perfeito, resplandecente.

Kel sabia que jamais experimentaria aquela classe de prazer diretamente porque não era humano. Nem sequer era um vampiro ou um feiticeiro como o resto dos Mage♠.

E ademais, sua espécie não se emparelhava por toda a vida.

Ao chegar à praça central de Avalon, se deteve. Ao seu redor se erguiam os resplandecentes castelos, chalés e vilas da cidade encantada, iluminados de forma brilhante pelo feitiço do Mageverso. A lua flutuava em cima de sua cabeça como uma fatia prateada na esteira da noite iluminada pela luz das estrelas. O céu ali era muito mais brilhante que na Terra alternativa, onde viviam os humanos mortais, e mais povoado de estrelas. Cada vez que viajava ao outro mundo, o ar era algo insosso, sem graça, carente da faísca familiar de encantamento. Sempre ficava satisfeito de voltar para casa e voltar a respirar o doce sabor da magia.

Kel jogou a cabeça para trás e tratou de alcançar mentalmente o Mageverso. Deixou que o cintilante calor familiar o inundasse, primeiro os sentidos, depois a mente. E depois o corpo.

Em um piscar de olhos, começou a crescer, os músculos e os ossos se expandiram, a força inundou sua consciência com um poder embriagador.

Quando voltou a abri-los, a cidade que o rodeava havia se encolhido. Era uma ilusão, estava claro, nascida do efeito de sua cabeça que estava a uns quatro metros no ar.

Estendeu suas grandes asas e deu saltos para cima, ampliando de maneira inconsciente sua magia para poder levantar a seus doze metros de longitude. Avalon começou a cair abruptamente de seu ventre cheio de escamas, enquanto voava cada vez mais alto.

Livre. Era livre.

Ainda depois de seis meses, nunca se cansava daquilo: voar de novo depois de tantos séculos de ter sido reduzido a um tamanho minúsculo e viver encarcerado naquela maldita espada.

Uma vez mais era um dragão.

Kel gostava de adotar a forma humana já que, depois de tudo, havia compartilhado a mente de um humano durante cinco séculos. E em muitos sentidos era mais humano que outra coisa.

Mas, contudo, havia muitas razões pelas quais valia a pena voar.

Bateu as asas subindo mais e gozando da frescor do vento na cara. Abriu a boca e exalou uma grande coluna de fog mágico, só por prazer de ver como ardia.

Girou descrevendo uma curva descendente sobre Avalon admirando ao mesmo tempo as torres de mármore da cidade e suas formas caprichosas: tão diferentes dos Precipícios dos Dragões onde havia crescido. Uma das coisas que mais gostava dos humanos era a forma em que transformavam até o mais simples em arte.

Pelo rabo do olho descobriu que algo ardia com virulência no céu noturno.

Jogou uma olhada despreocupada ao seu redor, ao mesmo tempo em que aquilo apontava para ele, fulgurando como um cometa.

Sobressaltado, se deteve tratando de averiguar o que era. As grandes asas e o pescoço largo que se movia sinuosamente lhe indicava a presença de outro dragão, mas nenhum deles brilhava com luzes coloridas.

"Kel..."

A outra voz ressoou em sua mente, incrivelmente profunda, apesar de que deixava revelar um ruído sibilante. As escamas de sua nuca se achataram com terror supersticioso.

O primeiro impulso de Kel foi fugir, mas os Cavaleiros da Távola Redonda não fugiam. Em lugar disso, manteve

sua posição e lançou um escudo mágico ao ver que o dragão ardente se aproximava cada vez mais.

Estava bem claro que aquela criatura não era de carne e osso.

- Cachamwri – sussurrou quando por fim se deu conta de que não podia ser outro.

“Olá” disse o dragão ardente.

Foi tal o espanto de Kel que as asas quase não responderam e caiu vários metros antes de deter-se.

Era Cachamwri, o deus dos dragões.

“Tenho uma tarefa para ti”, disse Cachamwri lançando-se de repente ao redor de Kel.

“Nunca me respondeu”. Kel nem sequer havia tentado pronunciar as palavras. Estalaram espontaneamente, nascidas em uma lava quente de raiva. “Durante séculos te roguei e nunca me respondeu”. Havia implorado a liberdade ao deus dragão e o nome de quem o havia aprisionado, mas foi em vão.

Cachamwri estendeu as grandes asas e se manteve imóvel no ar, com a enorme cabeça inclinada inquisitivamente. Kel podia sentir o assalto de seu calor. “Iria permitir seu encarceramento se essa não fosse minha vontade?”

“Queria-me prisioneiro? O que fiz?”

“Bom, nada. É exatamente o contrario. É um de meus eleitos.”

Se aquele era o tratamento que recebiam os eleitos, odiaria esta do lado contrario do deus. “Então porque permitiu?”

“Porque enquanto estava na espada, aprendeu numerosas habilidades e obtivestes aliados que de outro modo não teria conseguido. Agora necessitará de todos.” Traçou em seu redor um circulo em movimento de fogo. “Te encarregarei de uma busca.”

“Que classe de busca?”

“Algo apropriado a um Cavaleiro da Távola Redonda.” Cachamwri curvou a boca em um sorriso de escamas e dentes de dragão. “Necessito que regate a uma princesa das fadas...e salve a uma deusa.”

Terra Mortal (Charlotte) na Carolina do Norte.

Vinha para vê-la muitas vezes. Mesmo sabendo como terminaria, não podia resistir a ele. Não quando surgia

diante dela de joelhos, o pênis longo, voluptuoso e firme como uma rocha, apenas curvado para cima com uma glândula rosada em forma de coração. O peito poderoso e amplo se estreitava nos quadris e coxas próprias de um cavaleiro. A carne brilhava de suor e cheirava a magia extraterrestre.

Inclinou-se sobre ela, firmando os braços de cada lado de sua cabeça, a musculatura tensa formando montes carnosos. O coração começou a palpitar com a expectativa do prazer.

Ao mesmo tempo, uma parte dela dava inutilmente avisos de advertência.

Ele a beijou, introduzindo a língua possessivamente o profundo de sua boca e ela gemeu de prazer. O peito amplo roçava nos mamilos que o desejo havia endurecido. O longo cabelo de cor azul cobalto dele caía em mechas desordenadas sobre os ombros dela, incitando-a. Seu sexo se umedeceu, apertando-se ante a expectativa do primeiro empurrão.

-Adoro seu perfume – murmurou sobre seus lábios – Adoro teu sabor de magia e canela.

Sem deixar de beijá-la lentamente e com todas as suas forças, apoiou o corpo sobre um cotovelo e estendeu a mão livre e abriu suas coxas. Seus dedos longos acariciaram com ternura os lábios externos até que encontraram a abertura cremosa. Ela levantou os quadris cheia de desejo e ele emitiu um som triunfante enquanto afundava os dedos mais para dentro

- Já está pronta para mim.

- Oh, sim, doce deusa!

Se mordeu os lábios em um sorriso de triunfo.

- Bem – moveu os quadris para ela poder sentir o impulso ansioso e quente de seu pênis – Porque eu estou mais que pronto para você.

Guiou aquela cabeça suave e aquecida para a abertura estreita e começou a investir. Nineva se estrangulava com a sensação do grosso membro que se deslizava dentro dela. Rodeou gemendo o traseiro musculoso com suas pernas.

Ele inclinou a cabeça, sussurrando-lha ao ouvido:

- Minha. Será minha. Estamos destinados um ao outro.

Ela se colocou tensa enquanto todos os instintos gritavam de repente, colocando-a em guarda.

- Não!

Uma luz escarlata brincava em seu olhos e quando se apagou, ele já havia desaparecido de cima do seu corpo.

O dragão se erguia em cima dela, gigantesco e aterrador, as enormes mandíbulas abertas de par em par. O fogo começou a envolvê-la e gritou por causa da dor na pele que explodia em uma labareda e o cabelo inflamado em um ninho ardente em torno da cabeça. A carne enegrecida se desprendeu dos braços como se fosse cinza, deixando o osso a vista.

Quando viu a espada da deusa, a pegou, ainda que soubesse o que sucederia depois.

- Obrigado, menina – disse Semira enquanto ela ardia. Voar em pedaços foi uma benção.

Nineva se endireitou de repente no futón fino, enquanto o grito saía à duras penas de sua garganta. Durante um instante lhe pareceu que sentia o cheiro de carne queimada e sentiu náuseas. Levantou-se de um salto e correu ao banheiro, no tempo justo.

Quando a ânsias incontrolláveis terminaram, desabou inerte sobre o piso gasto de vinil.

“Mau sinal”

Os doze anos transcorridos haviam ensinado que cada vez que tinha aquele sonho sua vida ia mudar e, invariavelmente, teria que visitar a Marca da Deusa em algum momento do dia.

No entanto, havia uma semana que sonhava com o mesmo sem que a deusa lhe desse nenhum sinal do que tinha que fazer dessa vez. Mais ainda, o sonho jamais avia passado do erotismo ao terror daquela maneira. A transição violenta do prazer à dor o convertia inclusive em algo pior. Até poderia jurar que seguia cheirando fumaça.

Depois das primeiras noites daqueles fragmentos, tinha medo de dormir e só o fazia por um par de horas, uma vez que o esgotamento a impedia de seguir desperta.

“Oh, por favor, deusa, não deixe que esta visão seja real”. Nineva apoiou a cabeça no solo de vinil e fechou os olhos doloridos e cansados.

Se seu pai tinha razão, ela era a vigésima primeira Avatar da Deusa, aquela que estava destinada a libertar Semira da espada, com o cavaleiro dragão. Isso era o único que queria fazer quando era uma menina pequena.

Logo teve o sonho pela primeira vez e seus pais morreram. Nineva havia aprendido a temer a idéia de que a profecia se converteria em realidade e sabia que era uma covardia de sua parte, mas assim eram as coisas.

“Com sorte, não se fará realidade logo”, pensava Nineva, apoiando a mão com cansaço na bacia do banheiro e pondo-se de pé. “Não conheci o dragão, e não tenho a espada. É provável que esteja em algum lugar do palácio de Ansgar e podem passar séculos antes de ter que me preocupar por isso.”

Era imortal, depois de tudo – ou pelo menos até que alguém a matasse.

Foi cambaleando até o lavabo, pegou a escova de dentes e tentou tirar o mau gosto da boca.

Devia voltar a se apresentar no papel de fada aquela tarde e era melhor que se preparasse, já que dormir era impossível.

As asas eram delicadas prolongações de gaze iridescente que flutuava no ar frio do inverno quando Nineva a extraíu da parte de trás do carro. Abriu o broche do arnês de plástico e prendeu nos ombros. Começaram a bater lentamente como as asas de uma mariposa gigante. Acompanhadas de um zumbido suave.

Deu a volta para o porta-malas do velho Honda, segurando as asas diáfanas com uma mão; tocou na fechadura e a porta se abriu mostrando a caixa de objetos que utilizaria e a varinha mágica que descansava em cima de tudo. Ao pegá-la, Nineva sentiu a frieza do tato da varinha de plástico prateado e brilhante, enquanto as fibras ópticas da ponta se mexiam com suavidade. Quando a acendeu, as fibras começaram a brilhar com se fossem um orvalho de estrelinhas fazendo ar com a coroa de plástico encaixada em seus cachos loiros.

A coroa, como sempre, a fazia recordar-se do pai. Sentiu-se atravessada por uma punhalada de dor, mas ao menos era suportável, a diferença da culpa e da pena debilitadora que havia sofrido nos anos posteriores a morte de seus pais.

O único motivo pelo qual não havia se rendido ao canto de sereia das drogas e do álcool – ou algum método de suicídio mais rápido – era o pensamento urgente de que a autodestruição convertia o sacrifício deles em algo inútil. Ela era o último Avatar, o meio de Semira seguir vivendo e o símbolo da esperança dos Sidhes de Morven, de modo que não podia permitir-se o luxo de autodestruir-se.

No entanto, sonhos como o da noite anterior podiam fazer mais que tentadora essa idéia.

Não. Tinha um dever a cumprir com Semira e com seus pais. Havia sido uma estúpida, uma menina de bom

coração com poder suficiente para meter-se em dificuldades por salvar um cachorro. As pessoas que amava haviam pagado por aquele erro e nada do que ela pudesse fazer iria mudar jamais esse feito: a única coisa que ficava era assegurar-se de que a vida que levasse fizesse que o sacrifício dos dois valesse a pena. Isso significava seguir o exemplo de seu pai: ganhar a vida e abaixar a cabeça.

E liberar Semira um dia, sem importar o que custaria, ainda que significasse queimar-se viva.

Obrigando-se a afastar seus pensamentos desse sono, Nineva colocou a varinha debaixo do braço e fazendo força, levantou a caixa com as utilidades. De suas profundezas surgiu um suave miado. Bola de Neve, o gato persa de sua vizinha, não gostava de suas dependências temporárias.

- Sssh – sussurrou golpeando na tampa da caixa com a gema dos dedos. Bola de Neve, obediente, se acalmou.

Certa que o animal não se delataria, levou a caixa até a espaçosa casa de tijolos com um gramado que tinha ficado marrom com o inverno.

Lançou uma olhada para cima, distraída. O céu tinha aquele tom cristalino tão perfeito que os nativos denominavam azul da Carolina, produto das tardes de janeiro sem nuvens em que o ar tinha uma revigorante nitidez. Sentia-se muito bem, mesmo com os braços nus e as saias finas, pois graças à linhagem de seu sangue, não necessitava de um abrigo para protegê-la do frio.

Era um dos poucos benefícios de ser descendente da deusa. A porta da frente abriu antes que ela chegasse e revelou uma mulher jovem de aspecto incomodo, vestida com jeans azul e um suéter verde folha.

- Vai, me alegre que tenha vindo – disse Joyce Clark, por cima do vozerio das crianças que saía do interior da casa. Afastou uma mecha de cabelo vermelho, que chegava aos ombros e revirou os olhos azuis – As feras estão se impacientando.

Nineva sorriu enquanto Joyce retrocedia para deixá-la entrar.

- Isso acontece quase sem querer quando se tem oito anos.

- Tem razão – A mulher a olhou com um gesto de admiração. Enquanto examinava as orelhas pontiagudas, as asas e as saias de gaze rosada – Ah, que fantasia fantástica! As orelhas parecem de verdade.

- Obrigado.

Nineva sempre se despojava do feitiço quando levava a cabo seu numero e exibia as orelhas pontudas que, geralmente ocultava com um feitiço.

- Caramba! É pintura?

- Algo do estilo. Onde posso montar as coisas?

- Me pareceu que poderia usar a sala de estar. Se puder se acomodar ali, enquanto os pequenos terminam a torta. – A conduziu através de um vestíbulo de chão de granito, entre os gritos e as gargalhadas das crianças de oito anos, super excitados. Entraram em uma sala espaçosa e arejada, dominada por uma lareira de pedra, um elegante sofá de cor creme e uma impressionante TV de plasma. – Aqui está bem?

Nineva sorriu, fazendo caso omissso do sentimento de inveja. Jamais havia conhecido uma riqueza como aquela – A palavra bem não lhe faz justiça. – Joyce sorriu.

- Obrigado. Nós...- Um coro estridente de risinhos a fez esticar o pescoço para olhar pela porta de entrada a cozinha, antes que o restante da frase lhe saísse da boca. – Não, Carly, isso não é para colocar no nariz! – Disse lançando-se para a cozinha.

Nineva meneou a cabeça, divertida, enquanto colocava a caixa sobre o tapete de cor creme diante do sofá e começava a esvaziá-la. Bola de Neve ocupava o compartimento do fundo da caixa dourada, cujos lados estavam perfurados com uma serie de buracos para entrar o ar. Isso a convertia em um lugar seguro para qualquer co-estrela coberta de pelos ou de plumas que Nineva quisesse utilizar, enquanto que as outras utilidades ocupavam a parte do meio. Curvou o compartimento superior e o estendeu para formar a tampa de uma mesa e a cobriu com uma toalha rosa.

Quando as meninas entraram num atropelo pisando nos calcanhares de Joyce, já tinha acomodado e preparado os acessórios para começar a representação.

- Aaah!

O coro esperado de elevou com um fervor gratificante quando as meninas viram a fantasia.

- É uma fada?

Nineva virou e quase perdeu o sorriso. Entre as meninas coradas e saudáveis havia uma pequenina tão pálida que a pele beirava o cinzento. O vestido de festa cor de rosa por pouco engolia o corpinho e os olhos marrons ocupavam de forma desmesurada o rosto dolorosamente pálido. Uma coroa de cartolina dourada, adornada de

purpurina rosa que dizia "A aniversariante", se apoiava nos cachos demasiado brilhantes de uma peruca dourada.

Aquela devia ser Brandy, por quem a haviam contratado e a quem deveria entreter, mas Joyce não havia dito nada de que sua filha estivesse doente.

Sabendo que provavelmente o lamentaria, deixou que seu olhar se deslizesse distraído até que pode observar a criança com outros sentidos. Uma sombra escura parecia enroscar-se ao redor do pequeno corpo de Brandy, fazendo que o brilho azul normal da vida se convertesse em um cinza enfermigo. A escuridão havia se transformado em um nó grosso que se concentrava na cabeça. Devia ter algum tipo de câncer cerebral.

Nineva deu rédea solta a sua magia e sentiu que o tumor era inoperável. A julgar pela quantidade de venenos em seu corpo, havia várias semanas que Brandy recebia tratamento de radiação e quimioterapia, mas estava sucumbindo a eles mais rápido que ao câncer.

Tinha, quando muito, alguns meses de vida.

"Que diabos se supõe que devo fazer?"

Colocou um sorriso no rosto, se inclinou com uma reverencia e agitou a varinha de baterias.

- Sou Nineva, princesa das fadas.

- Eu me chamo Brandy.

A menina assentiu com entusiasmo, os olhos arregalados em cujo fundo brilhava um raio de ilusão urgente.

"Doce Semira, acredita que sou uma fada de verdade." Nineva, sem deixar que seu sorriso fraquejasse, se voltou para os demais meninos, que haviam se acomodado ofegantes no sofá.

- E vocês como se chamam?

A mente de Nineva funcionava com frenesi, enquanto as demais crianças falavam seus nomes ao mesmo tempo. Curar a Brandy requeria um ato de magia muito importante que talvez chamasse a atenção de Ansgar. Tal como havia aprendido anos antes, proteger o uso daquele tipo de magia era muito difícil porque tendia a destruir seus melhores esforços.

Havia feito outras curas desde o episódio do setter irlandês que havia custado a vida de seus pais, mas só a humanos agonizantes, e nada tão completo como aquilo. Uma coisa era consertar um coração danificado, mas Brandy tinha todo seu corpo comprometido com o câncer e a "químio", e não existia garantia de que Nineva pudesse

sanar tanto estrago. E o que aconteceria se com o intento não conseguisse nada, exceto matá-la.

Estaria desperdiçando o sacrifício da vida de seus pais?

Nineva começou o ato enquanto se dava tempo para pensar. Havia aprendido há muito tempo a restringir-se aos pequenos truques que qualquer mágico mortal podia realizar em um aniversário infantil. Qualquer outra coisa atrairia o interesse homicida de seu primo.

Durante quarenta e cinco minutos que se seguiram, fez truques de cartas, sacou moedas de trás das orelhas e dos narizes dos pequenos, encaixou anéis aparentemente sólidos em outros, e fez um balão de fogo flutuar no ar, debaixo de um lenço. Ao terminar o número, as pequenas atemorizadas imaginavam que ela era uma genuína princesa das fadas, com poderes fantásticos. Era provável que a mãe de Brandy, que olhava com muita atenção, pensara que ela era hábil com os jogos de prestidigitação e utilidade teatral.

As pequenas tinham razão, e havia certa ironia no feito que Nineva não desfrutasse como de costume.

Não podia apartar os olhos de Brandy. Cada vez que os olhos castanhos se arregalavam e as bochechas magras e pálidas enrubesciam de entusiasmo, uma pequena agulhada de dor se cravava no mais profundo de seu coração. "Vá, que princesa das fadas que sou. Mamãe estaria tão envergonhada."

"Mamãe está morta", replicava uma voz rude com pragmatismo. "E eu também estarei, se Ansgar perceber que estou fazendo este feitiço que talvez não salve Brandy".

Seria capaz de curar um tumor cerebral? Dois anos antes, Nineva impediu um ataque do coração, quando um vendedor de meia idade caiu no chão do bar onde trabalhava. O havia curado com tanta rapidez, que ele acreditou que era nada mais que um caso desagradável de indigestão. Em realidade, Nineva lhe deu outros quarenta anos de vida.

A energia desatada havia voltado a fazer voar seus escudos de proteção e teve que regressar para casa correndo, empacotar suas coisas e sair da cidade aquela mesma noite.

Mas havia valido a pena. Se havia custado a vida de seus pais, mas se ela podia salvar os outros, a balança se equilibraria.

Como faria salvando aquela menininha, se Nineva fosse capaz de fazê-lo.

Oh, Caracas. A quem queria enganar? Tinha que tentar, que o rei Ansgar e seus guerreiros assassinos sidhes fossem ao inferno! Mesmo que a prendessem, pelo menos Brandy seguiria viva. E se fracassava e igualmente conseguia aprisioná-la...

Ansgar lamentaria haver se metido com ela, pois Nineva não cairia sem lutar.

Começou o que, por norma era o clímax da função, quando sacava Bola de Neve de um chapéu enfeitado com fita, fazendo balançar a varinha com uns gestos mágicos. Enquanto todas as pequenas aplaudiam, Nineva caiu de joelhos diante de Brandy.

- Quer acariciar Bola de Neve? A menina assentiu com tanta veemência, que a coroa de inclinou para frente. A empurrou para trás com uma mão e com a outra recebeu o animalzinho.

Enquanto Brandy acariciava o gatinho que ronronava, Nineva a atraiu sobre sua saia, cerrou os olhos e pegou sua carinha magra no côncavo de sua mão. E se abriu para a magia deixando que entrasse nela.

Protegeu-se com rapidez enquanto a Marca começava a arder. O zumbido de uma onda de energia inundou sua consciência com tal intensidade que se sentiu deslumbrada e sem ar. Era como voar. Não, era como se fosse uma estrela fugaz, toda luz e alegria. Deus, tinha passado tanto tempo desde que tinha se atrevido a usar seu poder em sua totalidade...

Voltou a colocar sua atenção no que fazia e deixou que a magia fluísse pelas gemas de seus dedos na cabecinha de Brandy, justo no nó de escuridão letal. Pouco a pouca e com muito cuidado tentou desatar o nó que só se apertou de maneira protetora.

Nineva atraiu mais magia e soprou-a sobre a menina, concentrando-se implacavelmente naquele ponto malévolo. "Cure-se", pensava concentrando sua vontade como um laser. Cure-se. Cure-se. Cure-se, CURE-SE!"

O tumor cedeu de repente. As células mutantes voltavam a normalidade, primeiro devagar, depois cada vez mais depressa, a medida que o câncer se desfazia como uma bola de neve sob o sol.

Os olhos ardiam cansados. Reprimiu as lágrimas com um esforço firme e aumentou a um ritmo vertiginoso a magia que enviava através do corpo da criatura para reparar o dano provocado pela quimioterapia e a radiação. A Marca ardeu. Até lhe doía todo o seio direito. Apertou os

dentes e reforçou seus escudos enquanto trabalhava e se perguntava sem cessar se era suficiente para salvar a menina. Nineva ardia com um poder imenso e suspeitava que este fugisse através da proteção.

- Ui, olhe a tatuagem da senhora – Sussurrou uma menininha.

Esgotada e eufórica, por fim abriu os olhos.

Brandy olhava-a fascinada.

- A cabeça já não me dói mais.

Nineva lhe deu um beijo rápido na testa.

-Bom.

Baixou a menina de seu colo e se colocou de pé. Os joelhos tremiam e tinha a saia tão amassada como um saco de farinha. Tinha que mandar a uma tinturaria.

No estado vertiginoso de esgotamento e excitação em que se encontrava aquilo não a preocupava de maneira especial.

A mãe de Brandy olhava-a desconcertada e inclusive as demais meninas a observavam de forma solene. Joyce se acercou um pouco e baixou a voz.

- Se sente bem? – Durante um minuto parecia estar num limbo – Que é isso que tem no peito? Como faz para que brilhe assim?

Nineva sorriu e recitou sua história de sempre. – É uma pintura especial que se volta luminescente quando aumenta o fluxo de sangue. É parte do número. – Tinha adquirido uma grande habilidade para mentir.

-Você é estupenda. – Os olhos de Joyce se desviaram para o rosto de sua filha, que havia se animado de repente, enquanto mostrava o gatinho para suas amigas. A palidez cinzenta já começava a evaporar-se. – Brandy parece melhor. – Mordeu os lábios. - Tive medo de que a festa fosse demasiada para ela, mas...

Era fácil adivinhar o resto da frase: "Poderia ser a última festa de sua vida."

Nineva ocultou um sorriso. A partir de então, Brandy teria mais aniversários que esperar com ansiedade. Os médicos ficariam perplexos ante a remissão espontânea e os pais não caberiam em si de alegria.

"Fiz." A felicidade cantava dentro dela quando foi recolher a caixa mágica com suas mãos tremulas.

Agora, se pelo menos pudesse ficar a salvo das mãos de Ansgar...

Capítulo 2

A Marca latejava em sua pele mais forte e com mais profundidade que antes. Era um latejar de advertência.

Nineva se paralisou quando o júbilo foi trocado pelo terror.

Ansgar. Ansgar se acercava. Não sabia como tinha detectado o feitiço.

Devia sair dali antes que seu primo estabelecesse a posição em que se encontrava. Não queria por nada desse mundo que um esquadrão da morte aparecesse na festa de Brandy, já que todas aquelas pequenas seriam um alvo tentador.

Nineva ampliou o alcance de seus sentidos mágicos e não percebeu...nada.

Quando curou a vítima do ataque cardíaco, percebeu a ávida atenção do rei quase de imediato e, por esta razão, saiu correndo. Esta vez, no entanto, não experimentava nada daquela sensação de maldade. Ao que parecia, o rei dos Sidhes estava dormindo e não havia percebido a troca.

Deus, esperava que assim fosse. Depois dos anos consecutivos de trabalho, retomava sua atividade de maga; e as gorjetas que recebia na Cantina do Carlos, onde trabalhava como camareira, eram generosas. Se tivesse que escapar, perderia tudo e teria que começar do zero, fazendo o impossível para sobreviver com a poupança até que voltasse a entrar dinheiro.

Deveria fugir só por segurança?

Era um tema que tinha ficado familiar ao longo dos anos. Uma das horríveis ironias de sua vida era que, apesar do sacrifício de Eirnin e Sara, parecia que Ansgar tinha se interado de alguma forma de que tinham uma filha.

Eirnin lhe disse uma vez que temia que o rei houvesse percebido seu nascimento. Ela havia saído do ventre de sua mãe com a Marca brilhando sobre o peito pequeno e irradiando magia, como uma estrela. Seu pai havia tratado de protegê-la, mas sempre teve a suspeita de que tinha chegado demasiado tarde.

E assim deveria ter sido. Por que então Ansgar os havia buscado com tanta obstinação? Se Eirnin vivia na Terra Mortal, não era uma ameaça para o trono de Ansgar, mas a profecia dizia que Nineva destronaria o usurpador.

Ansgar não podia dar-se ao luxo de desdenhar a ameaça que ela representava.

Pensar no que seu primo lhe faria se colocava as mãos em cima dela haviam-na obrigado a viver toda sua vida escondendo-se. Se deixasse que a capturassem. Não só ela teria que pagar um preço, mas a deusa permaneceria presa na espada.

Nineva olhava para Joyce Clark com uma ruga de preocupação na testa, enquanto a mulher assinava o cheque pela festa. Desfez a ruga quando pensou no bom negocio que a mulher fez.

Setenta e cinco dólares pela vida de sua filha.

"Valeu a pena", disse para si, implacável. "O que suceder depois não importa em absoluto."

Depois de pegar Bola de Neve e colocá-lo na caixa mágica, beijou Brandy na bochecha e se despediu das outras meninas. Mas enquanto levava a caixa para o carro, ampliou outra vez sua consciência. Ficou parada, prendendo a respiração.

"Olhe pouco para trás"

Nineva olhou preocupada o indicador de gasolina do Honda. A agulha quase assinalava reserva. Não queria parar, mas se ficava sem gasolina, ia estar num aperto.

Podia abrir a porta para ir aonde lhe desse vontade...em teoria, está claro. Seu pai havia ensinado a técnica há muitos anos, mas ao mesmo tempo lhe disse que a energia resultante chamaria a atenção de Ansgar como uma fogueira em uma noite escura. Portanto, jamais havia conjurado um feitiço para criar uma porta dimensional e a idéia de atravessar uma arrepiava seus cabelos.

Não. Se conformaria com o antiquado cavalo de força. O Honda podia ser um montão de sucata de dez anos, mas nunca a levaria para aterrissar em um campo de lava. Ou pior ainda, nas mãos homicidas de seu primo Ansgar.

Entre as duas coisas, Nineva preferia a lava. Localizou um posto aberto vinte e quatro horas e estacionou rápido, junto a uma bomba de gasolina. Recolheu a bolsa do assento, pegou o cartão de crédito e abaixou para fazer o depósito.

Depois de passar a tarja, enfiou a mangueira no tanque de combustível do Honda e, quando o jorro de gasolina começou a entrar, sentiu uns olhos pousados nela. Virou a cabeça como um raio para encontrar com uns olhos escuros e surpresos de um negro de meia idade, que enchia

o tanque do outro lado da bomba. O homem olhava sua saia de gaze, os braços nus e o cabelo preso para cima.

- Não tem frio?- Ihe perguntou arrastando as palavras, com um tom profundo e agradável – Deve estar uns quatro graus.

Sorriu, com uma expressão contida. – Sou de natureza quente.

Um homem mais jovem teria dado uma resposta sugestiva, mas ele apenas sorriu.

- Sim, entendo, minha esposa quer dormir com as janelas abertas em pleno fevereiro. Me congela as costas. Ela fica sufocada. – Fechou a mangueira e a colocou no suporte – Boa noite.

- Igualmente.

Nineva sentiu que seu falso sorriso se convertia em um sorriso honesto quando ele se foi. Lançou uma olhada no bosque, que estava atrás do estacionamento, e ficou paralisada.

Havia um homem olhando-a entre os pinheiros. Era alto, media por volta de um metro e oitenta e cinco ou um metro e noventa. Musculoso e de ombros largos, vestia jeans negros e um suéter azul marinho; a jaqueta de couro negro e as botas pesadas a fizeram pensar numa motocicleta.

Estendeu seus sentidos com cautela, mas não detectou nenhuma sensação aparente de magia ao redor dele, nem o zumbido de encantamento. Ainda que isso não quisesse dizer nada. Ela havia aprendido a proteger sua própria magia, desde o momento em que teve idade suficiente para caminhar.

Franziu o cenho, enquanto Ihe fixava os olhos. Havia algo familiar naquele rosto quadrado e duro de malaras altos e queixo forte, Seu olhar azul era intenso e sensual. A observava da forma que um homem observa a mulher que deseja. E que tem a intenção de possuir.

“Oh, doce Semira!” Quando de repente caiu em conta, o frio a invadiu como uma onda do mar gelado. “É o homem do meu sonho.”

O havia visto tantas vezes durante a semana passada, com aquele mesmo olhar ardente e ávido... Demorou em reconhecê-lo porque tinha mudado a cor do cabelo que Ihe chegava aos ombros: um simples castanho humano em lugar do exótico cobalto de seus sonhos. Os olhos também eram diferentes: azul frio em lugar do carmim brilhante e mágico que havia chegado a temer.

Mas não havia nenhum erro. Ela conhecia aquele rosto.

Quem diabos era? Um Sidhe? Um inimigo? Um futuro amante? As duas coisas? O sonho insinuava que de alguma forma ele tinha relação com sua destruição.

Provavelmente era um Sidhe, e não dos mais agradáveis. Diabos, pelo que ela sabia, era o próprio Ansgar.

Nineva considerou um instante arrancar o estremo da mangueira do tanque, subir no Honda e sai a toda velocidade para sua casa. Em lugar disso, se esforçou por sorrir-lhe coquete, como se não houvesse dado conta de que não era humano. Logo desviou o olhar com expressão despreocupada, ainda que o coração batesse com força. Sentiu que sua mão suada deslizava no cabo, enquanto apertava com força o gatilho. "Carregue, maldita seja." A gasolina que entrava no tanque soava apenas um pouco mais rápido que um gotejar.

O pânico se apoderou dela. Tinha que escapar dele. Tinha que pensar e decidir o que fazer.

Ainda que tivesse deixado de olhá-lo, o sentia e o via mentalmente. Sua imagem parecia haver ficado gravada em sua retina.

Nineva voltou a olhá-lo pelo canto do olho. Tinha que reconhecer que era bonito, ainda que não belo de maneira inumana, como foi seu pai. O rosto talvez fosse um pouco anguloso e refletia uma atitude inflexível, com aqueles olhos fundos e entrecerrados debaixo das sobrancelhas espessas. A boca era larga e austera; a mandíbula proeminente, quadrada e agressiva. Aparentava ter um firme propósito.

Anos de pesadelos lhe diziam que suas atividades se relacionavam com a morte, sua morte. Começou a caminhar para ela.

O coração de Nineva começou a bater a cem por hora. Seus olhos se cruzaram com os dele em um olhar frio e desafiante e ela abaixou um pouco seu escudo. Deixou que a Marca resplandecesse na borda do decote de seu vestido, com esperança de enganá-lo com a ameaça de seu poder.

Ele seguiu sustentando o olhar, ainda que um fugaz brilho de interesse sexual ardesse em seus olhos quando se afundaram no entalhe do sutiã. A comissura dos lábios se elevou num esboço de um sorriso, como se aprovasse o que via. Ele era perigoso, Muito perigoso. Era Ansgar? Provavelmente não. Seu primo não era do tipo que matavam por si mesmo.

O ruído da gasolina se transformou em um borbulhar quando o tanque se encheu. Nineva soltou o gatilho e voltou a colocar a mangueira no suporte, logo se meteu depressa no carro. Por sorte já havia pagado com o cartão de debito, colocando em marcha o Honda e acelerou para sair do estacionamento, sem fazer caso de um veículo utilitário cuja buzina tocou quando ela se meteu no trânsito como um bólido.

Tinha que chegar a casa, devolver Bola de Neve para a vizinha e pegar aquela importantíssima bolsa cheia de dinheiro. Se naquela tarde houvesse lembrado... A violência do pesadelo, por desgrça, a tinha sacudido tanto que nem sequer havia se lembrado da bolsa até que estava na metade do caminho para festa.

Só esperava que o erro não lhe custasse a vida...

Kel balançou a cabeça enquanto olhava a princesa das fadas sair a toda velocidade do estacionamento como se fosse um ladrão de bancos, que fugia da cena de um crime.

- Está tão paranóica? – murmurou entre dentes.

Mas também, como não ficar paranóica se soubesse que eles haviam saído em sua busca. Em especial se eles eram o exército dos malvados guerreiros sidhes que Cachamwri descreveu.

Pobre menina. Tinha serias dúvidas acerca de que fosse capaz de rechaçar uma tropa de escoteiros. A propósito, e esse traje de fada e todo o resto? Parecia que decidira ser Dorothy, a personagem do Mágico de Oz, que não tinha nenhum lugar com o lar.

Contudo, era uma coisinha surpreendentemente exuberante para ser uma Sidhe, com uns deliciosos e transbordantes peitos que o fizera pensar em com seria tirar-lhe aquele vestido ridículo.

Por desgrça, dava a impressão de que ela não estava de bom humor.

Ele suspirou e saiu a grandes passadas para os fundos do edifício, até que saiu da vista de qualquer transeunte curioso. Fechando os olhos, recorreu ao murmúrio cálido e conhecido do Mageverso e urdiu um encantamento.

E num instante se desvaneceu no ar, ao menos no que aos humanos concernia.

Cômodo em sua invisibilidade, fez um gesto e chamou a um ponto no ar tiritante que, com só de tocar com os dedos, se expandiu até formar uma porta que brilhava com

uma iridescência leitosa. Penetrou por uma porta dimensional em uma habitação iluminada com uma luz tênue. Kel olhou ao seu redor com curiosidade.

Nineva Morrow não vivia precisamente como uma princesa das fadas, e sim mais como alguém que esperava ter que sair correndo de repente. O apartamento pequeno estava bastante limpo, mas o mobiliário consistia em um colchão mais ou menos novo, um par de gavetas plásticas de leite ceia de livros de edição rústica muito usada e um televisor minúsculo, apoiado em uma mesinha auxiliar de madeira barata. O carpete estava gasto e cheio de manchas antigas, que provavelmente já estava antes que ela alugasse o lugar. Nas paredes não havia quadros nem fotos familiares ou pôsteres. O efeito geral era de desolação.

Interessante. A princesa podia ter recorrido a magia para obter algumas coisas que fizessem sua vida mais confortável por muito que estivesse sem dinheiro. Salvo que tivesse medo de que ao usar a magia, os Sidhes pudessem localizar seu paradeiro.

Tinha chegado muito longe se protegendo. Se não fosse porque Cahamwri lhe contasse onde encontrá-la, Kel sabia que ainda estaria procurando-a. E a magia dos dragões, geralmente, era muito mais forte que a dos Sidhes. Quem sabe a princesa era mais complicada que parecia.

Mas por sorte nada tinha uma magia mais poderosa que a de Cachamwri. Não podia esconder-se do Deus Dragão.

Kel descobriu um livro de capa dura em cima da mesinha auxiliar e o pegou. Levantou as sobrancelhas: "101 truques para magos profissionais"?

Nineva subiu de dois em dois a escada que conduzia ao apartamento. Tinha deixado Bola de Neve na vizinha, apesar de que a demora lhe produziu um nó no estômago.

A bolsa se encontrava em cima do armário. Tinha que pega-la antes de ir-se. Uma vez mais amaldiçoou a série de roubos de carro que a obrigaram a guardar a bolsa no apartamento. Desejava atrever-se a fazê-lo aparecer em sua mão, mas empregar qualquer tipo de magia seria o mesmo que enviar um sinalizador a seus perseguidores. "Estou aqui! Venha me matar!"

Nineva apertou os dentes, com a saia de tule rosa amassada em seu punho, enquanto caminhava com cuidado

no patamar até a porta de entrada. Também necessitava mudar de roupa. Não podia andar de um lado para outro como uma fugitiva de O Lago dos Cisnes. Ao chegar à porta colocou a chave na fechadura.

E ficou paralisada com o coração galopando. E se o homem do sonho estava no apartamento esperando para atacá-la? Umedeceu os lábios ressecados e apoiou a mão livre na porta, fechou os olhos e escutou com sentidos que não eram humanos.

Nada. Nem sequer o mais débil murmúrio de magia, o que não significava que ele não estivesse dentro, envolto em uma proteção mágica e disposto a arremeter contra ela na próxima semana. "Mas poderia ser que não houvesse nada que sentir. Talvez estivesse equivocada a respeito de que fosse o homem do sonho. Talvez fosse simplesmente um humano qualquer."

Um humano qualquer, grande e sexy.

Nineva mordeu o lábio enquanto olhava a porta desejando poder ver através dela. Desejando atrever-se.

"Ou pode ficar parada aqui, titubeando até que os homens de Ansgar apareçam para matar-lhe, idiota." Impaciente consigo mesma, respirou fundo, enfiou a chave ate o fundo e girou. Preparou-se para proteger-se ou atacar levantando a mão e abriu a porta com um empurrão que a fez bater contra a parede.

Não havia nada dentro.

O apartamento estava vazio. Nenhum homem imaginário muito alto, nenhum destacamento de guerreiros sidhes armados, só seu apartamentinho deprimente e carente de atrativos. Cruzou depressa a sala de estar respirando aliviada e foi até o corredor, que levava ao dormitório que não usava. A bolsa cmm dinheiro e algumas mudas de roupas estavam no armário. Teria o tempo justo para encher sua única mala.

Nineva abriu a porta do armário com um golpe e esticou a mão para pegar a mala verde escura estropiada que descansava no solo.

Uma voz masculina falou perto de suas costas.

- Você sabe que não te ferirei.

Ela virou dando um grito estrangulado, as mãos levantadas instintivamente, enquanto fazia aparecer um par de cargas de encantamento. Os globos gêmeos rodearam seus dedos com um brilho azul intenso, prontos para aniquilar a seu inimigo ante o primeiro movimento equivocado.

O homem do sonho levantou as mãos em um gesto como que dizendo: "Estou desarmado", que ela não acreditou nem por um minuto.

- Ei, pare. Não sou teu inimigo?

- Sim, claro. – grunhiu Nineva e lançou uma das cargas na em direção a cabeça dele.

A bola de energia ardente explodiu em faíscas e sem causar dano no escudo mágico que o rodeava como um globo invisível. Quando bateu nele, o disfarce do homem desapareceu e revelou um redemoinho de cabelo azul cobalto que caia sobre aqueles ombros ridiculamente amplos. Seus olhos eram da mesma cor vermelho escuro e profundo dos rubis, que contrastavam com seu formoso rosto. Não podia ver sua orelhas, mas estava segura que deveriam ser pontiagudas.

Ao vê-lo recordou o sonho doloroso, da pele ardendo e do cheiro de sua própria carne queimando-se. O medo se cravou em sua alma.

Nineva lançou outra bola de fogo em direção daquela cara bonita e rangeu os dentes frustrada, quando a descarga explodiu nos escudos de proteção sem fazer-lhe dano. Então fez aparecer outro par de rajadas explosivas em suas mãos, enquanto voltava sobre os pés e buscava uma oportunidade para atacar.

- Maldita seja, Nineva. Cachamwri me enviou. – Se aproximou dela bloqueando todos e cada um dos feitiços que ela ia jogando; enquanto retrocedia, receosa como um gato encurralado – Ele me pediu que a protegesse.

Sem deixar de andar para trás, Nineva extraia cada vez mais poder do Mageverso, carregava os dedos de energia e lançava em forma de rajadas.

- Oh, deixa-me em paz. – espetou – Por que diabos o Deus Dragão estaria interessado em mim? – Ainda que pensando bem, os Sidhes de Cachamwri adoravam o Deus Dragão. Seu rei Llyr Galatyn, era o Avatar de Cachamwri, assim como ela era de Semira – Llyr também vem por mim?

- Llyr? – O guerreiro começava a parecer frustrado naquele momento. – Não, sou um dos homens de Arthur. Cachamwri...

- Que Arthur? Franziu o cenho. Seu pai jamais havia mencionado a nenhum Arthur. Além disso, esse era um nome humano.

- O rei Arthur. Sou um de seus cavaleiros. Olhe, se só me escutar...

- Agora tratava de confundi-la com contos de fadas. A ardência na Marca aumentou até transformar-se em uma labareda selvagem.

- Diga a Ansgar que não sou tão idiota.

- Ansgar? Ansgar está morto. Llyr o matou há meses.

Como uma reação provocada pela raiva de Nineva, a Marca queimava como uma tocha que enviava energia saindo de seus braços e dedos. A dor atroz a obrigou a gritar.

Suas mãos dispararam um enorme jorro de magia que pegou em cheio no peito do guerreiro com um ímpeto de uma bala de canhão, e ele saiu voando com um rugido de surpresa.

O estrondo fez o apartamento tremer.

Nineva olhava o corredor, atônita. Na parede do fundo do dormitório se abria um buraco com a forma de um homem que revelava a estreiteza do lugar, a placa de gesso feita em pedaços, o revestimento exterior retorcido e o vazio. O havia feito voar atravessando a parede do fundo do apartamento.

Havia matado-o?

Antes de parar para pensar duas vezes, correu até o buraco e olhou para baixo. Estava caído no solo, dois andares mais abaixo, imóvel. O examinou rápido, com o coração apertado.

Ainda estava vivo.

Suspirou aliviada. Tinha feito ela morrer de medo, mas ela tampouco queria seu sangue nas mãos.

Talvez porque recordava o sabor que tinha na boca durante o sonho...

"Estúpida."

Um cachorro latia furiosamente em algum lugar. Longe, uma voz masculina gritava uma pergunta blasfema.

- Oh, merda! – Seu primeiro impulso foi correr, mais sabia que não podia deixar o edifício com um buraco aberto na parede de trás. E se alguém caísse e se machucasse? Com o coração batendo como um tambor, se levantou e lançou um feitiço. Num instante, a parede se solidificou. Outro feitiço e se vestiu de jeans e um suéter enquanto corria para pegar sua bolsa. Não se incomodou em pegar nada mais.

Um instante depois, Nineva descia correndo a escada. A essas alturas, era provável que pudesse transportar para qualquer parte através de uma porta dimensional, mas não

tinha muita confiança em sua habilidade. O carro parecia mais seguro.

Queria estar longe dali quando o Sidhe grandalhão voltasse a si.

O crânio de Kel estava a ponto de estalar. Sentia pontadas de dor até nos dentes. Abriu os olhos pouco a pouco. Recebeu uma impressão borrada de um céu nublado em cima de sua cabeça. Piscou varias vezes até que pode enfocar bem.

Ovo de Cachamwri! Não podia recordar a última vez que o haviam feito voar tão forte. Talvez quando lutou com seu tio, mas como naquele tempo tinha a forma de um dragão, não se assemelhava em nada a isto.

A fada Confeito de Ameixa lhe havia proporcionado uma surra e tanto.

Apoiou-se sobre suas mãos e joelhos gemendo de dor e pensou seriamente em vomitar. Sentia os músculos dos braços e das pernas trêmulos em resposta ao ataque mágico de Nineva e durante um instante, imaginou com nostalgia a brancura de sua cama.

Por desgracia, aquela não era uma opção porque o Deus Dragão o havia encarregado de um trabalho e maldito fosse se falhasse com ele.

Nineva gostasse ou não.

Apertou os dentes e se colocou de pé cambaleando, mas quase caiu de bruços. Apoiou rápido uma mão no edifício, engoliu saliva enquanto piscava, até conseguir voltar a enfocar o mundo.

"Muito bem, se acabaram as contemplações com a menina. Vejamos com se arranja para enfrentar-se comigo quando adoto a forma de dragão."

Saiu com expressão rude buscando um lugar para transformar-se.

Havia oito meses desde a última vez que Diana London Galatyn havia se transformado em lobo, e estava ficando de mal humor. Para culminar, as costas doíam sem parar e tinha três meses que nem sequer podia ver os pés, ainda que haviam dito que tinha os tornozelos inchados.

O príncipe Dearg Andrew Galatyn, entretanto, pulava para cima e para baixo sobre sua bexiga, o que sugeria um caso grave de TDA (Transtorno Deficiente de Atenção). Quase podia ouvir o "hurra!" psicológico. Diana passou os dedos da mão sobre sua enorme barriga e tratou de pensar em coisas alegres sobre o ventre materno. "Três semanas. Dearg, querido, só mais três semanas. Então sairá para o mundo grande e largo, onde há muitos lugares para você e seus pequenos cotovelos ossudos, e todo o mundo te adorará como o primeiro príncipe Sidhe nascido em cento e setenta anos." Sorriu para si um pouco forçadamente. "O melhor de tudo é que o tio Ansgar não estará ali tentando te matar, porque o tio Ansgar agora é comida para vermes."

Ansgar, o malvado irmão de seu marido, odiava a Llyr desde o dia em que nasceu. Em seu leito de morte, o rei Dearg, pai de ambos, havia nomeado a Ansgar rei dos Sidhe Morven e a Llyr, rei de Cachamwri.

Por desgraça, isso não era suficiente para Ansgar, que queria os dois reinos. Ao longo de mil e seiscentos anos depois, foi o artífice do assassinato dos dez filhos e quatro esposas anteriores de Llyr, mas todos os intentos para matá-lo tinham fracassado.

Diana e Llyr ao fim tinham matado Ansgar havia oito meses, durante o último intento de assassinato. Llyr, igual ao seu pai antes dele, era agora o rei de Morven e Cachamwri, habitados pelos Sidhe.

E Diana, ex-administradora da cidade de Verdavill na Carolina do Sul, tratava de adaptar-se a vida de rainha dos Sidhes. Ser imortal era fantástico e Deus sabia que casar-se com um belo fada tinha suas vantagens, mas o volume de trabalho era mortal.

O casal real passou os primeiros seis meses do reinado no reino de Morven tratando de repara o dano que Ansgar havia causado enquanto governava. Aquela manhã, depois de uma visita de dois meses ao reino de Cachamwri, Llyr se embarcou em uma inspeção surpresa no palácio de Morven.

Diana e seu monumental bebe o acompanhavam, ainda que por um momento, a única coisa que ela tinha interesse era encontrar um lugar para sentar-se. O vestido de cor escarlate que vestia era encantador, com aquele bordado em ouro e pedras preciosas, mas pesava uma tonelada. E Deus sabia que o príncipe Dearg não era nada leve. Em consequência, sentia como se um glutão raivoso estivesse mordiscando um punhado de músculos na parte baixa de suas costas.

Por desgraça, parecia que o arsenal não tinha nenhuma só cadeira. Tudo o que a enorme habitação tinha era uma quantidade prodigiosa de espadas de aspecto estranho, para não falar das lanças, armaduras, escudos e o que fosse aquela coisa com tantas pontas; tudo estava acomodado em brilhantes estantes de madeira suspensa nas paredes de mármore, entre elaboradas esculturas de cenas de batalhas.

Diana dedicou uma atenção especial a um baixo relevo. Aquelas fadas estavam matando um dragão? Supunha-se que era possível. Ainda que aquele mundo se parecesse com a Terra onde ela havia crescido, em realidade ocupava um universo paralelo onde a magia era uma lei natural. Os humanos que tinham crescido ali eram Sidhes que empregavam a magia, e a fauna local incluía unicórnios, guardiães e dragões sábios. Os Sidhes e os dragões haviam firmado a paz há muitos séculos, mas houve um tempo em que se casavam uns com os outros.

Antes que ela se aproximasse caminhando como um pato da escultura para vê-la mais de perto, um grunhido baixo de seu competitivo marido a distraiu. O rei, que superava com folga o metro e noventa, tinha um rosto alongado e elegante, nariz forte e estreito, e em seus olhos opalescentes grandes e inteligentes, brilhava a magia. O cabelo da cor clara da lua e caia até o traseiro musculoso, em um desarranjo delicioso sobre um par de calças negras. O colete de macio veludo negro de ar vagamente isabelino destacava a impressionante amplitude dos ombros; e umas botas altas e reluzentes envolviam as pernas também musculosas. Ainda que estivesse grávida, mas bastava olhá-lo para que seus sentidos se estremecessem.

Um olhar lhe bastou para saber que não estava de humor para paqueras. Um grunhido curvava os lábios reais, como aqueles olhos incríveis se entrecerraram e se tornaram frios.

- Trivag, onde está minha espada?

Lorde Trivag retrocedeu um passo e sua boca se abriu com a forma de um "O" que indicava um desmaio ao mesmo tempo em que examinava o arsenal com esperança, ao parecer, que a espada que causava controvérsia apareceria por arte de magia. Era um homem magro e distinguido, com o cabelo cobalto salpicado de cinza, longo até a cintura. Aparentava ter uns sessenta anos, o que significava que teria uns seis mil anos mais ou menos. Os Sidhes envelheciam com muita, muita lentidão.

- Meu rei, eu mesmo inspecionei o arsenal há dois dias e estava aqui então.

Llyr virou manifestando sua contrariedade incandescente aos três Sidhes que estavam designados para a guarda do arsenal.

- Bem, viram alguém sair com a Espada de Semira?

Os três guardas caíram de bruços contra o solo de mármore, fazendo ruído com suas armaduras de malaquita.

- Não, Vossa Majestade.

- Ainda estava aqui quando revisamos – se atreveu a dizer um deles com voz tensa. Devia ser o líder do destacamento, a julgar pelo longo rabo de cavalo azul que saía de seu elmo.

- Oh, por amor de Cachamwri, levantem-se – disse bruscamente Llyr. – Eu não sou Ansgar. Não os mandarei executar.

Em meio a sua raiva, mexeu com impaciência nos longos cabelos loiros, mostrando a curva de uma orelha pontiaguda.

Quando os três homens se puseram de pé entre ruídos metálicos como uma matraca e Llyr resmungou:

- Organize um grupo de homens para buscá-la e trazê-la. Não quero dizer a meus súditos que perdi a espada da deusa.

- Diana levantou as sobrancelhas ate o céu.

-Tem uma espada que pertence a uma deusa?

Llyr olhou os guardas sair depressa da habitação.

- Ao parecer tinha uma espada que pertence a uma deusa. E vai se não vou trazê-la de volta.

O homem do sonho era mais forte do que aparentava, estava perseguindo de novo. Muito mau.

Uma sensação de ameaça chegava pelo ar fazendo-o tão espesso que era quase irrespirável. O guerreiro com que ela tinha lutado havia uma hora não exalava aquela mesma sensação.

Nineva esquadrinhou pelo pára-brisa do Honda, buscando a próxima saída, e voltou a reforçar a barreira mágica ao redor do auto. O feitiço havia enganado Ansgar antes, quando ele tinha o controle sobre ela, mas esta vez não funcionava.

Experimentava a sensação incômoda que havia empregado energia com o guerreiro Sidhe, porque a magia não respondia como de costume.

Quando descobriu um a saída, a tomou a cerca de oitenta quilometro por hora, esforçando-se por despejar mais magia no feitiço enquanto seguia avançando. Como a pista era elevada e logo dobrava em uma curva, reduziu a velocidade para não perder o controle. Mas quando virou o volante para tomar o controle. Mas quando virou o volante para fazer a curva, o Honda seguiu adiante. Direto par o muro de contenção.

Oh, Deus, ia derrapar! Deveria ter quebrado um pedaço de gelo da estrada...

Fez força para endereçar o carro e pisar no freio como a tinham ensinado, mas o pequeno carro seguia sua marcha. O muro apareceu diante do pára-choque. Nineva lançou um encantamento para proteger-se do estrondo do impacto...

...Que nunca chegou.

O Honda se transportou pelo ar, voando para cima do muro de contenção, como se tivesse sido lançado de uma rampa. Mas isso era impossível, o pendente não era tão...

Algo a havia pego.

"Os assassinos de Ansgar" compreendeu "Vão me explodir na terra junto com o carro."

Capitulo 3

Nineva se soltou do cinto de segurança e investiu contra a porta, tratando de recordar o feitiço para voar que seu padre lhe havia ensinado tantos anos antes. Tirou a mão da maçaneta e se preparou para lançar-se ao vazio...

A porta não se moveu um centímetro.

Nineva lançou um olhar frenético para o pára-brisa. O carro tinha diminuído a velocidade e flutuava pelo gramado com a leveza de uma folha. Doce deusa, os assassinos eram poderosos.

"Estou bem fodida..."

Apertando forte os dentes, reuniu toda a agia que pode e enviou uma muralha de força contra a porta para tratar de abri-la. O feitiço voltou contra ela como se um gigante a

tivesse esbofeteado. Aturdida, se sacudiu tratando de recuperar-se do golpe e levou os dedos ao nariz que escorria. Tocou algo úmido. Sangrava.

Pois sim que tinha tido uma boa idéia.

Nineva amaldiçoou em silencio e voltou a afundar-se no assento vendo como se acercava do solo. Com um gesticular feroz, transformou os jeans e a camisa em uma armadura, e logo fez aparecer por arte de magia uma espada. Sentia a longitude do aço era cômodo e familiar em sua mão. Assim devia ser. Seu pai começou a ensinar-lhe esgrima quando era apenas um pouco mais alta que a espada que usava. Havia feito-a praticar sem piedade, apesar de ser tão jovem. Depois de tudo, lhe disse, se opunha que ela em algum momento lutasse contra os Escuros. Era melhor que soubesse bem o que fazia.

Nineva seguiu treinando depois de sua morte. Ainda que quase sempre estivesse ao bordo de ficar sem dinheiro, corria para ficar sócia de algum lugar para receber aulas de ginástica e artes marciais e assim se assegurava de que não esqueceria como lutar.

Agora parecia que toda aquela preparação ia ter sua recompensa. No instante em que a deixassem sair do carro – se deixassem- teria que estar pronta para defender-se. Que a condenassem se ia render-se aos desgraçados que haviam destruído sua família.

O carro aterrisou em uma extensão de pasto descolorido pela geada, ao lado da estrada, mexendo-se sobre os pneus enquanto estabilizava seu peso. Tudo ficou absolutamente imóvel durante um instante debaixo do disco branco da lua. O coração batia com força. Olhou ao seu redor em busca do inimigo.

Não tardou muito a localizá-los. Algo se movia naquela escuridão completa, debaixo do passo elevado. Ficou quieta sem fôlego, forçando a vista.

De debaixo da ponte surgiram trinta cavaleiros com armaduras brilhando palidamente, debaixo do resplendor da magia que emitiam. Os olhos dos cavalos brilhavam verdes e fantasmagóricos, como os olhos dos gatos. O solo gelado rangia debaixo dos cascos enormes e os arreios tilintavam e chiavam.

Nineva ficou boquiaberta. Eram guerreiros Sidhes. Ali, diante de Deus e da estrada da Carolina do Sul.

“Ou não”. Sentia o agito da magia que os rodeavam. Era provável que fosse um feitiço de invisibilidade.

As quatro portas do Honda se abriram de uma vez com um som quadruplicado, abrupto e surdo. Uma voz masculina retumbou dando uma ordem.

- Princesa Nineva, saia.

Fazia muito tempo que não ouvia a língua de Morven, mas não tinha esquecido. Nineva jogou um olhar para o capô e pensou em dizer-lhe que fosse ao diabo, mas a contragosto decidiu que era melhor fazê-lo.

- Não me faça enviar a um homem para que a tire de rastro, princesa. – O cavaleiro falava era o mais alto dos homens, um grandalhão em cima do cavalo ainda maior.

Nineva fez uma careta, debatendo-se entre a raiva pela impotência e o ódio que ameaçava afogá-la. Saiu do carro tremula.

Levantou a espada enquadrando o ombro, se colocou em posição de luta e se concentrou em parecer alguém da realeza. Seus inimigos poderiam matá-la, mas ela não envergonharia os seus pais.

- Muito bem, e agora o que?

Examinou com receio aos guerreiros a medida que se aproximavam; as lanças, machados e espadas cintilavam. Tanto eles como os cavalos levavam armaduras primitivas, negro fosco, com pontas e chifres que sobressaíam de forma ameaçadora. Formaram um semicírculo em volta de Nineva, empurrando-se em meio a um crescente rumor de vozes masculinas. Ela levantou de imediato um escudo de proteção mágico com a outra mão, segurou bem a espada e se dispôs a lutar.

E não porque teria alguma oportunidade de sair vitoriosa, as probabilidades realmente eram uma merda. Ainda assim, Nineva fez a seus inimigos uma careta sardônica.

- Suponho que deveria sentir-me bajulada se Ansgar pensa que necessita de tantos guerreiros para me matar.

- Não temos nenhum interesse em matá-la, princesa. O guerreiro grandote desceu do cavalo e se aproximou dela a passos largos. Os demais se precipitaram a fazer o mesmo, entre o ranger do couro o tinido e o chacoalhar metálico de armaduras e arreios. Sim, muito bem, o grandalhão era o líder – Não temos a menor intenção de fazer dano.

Nineva estudou ao seu inimigo com cautela. Imaginou que podia considerá-lo bonito numa espécie de Império do Mal, alto e enorme como um Exterminador dentro daquela armadura negra com adornos, e a iridescência brilhante de

um pavão real que deslizava pelas escamas cada vez que se movia no resplendor de sua própria magia. O visor de seu elmo estilizado sugeria o focinho de um lobo que uivava. Correias de couro amarravam uns dentes de animal com mechas gêmeas de seu longo cabelo negro e cada vez que virava a cabeça, os dentes rangiam. Pensou em dizer-lhe que parecia um dos orcs de O Senhor dos Anéis.

“Não, melhor não”. E em troca perguntou:

- Então o que quer?
- O guerreiro estendeu as mãos vazias.
- Só falar.

Nineva fez aparecer uma bola de fogo que flutuava em cima da palma de sua mão.

- Então não tem sorte porque não quero ouvir nada do que tenha a me dizer.

- Não se precipite tanto, Alteza. Tenho uma proposição que sem dúvida lhe parecerá interessante. – O guerreiro tirou o elmo e o colocou debaixo de seu braço musculoso.

Nineva se surpreendeu e piscou sem querer. Era muito mais que um Sidhe bonito: era o homem mais belo que jamais tinha visto, com um rosto elegante e alongado de ossos altos, um cabelo negro e espesso que contrastava por completo com a pele branca. Os olhos escuros pareciam brilhar com uma promessa sedutora quando cruzou com seus olhos e a boca larga desenhava um sorriso que sugeria lençóis enrolados e pele quente.

Sacudiu a mente daquela reação involuntária e o fulminou com um olhar.

Disse que não me interessa. “Engole essa, Darth Legolas” ****

- Por favor, não quer que o averigüemos juntos? – Sem deixar de olhá-la, fez um gesto com a mão coberta pela luva.

***** Mistura de Darth Vader (Guerra nas Estrelas) com o elfo Legolas (O Senhor dos Anéis) (N.T.P.)*

Um guerreiro sidhe se adiantou de imediato e, fazendo soar com estrepito a armadura dos joelhos, inclinou a cabeça e estendeu as mãos em que descansava a espada até seu líder.

Antes que Nineva colocasse seu olhar nela, a Marca da Deusa começou a arder e a latejar com urgência, demandando atenção. A jovem ficou olhando sem respirar.

A arma emitia um brilho intermitente sob a luz da lua, que dançava ao longo da bainha incrustada de pedras preciosas. A empunhadura tinha a forma de uma mulher nua e sinuosa, cujos pés se equilibravam sobre o travessão. P cabelo longo se enredava ao redor de seu corpo ocultando os mamilos e o sexo de um modo que sugeria poder sem limites mais que modéstia. O delicado rosto triangular, onde a ferocidade dos olhos indicava uma espécie de contentamento bélico, estava levantado olhando para cima. Nineva a reconheceu no instante pelas centenas de sonhos.

A espada de Semira.

A mão do líder se fechou na empunhadura. Nineva deu um grito afogado; pareceu sentir o atrito em seu próprio corpo. Pouco a pouco, como se levasse a cabo um ato muito mais erótico, o homem extraiu a espada da bainha. A folha resplandecia como se fosse a bainha incrustada de gemas, tão brilhante que os olhos ardiam. Ao seu redor, os guerreiros resfolegavam em estado de terror.

- Responde a você. – disse com uma voz profunda – Te conhece. Igual a você que conhece ela.

O coração de Nineva começou a bater debaixo dessa ardência cada vez mais forte da Marca da Deusa. "Oh, metida até o pescoço na merda", pensou, cravando os olhos na espada, sem poder fazer nada.

Diana Galatyn descansava as mãos em seu ventre e olhava meditar o seu marido. Até Dearg Andrew estava mais quieto que de costume, ainda que isso se devesse a que não ficava lugar para mover-se. Deus sabia que ela sentia como se ele tivesse empurrado para fora do caminho a maioria dos órgãos.

Menos mal que tinha uma força mais que humana, pois se não jamais teria podido abaixar-se naquela chaise-longue sem ajuda de Llyr.

Habituada ao incomodo depois de oito meses, Diana não fez muito caso já que estava muito mais interessada na expressão do rosto de seu marido. Estava sentado esparramado em uma cadeira, as pernas musculosas estiradas, com o colete recoberto de pedras que acentuava consideravelmente a amplitude dos ombros. Os punhos de renda negra pareciam espumas ao redor das grandes mãos e um rubi enorme destacava na mão direita. Qualquer outro homem teria parecido afeminado, em especial tendo em

conta cascata de cabelos loiros longos e sedosos que empurrou atrás de uma orelha pontuda. Pelo contrario, dava uma sensação de poder masculino e vontade de ferro. Era rei há mil e seiscentos anos e isso se notava.

Diana o amava tanto que sofria por ele e tinha tolerado aquela situação mais do que pensava.

- Sabe que é o único homem que conheço que é capaz de caminhar de um lado para outro sem mover-se. Vai me contar o que acontece ou terei que adivinhá-lo?

Os olhos opalescentes se cruzaram com os seus com ma faísca de culpa.

- Tudo está bem.

O observou friamente

- Me parece que deve ser a única vez que está me mentindo, olhando-me nos olhos.

Llyr fez uma careta. – A espada...

- Aqui á mais que o desaparecimento de um utensílio, Llyr. Se me disser que diabos está se passando, talvez poderia ajudar-te. Posso transformar-me em um espantoso lobo de mais de três metros, lembra-se?

Llyr apertou seus lábios sensuais.

- Neste momento, não.

Tinha razão, supôs. Se tratava de transformar-se, perderia o bebe. A mudança anatômica era demasiado radical. Estava presa em forma humana até que Dearg nascesse.

Mas isso não significava que tivesse que ficar atrás.

- Muito bem, é possível que não possa cobrir-me de pelos agora mesmo, mas não sou estúpida.

- Nunca pensei que fosse.

- Demonstre-me.

- Llyr a olhou inquieto e perturbado.

- Uma sensação de frio se apoderou dela. Uma rebelião...Começou a subir a mão até deixá-la sobre o ventre. Na historia tinha todo tipo de exemplos cruéis do que sucedia com os filhos dos reis quando alguém queria o trono.

- Acredito que os morvenos tinham nos aceitado depois de ter tirado Ansgar de cima.

- Eu também pensei. – Llyr fez um gesto brusco – Por desgraça, alguns também viram em sua morte a oportunidade que esperavam. Parece que empreendeu uma guerra em surdina contra o que se chama de Exercito de Semira, uma espécie de exercito rebelde clandestino, metade religioso, metade político. Agora que está morto e

eu assumi o trono de Morven, os seguidores de Semira pensam que por fim chegou a ocasião que tanto esperaram.

Diana levantou a cabeça enquanto atava as pontas.

- São os que roubaram a espada.

- Um dos meus guardas morvenos era infiltrado. Desapareceu levando consigo a espada, o que representa um problema muito grave. – A expressão de Llyr ficou mais obscura – Essa espada foi empunhada em batalhas pelos reis e rainhas de Morven Sidhe durante dez mil anos, inclusive antes que nos tornássemos imortais. Era a resposta dos Sidhes a Excalibur e dizem que garantia ao portador poderes fantásticos. Muitos morvenos acreditam que tão somente o legítimo governante pode esgrimi-la.

- Você não é precisamente fígado picado. – Ihe fez notar Diana. – E o campeão de Cachamwri.

Llyr havia nascido com a imagem do Deus Dragão no braço direito, o que significava seu status de Herdeiro dos Heróis. Quando conceberam a Dearg, Cachamwri havia predito que seu filho seria o próximo Herdeiro.

Llyr meneou a cabeça.

Em Morven não consideram a Cachamwri como um de seus deuses. Eles adoram a Semira, uma deusa que acredita estar presa na espada.

Diana estremeceu.

- Então não é somente um aço mágico, e sim um objeto religioso.

- Exato. E eu o perdi.

- Teu povo ficará furioso.

- Para dizer de uma forma suave.

Nineva apartou os olhos da espada de Semira e olhou ao formoso rosto de seu captor. O coração estava a ponto de explodir, a cabeça zumbia pela proximidade da espada e o sabor metálico do medo lhe chegava a boca. Ela podia extrair somente uma conclusão.

- Você é Ansgar.

- Por um instante, nos olhos do guerreiro brilhou uma cólera aterradora. Tão ardente que ela involuntariamente deu um asso para trás. Logo se desfez enquanto seus lábios se levantaram em um sorriso de certo modo mais gelado.

- Oh, não, princesa. Ansgar, o Tirano está morto. – Inclinou a cabeça fazendo um floreio – Sou o general Arralt, comandante do Exército de Semira.

De verdade que Ansgar estava morto? Um vislumbre de esperança floresceu nela, mas resultava difícil de acreditar.

- Quando? Quem o matou? – O homem do sonho dizia a verdade?

Outra vez o relâmpago de fúria, em contraposição com a expressão amável de Arralt.

- Llyr, seu irmão, quem se fez cargo do trono nos últimos oito meses. Llyr é um tonto débil, por sorte. – Pegou sua mão com sua enorme luva e um semblante cheio de ansiedade – Princesa, esta é nossa oportunidade. Pegue a espada da deusa e libera o vosso povo do usurpador. – Se inclinou ante ela com um joelho no solo, enquanto sua fisionomia adquiria a paixão de um fanático. Os homens se ajoelharam ao seu redor, ao mesmo tempo em que faziam ressoar o metal das armaduras. A luz da lua iluminava seus rostos levantados para o céu e reluzia em seus olhos brilhantes. – Te dou minha palavra que meu exército a ajudará a recuperar vosso legítimo trono.

O aço que havia feito aparecer magicamente pendurava agora frouxo da mão de Nineva, que olhava o guerreiro com uma sensação de irrealidade. Ali estava. O sonho de seu pai, empacotado com laço e tudo. A morte de seus pais já não seria em vão.

Mas por sorte, Eirnin Morrow lhe havia ensinado algo mais que lendas, magia e esgrima. Também lhe havia instilado uma saudável dose de cinismo que lhe dizia que Arralt queria algo mais e ela tinha uma boa idéia do que era.

- E você quer ser meu rei.

- Servirei a vos e a deusa da forma que vos pareça mais adequado. – Ele elevou sua mão e apoiou seus lábios cálidos nos dedos da jovem.

Sim, correto. E, no entanto... Seu olhar passou rápido pela espada da deusa, a Marca latejava avidamente em seu peito.

A idéia de ser rainha era ridícula; era uma camareira em metade do tempo e uma mágica para crianças. Logo estava o horrível problema de destronar Llyr Galatyn que, segundo seu pai, nunca havia sido um desgraçado como seu irmão.

Mas aquela espada – Ela queria aquela espada. Tinha que liberar a deusa de sua prisão apesar dos pesadelos e dos temores. Tinha nascido literalmente falando para isso.

Quando as demais meninas brincavam com Barbies, ela manejava sabres de plástico e imaginava que o resplendor acionado com bateria que emitiam era a própria Semira. Até teve um pterodátilo de pelúcia que sua mãe havia comprado; um substituto do guerreiro dragão que a lenda predizia. Nineva recordava, entretanto como se aconchegava no colo de seu pai e escutava sua voz profunda quando pronunciava as antigas palavras de Morven sobre a profecia, os sonhos com dragões e a glória.

Sim, tinha chegado a temer a previsão. Mas Eirnin lhe ensinou que as profecias podiam se desfazer. E se ela encontrava uma maneira de liberar a deusa que não implicasse o dragão e seu hálito aniquilador? Se aliasse com Arralt, talvez pudesse liberar a Semira e salvar-se ao mesmo tempo? Certamente não estaria tão errado?

- Pegue-a - disse com suavidade Arralt. Nineva levantou o olhar e encontrou seus olhos negros que a olhavam com cumplicidade, como se ele reconhecesse a ânsia e o temor que experimentava.

No entanto, vacilou. Uma vez que as mãos se fecharam sobre aquela empunhadura, sua vida nunca mais voltaria a ser a mesma; pertenceria à deusa Semira, estaria comprometida a liberar a deusa e tomar a liderança de seu povo. Tinham-na criado com esse propósito, mas um sabor metálico forte e frio lhe enchia a boca. "Não estou preparada para isso. Que me acontecerá? E se faço realidade a profecia tratando de evitá-la? E se Arralt não merecer confiança?

Uma voz parecida com a de seu pai zombava nas profundezas de sua mente. "Covarde." Estremeceu ante a dolorosa palavra.

Respirou fundo, fez desaparecer sua espada e logo fechou os dedos sobre a empunhadura da Espada de Semira. No princípio a sentiu fria, mas quando apertou os dedos, instantaneamente começou a esquentar. Nineva ouviu um suspiro e levantou a vista. Encontrou-se com o olhar do guerreiro que ainda a sustentava em suas palmas estendidas. Os olhos do Sidhe estavam muito abertos, como se ele também tivesse sentido que Semira se despertava com seu contato. Então pegou a espada de suas mãos.

- Deve alimentá-la. - Disse suavemente Arralt - Deixa que prove seu sangue.

Nineva passou a língua pelos lábios, que rápido secaram, e virou a espada com a ponta para cima. A Marca ardia em seu peito tão brilhante que a arma resplandecia

sob sua luz, com uma iridescência que descia pela folha, hipnótica e brilhante. Tratou de recordar tudo o que seu pai tinha dito sobre a espada.

- Há um feitiço – disse com voz quebrada pela emoção – alguém deve pronunciá-lo enquanto me fundo com a espada. – O sortilégio formaria o condutor que ela utilizaria para extrair a energia de Semira.

- Eu sei. Estou preparado para fazê-lo.

“Certamente que sim!” Nineva lançou um olhar receoso, mas seu semblante não mostrava nada mais que aquela ansiedade de fanático. Voltou a titubear, debatendo-se entre a desconfiança e a esperança. Havia percebido algo mau anteriormente. E se era ele?

Por outro lado, uma vez que ela se fundisse com a espada, ele não poderia fazer muito contra ela. Ainda que tratasse de fazer algo enquanto recitava o feitiço, ela poderia romper qualquer controle que ele pretendesse estabelecer.

Depois de tudo, como um mero guerreiro sidhe podia ser mais forte que Semira? Como?

A Marca latejou no compasso de seu coração, uma maré de força a invadiu com cada pulsação. Nineva assentiu com um breve e feroz movimento – Então estou pronta.

O triunfo brilhou de forma passageira nos olhos negros de Arralt. Depois começou a recitar as palavras, tão antigas que ela apenas podia compreendê-las. A Marca vibrava com cada sílaba, enviando ondas alternadas de calor e frio que crepitavam através dela.

O poder da deusa...

Um feitiço fez desaparecer as luvas e deixou suas mãos nuas.

Nineva estreitou a espada com as mãos, tomando ar enquanto a magia se intensificava, até que sentiu como se umas agulhas de fogo e gelo lhe atravessassem a carne.

Passou com brusquidão a palma da mão pela folha afiada, apertando os dentes. A dor lacerou a carne e um alinhamento de vermelho brilhante apareceu no aço. Num instante, o sangue começou a resplandecer e a fumegar.

Em sua mente floresceu a imagem de uma mulher nua e resplandecente como o sol, tão indescritivelmente formosa que o coração de Nineva deixou de pulsar ante aquela aparição. O cabelo, igual ao do talhe da empunhadura da espada, lhe chegava aos tornozelos. A simples vista parecia branca, mas quando se moveu,

lançava reflexos de cores brilhantes como se fosse um prisma que de descompôs na luz. Semira.

A deusa abriu os olhos, mostrando um resplendor opalescente mais deslumbrante ainda que sua deliciosa pele. Seu olhar de fundiu com o de Nineva. Sorriu pouco a pouco, com um sorriso que brilhava com tanta alegria que Nineva sentiu que a culpa e o tormento de seu espírito se desvaneceram.

"Minha menina", disse a deusa com uma voz semelhante a frágeis repiques de prata. "Por fim chegou. Sinto-me tão só. Conheci tanta fome..."

Por um instante pareceu que um frio escuro rodeava a Nineva, a prendia e a isolava da vida e do calor. Estremeceu porque sabia que assim a deusa tinha se sentido durante séculos.

"Aqui estou", lhe disse Nineva para aquela presença luminosa, com uma determinação repentina. "Tudo que tenho é teu."

Não podia abandonar a deusa naquela escuridão solitária.

A sedosa boca de Semira começou a curvar-se em um sorriso... Só para congelar-se em seguida. Seus formosos olhos se arregalaram de horror, "É uma armadilha! Tem cuidado, menina...".

Nineva deu um salto e abriu os olhos justo quando a mão de Arralt se estendia com rapidez e freava as mãos, fazendo-a arrastar as palmas pelo aço. Ela afogou um grito quando os dois sangues se mesclaram.

Ante seus olhos apareceu uma imagem fugaz, transmitida através do sangue do guerreiro. Era uma mulher, com a boca entreaberta em um grito de afogo enquanto uma desapiedada mão masculina apertou a garganta e a asfixiavam. As mãos de Arralt. A mãe de Arralt. A mãe que Ansgar tinha violado, que criou a seu filho como instrumento de vingança; que o ensinou magia negra e o alimentou a base de ódio até que desprezou tanto a si mesmo com a seu pai.

Nineva lutou para soltar-se, mas era demasiado tarde. Outras imagens, fragmentadas e aterradoras se derramavam em sua consciência: Arralt, que se servira da morte de sua mãe para fazer um feitiço que o levou ao outro mundo. Um mundo de maldade, de morte e sacrifício. Poderia tê-lo matado, deveria tê-lo matado. Contudo, uma alienígena daquele mundo o reconheceu o que ele era. Tinha visto nele a possibilidade que representava e o

apresentou a seu amo Rakatvira, um Escuro, que fez a Arralt uma oferta tentadora: o governo dos sidhes em troca da conquista da Terra. Arralt obsessivo com a idéia de converter-se em rei, só se preocupava do poder que podia obter.

Outras imagens atravessaram a mente de Nineva: Uma mulher Sidhe com o cabelo da cor da grama na primavera e olhos amarelos de uma inconcebível maldade. De algum modo, supôs que era a anfitriã alienígena de Arralt sob uma nova forma.

Criaturas demoníacas com chifres que irradiavam um apetite de morte, sangue e conquistas surgiam de um portal em meio da Times Square e explodiam de júbilo quando os pedestres se dispersavam a gritos em meio do ruído estrondoso dos carros espatifando.

"São os Escuros. Arralt e a alienígena eram aliados dos Escuros.", compreendeu Nineva.

A magia desandava e cintilava ao redor da bruxa extraterrestre como uma tormenta de raios quando levantou a Espada de Semira em cima de uma mulher com o ventre inchado pela gravidez. Abriu-a com um talho e logo enfiou a mão para tirar um menino nu e flácido, enquanto Nineva retrocedia mentalmente horrorizada...

Nineva deu um salto tratando de desprender-se de Arralt que a sujeitava com firmeza, mas umas linhas mágicas de força a envolveram de repente. Lutou instintivamente para livrar-se, mas o general sidhe a abraçou forte esmagando os dedos na espada e esmagando o aço em sua carne.

A voz de melodiosa de Semira se ouviu por cima dos gritos mentais da visão que ressoava em sua mente. "Está tratando de usurpar seu lugar."

"Eu sei". Tentou opor sua vontade contra a dele grunhindo e lutando por expulsa-lo da conexão. Contudo, só conseguiu reforçar o feitiço.

Nineva tentou desesperadamente servir-se do poder da deusa e agregá-lo ao seu. Mas enquanto enviava um rio abrasador de magia contra o feitiço de Arralt, compreendeu que não era suficiente.

"Esteve encerrada demasiado tempo na espada." A voz melodiosa de Semira soou mais fraca ainda, como se tivesse se consumindo com o esforço da luta. "Não tive nenhum Avatar que alimentasse meu poder e há algo que reforça o de Arralt."

Nineva compreendeu que era a mulher dos olhos amarelos. Não, não era uma mulher, senão uma alienígena. Um ente. Percebia o fedor negro e irritante da magia da criatura que se entrelaçava com a magia de Arralt e triunfava.

E uma vez que o fizesse, alimentaria aos Escuros com a Terra Mortal, afundando a todos no inferno.

“Hóstia bendita!”

Kel bateu as asas de dragão até o lugar onde se originava a magia sinistra cujo ardor havia percebido no horizonte. Tinha uma hora que buscava aquela garota idiota, mas ela era muito hábil para proteger-se.

Então somente uns minutos antes, tinha detectado que se formava uma tormenta de energia, a qual tinha adquirido velozmente uma cor muito escura. Algo repugnante retinha a Nineva e não estava certo em absoluto de ser capaz de salva-la. Fosse o que fosse aquilo, estava dotado de muita força.

A medida que Kel se aproximava, viu com seus sentidos mágicos o fervente resplendor que se desprendia dali. Voou mais depressa, juntando as pernas ao corpo e ondulando para adiante a cabeça como uma serpente para reduzir a resistência do ar. Seu coração pulsou mais depressa ao recordar a beleza etérea de Nineva. Ela não tinha nenhuma possibilidade de sair vitoriosa contra aquela malevolência que crescia cada vez mais.

Por fim, estendendo bem as asas para reduzir a velocidade do vôo. Sentia a maldade debaixo dele, irritante e hedionda como um poço cego fervente. Contudo, ao olhar para baixo, não viu nada mais que uma extensão de pasto congelado junto a estrada. Os atacantes da garota tinham se ocultado da vista.

Apontando para o Mageverso, Kel lançou um feitiço na direção da terra iluminada pela lua. A ilusão de serenidade se fez e pedaços. Ante sua vista apareceu um grupo de guerreiros vestidos de armaduras, rodeando uma figura pequena e cintilante envolta em faixas resplandecentes de cor vermelha.

Era Nineva.

Frente a ela se encontrava um dos guerreiros. As bandas escarlates transbordavam de sua boca enquanto entoava e se enroscava ao redor da jovem como serpentes

no zelo, amarrando-se a seus braços e estrangulando sua magia.

Kel curvou as asas e se encurvou como uma águia lançando ao mesmo tempo um feitiço para se fazer invisível.

Debaixo, as cabeças se inclinaram atrás e as bocas se abriram dando gritos quando ouviram o uivo do vento provocado por sua descida. Os guerreiros se dispersaram em todas as direções, soltando maldições e dando gritos de consternação em uma língua que conhecia: Sidhe. Eram Sidhes.

Concentrou-se em especial em um rosto iluminado pelo resplendor das faixas vermelhas. Nineva, rodeada, contudo, pelo feitiço firme e com os olhos brilhando com magia, lutava para escapar. Junto a ela, seu captor grunhia de raiva para o dragão.

Kel abriu as mandíbulas e lançou um feitiço que os cobriu com outra nuvem de energia mística. O guerreiro sidhe lançou um escudo que lançava faíscas enquanto combatia a magia de Kel.

Kel o ignorou e centrou sua atenção em Nineva, ao redor de quem as faixas de energia vermelha começava a enfraquecer a medida que o guerreiro desviava cada vez mais potência para evitar o ataque de Kel.

Mas os vínculos não se rompiam.

Kel estendeu as asas para deter a queda e atraiu mais magia do Mageverso, com o que intensificou seus esforços e insuflou cada vez mais poder sobre a jovem.

Tinha que tira-la dali.

O cavaleiro dragão finalmente tinha chegado. Nineva lhe cravou os olhos com uma mescla de esperança e medo, como se seu alento mágico se estendesse sobre ela. Sentia que seus vínculos se debilitavam e reduziam frente a seu poder. O feitiço de Arralt enfraquecia...

Um as mãos brutas lhe arrebatou a Espada de Semira.
– Não! – Nineva se sacudiu da paralisia que a imobilizava. Fez aparecer outra arma e saltou para o líder. – Devolva-me ela!

Os aço ressoaram ao entrecocar-se quando ela atacou com uma força imprevista. Ela grunhia e dava voltas em torno dele sondando suas defesas com uma série de golpes que ele desviava com tranquilidade. Sentiu uma grande angústia ao dar-se conta que era mais forte que ela,

mais hábil e experimentado. Não conhecia nenhuma imprecação contra ele.

Em meio de sua frustração, Nineva conjurou uma boa de fogo com a mão livre e esperou buscando uma oportunidade para lançá-la.

“Semira, onde está?” O vínculo havia se debilitado agora que já não sustentava a espada.

“O dragão!” A voz de Semira era dolorosamente débil. “Deve se aliar ao dragão...”

Nineva se atreveu a olhar para cima. A enorme besta planava em cima deles batendo as enormes asas, com uma expressão que bem poderia ser de frustração em sua cara de outro planeta. “Não pode disparar a Arralt se me acertar”, reconheceu. “Não posso esperar muita ajuda desse lado”. Então lançou a bola com um rugido, e se agachou quando Arralt enviou outra que partiu sibilando em busca de sua cabeça.

- Sabe que não pode ganhar, princesa. – Lhe mostrou os dentes – É melhor que se renda e economize seu sofrimento.

- Não farei enquanto me fique fôlego, imbecil.

- E usando todas as suas habilidades que tinha aprendido de seu padre, dançou ao seu redor lançando jatos e atacando-o com o aço alternativamente. Arralt enfrentava cada intento com uma facilidade exasperante.

Tinha que matar esse filho da puta antes que ele os destruísse. “Por favor, Semira! Eu sozinha não posso com esse cara.”

“Não tenho a força necessária. Permaneci um tempo muito longo em estado latente... Preciso de uma infusão de magia para voltar a alcançar a plenitude de meu poder.”

“Diga o que devo fazer e o farei” Nineva se esquivou do golpe que Arralt dirigia a sua perna e logo investiu a fundo. Ele a rechaçou e virou rápido.

“O dragão”, sussurrou Semira. “O dragão é a solução...”

Na mente de Nineva correu um medo frio e poderoso. Ao recordar o pesadelo, quase sentia que começava a arder.

Capítulo 4

Nineva afastou o pensamento do sonho fazendo um esforço. Não tinha tempo para assustar-se. Primeiro tinha que esmagar Arralt.

Suas habilidades guerreiras não eram suficientes, mas talvez pudesse distraí-lo para que cometesse um erro fatal.

- General de Semira, uma merda! – Teus homens sabem que é na verdade um bastardo de Ansgar?

- Oh, eles sabem. – Arralt rechaçou o golpe de sua espada com uma expressão sarcástica. – Me seguem durante séculos enquanto ele tratava de me matar.

-Da mesma maneira que você matou sua mãe?

Ela apontou a espada para seu coração.

- Arralt torceu a boca enquanto esquivava da estocada, logo tentou interceptar a espada e arrancá-la de sua mão. Nineva apenas teve tempo de desenroscá-la e retrocedeu ante um feroz golpe de sua arma.

- Viu tudo?

- Oh, sim. Também vi sua aliança com os Escuros, traidor.

- A traidora é você. Tem medo da deusa e teme ao dragão. – Arralt riu na sua cara enquanto ela desviava de outro ataque desesperado – Não é a única que tem visões. A minha visão disse que é uma covarde, Nineva Morrow. – Algo negro e desagradável brilhou em seus olhos. – Esgotou minha paciência, princesa. Renda-se ou morra.

- Não, obrigado, prefiro matá-lo. – Disparou uma carga de encontro ao estomago com tudo que tinha, E quando esta resvalava em seu escudo e se desintegrava, ela atacou mais fundo, girando como um torvelinho. Ele se esquivou, mas então lançou uma olhada para cima e retrocedeu com um salto.

Nineva se carregou contra ele, mas antes que pudesse voltar a enfrentá-lo, algo se estreitou em sua cintura com um estalo. Baixou os olhos.

Uma enorme garra a pegou, com umas unhas que se curvaram ao redor de seu corpo. O solo desapareceu debaixo de seus pés antes que sequer pudesse pestanejar.

- Bom intento, menina, mas temo que esteja fora de nossa liga. – Disse uma voz surda por cima do estrondoso bater de asas.

Era o dragão.

- Tem a Espada de Semira. – gritou, esperneando em vão. – Tenho que recuperá-lo.

O dragão balbuciou uma maldição em inglês entre dentes e baixou bruscamente para Arralt, que lhes lançou

uma rajada de magia. A turbulenta bola de energia se desintegrou contra os escudos do dragão ao mesmo tempo em que a imensa criatura lançava seu próprio feitiço.

Arralt fez gestos iludindo o golpe. No ar se formou o brilho intermitente de uma porta dimensional.

Oh, demônios. "Semira!"

"O dragão. Toma o dragão como amante. Sua magia é grande..."

"Como?" Nineva olhou as enormes garras que a tinham pegado pela cintura. Devia ter entendido mal. "Semira, é um dragão!"

"Não o tempo todo". Havia um vestígio de divertimento na voz fraca da deusa?

Arralt virou como um torvelinho e se precipitou pela porta; a espada brilhava em sua mão. O dragão queria pega-lo, mas ele entrou rapidamente pela porta disparando outra rajada enquanto escapava.

Levando Semira.

- Não. - Nineva gritava desesperada dando golpes na mão cheia de escamas que a sustentava.

O dragão desceu movendo a cabeça de um lado a outro, ao mesmo tempo em que buscava pegar outro Sidhe. Ao seu redor, varias portas dimensionais se fechavam e desapareciam levando ao ultimo dos guerreiros. Nineva percebeu que a magia aumentava quando o dragão lançou outro feitiço.

- Hóstia bendita! Qualquer que seja o lugar para onde se dirigiram, está muito protegido. Não posso perfurá-lo. - O dragão suspirou e a soltou, endireitando as garras com cuidado.

Nineva virou e olhou para cima. Acima, acima e mais acima. Era muito mais alto que ela; se parecia mais a uma colina dotada de vida que uma criatura vivente. A luz da lua brilhava com intermitência em suas escamas quando os músculos semelhantes a cordas se moviam debaixo da sua pele. A cabeça era tão grande como todo o corpo, e terminava em chifres curvos que reluziam sob a lua. A olhava, piscando. Cada olho era do tamanho da cabeça de Nineva, de um vermelho brilhante, e expeliam faíscas de magia.

Semira queria que fizesse amor com aquilo?

A recordação dos pesadelos só piorou aquilo. Em especial com aqueles olhos escarlates que a olhavam, como tinham olhado cada vez que a incinerava naqueles malditos sonhos.

“Não tenho tempo para isso.” Nineva tratou que o medo desaparecesse.

Tinha que se concentrar em uma coisa só: ele era o dragão guerreiro que todas as lendas anunciavam desde milhares de anos. Como dizia Semira, ele era o segredo.

Por desgracia Nineva tinha deixado que Arralt escapasse com a espada, o que o levava um passo mais adiante em seu plano de uma invasão dos Escuros à Terra Mortal.

Era terrível. Arralt tinha razão, ela era uma covarde. Tinha perdido tudo por tratar de evitar seu destino, seu dever.

- Devemos recuperar essa espada ou estamos perdidos.

- Eu sei.

Os olhos vermelhos do dragão brilharam. Nineva sentiu um estalo de magia tão intenso que retrocedeu sem querer e afogou um grito.

Iria queimá-la nesse instante?

Mas quando piscou tratando de resistir ao deslumbramento mágico, e desapareceu e em seu lugar apareceu um homem. Seu rosto belíssimo e seus amplos ombros lhe resultaram familiares.

- Oh, maldito seja. Você é o dragão?

Ele esboçou um sorriso.

- Temo que sim.

Era o homem do sonho contra o qual ela tinha arremetido com todas as suas forças, não havia uma hora. O rosto de Nineva se crispou.

- Eu sinto muito. Sabia que algo mau me perseguia, e quando você apareceu...

Ele levantou as sobrancelhas azuis.

- E deu por certo que era eu?

Nineva sentiu que as bochechas ardiam.

- Não quis arriscar-me a que não fosse.

- Suponho que é compreensível tendo em conta o que acaba de passar. - A olhou com semblante pensativo - Por certo, a potência do fogo foi impressionante. A última vez que alguém me atacou tão forte foi outro dragão.

- Devia tê-la jogado em Arralt. - Suspirando, voltou a transformar sua armadura em uma camiseta vermelha e jeans - Talvez não estivéssemos nos metidos nesta confusão.

Ele entrecerrou os olhos rubis enquanto a estudava.

- Sabes que está resplandecendo. Esse sinal...

Nineva lançou um olhar a Marca da Deusa. O tecido que deveria tê-la ocultado, contudo a luz o atravessava como a luz de uma lanterna, brilhando com mais intensidade que o habitual, depois de haver utilizado seus poderes. Seu coração recobrou algo da força ao vê-la.

- Ainda estou unida a Semira. Pelo menos podemos usar esse vínculo para encontrar a espada. – Se essa conexão durasse, talvez ela não tivesse falhado. Mas, enfim.

E o dragão era humano, assim que fazer amor com ele para alimentar a deusa não era algo impossível. Só terrivelmente incomodo. Como ia fazer para explicá-lo?

E quanto aos pesadelos... bem, não podia dar-se ao luxo de deixar que seguissem detendo-a. Se tinha que morrer para evitar a invasão dos Escuros, que assim fosse. Não importava o que Arralt pensasse, pois ela não era uma covarde e cumpriria com seu dever.

- Que expressão de desalento tão grande. – O guerreiro dragão inclinou a cabeça enquanto a estudava.

- Estou pensando em coisas bastante desalentadoras.

- Não se preocupe menina, já resolveremos. – Estendeu uma mão com brusquidão – Começemos de novo. Me chamo Kel, para servi-la.

Ela pegou a mão com receio. Sentiu que sua pele era quente, suave e forte, completamente humana.

- Nineva Morrow. Assim que é um ser humano que adota a forma de um dragão ou...

- Não. – Kel lhe deu um suave apertão antes e solta-la – Sou um dragão que prefere ser humano. Pelo menos, a maior parte do tempo. Às vezes é muito bom ter mais de dez metros de altura e escamas.

- Sim. Já vi como é. – A mão caiu formigando de uma maneira estranha onde ele tinha pegado.

Nineva viu como fazia aparecer uma porta dimensional com uma volta perita da mão. De repente teve a viva consciência dele: de sua altura, os ombros largos e a elegância daqueles dedos longos afilados. “Seduzi-lo ao menos não ia ser uma miséria.”

- Aonde vamos?

Voltou-se para olhá-la. As fossas nasais se alargaram como se estivesse aspirando seu cheiro. Levantou uma comisura da boca em um sorriso cúmplice e seus olhos arderam.

-A Avalon, minha casa.

Sobressaltou-se, recordando seu dever.

- Mas agora temos que buscar a espada!
- E Avalon está repleto de bruxas que podem ajudar-nos a localizar a sua faca de manteiga mágica. – Sorriu de maneira encantadora e colocou a mão em seu ombro. – Ao que parece, vamos ser sócios, Nineva. Terá que confiar em mim.

Sentiu que as bochechas se esquentavam sob a leve pressão reconfortante daqueles dedos.

- A confiança não é meu forte.
- Sim, já me dei conta. A empurrou com suavidade para o portal – De toda maneira, terá a prova.

Nineva o olhou inquisitiva por cima do ombro enquanto tentava ignorar o crepitar e o ardor que corriam por seu sangue. Logo atravessou o portal.

Arralt, a ponto de explodir de raiva e frustração, saiu do portal dimensional sob uma luz tremula e brilhante. O resplendor o fez grunhir. Quase tinha prendido a pequena cadela. Se aquele mil vezes maldito dragão não houvesse interferido...

Enquanto seus homens, que haviam entrado com ele, o rodeavam, se dirigiu irritado até o enorme vidro que corria ao longo da parede olhou o oceano que estava a centenas de metros mais abaixo. Tinha elegido aqueles alcantilados como uma localização perfeita para sua fortaleza porque se encontrava do lado oposto do planeta dos reinos de Cachamwri e Morven.

E havia elegido bem. Ansgar nunca pode encontrar o esconderijo rebelde de Arralt, e não havia duvida de que seu sanguinário pai tinha procurado, e muito. Dada a força das defesas que os rodeava, o dragão não teria melhor sorte.

Em aberto contraste com a obscuridade do hemisfério dos mortais que acabam de deixar, aqui o sol estava muito alto, brincando nas ondas de cor azul escuro. Ao olhar a estreita franja de praia, divisou a uma sereia imprudente tomando sol nas rochas, os seios nus erguidos, a cabeça inclinada para trás e o cabelo iridescente estendido sobre a pedra negra.

Arralt fez uma careta. Faria melhor ficar mais alerta; a caça das sereias era um dos esportes favoritos de seu exercito.

Durante um momento considerou a possibilidade de descarregar contra ela sua cólera. Seu membro endureceu

só de pensar, mas – ainda de má vontade – resolveu não fazê-lo. Tinha que informar a Varza, que se desgostaria bastante, por assim dizer.

Enquanto girava para a passagem de pedra que conduzia às dependências de sua companheira, seu olhar recaiu em um grupo de guerreiros que estavam de pé, com as cabeças juntas, olhando-o inquietos. Sabendo o que era uma conspiração nas fileiras, Arralt se desviou e os encarou.

- Alguém tem algo a dizer? – Falou em voz baixa e agradável, mas alguns de seus veteranos se estremeceram.

Contudo, um recruta novo carecia da experiência necessária para reconhecer seu humor.

- Meu senhor, tinha um dragão. – Disse com um tom serio e olhar de preocupação.

- Sim.

Arralt apontou o novato, que não teve a sensatez de calar-se, seu olhar mais frio e caustica.

-As lendas dizem que o Avatar da deusa e um guerreiro dragão liberariam Semira da espada. Não deveríamos então...

- O que? Dá-la a esse réptil? – A voz de Arralt se inflamou de desprezo – Entregar nossa deusa a Llyr? Porque esteja certo que esse usurpador esta por trás de tudo isso. Fez que seu “deus” enviasse a um de seus lagartos para tentar enganar-nos. – Lançou um olhar glacial para todos e observou como até o novato se encolhia – A espada da deusa pertence as mãos de seu povo, e seu povo a libertará.

- E a lenda? – A voz do novato era muito fraca – A própria Semira predisse...

- De acordo com quem? Passou milhares de anos. A lenda provavelmente começou com alguma anciã confusa e cresceu a medida que se contava. – Por sua vez, olhava a cada um dos guerreiros nos olhos em busca de sementes de rebelião e incredulidade. Necessitava de todos os homens que tinha, mas os mataria sem misericórdia nem vacilação se fosse necessário. – Llyr conhece a lenda e trata de usá-la contra nós. Ou acaso quer ser governado por esse fantoche e a puta mulher lobo? – O jovem guerreiro de rosto pálido não respondeu. Arralt rugiu. – Quer?

- Não, meu senhor. As palavras soaram com fervor que tranquilizava – Você é nosso legitimo rei.

- Conta com nossa lealdade, meu senhor. – Era um de seus veteranos, um Sidhe cheio de cicatrizes e olhar duro,

claramente reconhecendo o perigo do memento, e girou para os demais – Levantem suas vozes por nosso future rei!

Os homens gritaram a uma só voz: "Arralt! Arralt! Arralt!".

Arralt notou com um gesto austero de satisfação que o novato era o que gritava mais alto.

Bem, não seria necessário matar ao pirralho. De todas as maneiras, seria melhor que perdesse a vida numa batalha.

Não era que Arralt não sentisse a tentação. A irritação, contudo inflamava seu sangue e nada teria o agradado mais que estripar a esse imbecil ali mesmo. Mas não se desperdiçavam bens por um capricho.

Fez um brusco sinal com a cabeça a seus homens, deu meia volta e se retirou, dirigindo-se a grandes passos a sua habitação. Seus pensamentos se deslizaram sombriamente para o próximo enfrentamento com Varza. Desviou o rumo e subiu um par de escadas estreitas de pedras, enquanto as botas de sua armadura ressoavam. A medida que subia, as veias do quartzo brilhavam sob a luz das tochas.

A fortaleza oferecia o aspecto do baluarte tosco que era, e não via nenhuma razão para desperdiçar magia em bobearias. Havia escavado um labirinto de habitações e corredores na pedra negra dos alcantilados: refúgios, uma cozinha e um restaurante, lugares para entretenimento e quartos para interrogatório. O mobiliário era igualmente tosco: cadeiras e mesas de madeiras feitas a mão e catres de feno que serviam de camas. Os moveis, trazidos por arte de magia, podiam se mais elegantes; mas também tendiam a desaparecer quando alguém acabasse com seu criador.

As próprias habitações de Arralt se encontravam no mais profundo do alcantilado. Pessoalmente, ele teria preferido ter uma vista melhor, mas a Varza não interessava a luz. Ao chegar a grossa porta de madeira, abriu-a de um golpe e entrou. Era um refugio cheio de opulência.

A luz de um fogo mágico lançava reflexos de ouro, pedras preciosas e suntuosa marchetaria. Sua amante gostava de estar rodeada de beleza e não via nenhuma razão para não satisfazê-la.

Através das cortinas diáfanas que rodeavam a cama, viu que uma figura se levantava sobre o grosso colchão de plumas. As cortinas se separaram como se houvesse soprado uma brisa repentina e revelaram a uma mulher, exuberante e nua, com o cabelo que caia como uma cascata

de bosque verde sob a luz das tochas, e o corpo tão branco como a neve recém caída.

Mesmo agora se encontrou ele descobriu que desfrutava do senso de espetáculo de Varza.

Em um tempo, se chamava Ceredith e foi uma beleza franca e risonha que o tinha amado com toda a paixão de sua alma sensível. Ele lamentava a perda, mas em certas ocasiões tinha que fazer sacrifícios.

Os olhos que uma vez tinham sido de um azul safira agora se mostravam amarelos e duros enquanto examinavam sua cara.

- Fracassou.

Arralt se colocou tenso ante a fúria que invadia aqueles olhos.

-Cachamwri sabia, pois mandou a um de seus dragões. A maldita besta se apoderou dela. – Extraiu a Espada de Semira da bainha que levava sobre o ombro e a colocou em cima da cama. – Ao menos impedi que ela escapasse com a espada.

Varza entreceitou os olhos amarelos com um inesperado interesse.

-O dragão, que aspecto tinha?

Arralt encolheu os ombros.

- Azul, é claro. Cachamwri conhece essa lenda idiota. Até meus homens estavam dispostos a ceder o aço ante a criatura.

Ante sua surpresa, um sorriso frio cobriu lentamente o rosto de Varza.

- Não é uma lenda idiota, meu amor. Mas talvez se trate de uma oportunidade que podemos usar.

Arralt virou para olhá-la, desconcertado.

- Não creio que haja algo de verdade nela.

- Se houver...

Ela riu com um ronrono sedutor.

- Não temas, meu general. Até as verdadeiras profecias podem se alterar e adotar uma nova forma, se tem suficiente habilidade e poder.

- Que tem em mente?

- Oh, muitas coisas. A luz do lugar pintava de dourado as voluptuosas curvas de seus seios, e seus dentes pareciam branquíssimos em contraste com os lábios vermelhos – Mas devo pensar um pouco mais. Enquanto isso, a respeito do rapto...

- Não é tão simples infiltrar homens suficientes no lugar. Há séculos que Llyr vem frustrando complôs de

assassinatos e tem uma especial atitude protetora com sua puta loba.

Seu sorriso era misteriosamente sedutor.

- Porque não deixa que eu me preocupe com isso?

Ele sorriu por sua vez.

- Por que Varza...? O que tem em mente?

- O que faço de melhor.

A um gesto de suas mãos, a magia o envolveu por completo fazendo-o girar. A armadura desapareceu em um instante. O enfado e a frustração persistente se desvaneceram quando ela esticou uma mão e começou a acariciá-lo luxuriosamente com seus impuros olhos amarelos.

Nineva olhava boquiaberta enquanto virava em meio da enorme praça, sem perder nenhum detalhe dos chalés e castelos que brilhavam na noite como lanternas mágicas. As ruas de pedras estavam vazias, ainda que parecia ouvir risos e músicas ao longe

- Não creio que ainda estejamos no Kansas.

- Não exatamente, Dorothy¹¹. – Kel a segurou pelo cotovelo com surpreendente delicadeza. – Vamos. Te apresentarei ao mago.

Ela observou seu perfil quando ela a conduzia pela praça.

- Para ser um dragão de dez metros, parece que conhece a cultura popular americana.

Ele sorriu, mostrando os dentes brancos.

- É parte do trabalho.

- De ser dragão?

¹¹ - Dorothy – Personagem principal do *Mágico de Oz*, que vive no Kansas. (N. T)

- De ser um cavaleiro da Távola Redonda.

- Muito bem, estou formalmente surpresa.

- Afetamos a muitas pessoas dessa forma. – Rompeu em uma gargalhada, sonora e masculina.

Algo se ficou tenso na parte baixa do ventre de Nineva com um calor doce. Seduzi-lo não seria penoso, sem dúvida, ainda não teria a menor idéia de como fazê-lo. Que iria decidir? “Tenho consciência de que somos de espécies diferentes, mas minha deusa disse que precisamos jogar uma partida rápida de lagartos que saltam. Mas, por favor, não me frite enquanto o fazemos.”

Ah, sim, isso ia ser um papo divertido. Engoliu saliva e tratou de encontrar um tema qualquer de conversação.

- Onde estamos? Acreditei que vocês, garotos, vivessem em cavernas. – Quando era menininha, havia construído uma casa com caixas de papelão para seu “dragão”.

- E o fazemos. Esta não é a Terra dos Dragões. É Avalon.

- Para onde foi Arthur quando morreu?

Sempre a encantou ler sobre os cavaleiros da Távola Redonda quando era pequena.

- Ah, sim, só que não morreu, Arthur é muito forte para que o matem. – Kel sorriu meio forçado, - Deus sabe que muitos tentaram.

- Segue vivo? - Isso o convertia em um ser imortal – O que ele é? Um Sidhe?

Seu pai não havia lhe mencionado isso. Pensando bem, as histórias que ele havia contado e que tanto a fascinavam eram mitos humanos sobre o paladino celta. Mas ele havia vindo para a Terra Mortal dezesseis séculos antes e desde então podia haver acontecido muitas coisas.

Kel a olhou, com um sorriso retorcido na boca.

- Não, Arthur é humano. Ou era.

- Então o que era agora.

Kel inclinou a cabeça para o céu. Como se refletisse no que ia dizer.

- É complicado.

Nineva ofegou.

- Isso sim que é uma boa ajuda.

- Olha, será muito mais acreditável depois que o conhecer.

Moveu a mão para a parte baixa das costas de Nineva guiando-a pelas escadas de um edifício grande e de estilo romântico cujas colunas de pedra branca recordavam a ela um templo. A palma de sua mão provocou uma sensação deliciosamente cálida através do tecido da camiseta, como se a pele dele fosse mais quente que a de um humano.

Isso compensava a idéia de que os dragões eram de sangue frio.

- Vive aqui então, ou nas Terras dos Dragões? Seu perfil se voltou austero.

- Faz mil e quinhentos anos que não vivo nas Terras dos Dragões.

Nineva pestanejou.

- Por que não?

O sorriso de Kel não chegou aos olhos.

- Crítica desleal. Traição. Amigos que olhavam para o outro lado enquanto assassinavam a minha mãe. O de sempre.

Nineva se estremeceu.

- Sinto muito.

- Foi há vários séculos.

- Meus pais também foram assassinados.

Não teve a intenção de dizê-lo. As palavras saíram espontâneas ante a surpresa de encontrar que tinha algo em comum com aquela criatura de mitos e pesadelos.

O sorriso fictício de Kel desapareceu quando abriu um das sólidas portas do edifício.

- Não quis trazer más recordações. Que passou?

- Salvei um cachorro.

- Como disse?

- Atropelei um setter irlandês do vizinho com o carro, assim que me abaixei e o curei. – Nineva entrou no edifício, sem saber por que se sentia obrigada a confessar tudo aquilo – Eu sabia que não podia que usar meus poderes, mas o fiz de todas as formas. O rei Ansgar me persegue desde que nasci, assim que senti minha magia e enviou a seus assassinos. Meu pai me obrigou a escapar, enquanto ele e minha mãe os distraíam. Eles... – O resto das palavras se negaram a sair, assim que fechou a boca ressecada e encolheu os ombros.

- Lamento. – Entrou e fechou a porta detrás, enquanto a observava com olhos cheios de compaixão – Devia ser muito jovem.

- Dezesete anos. Grande o bastante para saber.

- Não está sendo demasiado dura com você mesma? Dezesete anos é pouca idade, até para as normas humanas. E você é uma Sidhe. Nem sequer tinha um século.

- Sou meio humana. Ademais, pareço uma menina?

A olhada que ele devolveu era rotundamente masculina... e aprovadora.

- Não, abençoado seja Cachamwri.

Não muito segura do que sentia devido ao calor de sua olhada, Nineva se deu a volta e fingiu examinar ao redor. Levantou as sobancelhas, ao tempo que assimilava tudo.

- Oh!

Estavam de pé em um grande vestíbulo de mármore com um trecho que se elevava três pisos por cima de suas cabeças. Uma quantidade igual de mármore brilhava sob

seus pés em lajotas que alternavam em branco e negro, e umas imensas colunas se erguiam como resplandecentes árvores brancas cuja parte superior suportava os contrafortes dourados do teto.

Mas o que chamou a atenção foi a estatua de bronze que ocupava o centro do átrio. Nineva se acercou dela e se deteve a olhar.

Um homem de barba e cabelos longos com uma armadura de couro cru se ajoelhava frente a um jovem esbelto vestido de toga e a uma delicada mulher. O contraste entre a força enorme do guerreiro e a esbelta elegância do casal era espantoso. O mesmo que o respeito reverencial da expressão do homem, que esticava uma mão grande e cheia de cicatrizes para pegar a taça que o jovem lhe oferecia.

Nineva deu uma volta ao redor para ver melhor o casal e...sufocou um grito. Em lugar dos olhos de bronze que esperava, o recipiente para os olhos estavam cheias de enormes caracóis de magia infinita, e brilhantes. Era algo hipnótico, como olhar o espaço infinito.

- Quem são?

A voz saiu com um sussurro estrangulado. – Arthur, Merlin e Ninian¹².

Virou-se piscando, atônita. Na lenda Arthuriana, Ninian era a bruxa amante de Merlin que havia o encarcerado em uma caverna de cristal.

- Pensei que Merlin era um velho de barba.

Kel grunhiu.

- As legendas interpretaram mal...junto com quase noventa e nove por cento de todos os demais.

Ela notou que a taça que ele sustentava brilhava.

- Que supõe que é isso, o Santo Graal?

- Eu não o chamaria exatamente santo. Não era o Cálice de Cristo, outra das coisas que as legendas interpretaram mal.

Nineva deixou de prestar atenção a taça para examinar seu rosto.

- O que era então?

- Que me matem se sei.

Seu tom alegre a fez sorrir.

- Pois sim que é de grande ajuda.

¹² – Ninian, Nimue ou Vivian: Era conhecida como A Dama do Lago, nas lendas do Rei Arthur. Marion Zimmer Bradley em *As Brumas de Avalon* considera que cada uma delas é um personagem diferente. Resolvi usar o mesmo nome que se usam em outras literaturas, diferentes de *As Brumas de Avalon*. (N.T.P.)

- Eu tento. - Lançou um sorriso masculino e zombeteiro - Mas posso dizer o que tinha dentro.

"Está me paquerando."

- O que?

- Alterava a estrutura genética de todos os que tinham o direito a beber dela.

Nineva parou com a boca aberta.

- Em 500 depois de Cristo?

Ele se encolheu os ombros.

- Merlin não era exatamente um homem do século VI.

- Que diabos eram então?

- Não, mas está perto. Ele e Ninian eram alienígenas que provinham de algum lugar do Mageverso.

Ela retrocedeu.

- Eles eram Escuros?

- Outros alienígenas diferentes. Ele e Ninian eram membros de uma raça que se chamava Fae...

- Essa não é outra palavra para referir-se aos Sidhes?

- Os celtas se confundiram. - Se encolheu os ombros.

- São duas raças de povos mágicos e eles os misturaram.

- Entendo. - Nineva estava mais que confusa. - Então por que Merlin e Ninian vieram a Terra?

Kel virou e examinou a estatua, titubeando, como se buscasse as palavras apropriadas, por fim disse:

- Os Fae tinham visto que muitas raças inteligentes cometiam suicídios em massa. Parece que a raça humana não é a única que tem a patente da estupidez. A guerra, os desastres ambientais ocasionados contra si mesmos, as enfermidades originadas por engenharia biológica...existem muitas formas de que uma espécie se extinga.

Nineva fez uma careta.

- Nem me diga! E eu que pensei que fossemos os únicos com essa predisposição.

- Receio que não. De todas as formas, os Fae queriam evitar essas formas de extinção. Viajam de planeta em planeta criando campeões entre cada raça inteligente que encontram.

A tarefa dos campeões era guiar a seu povo a maturidade.

-Por que os Fae não aparecem para as pessoas e dizem: "Não façam estupidez!"

- Ao que parece, tentaram. Não funcionou. Decidiram que o melhor era dar a eles outras espécies as ferramentas para sobreviver e deixar o resto a eles.

Nineva pensava nas conseqüências enquanto examinava a estatua do Graal.

- Então a taça de Merlin fez de Arthur e seu povo, imortais. Provavelmente, também lhes concedeu fazer magia, certo?

- Os seres humanos normais não podiam usar as forças místicas porque a física não o permitiria. Era impossível fazer feitiços na Terra Mortal a menos que se recorra ao Mageverso para fazê-lo.

- É um pouco mais complexo que isso.

Ela sorriu com secura.

- Por que será que não me surpreende? Muito bem, me rendo. Como?

- As mulheres podem fazer feitiços, como você disse. E são sumamente poderosas. A chamamos Majae¹³

- E os homens?

Kel pigarreou.

- A verdade é que são vampiros.

¹³ - "Maga"ou "Maja": é o nome com que denominam as bruxas no Mageverso. "Majae" é o plural. (N.T.E)

Capitulo 5

- Vampiros? - Nineva ficou quieta, olhando-o assombrada. Ele parecia muito serio. - Quer dizer como os mortos, os demônios que chupam sangue?

- Que parte dos "noventa e nove por cento das lendas são lixo" não entendeu?

- Pelo amor de Deus, não disse nada sobre vampiros. Por que Merlin quis converte-los em vampiros?

- Porque Merlin era um vampiro e sua espécie evoluiu dessa maneira. É...

- "...Um pouco complicado". Sim, isso eu entendi. - Nineva meneou a cabeça. - Se não soubesse que é um cavaleiro dragão, pensaria que está me gozando.

Kel levantou as sobancelhas cobalto.

- O cavaleiro dragão?

- Levará mais tempo em contar essa historia que a tua.

Ele ficou quieto por um instante, mas logo balançou a cabeça a contragosto.

- Então terá que esperar. Athur me disse que me apresentasse quando lhe trouxesse aqui, e já estamos atrasados em demasiado. Vamos. – Agitando o casaco de couro com cada passo que dava, avançou a frente pelo corredor.

Nineva admirou a largura de seus ombros durante um momento, antes de segui-lo depressa. Caminhava com um passo solto e felino que a fez amaldiçoar em silêncio o casaco que o envolvia; pois teria ficado encantada, de verdade, ver seu traseiro.

“Olá, Dragão? Se supõe que tenho que seduzi-lo.”

Vá, era isso. Nineva, hesitante, considerou um momento o problema da sedução. Nunca tinha tentado seduzir a alguém; no geral, ela tinha sido seduzida. De todas as formas, nenhuma de suas experiências amorosas era especificamente digna de recordar e tinham sido mais bem produto da sociedade de que um desejo real. Houve momentos em que ela teria feito qualquer coisa para se conectar a alguém, incluindo se esse alguém fosse um gorila de discoteca, uma moto, ou um homem de negócios bonachão. Duas aventuras amorosas e uma duvidosa relação de uma só noite não eram uma grande contribuição para um histórico sexual. Nem tampouco para se hábil no dormitório.

Suspirou.

Kel a olhou por cima do ombro.

- Algum problema?

- Só considerando meus pontos fracos.

Olhou-a com um sorriso brincalhão.

- Isso não deve levar muito tempo...a lista deve ser pequena.

A calidez de seu olhar levantou seu espírito e sorriu.

- Suponho que a galanteria forma parte dos cavaleiros da Távola Redonda.

- Sim. – Seu olhar se fez mais cálido ainda – Mas o mesmo acontece com a honestidade.

- Oh, você é bom.

Agora seu sorriso se voltou mais sugestivo.

- Isso me disseram.

Antes que ela pudesse levantar outra saraivada de perguntas, ele empurrou a porta de madeira maciça e ficou para trás para deixá-la passar.

- Começo a estranhar os soviéticos – resmungava uma voz masculina quando entraram. – A beleza da coisa é que

ateus não acreditam que vão para o céu se explodirem o maldito planeta.

Detrás de uma enorme mesa semicircular tinha uma dúzia de homens e mulheres sentados em um tablado. Em frente de reluzente nogueira foi cortado com várias cenas de cavaleiros e damas que estavam lutando, realizando feitiços e bebiam do mesmo graal representado na estatua da entrada. Um enorme lustre de cristal em forma de espadas pendurado na parte superior e um espesso tapete vermelho amortecia suas pisadas, enquanto Kel conduzia a Nineva até um dos poucos assentos vazios da audiência que acontecia.

Tratou de não permanecer com a boca aberta enquanto olhava para o grupo que estava atrás da mesa. Em contraste com a riqueza do entorno, a maioria dos doze estavam vestidos de maneira informal – jeans, calças e camisa de algodão ou de linha – ainda uma mulher vestia um traje escarlate escuro, que realçava seu cabelo negro e a pele branca e perfeita.

Contudo, um homem de barba e cabelo escuro que estava falando quando eles entraram, chamou a atenção de Nineva. Apesar da constituição robusta, não era o homem mais alto que havia na habitação nem era o mais elegante, ainda tinha algo nele que deslumbrava. Por estranho que parecesse, vestia uma camiseta negra com a figura de um cavaleiro sem braços nem pernas na parte dianteira com os dizeres: “É somente uma ferida da carne”. Seu aspecto lhe resultava familiar...

Nineva piscou e o reconheceu por causa da estatua do vestíbulo. Inclinando-se sobre Kel, sussurrou:

- O rei Arthur é admirador de Monty Python?^{1*}
- Sim, mas por amor de Cachamwri, não lhe de corda para que comece com o sketch^{2*} do papagaio. Em seguida cantará “Sou uma camisa de lenhador”. Já tenho suficientes feridas emocionais sem ter que pensar em Arthur com roupa de outro sexo.

Mesmo com seu suposto gosto pelas comédias britânicas dos anos setenta, a expressão de Arthur era severa quando dirigiu sua atenção para um homem de cabelos escuros sentados junto a uma linda loira na primeira fila.

- Reece, que progresso fez?

^{1*}- Nome de um grupo de artistas de televisão, cinema e teatro inglês caracterizado por seu humor delirante, corrosivo e surrealista que combinavam canto e travestismo, entre outras coisas. O sketch do papagaio e a canção da camisa do lenhador são bastante conhecidos. Entre suas muitas produções está “Monty Python e o Cálice Sagrado. (N.T.E.)

^{2*} - Sketch: Quadro de programas, geralmente humorísticos. (N.T.P.)

O homem se pôs de pé e enquadrou seus impressionantes ombros como se tivesse más notícia que não lhe agradava relatar.

- Lembra-se daquele agente da Al Qaeda que eu tinha recrutado?

Arthur fez uma careta.

- O pegaram espionando para nós.

- Não, os americanos o capturou.

- Merda. Diga a nossos amigos da CIA que o soltem.

- Muito tarde. Os terroristas sabem que o prenderam.

Ainda que o solte do cárcere, presumirão que o mudaram. Dentro de uma semana estaria morto.

- Foda! – Arthur apontou com o cenho franzido aos que o rodeavam na mesa. – Temos que fazer algo com essa confusão, gente. Temos que nos infiltrar nessa gangue.

A loira elegante que estava a seu lado falou.

- Mas ainda que desarticulemos a Al Qaeda, tem dezenas de grupos de fanáticos excêntricos e loucos inteligentes para ocupar seu lugar. Jamais faremos nenhum progresso até que possamos conseguir que os Mulá extremistas deixem de pregar o assassinato como um caminho para o paraíso.

Nineva enrugou a testa e se inclinou, sussurrando a Kel:

- Não entendo; Por que não enfeitiça os Mulá e lhes diz para que parem.

Arthur levantou uma sobrancelha escura.

- Porque Merlin nos disse que não fizéssemos. Esta é a princesa das fadas, Kel?

Kel se pôs de pé com um salto. Depois de um instante, Nineva fez o mesmo ante um gesto seu.

- Nineva Morrow, princesa dos Sidhes do reino de Morven.

- Também garçone e maga em tempo parcial – resmungou, tratando de não se remexer inquieta sob os olhares que se dirigiam com interesse em direção a ela.

- Disse que era uma garçone? – perguntou Arthur, com os lábios curvados em uma careta divertida.

- Os vampiros têm um ouvido muito apurado. – Lhe disse Kel.

Ah, grande.

- Sim, Sua Majestade. Estou em uma espécie de...exílio. – O débil sorriso de Arthur se transformou em um enorme sorriso.

- Deixa o "Sua Majestade", criatura. Faz séculos que não sou rei.

- Não acredite. – murmurou um dos outros homens – Arthur será rei até o dia em que o arranquem com os pés por diante.

Arthur ignorou de maneira deliberada os sorrisos em sinal de concordância.

- Me alegro que tua missão fosse um sucesso, Kel.

- Não...de tudo. – Lhe relatou laconicamente o resgate de Nineva e a perda da espada.

Quando terminou, os que escutaram franziam o cenho.

- Gostaria de saber o que Grim pensa desse embrulho. Eh, Grim...

A magia explodiu em seu cotovelo com um redemoinho de faíscas que se fundiram em um volume enorme encadernado em couro que se abriu de um golpe sem que nada o tocasse.

- Me chamou, senhor dos Mage? – Sua voz era profunda e transluzia um som como paginas que se folheava.

- Sim. – Fez um sinal a Nineva para que se aproximasse – Vem aqui, menina. Vejamos o que Grim pode dizer-nos.

Nineva se levantou e seguiu Kel para o tablado.

- Grim? – Sussurrou.

- O Grimório, o livro de feitiçaria de Merlin. Deixou-nos como uma base de dados mágica.

- De acordo. – Tragou a saliva enquanto se aproximada do tablado e olhava as paginas abertas do livro. Era igual olhar o céu noturno sem nuvens: um negrume absoluto onde giravam as estrelas. A inesperada visão momentânea do infinito fez com que a cabeça lhe desse volta e piscou.

As paginas eram simplesmente paginas, cheias de palavras de uma língua que quase podia ler. Contudo, o sentido mágico delas parecia ter uma presença física, uma espécie de peso psíquico.

- Apóia tua mão em mim. – disse o livro com sua voz sussurrante.

Nineva passou a língua pelos lábios e obedeceu: Logo a retirou, sobressaltada. Em lugar da fria suavidade do papel, a página dava a impressão de ser carne viva, quente e flexível.

- Está vivo!

- Esta é rápida – disse Grim, reluzindo diversão em sua voz.

Arthur estendeu o braço, a pegou pelo punho e apertou a palma de sua mão contra a página.

- Deixa de gozar, Grim.

- Como quiser. – Disse este, a magia de sua mão fluindo em abundância, formigando e com gosto metálico. Como cobre e sangue. – Poder. – Sussurrou o livro – Ela tem poder. Sua deusa se engendrou certamente nela. Arderá com tanto brilho...

Nineva estremeceu.

- Mas ela é boa ou má? – Imediatamente a voz de Arthur foi fria e implacável.

- Boa, é claro. Seu pai conhecia seu ofício. Ela se entregará ao fogo para salvar-nos a todos.

- Não. – Sussurrou, enquanto sentia como se uma pedra lhe caísse no estômago. – Por favor, não.

- Não temas, menina. Não será tão mal como isso.

- Que fogo? – Kel pareceu alarmado.

- O teu.

- De que merda está falando?

- Da necessidade.

- No geral, não é tão crítico, Grim. De que vai nos salvar? – Perguntou Arthur, examinando atentamente com os olhos entrecerrados.

- Dos Escuros.

- Que? – Se ouviu um coro de todos os que estavam no ambiente, umas vozes eram de raiva, outras de perplexidade.

- E as defesas de Merlin? – Perguntou a mulher de trajes vermelhos abruptamente, com cara de poucos amigos. – É claro que mantém longe aos alienígenas safados.

- Isso fazem. Nossos inimigos têm a intenção de encontrar um meio de destruir-nos.

- Quando darão esse passo? – Perguntou um dos homens – Como podemos detê-los?

- Isso não está claro. Há muitos caminhos adiante, mas todos eles implicam na participação da menina e da espada de Semira.

- Grandioso – Grunhiu Arthur – Simplesmente grandioso. – Girou para a mulher vestida de vermelho – Faça correr a voz. Averigua se alguém teve alguma visão disso...

- Eu tive. – Disse Nineva.

Kel moveu rápido a cabeça para ela.

- O que viu?

Ela encolheu os ombros.

- Criaturas com chifres de aspecto demoníaco, que atravessavam uma porta dimensional na Times Square.

- Algum indicio de quando será?

Nineva enrugou a fronte e meneou a cabeça a contragosto.

- Me parece que não.

Arthur esfregava a fronte como se lhe doesse a cabeça.

- É melhor que veja a Llyr com isso. Pode ser que tenha algumas idéias, ainda que de todas as maneiras quererá falar contigo sobre a espada.

Nineva se colocou rígida de pânico: no ultimo momento censurou instintivamente um: "Maldito seja, não!" substituindo por um:

- Preferiria que não...

Arthur entrecerrou os olhos perigosamente.

- Não foi um pedido.

- Senhor, o rei dos Sidhes de Morven assassinou os meus pais. Passei toda minha vida fugindo dos assassinos. Não tenho nenhuma intenção de por-me agora nas mãos de outro rei. – A preciosa cara de Arthur se voltou majestosa com a cólera fria, mas Nineva se negou a baixar os olhos. Ele não era o único que tinha sangue real. – Se insistir, terei que ir.

Arthur mostrou os dentes caninos que tinham crescido.

- Pressupõe que deixarei que fuja, e nessas circunstancias isso é impossível.

Kel queria afundar a cara nas mãos e resmungar enquanto Nineva se enfrentava com Arthur com a mesma tenaz falta de temor que tinha mostrado antes com ele.

- Diz que sou sua prisioneira? – Perguntou com a voz tão fria como a expressão de Arthur.

Kel viu pelo canto do olho que um globo de força começava a rodear-lhe a mão. Pegou-a pelo pulso e empregou sua própria magia para sufocá-la. Aquilo foi o que necessitava para que ela lançasse uma bola de fogo em Arthur diante dos bruxos mais poderosos do Mageverso. Iriam feri-la como a uma mosca com um inseticida.

- Perdoe-a, meus senhores. Teve um dia muito difícil.

- Conseguiu esboçar um sorriso rígido e apertou-lhe a mão em sinal de advertência – E eu também, já que o próprio Cachamwri me ordenou que a protegesse.

“Assim não me obrigue a protegê-la de vocês.”

Parecia que Arthur reconheceu a suplica que Kel tentava transmitir, porque o antigo e alto rei se relaxou em seu assento com um grunhido. Ficou sem dizer nada durante um longo momento.

- Ansgar era um psicopata e eu odiava seu estranho amor. Alegrei-me quando ouvi que tinha sido morto. Contudo, Llyr Galatyn é um bom rei e já provou ser um aliado dos Mage. Não é como seu irmão, e não te ferirá.

- Com o devido respeito, sou uma rival de seu trono. Não pode dar-se ao luxo de fazer outra coisa. – O músculo de seu delicado queixo ficou tenso.

Arthur ficou perigosamente imóvel.

- Planeja encabeçar um golpe, Nineva?

Ah, maldição. O olhar de Kel se dirigiu rapidamente para o rosto de Nineva enquanto retesou todos os músculos e lhe deu outro apertão de advertência na mão. “Não diga nenhuma estupidez.”

- Senhor, quero me afastar o mais possível dos rebeldes de Morven. Qualquer um que ajude aos Escuros a nos invadir não é alguém com que queira relacionar-me.

- Desculpa, menina, mas não te deixarei se evadir da pergunta. Propõe se apoderar do trono de Llyr?

Nineva levantou o queixo.

- Não tenho nenhuma intenção de me apoderar de nada. Mas se me oferecerem, não o rechaçaria.

Arthur riu. Kel sentiu alívio ao ouvir que o fazia com autêntica diversão.

- É uma resposta honesta e, já que é uma princesa, não esperei outra coisa.

Morgana Le Fay falou em voz alta, inclinando do cotovelo revestido de escarlata sobre a mesa.

- Por desgraça, isso não resolve o problema que temos em mãos. Temos a obrigação de informar a Llyr sobre a situação e de qualquer forma, se vamos repelir a invasão dos escuros, necessitaremos de toda a ajuda que pudermos obter.

- De informar, sim – apontou Kel – Mas isso não significa que temos que entregar a Nineva, presumindo que peça.

- O fará – disse Nineva de modo cortante.

Morgana inclinou de um lado sua cabeça escura.

- O que te faz dizer isso?

Nineva encolheu os ombros e abaixou a gola de sua camiseta para mostrar a Marca que brilhava em seu peito.

- Sou o último Avatar da Deusa, a primeira mulher nascida com a Marca de Semira em quinze séculos, e muitos Sidhes de Morven me veriam como sua legítima rainha. Llyr não pode deixar-me ir livre.

- E Cachamwri te quer a salvo – disse Kel com impaciência – Llyr não te fará nada, em especial se você e a espada que possui são tão importantes para deter aos Escuros.

- De um modo ou de outro, marcarei o mais rápido possível uma reunião com Llyr – lhes disse Arthur – Não insistirei em que esteja presente, ainda que te aconselhe com absoluto convencimento. Uma vez que conheça Llyr, te dará conta de que seus temores são infundados. De todas as formas, não permitiremos que te tomem como prisioneira.

Inclinou a cabeça com uma expressão impassível no rosto.

- Obrigado, senhor.

Kel teve a clara impressão de que ela não estava convencida. Pigarreou.

- Enquanto isso, meu senhor, me dá permissão para ajudar a Nineva a buscar a espada?

- Claro. – Arthur assentiu em tom cortante.- Verei se posso conseguir que Llyr nos ajude com isso. Seus recursos encurtariam consideravelmente as buscas.

Nineva se agitou inquieta como se estivesse a ponto de protestar, mas mudou de idéia, Kel decidiu que era melhor colocá-la a salvo antes que ela perdesse o controle e fez uma reverência ante o concílio.

- Então, com vossa permissão, deixarei que Nineva se instale e pela manhã começaremos a nossa busca.

- Vá e dê-lhe de comer, está bem? – Arthur lançou um olhar rápido para o rosto de Nineva – Parece meio pálida.

- O farei. – Kel a tomou pelo braço e a conduziu até a porta. Ela ia com ar de uma mulher que dava graças por escapar.

Quando deixaram os aposentos do concílio, considerou e descartou uma dúzia de modos de dizer a ela como enfrentar melhor a Arthur Pendragon e seu infame temperamento. Apesar de que, tento em conta tudo, seu amigo havia se comportado com bastante contenção.

Kel olhou o delicado perfil de Nineva quando começaram a caminhar pelo corredor. Tinha aspecto de estar tão esgotada, que descartou a conversa.

- Arthur tem razão: está pálida. Alguma preferência na seção de alimentos?

- Em realidade, não. – Logo lhe lançou um olhar cauteloso. – O que está pensando?

- O que te parece um pouco de lasanha? Parece que viriam bem um pouco de carboidratos a você. – Vendo que arqueava as sobancelhas loiras, sorriu. – O que? Esperava uma virgem assada?

- É claro que não. – Protestou demasiado rápido.

- Bem, porque há séculos jurei não comer virgens ao forno. Dão-me bolas de pelo no estomago.

Em lugar de rir como esperava, Nineva afastou o olhar.

- O que está pensando? – Amaldiçoou ao lembrar-se da previsão de Grim – Pensa de verdade que atearei fogo em você.

- Teu próprio livro pensa isso, ao que parece.

- Por uma vez Grim está equivocado. É impossível que eu faça semelhante coisa.

- Nem sequer para salvar-nos dos Escuros?

- Nem sequer para isso. Para começar, não fazemos sacrifícios humanos: esse joguinho asqueroso fazem eles. Mas ainda que o fizéssemos, eu não teria nada que ver com isso. Não atearia fogo nem ao meu pior inimigo, muito menos contigo.

- Grim disse...

- Grim não está seguro do que vai suceder, você o ouviu. Ver o futuro é um assunto arriscado, no melhor dos casos. As pessoas têm livre arbítrio e podem não eleger o caminho que uma determinada visão propõe.

Ela não respondeu, mas seu olhar era tão sombrio, tão miserável, que ele estendeu a mão e a pegou no queixo. Sentia sua pele deliciosamente suave e quente sob os dedos, mas o medo refletido em seus olhos lhe doeu. Odiava a idéia de ser temido por alguma mulher, em especial por aquela princesa das fadas.

- Como pode pensar que te machucaria?

Não creio que tenha alternativa.

- Sempre tem uma alternativa. – Inclinou a cabeça e tomou aquela boca suave, tremula.

Tinha a intenção de que o beijo fosse um gesto de consolo não de sedução, uma amostra de que ele não era o monstro ameaçador que, ao que parecia, ela acreditava.

Não esperava que o desejo o aferroasse como se lanças o atravessassem.

Seus lábios eram docemente excitantes...Tinham sabor de creme dental mentolado e magia, e o tentaram a aproximá-la mais dele. Seus seios arredondados se apoiavam em seu peito, incitando-o com a promessa de como encheriam suas mãos. Incapaz de resistir, Kel afundou os dedos na seda loira e pálida de seus cabelos e desfrutou de sua fresca sensualidade. O pensamento de que ela o temia encolheu seu coração.

Decidido a reconfortá-la, a beijou mais profundamente.

Os lábios de Kel se moviam sobre os seus quentes e hábeis. Sua língua se deslizava dentro de sua boca com um estímulo lento e sugestivo que tinha sabor de magia e coisas agrestes e escuras. Parecia envolvê-la com a força de seus ombros e seus braços poderosos ao redor de suas costas, de sua cintura.

Havia passado um tempo muito, muito longo desde que a tinham beijado pela ultima vez. E ainda então, não havia sentido nada como aquilo. Apesar de sua instintiva preocupação por aquele que não era de todo um ser humano e suas intenções, apesar do medo pelas predições de Grim e de seus próprios sonos, havia algo nele que a fazia sentir-se segura. Aquecida.

Viva.

A cabeça dava voltas quando ele levantou a dele. Nineva se recostou nele e se concentrou em respirar

- Não sabia que os dragões beijavam. - Os cantos de sua boca travessa se levantaram.

- Os dragões fazem todo tipo de coisas.

- E muito bem, além disso. - Sua boca sensual se alargou.

- Oh, obrigado, senhora. - Considerava seriamente baixar a cabeça para receber outra demonstração de seus talentos quando ela se soltou de má vontade e retrocedeu um passo. - Mas é melhor que te alimente.

Nineva lambeu os lábios, saboreando a Kel. O olhar rubi deste se obscureceu ao seguir o caminho de sua língua.

- Já que insiste...

Kel abriu a boca como para decidir algo, e logo meneou a cabeça.

- É uma menina muito má, Nineva.

Lançou um sorriso lento e provocativo. Depois de tudo, talvez ela tivesse algum talento para aquele jogo.

- Posso ser.

Seus olhos baixaram até a altura de seus seios sob a camiseta antes de afastá-los. Ela o viu tragar a saliva.

Sim, poderia seduzi-lo. Fosse dragão ou não, ele sentia o desejo de um homem. Mesmo com o temor latente, ela sabia que quanto antes o levasse para a cama, melhor. Arthur tinha intenção de reunir-se com Llyr no dia seguinte, o que significava que tinha que enfrentar-se com uma ameaça nova. Tinha que fortalecer a Semira, e esta parecia acreditar que fazer amor com Kel o conseguiria.

Seguiu a Kel até a saída e franziu a testa quando lhe ocorreu uma nova idéia. O que lhe provocaria aquele intercâmbio mágico? O debilitaria?

Se Semira ia extrair dele seu poder, isso parecia ser o lógico. E se era assim, Nineva não teria a responsabilidade de adverti-lo?

Mas, o que aconteceria se ele recusava? Semira ficaria chateada e Nineva teria que encontrar-se com Llyr sem o respaldo da deusa.

Se não contasse, e Semira se alimentava dele enquanto eles fizessem amor, se poria furioso com toda razão. Incluindo a parte da questão moral de que se tinha direito de fazer semelhante coisa, ela necessitava de sua ajuda para fazer que a profecia se cumprisse. Não poderia se dar ao luxo de deixá-lo zangado.

A idéia de vê-lo zangado lhe recordou o sonho vividamente. Deixou de lado um temor instintivo. Ela tinha que deter a invasão dos Escuros. Ponto. Não importava nada mais.

Tinha que contar a ele de tal forma que aceitasse ajudar a Semira.

De alguma forma.

Nineva seguia debatendo-se com o problema quando chegaram a uma montanha majestosa, fora de Avalon. Uma das faces formava um precipício de pedra branca de uns cento e oitenta metros, enquanto flores e árvores floresciam pela ladeira escalonada do costado, abrigado e alimentado pela magia, a despeito do frio invernal.

A pedra tosca do precipício se suavizava a medida que se acercava do sopé, mesclando-se com a pedra e o vidro da residência construída ao estilo humano na base da montanha. Um lago imóvel serpenteava em torno, lançando reflexos dançantes provenientes do céu noturno; e arbustos rodeavam as margens do lago como se fosse uma saia

esvoaçante de mulher. O ar fresco cheirava a magia e rosas.

- Lar, doce lar.

Nineva piscou assombrada ante a elegante e imponente serenidade da cena.

- Você vive aqui?

Kel sorriu com uma careta zombeteira.

- Necessito muito espaço.

Quando olhou mais de perto, notou que a parte superior do precipício estava dominada por uma entrada de uma enorme caverna, sem dúvida uma entrada para a fora de dragão de Kel.

- As vezes me resulta difícil encontrar um lugar para descer para terra. – Lhe explicou Kel enquanto a conduzia por uma vereda calçada com pedras que rodeava o lago. – Isso solucionou o problema.

- É formoso. – A sensação de encantamento na ladeira da montanha iluminada pela lua era quase tão forte que podia saborear na boca. Respirou fundo, enlevada – E aqui tem tanta magia – Sorrindo, traçou um desenho no ar com o dedo indicador, vendo as faíscas seguir sua mão como se fossem vaga-lumes -...que quase posso me afogar nela.

- Entendo que sintam isso, depois de viver toda sua vida na Terra Mortal. – Fez uma careta – Sempre me senti um pouco sufocado ali. Não tem nada de magia. Tem que transportá-la do Mageverso.

As portas duplas da casa se abriram em silêncio frente a eles. Nineva entrou seguindo a Kel, ansiosa para ver o que havia feito com o resto do palácio.

Não ficou desapontada. Mais a frente da entrada se estendia com generosidade um aposento grande com paredes curvas e lisas que se arqueavam para juntar-se no alto. Era como estar parada no meio de um enorme ovo branco. O chão estava recoberto com um espesso tapete de cores vistosas que representava um dragão voando sobre um céu azul deslumbrante. Tinha sofás e cadeiras de cores brilhantes e formas suaves dispersas em todas as partes. O centro do aposento estava dominado por uma chaminé localizada sobre uma coluna de pedra que se engrossava na parte superior na base, como se tivesse crescido na pedra mesmo. E ao fundo da habitação, umas cadeiras majestosas forradas de vermelho brilhante rodeavam uma mesa de jantar de carvalho maciço.

Nineva girou em círculo lentamente, apreciando o teto curvo que se projetava dos pisos e a janela que ocupava a maior parte da parede mais distante.

- Ah, isso é...

- Um pouco exagerado.

Virou-se para encontrar Kel olhando-a com um sorriso seco.

- Em realidade, ia dizer que é impressionante.

Kel atravessou o aposento para uma entrada em forma de arco, atrás da mesa.

- Estive encerrado em uma espada durante os últimos mil e quinhentos anos e estou resolvido a rodear-me de todo espaço que possa obter.

Nineva caminhou interessada atrás dele, examinando as estatuas de bronze colocadas em nichos praticamente em toda a parede. Não era de surpreender que representassem dragões e cavaleiros a cavalo.

- Disse que esteve preso em uma espada? Igual a Semira? – Aquela sim era uma autêntica coincidência.

- Sim, meu tio ficou fodido comigo por fazer-me amigo de Gawain, um dos cavaleiros de Arthur. – A levou até uma espaçosa cozinha com aparatos modernos que não teriam parecido fora de lugar em um restaurante – Para castigar-me, e tirar-me do meio, me converteu em uma espada. Demoramos séculos para descobrir como liberar-me.

Ela fez uma careta recordando a solidão que tinha visto na mente de Semira. Se para a deusa tinha sido tão mal...

- Como fez para não ficar insano?

A expressão de Kel se voltou pensativa.

- Compartilhei a consciência de Gawain e percebi o mundo através de seus sentidos. Incluso fiz uso de sua força de vida, pois do contrario teria morrido de fome. – Se deteve no meio da frase, franzindo o cenho – Sabe, isso me leva a um ponto interessante. Como se arrumou Semira para sobreviver tanto tempo?

Nineva pigarreou.

- Tradicionalmente, tem confiado em seus Avatares para que a ajudassem a sustentar sua magia, princesas reais nascidas com sua Marca.

Ele levantou a vista enquanto pegava alguns alimentos na geladeira.

- Como você?

- Como eu. Mas passaram séculos desde que nasceu o ultimo Avatar e ela se debilitou muito. Antes que

perdêssemos o contato disse que me necessita para ajudá-la a recarregar-se de energia.

Kel se inclinou para pegar no armário duas painéis.

- E como o fará?
- Tendo sexo contigo.

Capítulo 6

Por pouco Kel não deixou cair as painéis.

- Como?

Nineva relatou sua conversa com a deusa de uma maneira natural e franca que não concordava com o rubor que cobria suas bochechas.

- Disse que você é muito poderoso. Suponho que fazer amor com você canalizará essa magia para ela.

- Assim ordenou que tivesse sexo comigo.

Kel enrugou a testa, nada feliz com aquele giro dos acontecimentos. Sim, estaria mais que feliz em colocar as mãos no corpo pequeno e bonito de Nineva, mas só se ela o desejasse tanto como ele.

- Não foi uma ordem.

Kel jogou uma cebola sobre a tabua de picar e começou a cortá-la em rodélas, com golpes longos e violentos com a faca.

- Foi o que me pareceu.

- Sou seu Avatar, Kel. Meu dever é ajudá-la a funcionar como seja, inclusive tendo sexo com você.

- Anda, isso sim que é um elogio.

Uma mão delicada se apoiou em seu braço e a carícia da pele fresca apaziguou seu animo.

- Não é precisamente um sacrifício – disse ela com suavidade. Os olhos opalescentes brilhavam no rosto em forma de coração. - Não sei você, mas eu desfrutei de nosso beijo.

- Eu também. – Sua voz soava rouca em seus próprios ouvidos e os jeans se tornaram definitivamente incômodos. Pigarreou e suspirou. “Que diabos!” – Quanta magia vai necessitar?

Um sorriso de deleite e surpresa se estendeu pelo seu rosto, como se ela não tivesse esperado que ele se

rendesse, o que só servia para provar o muito que subestimava a si mesma.

- Está considerando?

Kel encolheu os ombros.

- Seria hipócrita de minha parte se não o fizesse.

Nineva levantou as sobrancelhas loiras num gesto inquisitivo.

Kel atravessou a cozinha e colocou um punhado de lasanhas na água fervendo.

- O sexo e o sangue alimentam aos vampiros da raça dos Mage. Quando fui feito prisioneiro na espada, as parceiras Majae de Gawain nos mantiveram aos dois com vida. - Colocou a colher de lado e virou-se para ela. - O caso é que Gawain não necessitava de muito sangue e o sexo não debilitava suas parceiras, mas tua deusa não é um vampiro e eu quero saber quanta magia vai consumir.

O rosto de Nineva se voltou tão pensativo que se deu conta de que ela estava pensando em mentir-lhe, mas logo exalou um suspiro.

- Não sei. Não me disse.

- Tem alguma forma de averiguar?

- Me...temo que não. Perdi o contacto com ela, mas não creio que te faça nenhum dano.

Ele foi até a pia para montar a lasanha.

- Não?

- Segundo a profecia, você desempenha um papel muito importante na derrota dos Escuros.

Kel murmurou um palavrão.

- Outra maldita profecia. E esta, o que diz?

Nineva se explicou ao mesmo tempo em que ele preparava a comida. A expressão de seu rosto encantador permaneceu imperturbável e sua voz nunca titubeou. Quando terminou, ficou calada por vários minutos enquanto ele colocava a comida no forno e destampava uma garrafa de vinho tinto.

- Estúpida profecia. - Disse quando ela terminou, enquanto servia o vinho nas taças - Em especial essa parte que diz que arderá com meu fogo e te fará em pedaços e logo renascerás.

- Se parece muito com a previsão de Grim, não acredita?

- O que não a converte em verdadeira.

Nineva encolheu os ombros e aceitou uma das taças que ele oferecia.

- Saiu diretamente dos lábios da deusa e é de supor que ela sabe o que fala.

- Como sabe que é o ultimo Avatar?

Ela deu um gole no vinho.

- Papai contou. Soube vinte anos antes que eu.

Era difícil discutir com isso. Kel fez uma careta enquanto ia até a sala de estar esperando a comida cozinhar.

- Assim que cresceu com isso pendendo sobre sua cabeça?

- Mais ou menos.

- Não é de surpreender que tenha arremetido contra mim na primeira vez que me viu.

Nineva o olhou rapidamente quando se sentaram um ao lado do outro no sofá.

- Não me dei conta que era o guerreiro dragão. Tinha visto seu rosto humano em sonhos, mas não imaginei quem era.

Ele a olhou com um sorriso mal intencionado.

- Que classe de sonho?

Seu rosto voltou a mostrar-se impassível.

- Visões a respeito da profecia.

Aquela frase sucinta foi bastante eloqüente para provocar-lhe uma careta.

- A respeito de "queimar-te com meu fogo"?

- Sim.

Ao olhar seus olhos angustiados, soltou uma maldição.

- Eu disse antes e volto a repetir: não te farei dano e não me importa o que Grim, a deusa, ou suas visões digam.

- Kel pegou sua mão e a envolveu na sua. Sentiu seus dedos frio e frágeis - Não machuco a mulheres e estou seguro de que não te ferirei.

A esperança brilhou nos olhos de Nineva antes que suas pálpebras os ocultassem.

- Não importa. Só o que conta é deter aos Escuros e liberar a Semira.

Sentiu que a raiva o picava.

- Não estou mentindo.

- Tampouco pode controlar tudo o que acontece.

Não tinha a intenção de dizê-lo, mas as palavras saíram de repente sem que pudesse impedir.

- Não está cansada de ser mártir?

Nineva sorriu com amargura.

- Merda, sim.

“Tem medo”, Kel percebeu prontamente. “A educaram para não confiar em nada nem ninguém, nem sequer no aliado que predisse a profecia”. Ao analisar aqueles olhos opalescentes, se disse que tinha que voltar a prová-la. Tinha que reassegurar aos dois que existia outra forma.

Tinha que existir.

Sua boca se abriu para ele quente e doce, e com ligeiro sabor de vinho. Contudo, ela ficou um tanto rígida quando ela a estreitou entre os braços. Kel quase podia sentir que ela se blindara contra ele, mesmo quando se dispunha a ceder.

Como em um calvário.

Por Cachamwri, fazer amor com ela não seria uma coisa a mais que ela teria que suportar. Ele faria que ela adorasse cada segundo tanto como ele.

Com suavidade, utilizando até a mais ínfima partícula de habilidade de habilidade que tinha aprendido durante séculos de observar a Gawain em ação, pegou seu queixo no oco de sua mão e aproximou dela. A sentiu tão delicada e tão pequenina. Sua fada de ferro.

Kel girou a língua dentro da boca de Nineva saboreando e acariciando-a. Movendo seus dedos pelos cabelos alvoroçados e iluminados pela lua, acariciou sua textura fresca e sedosa e respirou o aroma de sua magia. Seguiu a trajetória de uma mecha suave que caia até a elevação de um seio exuberante, colocou a mão em concha nele através da camisa de algodão e o acariciou tão deliciosamente que ela gemeu dentro de sua boca.

Não, aquilo não ia ser um sacrifício para nenhum dos dois.

Nineva ficou com a respiração entrecortada contra a boca de Kel quando seus dedos beliscaram e acariciaram o mamilo. Se a sensação que experimentava através dos tecidos do sutiã e da camiseta era tão maravilhosa, morria de desejo que ele tocasse a pele nua.

“É um dragão”, pensou tratando de aferrar-se a algum vestígio de controle.

Seu corpo não parecia se importar já que estava muito ocupado em arder em chamas de fogo baixo aqueles dedos hábeis.

Ele movia a língua ao redor da sua em um delicioso duelo erótico, incitando-a com a promessa de outras coisas que podia fazer. Acanhada, com a cabeça dando voltas, se separou de sua boca quase se afogando.

Kel aproveitou a oportunidade para explorar com seus lábios o perfil de sua mandíbula crivando com grande delicadeza beijos até o lóbulo da orelha pontiaguda. Deteve-se um momento para morder o lóbulo delicado e incitar depois com a língua até que ela se retorcer.

Uma mão percorria suas costas de cima a baixo por sob a camiseta e com um pequeno puxão dos dedos abriu o fecho dianteiro do sutiã enquanto ela se concentrava naquela boca maliciosa.

A sensação provocada por aquela mão grande e quente que a cobria a fez estremecer cega de prazer.

Não havia imaginado aquilo. Como podia ter feito isso? Ele fazia que seus parceiros anteriores parecessem meninos torpes ou bêbados grosseiros.

Não havia a menor duvida de que Kel não era nenhum das duas coisas.

Quando por fim ele se afastou, tinha os olhos incandescentes e as bochechas coradas.

- Não vou possuí-la no sofá.

Ela tragou em seco.

- Não?

- Não. Acima tem uma cama. – Sua voz se converteu num delicioso grunhido sexy – Uma grande cama.

Nineva sentiu a boca seca como um deserto.

- Soa fantástico.

Kel se colocou de pé e, durante um momento, surgiu ante ela alto e poderoso. Antes que ela sequer pensasse em parar, ele se inclinou sobre ela e a pegou no colo como se não pesasse mais que uma boneca.

Nineva se aferrou de maneira instintiva em seus ombros poderosos quando ele virou e atravessou a cavernosa sala de estar até uma escada em caracol.

- Posso caminhar!

- Sim, mas não tenho a intenção de permitir. Ele lançou um sorriso malévolo – Assim é muito mais sexy.

Para não dizer irresistível. Olhou desconcertada para seu perfil agressivamente masculino enquanto a carregava subindo os degraus de dois em dois. Ele a fazia se sentir pequena, delicada e feminina.

Mas aquilo era uma ilusão, disse a si mesma, fiel a suas convicções. Ela sabia cuidar-se e gostava que assim fosse. Era o Avatar, e seguia o caminho que tinha sido traçado para ela.

Só.

Fazer amor com Kel não ia mudar isso. Não podia dar-se ao luxo de esquecer o papel que estavam destinados a jogar. Ela não seria capaz de suportar o que estava por vir se deixava arrastar por qualquer conto de fadas romântico que ele urdisse.

Kel chegou ao alto da escada e com passos apressados pelo corredor acarpetado. As portas duplas se abriram de par em par quando eles se aproximaram e ela a introduziu no dormitório.

A cama que ocupava o centro da habitação parecia o bastante grande para que abrigasse a forma de dragão de Kel. A levou até ali como um conquistador medieval de novela romântica.

Nineva esperava que a jogasse ali em cima e logo se colocasse por cima. Mas em vez disso, parou ao pé da enorme cama dossel para dar-lhe outro beijo.

Descobriu-se afogada pela delícia embriagadora de sua boca. Ele tinha sabor de magia e cheirava a noites estreladas. Sentia seus ombros sólidos e quentes sob suas mãos. Sem deixar de beijá-la nunca, a colocou no encosto da cama.

Kel só jogou a cabeça para trás quando a depositou sobre o colchão. Ela quase não podia respirar e o olhou endireitar-se e contemplá-la com um sorriso sensual de antecipação em seu precioso rosto.

- Humm – disse ela – Parece que cheiro a comida queimada.

Ele sorriu e com um gesto enviou um feitiço que saiu disparado como uma estrela cadente escada abaixo.

- Já não. – Acrescentou com malícia enquanto a olhava – Mas tem alguém que sem dúvida está muito quente.

Kel ficou nu em um abrir e fechar de olhos. Nineva ficou sem ar ao vê-lo surgir sobre ela. Tinha um corpo musculoso belamente esculpido, desde os ombros amplos que se inclinavam em ângulo até os quadris estreitos e as pernas longas e fortes. Seus olhos pareciam brilhar como rubis que refletiam a luz.

A olhou durante um instante longo e eletrizante, com o cabelo sedoso que caia ao redor dos ombros. Tratando de não perder um detalhe daquele corpo maravilhoso emoldurado pelos cabelos azul cobalto, ela deu-se conta de que jamais em sua vida tinha visto algo tão intensamente masculino como ele. Baixou os olhos até seu membro, que saía de um grosso colar de pelos azuis. Era longo, de uma

largura deliciosa e terminada em uma coroa carnosa e ligeiramente curvada para cima.

Ele parecia igual ao sonho erótico que ela tinha tido.

Kel inclinou a um lado a cabeça com um sorriso branco e lânguido antes que esse pensamento pudesse esfriá-la.

- Parece que você tem vantagem sobre mim.

- Kel, ninguém te excede.

Riu entre dentes com um som muito masculino.

- Me lisonjeia querida, mas me referia ao frustrante feito de que ainda está vestida. – Seus olhos adquiriram de repente um brilho vivo e muito quente e masculino e sua voz se reduziu a um grunhido – Se não se desfaz agora de sua roupa, temo que vá ter que arrancá-las.

O medo do instante desapareceu, apagado pela promessa pura ardente em seus olhos. Durante um malicioso instante, Nineva considerou a possibilidade de deixar que a desnudasse, mas em vez disso, encostou-se à cama, arqueou as costas de maneira deliberada e dissolveu com lentidão o feitiço que a mantinha vestida de jeans e camiseta.

Os olhos de Kel se arregalaram de surpresa quando as roupas desapareceram. Seu pênis se sacudi para cima, endurecendo ainda mais e dando a Nineva uma sensação de poder embriagadora. Nunca em sua vida se sentiu tão sexy com agora.

- Esta melhor assim? – perguntou ela num sussurro.

O sorriso de Kel se desvanecia a medida que o desejo se intensificava em seu olhar.

- Perfeito. – subiu na cama e sentou-se a cavalo sobre ela apoiando-se nas mãos e joelhos, mas sem tocá-la.

Ela olhou-o ansiosa e esperou. Ele só a olhava, com olhos ardentes, deixando que sua expectativa aumentasse. Endureceram-lhe os mamilos ao mesmo tempo em que a boca ficava seca. Kel lançou um olhar às pontas que se endureceram e a comissura de sua boca se levantou.

- Fará algo ou só ficará olhando?

- O que quer que eu faça?

- Pode me acariciar.

Ele sorriu zombeteiro.

- Poderia.

- Ou pode zombar de mim até que me sature e me vá para outro lugar.

Nineva começou a balançar as pernas para a beira da cama.

Os olhos de cor rubi inflamaram. Ele a pegou pelos tornozelos com a velocidade de uma serpente e voltou a jogá-la de costas na cama. Lenta e deliberadamente levantou-lhe as pernas e separou-as.

- Não irá a nenhum outro lugar.

Ela passou a língua pelos lábios, apoiado nos cotovelos.

- Pelo visto não.

Mas ainda que esperasse que Kel se lançasse sobre ela, ele não o fez. Em vez disso, se colocou sobre os joelhos e se ficou olhando-a. Seus olhos exóticos iam do rosto até os montículos de seus seios, desde a parte baixa do ventre ao delta suavemente aveludado que se estendia entre suas coxas. Havia algo deliciosamente arrogante em sua postura, como se fosse um conquistador bárbaro que examinava a sua cativa, o que deveria tê-la deixado furiosa.

Contra toda lógica, seu desejo cresceu ainda mais e sentiu que ficava molhada.

"Eu não deveria estar fazendo isso". A idéia se deslizou por sua mente, com um ato reflexo surgido de seu interior de menina boa. Sendo ao mesmo tempo filha de sua mãe e princesa de seu pai, geralmente escutava essa voz, mas se sentia tão bem a ignorando pelo menos uma vez.

- Tem um olhar malicioso. Em que está pensando?

Ela ensaiou um sorriso de Jezebel e isso também lhe proporcionou uma agradável sensação.

- Adivinha...

- Isso soou como um desafio.

Kel se endireitou e logo se inclinou sobre ela e a cobriu com seu corpo. Ela ficou sem respiração, em expectativa. Ele sorria como um conquistador enquanto abaixava a cabeça.

- Me encantam os desafios.

Quando seus corpos se uniram, a beijou ao mesmo tempo em que seu membro se esmagava contra o ventre de Nineva, roçava os mamilos com seu peito e apertava suas coxas com seus quadris. A sensação daquela força quente e masculina a fez gemer de prazer. Ele aprofundou o beijo, mordiscando seus lábios, chupando-lhe a língua e afundando a sua em uma exploração úmida e quente. Seu cabelo caiu sobre a pele dela e os envolveu em uma cortina azul.

Nineva dobrou os braços ao redor da cintura estreita. Sob suas mãos, as costas de Kel se assemelhavam a um

mármore aquecido pelo sol e sua magia parecia abrir passo dentro de sua boca como a espuma de champanhe.

- Tem um gosto tão bom. – Disse ela suspirando.

- Você também: é igual as minhas fantasias mais quentes.

Uma mão grande se depositou em seu seio e o pegou com delicadeza. O polegar se moveu pelo mamilo que ficou tenso como uma bala. Sorridente, Kel o beliscou suavemente, logo o retorceu devagar e seu corpo se estremeceu com um doce torvelinho de prazer.

Nineva levantou o queixo e afastou a boca ofegando, como se tivesse se afogando em ondas de prazer.

- Alguém já te disse alguma vez...- teve que se deter para recuperar o fôlego - ...que tem um verdadeiro talento para isso?

- Pode ser que alguém tenha comentado.

Kel começou a desatar uma catarata de deliciosas mordidelas pela curva de sua mandíbula. Ao descobrir uma orelha pontiaguda se deteve para degustá-la com incitantes movimentos com a língua. Nineva ofegava e jogava a cabeça ainda mais atrás.

- Teu sabor é algo exótico, menina sidhe – disse com voz rouca – Você me faz pensar na magia e em uma dança, nua sob a luz da lua.

Nineva sorriu cerrando as pálpebras.

- Por ser um guerreiro grande e mau, tem uma veia muito poética – Seus dedos exploravam as costelas duras e suaves como seda.

- Os dragões são uma raça poética.

Ele fez uma pausa para provar o oco de sua garganta.

Nineva descobriu a parte alta de seu traseiro musculoso e lhe pareceu deliciosamente compacto e quente ao tato quando o tomou com as mãos em concha.

- Em meio de comer ocasionalmente uma virgem?

Ele levantou a cabeça para sorrir-lhe.

- O sabor da virgem nos resulta muito inspirador – E enquanto olhava o mamilo direito, agregou – Dê resto, agora mesmo me sinto muito inspirado.

- Lamento desapontá-lo, mas não sou exatamente uma virgem.

- Bom, há virgens... - lhe deu uma lambida no mamilo que a fez soltar um grito afogado –...e virgens.

Enquanto ele se acomodava para sugá-lo, ela passava os dedos pelos cabelos sedosos.

- Confiarei em...oh!...sua palavra.

- Faça-o.

Kel arrastou suavemente os dentes brancos pela ponta do seio e uma onda de calor encantador se propagou por seu corpo. Enquanto a acariciava e excitava com uma mão, com a palma da outra acariciava a suave penugem entre as pernas; logo deslizou um dedo forte entre os lábios de seu sexo.

Os dois gemeram ao mesmo tempo.

- Deusa – disse ela ofegante - faz me sentir tão quente.

Ele levantou a cabeça em que os olhos ardiam como fogos gêmeos.

- E você me põe tão duro como uma lança.

Sua mão a penetrava com vigor, afundando os dedos profundamente enquanto passava a língua como um torvelinho pelos mamilos. Nineva jogou para trás sua cabeça enquanto uma doce embriaguez assaltava com força todos os seus sentidos e fechava involuntariamente os dedos como garras em seu cabelo. Ele lambia e mordia, alternando ferocidade com doçura.

Quando ele soltou os mamilos, ela se retorcia pelo gozo. A beijou com veemência entre os seios e logo começou a morder o torso. Nineva quase não podia respirar enquanto fazia realidade as intenções de Kel e empurrava os quadris, excitada. Ele a recompensou com outra longa penetração com aqueles dedos depravados.

Depois, sua boca buscou a parte mais delicada de sua carne e com a língua estimulou o clitóris até fechar, finalmente, os lábios sobre a pérola pequena e dura.

- Kel! – O prazer estalou em seu corpo como uma bomba erótica e sua espinha dorsal se converteu em uma arco tenso.

Ele passou os dentes por aquele núcleo palpitante suave e depravadamente; o calor pulsante que se desprendia dela era tão brilhante que Nineva o via através das pálpebras cerradas. Gritou e se retorceu nos lençóis, estimulada pela rudeza maravilhosa de sua boca.

Quando as últimas ondas de prazer se extinguiram, Kel se ergueu de súbito sobre ela, abriu bem suas coxas e colocou seu pênis grosso na escorregadia abertura da jovem. Ele gemeu aturdido quando começou a introduzir dentro dela um milímetro por vez. Ele estava maior do que aparentava ser.

- Oh, Deus meu!

- Humm – sussurrou ele. Os ardentes olhos rubis estavam cravados nela enquanto ele se apoiava com um punho no colchão, se inclinava e empurrava com mais força. – Escorregadia, esticada...quer mais?

- Sim. Aaaah, deusa, sim! – Nineva jogou para trás a cabeça e apertou os dentes enquanto ele introduzia o resto daquela lança dentro dela sem nunca afastar o olhar de sua cara.

Quando seu pesado testículo por fim descansaram contra as nádegas de Nineva, começou a entrar e sair dela com força. Os golpes eram longos, profundos e queimavam sua carne tensa com uma deliciosa fricção. Só podia aferrar seus ombros amplos e aguardar, respirando entre soluços.

Nineva envolveu o pau de Kel em creme e veludo. Sentindo que a pressão do clímax em seus testículos era cada vez maior, Kel apertou os dentes e tratou de reprimi-lo. Queria ficar dentro dela o maior tempo possível e queria ver como ela voltava a gozar.

Um fogo iridescente se aglomerava nos olhos de Nineva cada vez que o gozo se apoderava dela, uma visão quase tão hipnótica como a sensação de seu sexo prendendo o dele.

Ela dobrou uma perna longa sobre as nádegas de Kel quando ele se elevou sobre ela, um calcanhar nu que pressionava forte e exigente como a espada de um cavaleiro que se afundava no flanco de seu garanhão. Kel dava o que ela pedia apertando os dentes, arremetia a fundo, cravava nela mais profundo e continha o clímax que se agitava e se acercava cada vez mais na superfície com cada golpe quente que dava.

Então os pequenos músculos internos de Nineva voltaram a tensionar e a pulsar e Kel perdeu a luta dando um grito. O orgasmo saiu de seus testículos em ondas de doce calor. Cravando o pênis até a raiz, Kel perdeu a consciência de si enquanto ela se retorcia entre gritos suaves e estrangulados.

Quando os dois alcançaram o máximo de tensão, algo se moveu. Kel sentiu uma presença distante no horizonte de sua consciência, uma carícia fantasmagórica de algo poderoso e elementar...e muito feminino.

Os olhos de Nineva se arregalaram e os dois cruzaram seus olhares com uma sensação consciente se sobressalto.

- Semira!

Mas como se a mutua distração houvesse cortado bruscamente o vínculo, a presença desapareceu.

- Pelo ovo de Cachamwri! – Kel caiu exausto sobre ela e soltou um gemido – Quase a tivemos.

- Quase.

- Por fatalidade, quase jamais basta no que diz respeito a magia. – Kel deixou cair a cabeça sobre seu precioso seio e se concentrou em respirar – Temos que voltar a tentar.

Os dentes brancos dela brilharam com um sorriso travesso.

- Os sacrifícios que faço pela humanidade.

Kel gargalhou.

- É uma verdadeira heroína.

Diana escutava a forte pulsação do coração de Llyr, com uma agradável sensação úmida e repleta. Estava muito próxima do nascimento de Dearg para aventurar-se a uma relação sexual convencional, mas isso não era motivo de desânimo para um casal tão criativo como eles. Tinham satisfeito um ao outro com as mãos e a boca, e tinham passado um momento estupendo.

Contudo, Diana podia sentir que a preocupação de Llyr era cada vez maior. Dado o tipo de homem que era, não podia esquecer um problema muito tempo.

- Segue preocupado pela espada? – ela perguntou, brincando com uma mecha de seu cabelo loiro. O sentia um pouco úmido de suor entre os dedos e cheirava deliciosamente a um macho sidhe, pois os dois tinham gozado com força.

- Não pudemos encontrar a pista do homem que a levou – admitiu Llyr – O que não é nenhuma surpresa, pois Arralt tem ocultado sua base de operações com um trabalho muito hábil. Dizem que tem uma fortaleza em algum lugar do hemisfério oriental, mas não posso localizá-la.

- No hemisfério oriental? Como a Ásia?

- Não exatamente. Nossa Terra não possui a mesma massa terrestre que a tua, por isso os continentes são distintos.

- Ah, é verdade.

Aquele mundo era muito parecido em muitos aspectos à aquela onde ela havia crescido. Mas existiam os continentes extraterrestres que, ao que parecia, eram o resultado de forças tectônicas diferentes por obra da magia. Deixando de lado as diferenças na verdade estranhas, como os dragões e os unicórnios...

De repente, o ar se encheu com vários acordes de uma musica familiar. Diana levantou a cabeça, surpreendida. – “Blues suede Shoes”?

- É Arthur – disse Llyr – E deve ser algo importante, se chama a esta hora – Deu a volta e abriu uma gaveta da mesinha de cabeceira e tirou um objeto pequeno que se parecia muito a um celular.

Claro, alguma vez o tinha sido. Agora estava encantado. Arthur tinha lhe dado um aparato desse meses atrás como uma forma de comunicação através dos formidáveis escudos mágicos dos reinos Sidhe e Avalon.

Diana viu a seu marido abrir a tampa do telefone e colocá-lo no ouvido.

- Bom dia, Arthur.

Seu agudo ouvido de mulher lobo não teve nenhuma dificuldade de captar a resposta.

- Desculpe te aborrecer a esta hora, mas parece que temos um problema em comum.

Ela escutou com crescente preocupação como Arthur relatava a conversação de Kel com Cachamwri e o posterior resgate de uma princesa exilada de Morven, que Arralt tinha seqüestrado.

Seu marido ficou perigosamente quieto enquanto seu amigo descrevia a fuga do General com a espada de Semira. E o pior de tudo era que aquilo formava parte de uma conspiração que envolvia aos Escuros.

- Furtou a espada de meu arsenal – disse Llyr a Arthur – Justo antes de nos interarmos do roubo – E esta moça que Kel resgatou assegura que é o último Avatar?

- Isso é o que entendo, ainda que parecesse ser uma moça bastante boa. Diz que não quer saber nada de Arralt e seus rebeldes.

- Pode ser, mas quero falar pessoalmente com ela. Talvez seja parte deste complô.

Produziu-se uma pausa incomoda.

- Compreendo sua prudência, mas Grim disse que a menina é confiável. Mais ainda, ela não quer falar com você. Parece que passou a vida fugindo do psicopata de seu irmão, e é um pouco assustadiga no que se refere a realza sidhe.

- Isso é mau – disse Llyr com voz de seda. O suspiro de Arthur chegou com clareza, incluso através do celular.

- Sim, imaginei que diria isso. O problema é que Cachamwri disse a Kel que proteja a menina, e isso é exatamente o que Kel vai fazer. Eu preferia que vocês dois

não se metam em uma maldita luta mágica por esse assunto.

- Não lhe machucarei. – A expressão de Llyr se endureceu – Contudo, preciso interrogá-la sobre a ameaça ao meu reino.

- Não posso permitir que prenda Nineva, Llyr. Dei minha palavra a jovem e se ela é de verdade nossa única esperança para impedir a invasão...

- Não tenho nenhuma intenção de prendê-la neste momento, mas necessito averiguar por mim mesmo se ela é o Avatar, e se é, que intenções tem. Essa menina poderia desencadear uma guerra civil que faria em pedaços meu reino.

- Sim, entendo. Porque acredita que estou chamando você à meia noite e meia? Sei que você não se leva uma vida de vampiro.

Llyr, insatisfeito, passou a mão pelos cabelos.

- Te dou minha palavra de que não será ferida.

- Farei tudo o que esteja em minhas mãos para convencê-la de que se reúna com você, Llyr. – Fez uma pausa – Tudo seria mais fácil se você viesse aqui.

- Muito bem. De todos os modos, gostaria de discutir isso com você com mais detalhes. Dada a situação da rebelião, poderia necessitar de tua ajuda.

- A tem. Deus sabe que você me ajudou com esse filho da puta do Geirof, e se os Escuros nos invadem, necessitaremos a todos os Sidhes e Mage para rechaçá-los.

- Dizendo assim, ainda fica pouco. – Llyr parou, enquanto meditava – Pensando bem, deixa que fale com a jovem em nossa reunião. Darei minha palavra de que estará a salvo. Talvez isso lhe pareça mais tranquilizador.

Arthur considerou a questão.

- É provável. Ordenarei que Gwen abra as defesas para você.

- Obrigado. Levarei uma escolta e também a minha rainha.

Diana pode distinguir com clareza o tom zombeteiro na voz do vampiro.

- Não quer perde-la de vista, eh?

Llyr ofegou.

- Nestes dias pode ser que esteja mais segura em teu reino que no meu.

Diana escutou com o cenho franzido que os homens se despediam. Llyr fechou o telefone com um golpe e se sentou na borda da cama, com seu formoso rosto tenso.

- Por que motivo Cachamwri não disse isso a você, em lugar de ir com Kel? – Perguntou ela, sem levantar a voz.

- Kel é um dragão azul e a profecia fala concretamente de um dragão azul.

O tom de sua voz era tão desalentador que ela cobriu de forma instintiva o ventre grávido com as duas mãos.

- Que profecia?

O horror de Diana ia aumentando enquanto escutava o relato que ele fazia.

- Ah, merda.

- É justamente o que estou pensando.

- O que é isso dos Escuros?

Cachamwri tinha matado a um bando deles dez mil anos atrás com a ajuda de um ancestral de Llyr. Nesse ínterim, o dragão se converteu em um deus e formou uma aliança com a linhagem de Llyr; o resto dos Escuros fugiu para a Terra Mortal só para voltar a ser afugentados séculos mais tarde por Merlin e o pai de Llyr.

- Segundo parece, agora voltam. Ainda que só Cachamwri sabe como..., Merlin erigiu uma barreira mágica para proteger ambas as Terras, mas devem ter achado uma forma de atravessá-la, se a profecia está correta e se esta menina é o último Avatar. – Llyr suspirou – Tentarei contatar Cachamwri e averiguar o que acontece aqui, em nome do Ovo. Com um pouco de sorte, cooperará.

- Só podemos esperar.

Cachamwri costumava jogar segundo suas próprias regras inescrutáveis.

- Enquanto isso, redobrarei sua guarda pessoal.

Ela respondeu com um grunhido.

- Jesus, Llyr, tal como estão as coisas, mal posso dar um passo sem tropeçar com eles.

Ele tinha aquele olhar duro que Diana tinha chegado a reconhecer. Tinha menos de nove meses que estavam casados, mas ela sabia já que nenhum de seus argumentos o faria mudar de opinião quando tinha aquele semblante especial.

- Este não é um tema aberto a negociação – contestou Llyr com a exuberante boca reduzida a uma linha inflexível. – Não darei nem a Arralt nem a seus rebeldes nenhuma oportunidade para que te matem.

- Llyr sou da raça dos Gigantes e Merlin nos criou para ser resistente a magia...

- Mas não é resistente a decapitação, assim que nenhum de meus inimigos se aproximará de lugar algum

onde você esteja. – Suspirou e acariciou com uma mão quente e grande um lado de seu rosto – Perdi quatro esposas, nenhuma das quais possuiu meu coração como você, nenhuma delas esteve grávida do Herdeiro dos Heróis. Você não é substituível.

Ela não tinha muito que dizer depois disso, a não ser...

- Te amo.

O beijo que ele lhe deu fez que começasse a contar os minutos que faltavam para que o príncipe Dearg fizesse sua aparição...e pudessem fazer amor se ter que frear-se.

Supondo que eles sobrevivessem tanto tempo.

Capítulo 7

Nineva lançou a cabeça ofegante enquanto cavalgava sobre os estreitos quadris de Kel. Sentia seu pênis como de tivesse um metro de largura e aquela posição e cada investida provocava ondas expansivas de gozo em seu corpo. Era quase um excesso, mas ela adorava cada um desses minutos.

Perto. Ela estava tão perto.

Kel se arqueou bruscamente debaixo dela, levantando-a da cama com a força natural de seus músculos. Gritando de prazer, sujeitando os quadris dela com suas grandes mãos, mantendo Nineva quieta...

O clímax de Kel impulsinou o dela, que gozou gritando e lançando para trás a cabeça com tanta força que seu cabelo açoitou os músculos do homem.

E na fronteira de sua consciência, ela sentiu a presença da deusa, que brilhava como uma estrela distante.

- Semira! – Nineva soltou um grito entrecortado.

Nineva desabou sobre o peito musculoso de Kel com um grito de frustração.

- Maldita seja, esta noite fizemos amor três vezes. Que mais quer?! – Seu sistema nervoso estava inflamado ao máximo, como a Esttua da Liberdade em 4 de Julho♣.

- Ainda que parecesse que estava mais forte.

Kel lhe apertou a cintura com os braços musculosos e úmidos de suor.

♣ - dia da Independência Americana (N.T.P.)

- Não o bastante – ela murmurou em seu peito – A este ritmo, nunca iremos encontrá-la.

- A pobre mulher morre de fome pouco a pouco, há muitos séculos. Temos que seguir tentando.

Seu tom era mais de expectativa do que qualquer outra coisa.

- Me ocorreu uma idéia: Poderíamos reunir todo o reino Sidhe em uma grande orgia...

Separou-se dele choramingando um pouco e se derrubou de costas.

- Não até que coma algo. – Kel arqueou os ombros e se estirou – Semira não é a única que está faminta.

O estomago de Nineva roncou. Intercambiaram um olhar e começaram a rir. Nineva se surpreendeu em como se sentia bem.

Outra vez no andar de baixo, na cozinha, Kel distribuiu os pratos de lasanha reaquecida magicamente, serviu mais taças com vinho e sentaram-se à mesa para comer. Nineva deu uma garfada e gemeu com deleite ao saborear a combinação de queijo massa e salsa picante.

- Oh, Deus, isto está muito bom! Onde aprendeu a cozinhar?

- Séculos dando voltas por aí com Gawain. Ele considera que a cozinha é uma técnica de sedução fundamental. – Lançou-lhe um sorriso um tanto diabólico – Ainda que sempre escorregue com o alho.

Ela o olhou por cima da borda do prato.

- Um vampiro que adora alho?

- Bem, na realidade não é que o coma...é para degustá-lo. Além disso, o do alho é um mito.

Nineva ofegou.

- O que não é?

Kel deu um meio sorriso.

- Não muito. – Bebeu um gole de vinho enquanto a observava – Falando de mitos, lendas e profecias, como foi que Semira acabou nessa espada?

Ela pegou um pedaço de pão francês crocante e o mordeu. Igual a lasanha, estava delicioso: fresco, quente e crocante. Mastigando com os olhos entrecerrados de prazer, meditava sobre a melhor forma de contar a história.

- Segundo meu pai, Semira apareceu a primeira vez ao meu povo há quinze mil anos. Os Sidhes de Morven eram nômades mortais naquela época e lutavam por sobreviver. A deusa tomou a forma de uma Sidhe para guiar-nos, servidas por uma série de reais sacerdotes.

- Que interessante – refletiu Kel – Assim que ela sempre foi deusa? Cachamwri era um dragão em princípio e só quando matou a todos os Escuros se converteu em uma força da natureza, um deus. De onde vem Semira?

Nineva encolheu os ombros.

- Ninguém sabe, apesar de que meu pai pensava que era uma alienígena, não uma Escura, claro, mas tampouco um a Sidhe terrestre.

Ele comeu um bocado de lasanha enquanto refleti sobre o tema.

- Tem sentido.

- Semira viveu entre as tribos de Morven uns cinco mil anos e os guiou até se transformarem na raça mais poderosa do plante. – Bebeu um gole de vinho e voltou a encolher os ombros. – Depois veio a invasão dos Escuros.

- E tudo se foi ao diabo.

Os Escuros escravizaram e assassinaram a todos com que se cruzaram, incluindo aos dragões; as criaturas demoníacas se alimentaram das vidas de suas vítimas para potencializar sua magia. A tortura e o sacrifício eram essenciais para seus feitiços.

- Quando começou a invasão, Semira, com a ajuda de Idris, seu último rei-sacerdote, liderou aos súditos de Morven contra os Escuros; o ataque saiu mal porque os Escuros eram mais poderosos do que ela esperava e dizimaram a maioria de suas forças.

Kel fez uma careta.

- Isso entendo, pois o ano passado fomos contra um só Escuro e quase nos matou a todos.

Nineva se sobressaltou, alarmada.

- Um Escuro esteve aqui? Já?

- Sempre esteve aqui. Merlin o tinha feito prisioneiro na Terra do Mageverso; escapou, apesar de que conseguimos matá-lo. – Kel diminuiu a importância do tema com um gesto da mão. Essa é outra história. Continua.

- Como seja, Semira esgotou-se terrivelmente tratando de derrotar aos alienígenas que os tinham rodeado. O General inimigo a atacou, e ela piorou.

- O General não se chamava Geirolf?

Nineva enrugou a testa.

- Para ser franca, parece que sim.

- Não me surpreende, era esse de quem falava. Era um safado poderoso.

- Sim, deve ser ele. – Revolveu a lasanha com o garfo – Ao dar-se conta de que Geirolf se aproximava e em

desespero por salva-la, Idris transferiu a essência da deusa para sua espada, mesmo estando muito ferido e teve que servir-se de sua vida para fazer funcionar o feitiço.

Kel levantou as sobrancelhas.

- Muito leal de sua parte;

- Mais que isso, a amava. Inclusive tiveram filhos. – Suspirou, deixando de lado o garfo – O feitiço funcionou porque Geirolf pensou que ela tinha sido destruída com seu amante. Os escuros vitoriosos abandonaram o campo de batalha e deixaram que a nata de Morven apodrecesse ao sol.

- Quem recuperou a espada, então?

- A filha menor de Semira, que tinha uns dez anos mais ou menos, foi ao campo de batalha e a achou. Ainda que fosse muito jovem, a menina captou o que tinha acontecido: ela foi o primeiro dos Avatares e a que transmitiu a profecia de Semira.

- Assim que é descendente de Semira?

- Bem, sim – disse, encolhendo os ombros.

- Diabos. Não me surpreende que todos fossem atrás de você.

- Exato. Muita gente se sentiria mais cômoda se eu estivesse morta.

Kel mostrou os dentes.

- Pior para eles.

Satisfeita a gosto, Nineva olhava assombrada como seu amante liquidava alegremente e com gula o resto da lasanha.

- Onde diabo coloca tudo isso? – perguntou, enquanto ele fazia desaparecer os pratos da cena, presumivelmente limpos, dentro dos armários. – É um poço sem fundo?

Kel deu umas palmadas no ventre chato com um sorriso de satisfação.

- Meu outro lado é um dragão e alias, tenho que manter-me forte se vou atender teus apetites insaciáveis.

- Meu apetites insaciáveis?

- Muito bem, os da deusa. Seis de um, meia dúzia de... – se interrompeu para esconder um enorme bocejo com a mão - ...esse outro♠♣. – Olhando as janelas que estavam ficando azuis com a proximidade do amanhecer, juntou -: Parece que é hora de ir para a cama.

- Mas agora está saindo o sol!

- Sim.

♠♣ - Não entendi essa expressão: Acho que talvez seja "Trocar seis por meia dúzia", mas, na duvida ficou no literal... (N.T.P.).

Kel a pegou pelo braço e a empurrou com suavidade para a escada.

- Um mito verdadeiro é que os vampiros dormem durante o dia, por isso todos os demais também dormem em Avalon. Logo se acostumará.

Na realidade, a ela não parecia mal dormir um pouco porque entre combater Arralt e estar desperta toda a noite falando e fazendo amor...

- E...tem um quarto de hospedes?

Kel, com um pé apoiado no primeiro degrau, levantou uma sobrancelha azul cobalto.

- acabamos de fazer sexo selvagem várias vezes, e você quer dormir em camas separadas? Não, não tenho quarto de hospedes.

Nineva fez um esforço e, reprimir o impulso de soltar-se.

- Nunca dormi com ninguém.

- Escapa furtivamente depois que termina com eles?

- Se você tivesse medo de que tentassem te assassinar, querias que teu amante fosse pego entre dois fogos?

Isso o deteve.

- É um bom argumento. – Kel a estudou com uma expressão de simpatia e quando finalmente falou, o fez com uma voz muito tranqüila – Como dorme de noite?

Levantou os ombros incomoda.

- Protejo minha casa com um escudo. Presumo que o feitiço me despertará a tempo para lutar se aparecer alguém hostil.

- Esta noite não tem porque se preocupar com isso. A cidade inteira está protegida e duvido que algum Escuro possa atravessar esses escudos. – Tinha apoiado a mão muito suavemente em seu braço enquanto a animava a subir a escada. – Contudo, te digo: se algum assassino sidhe atacar, o comerei. O que acha?

Nineva se encontrou sorrindo frente a seus dentes brancos, que lhe sorriam alegres.

- É um verdadeiro cavaleiro.

- É, sou um cavaleiro da Távola Redonda; é parte do ofício.

Kel olhava o céu obscurecido no alto do teto, com os braços dobrados sobre o travesseiro, debaixo de sua cabeça. Era consciente das costas esbeltas e graciosa de Nineva que descansava a seu lado, tão longe dele quanto a cama permitia.

A pontada de dor que sentia por ela era surpreendentemente forte.

Conhecendo a Nineva, era provável que tivesse muito de verdade em sua desculpa de que não queria colocar em perigo a seus amantes por dormir com eles, Mas suspeitava que um fator muito mais importante fosse o simples fato de que não confiava em ninguém. Nem nele.

Talvez especialmente nele.

Mesmo quando fizeram amor, e até quando a tinha levado seu corpo até o clímax, teve a sensação de que aquela parte dela se reprimia, lutando por permanecer detrás daquela carapaça armado com que ela se recobria contra o mundo.

O irritou. Não era que não compreendia o temor da traição, já que seu próprio tio o havia feito prisioneiro durante mil e quinhentos anos em um metro de aço. Quando sua mãe tentou descobrir quem o tinha aprisionado, o covarde a manipulou para que desafiasse a outro dragão que depois a matou.

De modo que sim, Kel sabia o que era traição.

Mas jamais o tinham tratado como a possível origem da traição. Tinha lutado com sua magia junto com Gawain durante séculos e abraçou seu encarceramento para manter a salvo seu amigo. Os dois sabiam que se tivesse matado a Gawain, o feitiço o libertaria no mesmo instante. Mas definitivamente, era isso o que seu tio queria, Contudo, a idéia de que Kel pudesse fazê-lo jamais tinha cruzado pela cabeça de seu amigo.

Kel sabia. Tinha compartilhado os pensamentos do cavaleiro, do mesmo modo que o cavaleiro tinha compartilhado os seus. Cada um deles sabia que podia confiar no outro.

Quando por fim encontraram uma forma de liberá-lo burlando o feitiço, Arthur fez de Kel cavaleiro da Távola Redonda sem tardar, o primeiro a ser nomeado em quatrocentos anos. O fato de que fosse um dragão não foi obstáculo. E igual a Gawain, Arthur sem duvida, confiava nele. Do mesmo modo que todos em Avalon, incluindo as mulheres que levava para cama.

Até que apareceu Nineva que, parecia, não confiava em ninguém.

Uma forma horrível de viver, pensando bem. Não acreditava ter conhecido jamais a uma pessoa tão tremendamente solitária.

O caso era que gostava da pequena paranóica. Era sensual, divertida e curiosamente valente para ser uma pessoa que vivia com um medo constante. Nem sequer tinha vacilado em atacar a Arralt, que media bons dois metros e pesava um cinqüenta quilos a mais que ela. E ainda por cima, sabia lutar. Era evidente que o queridíssimo papai a tinha educado para ser uma pequena espadachim...entre outras coisas.

Menos mal que Eirnin estava morto. Kel suspeitava de que não teria gostado muito daquele safado. Tinha que ser um maldito filho da puta para fazer lavagem cerebral na própria filha e que chegara a aceitar sacrificar-se por uma deusa.

Não era de estranhar que a cabeça da menina fosse como um ninho de víboras...

Um gemido. Não um som de prazer. Kel levantou a cabeça do travesseiro e virou para olhar Nineva.

Ela virou-se ainda adormecida e afastou as mantas. Normalmente ele teria apreciado a vista – tinha uns seios preciosos -, mas o medo refletido em seu lindo rosto matou qualquer excitação sexual incipiente.

- Não, Por favor não faça!

- Nineva...

- Não!

Saltou da cama como disparada por um canhão, retrocedendo com uma mão levantada como se estivesse se protegendo de um atacante. Sua voz se elevava em um uivo desgarrado de dor e terror: "Kel!"

Ele saiu da cama e a pegou pelos ombros frágeis.

- Nineva, está tudo bem. É só um pesadelo.

"Não faça isso!" Suas mãos começaram a brilhar.

- Já basta – a pegou pelos pulsos e a levantou antes que pudesse atacá-lo. – Nineva, desperta. Não há nenhum problema. Está a salvo.

Ela abriu a boca lançando outro grito de terror quando a puxou até ele. Depois, a consciência inundou seu olhar vazio e aterrorizado, e se colocou tensa enquanto olhava seu rosto com ansiedade.

- Kel?

- Sim, sou eu. Teve um pesadelo. Está bem. Não deixarei que nada te machuque.

Ela se afundou em seus braços. As esferas azuis que ardiam ao redor de suas mãos brilhavam com intermitência.

- Era você. – Sua voz soava demasiado alta, quase infantil.

- O que era eu?

A atraiu com muito cuidado para ele e a estreitou em seus braços. Ela tremia em convulsões incontroláveis.

- Você me queimava e a minha pele se desfazia em cinzas. Deusa!, como doía. – Se refugiou contra ele.

- Eu? – Amaldiçoou baixinho e afastou o cabelo do rosto – Entre Grim e sua deusa imagino que não é nenhuma surpresa que teve um pesadelo, mas não foi nada mais que um sonho.

- Já sei. – Nineva se afastou dele e secou as lágrimas das bochechas com os dedos, sem deixar de tremer – É só que... – Calou e se sentou na cama, com os ombros encurvados. Parecia tão pequena e vulnerável que ele sentiu que seu coração se encolhia.

- Só que?

Kel caiu de joelhos em frente a ela para poder ver eu rosto.

- Era tão vivido! – Voltou a secar as lágrimas quase com irritação. – Posso senti-lo: cheirar a pele que se queima, o gosto da fumaça. Faz anos que sonho e cada vez é pior.

Cobriu um punho pequeno e apertado de Nineva com a palma de sua mão.

- Olhe, como já te disse antes, isso não acontecerá.

O olhou com os olhos inchados do choro.

- E se tem que fazê-lo? Se isso é o que temos que fazer para deter os Escuros? Não podemos permitir que nos invadam, Kel, porque destruiriam ambas as Terras e a todos os que as habitam.

- Eu sei.

Foi necessário que Cachamwri ascendesse à categoria de deus para expulsar os Escuros da Terra do Mageverso a primeira vez, mas inclusive então, eles escaparam para o mundo dos mortais. Torturaram e maltrataram a humanidade durante milhares de anos fazendo-se passar por deuses e demônios. Se não tivesse sido por Merlin e os Sidhes, ainda estariam ali.

Se tivessem encontrado uma forma de romper a barreira de Merlin...

Kel se sacudiu para não pensar no medo e se colocou de pé, abraçando-a.

- Me escute, Nineva. Recuperaremos a espada, liberaremos a deusa e deteremos aos Escuros, mas não te machucarei. Juro-te isso.

- Não! – Fechou as mãos em seus braços com tanta força que ele piscou surpreso – Não me jure nada. Eu não sou importante, Kel. O que importa é deter aos Escuros.

Ele olhou o delicado rosto levantado e a pegou pelo queixo.

- Você é importante para mim.

- Não me conhece.

- Conheço o suficiente.

Nineva se endireitou e, enquadrando os ombros, deu um passo atrás.

- Olha, lamento o que passou. Sinto que tenha tido um ataque. Esquece, está bem?

Olhou ela deitando-se e cobrindo-se.

- Tem razão, foi nada mais que um pesadelo. Todo mundo o tem. Não significa nada.

Deitou-se e deu-lhe as costas.

Kel apertou os dentes, frustrado, apoiando as mãos nos quadris.

- Nunca se cansa do martírio?

Ela virou a cabeça devagar e o olhou fulminante.

- Pela ultima vez, não me faça de mártir.

- Sim, claro, me dei conta por esse: “Eu não sou importante, Kel. Me frite como uma perna de galinha”. Ao caralho com isso, Nineva.

Deslizou para cama, aborrecido e a atraiu com rudeza para ele, fazendo caso omissa da forma como ela ficou tensa.

- Que uma coisa fique clara, réptil – disse ela em um tom gelado – Pode ter fodido comigo, mas não me conhece. Solte-me.

Fria e deliberadamente, a colocou a ele e colocou uma perna em cima de seu quadril quando ela tratou de liberar-se dele.

- Tem razão, não te conheço. Mas ninguém te conhece porque você jamais deixa que ninguém se aproxime. Por que não faz uma prova? Confie em alguém, pelo menos uma vez. Talvez não resulte em um completo fracasso.

- É um estúpido – murmurou ela, enquanto se deixava cair contra ele, ressentida.

A estreitou entre seus braços apertando mais forte.

- E você é uma paranóica, mas prometo que não te guardarei rancor.

Nineva jazia imóvel, intensamente consciente do corpo forte que se enroscava contra suas costas. Apesar de suas turbulentas emoções, o sentia quente e reconfortante.

Tinha adormecido rapidamente, tendo em conta quão irritado tinha ficado. Enquanto escutava ressoar a respiração profunda de Kel em seu ouvido, descobriu que pouco a pouco se relaxava em seus braços.

Maldição, a tinha feito ficar enfurecida. Não era mártir, caralho. Estava obrigada a cumprir com seu dever, certo, mas isso não significava que ela desejasse sofrer, ou que desfrutava com essa perspectiva.

Era justamente ao contrário.

Nineva estremeceu ao recordar a agonia ardente do sonho, o medo e o horror. Ninguém, por mais fanático que fosse, desejava semelhante destino.

Por que se sentia tão segura nos braços de Kel? Por que queria acreditar nele com tanto desespero quando jurava que a protegeria, apesar do papel principal que tinha em seus pesadelos?

Recordou seu olhar calmo e resoluto. Tinha falado muito sério cada uma daquelas palavras. E contudo...

E se o pesadelo fosse uma visão? Tanto a profecia como Grim pareciam indicá-lo. Certo, os dois prediziam que ela sobreviveria para colaborar com a derrota dos Escuros...Mas isso não significava que não tivesse que atravessar o inferno para consegui-lo.

Nineva abaixou o olhar e percebeu que acariciava o bíceps do braço de Kel. Aconchegou-se com mais força em sua reconfortante quentura e ficou olhando a escuridão com olhos doloridos.

Ela se sentava a cavalo sobre ele como uma deusa sobre um cavalo de corrida, a cabeça para trás, açoitando com os longos cabelos seus músculos nus enquanto se fincava sobre seu pênis, duro como uma rocha.

Perdido no prazer puro de seu aperto tenso e líquido, ele cravava nela, com o olhar imóvel sobre seu rosto delicioso.

Gamal jamais tinha conhecido uma mulher semelhante.

Desde que tinha se convertido em um dos membros da escolta do rei, se acostumou a que as mulheres se lançassem sobre ele, ansiosas de provar um reflexo de sua glória. Mas Naisi não era como as demais. Não era nenhuma mulherzinha de olhos fundos para uma transa de

uma noite. Mesmo tendo a conhecido há apenas quinze dias, o tinha cativado com seu espírito cálido e risonho.

Sem falar em seu pequeno corpo, forte e ágil. Sentiu a tensão que ia aumentando em seus testículos quando a superfície escorregadia do sexo dela extraia todo seu leite. Colocando a cabeça no travesseiro, Gamal olhava ela aumentar o ritmo cada vez mais, com o cabelo verde que flutuava no ar enquanto seus seios balançavam.

- Ovo de Cachamwri, me venceu! – grunhiu.

Naisi o olhou com um sorriso travesso, as bochechas avermelhadas pela excitação sexual e prazer.

- ainda não – ofegou enquanto subia e abaixava. – Dentro de um momento...

A vagina tensa se flexionava e pulsava, e ele explodiu em um grito de prazer obvio.

- Quase, quase...- O calculo tornou frio os olhos amarelos da mulher – Agora!

Deu-lhe uma bofetada justamente no centro de seu rosto.

Parecia como se ela tivesse perfurado seu cérebro com as garras de um leão. Gamal gritou pelo tormento da dilaceração, e a dor curvou suas costas.

A magia correu pela palma fria da mulher quase como um tsunami que inundou a consciência de Gamal com um substancia fria e hedionda. Esse recorreu a seu próprio poder com medo e raiva, extraíndo magia do Mageverso e lutando por proteger-se e expulsar o mal.

Tarde demais.

Sentiu que se afundava em uma escuridão fétida e seus pensamentos ficaram nublados. Voltou a gritar horrorizado pela traição, mas seus lábios não soltaram som nenhum.

Depois, a escuridão o envolveu e sua mente indefesa esfriou ainda mais. Gamal fez um último esforço desesperado para salvar-se daquela coisa desconhecida que tinha feito se passar por mulher.

A noite sem fim o cobriu e desapareceu.

Varza abriu os olhos de Gamal e se sentou, apenas com tempo necessário para pegar o corpo de cabelo verde que caia de costas. Acomodou sobre a cama e fez uma pausa, enquanto observava o peito estreito que subia e baixava a espera de voltar a ser possuído.

Girando os pés de Gamal, Varza olhou o pênis flácido e úmido com desgosto. Que apêndice ridículo.

Por outro lado, existiam compensações. Varza se esticou e levantou-se sobre suas pernas musculosas, desfrutando do prazer puro de seu novo corpo. Fez aparecer um espelho onde examinou seu próprio reflexo. Gamal era forte e poderoso, capaz de esgrimir uma espada ou um machado com idêntica facilidade.

Um assassino nato.

Ah, sim, resolveu Varza com satisfação. Isso serviria muito bem.

Só tinha um problema. A cor metálica prateada de Gamal tinha passado para a cor verde da vegetação, enquanto os olhos tinham ficado amarelos como os de um gato. Algo do processo de possessão sempre afetava daquela forma aos corpos que Varza roubava. Não tinha sido um problema com a forma anterior que tinha, mas agora não cabia dúvida de que a denunciaria.

Varza deixou que a magia se derramasse. O cabelo de Gamal voltou a ficar prateado enquanto seus olhos retornavam ao violeta brilhante, que lhe era próprio. Varza sorriu devagar, como uma cópia exata do encantador sorriso de Gamal. Muito melhor.

Fez aparecer com um feitiço a armadura de um guarda do palácio e cobriu a forma feminina com um gesto. Varza acomodou seus membros numa pose de sono mais natural, se por acaso alguém entrava e a descobria.

Mais tarde poderia necessitar da forma se tudo fosse mal. Além disso, Arralt parecia gostar dela.

Tudo o que Varza tinha que fazer agora era esperar a oportunidade. Que de um modo ou de outro, não demoraria a chegar.

Capítulo 8

Nineva despertou embrulhada no calor e comodidade que rodeava suas costas e envolvia seus seios e seu quadril. Abriu os olhos sonolentos e suspirou com prazer.

Justamente antes de colocar-se tensa.

O calor era do corpo de um homem. Virou bruscamente a cabeça e topar com os olhos carmesim sonolentos de Kel.

- Bom dia. – Falava com voz rouca, o cabelo cobalto caía desordenado em volta de seu rosto anguloso e se espalhava pelo travesseiro.

Nineva piscou debatendo-se entre a necessidade de aconchegar-se mais e o impulso igualmente veemente de levantar-se. Pigarreou e não pode fazer nenhuma das duas coisas.

- Bom dia.

Kel sorriu preguiçoso e sexy, e apoiou o queixo no ombro de Nineva.

- O que quer de café da manhã?

A maioria das manhãs tinha sorte de comer um pouco de cereais e leite que não estivesse estragado.

- O que você quiser, não sou exigente.

- Panquecas e bacon?

- Apetitoso. – A educação que tinha recebido se mostrou na cortesia sulina – Mas eu posso fazê-lo; depois de tudo, ontem você preparou uma grande ceia.

- Você cozinha?

- Profissionalmente, de fato. Bom, pelo menos no sentido de que alguém me paga para fazê-lo. Nas temporadas em que não atendia em um bar, trabalhei em uma grande variedade de snack-bar▶. – Nineva fez uma careta ao recordar o bem que se aplicava essa frase a alguns de seus empregos. – Ainda que talvez não te pareça uma grande recomendação.

- Conseguiu aumentar minha curiosidade – Virando sobre as costas, Kel curvou a espinha dorsal e exibiu um volume fascinante debaixo do lençol fino –, entre outras coisas.

Nineva observou aquele volume prometedora, mas antes que pudesse tirar o lençol para olhar melhor a melodia de uma campainha soou forte. Quando levantaram as cabeças, uma esfera com uma luz dourada brilhante que girava como um redemoinho flutuava pela habitação. Em suas profundidades estava mergulhada a silhueta de um dragão.

- É um feitiço de comunicação sidhe – disse Kel, levantando-se com o cenho franzido – E o dragão é o símbolo heráldico de Llyr.

▶ *Snack bar: Restaurante que serve rapidamente as refeições e a qualquer hora. No original "figones" não encontrei tradução literal para essa palavra, mas pode se referir para postos de estrada para caminhoneiros e também bar para homens. Coloquei o que achei mais próximo da intenção da frase. (N.T.P.)*

- Provavelmente quer que me entregue. – Nineva titubeou um instante, tratando de decidir que roupa seria correto vestir para falar com um rei. Fez aparecer uma linda blusa rosa e um jeans com um grunhido de desgosto e se levantou da cama. Ao diabo com isso, se tinha intenção de prendê-la, era uma estúpida se lhe rendia uma cortesia.

Viu com o rabo dos olhos que Kel também tinha vestido uns jeans e uma pólo que dava a impressão de ser o uniforme dos Mage. Ao que parecia, em Avalon, todos os dias eram as sextas-feiras informais.

- Majestade, nos honra com sua visita – Disse Kel, com a voz grave de súdito que tinha empregado no dia anterior com Artur.

- Obrigado, Kel.

O redemoinho dourado do globo ficou claro e revelou um rosto formoso marcado por cabelos loiros e olhos opalescentes.

Nineva sentiu um calafrio. Era tão parecido a seu pai que sentiu uma dor no coração como uma facada. Não tinha esperado algo assim.

O olhou avidamente, sem poder conter-se. Eirnin tinha esse aspecto se tivesse sobrevivido: pouco mais de trinta anos, de feições elegantes e uma sensação de poder real.

Contudo, apesar de sua aparência real, Llyr tinha matado Ansgar. Agora, em retrospectiva, ela encontrava certa satisfação em pensar que o primo de seu pai tinha assassinado o monstro como sim, depois de tudo, Eirnin tivesse sido vingado.

Nineva se deu conta com atraso de que o rei a olhava com uma intensidade igual a dela.

- Olá, prima.

Tinha uma voz grave igual a de seu pai, ressoante de poder.

Por outra parte, ele era o Avatar de Cachamwri.

Tragou a saliva e lhe fez sua melhor reverência, ainda que parecesse um atonta vestida com jeans. Caralho, tinha que ter colocado uma vestimenta mais formal.

- É uma honra, Vossa Majestade.

Llyr torceu a comissura da boca, tão familiar.

- De verdade? Me disseram que é relutante em falar comigo.

Nineva ficou tensa. Apesar de parecer com seu pai, era um homem muito diferente. Ela não podia permitir-se o luxo de esquecer disso.

- Vosso irmão assassinou meus pais.

O olhar do rei se suavizou durante uma fração de segundo.

- Sim, eu sei. Lamento, e sei muito bem como se sente, já que ele também assassinou minhas primeiras quatro esposas e a todos os meus filhos.

Ela estremeceu.

- Não sabia disso.

- E eu o matei.

O disse cansadamente, com palavras sucintas e sem a mínima deixa de alarde.

- Sim, Kel me contou. Estou...muito agradecida.

- Te disse que minha nova esposa espera o Herdeiro dos Heróis?

Sentiu uma gota de suor escorrer pelas costas.

- Não...mencionou isso.

- Entende então por que é vital que nos conheçamos, em especial porque pretende ser o último Avatar.

Conseguiu não ranger os dentes.

- Não é só uma pretensão.

Llyr levantou uma sobrancelha com frieza.

- Ah, não? Então não deveria ter medo de reunir-se comigo. Ao fim e ao cabo, se você é tudo o que se interpõe entre meu reino e os Escuros, seria um tolo se te fizesse dano.

- Dizem que o último Avatar libertará os reinos.

- "Daquele que o usurpa". Não sou um usurpador. Descendo como você da casa real dos Sidhes de Morven. O trono me pertence pelo sangue de minha avó e o direito de conquista de meu avô.

- Não duvido. Você poderia ser irmão de meu pai.

Não tinha a intenção de dizer aquilo.

Os olhos opalescentes voltaram a suavizar-se. Olharam-se fixos um ao outro durante um longo instante.

- Venha me ver, menina. – Disse com voz suave – Dou minha palavra de rei que não te farei dano nenhum.

Nineva respirou fundo.

- sim, Vossa Majestade.

Kel observou que Nineva ficava paralisada quando a comunicação através do globo terminou. A expressão de seu rosto era de terror crescente.

- É um bom homem, Nineva. Cumprirá o juramento.

- Se parece muito a meu pai. – Retorcia as mãos – É quase idêntico, ainda que não seja nada mais que um primo

distante. Sua avó era a irmã de meu avô. O avô de Llyr se casou com ela, depois de ter conquistado ao meu povo.

- Você também é muito parecida com ele: Os mesmos olhos, a mesma coloração.

- O sangue da deusa tende a dominar. – Passou as mãos pela cabeça, dando um suspiro – Que diabos coloco? Os jeans não estavam a altura das circunstâncias, mas não tenho idéia...

Kel sorriu largamente.

- Fique calma, Nineva. Vi os sidhes com vestimentas completas da corte. Prepararei algo com um encantamento.

Fechou os olhos e fez uma pausa, enquanto tratava de imaginar o melhor traje que combinasse com sua beleza pálida. Quando o pensou, estendeu a mão de onde brotou a magia e a cobriu com um feitiço.

Ao desaparecer o brilho, Nineva vestia um traje de veludo de cor verde bosque adornado de ouro e opalas, cuja cauda se fundia com as delicadas pantufas douradas. Se olhos piscando varias vezes, com uma expressão de confusão enquanto apalpava a saia pesada com delicadeza.

- É lindo, Kel. Obrigado.

- Fica muito bem em você.

Colocou-se de pé, e ao conjuro de suas palavras apareceu sua vestimenta: um colete de veludo verde que fazia jogo com o vestido de Nineva. As mangas tinham recortes com muita arte que deixavam ver a camisa azul escura, longa e solta que vestia por baixo. As botas e a calça da mesma cor completavam o conjunto.

Kel a olhou e surpreendeu uma expressão feminina de apreciação em seus olhos.

- Está muito elegante.

- Apesar da camisa de maricas.

Tal como tinha pretendido, ela gargalhou.

- Ninguém nunca te acusaria de afeminado. – Deslizou um olhar até abaixo e inclinou a boca com um sorriso malicioso – Não com esse traseiro.

- Aduladora – E indo até ela, lhe ofereceu o braço – Vamos ver o rei.

Nineva respirou fundo como se quisesse se acalmar e se pendurou em seu braço. Juntos se dirigiram até a porta.

Enquanto o rei dos Sidhes percorria as filas de escoltas, Varza se concentrava em ser um homem morto.

O plano dependia por completo daquela inspeção. Não podia permitir que Llyr Galatyn percebesse o mínimo aspecto de que algo não funcionava bem com Gamal, o capitão da guarda mais novo.

Contudo, confiando no grau de paranóia de Galatyn, Varza estaria quase segura. O dia anterior o rei tinha feito um exame mágico profundo em seus guardas para controlar que a lealdade e os feitiços fossem apropriados. O processo tinha sido exaustivo e era duvidoso que voltasse a repetir semelhante exame.

No dia anterior também, Gamal tinha lhe falado de passar na prova de lealdade a sua linda amante de cabelos verdes e Varza supôs no ato que aquele era o momento que estava esperando.

A indiscrição de Gamal lhe tinha custado a vida.

Agora o único segredo residia em evitar que o rei suspeitasse que tivesse produzido uma mudança. Varza devia proteger-se muito bem para impedir que qualquer deslize mágico colocasse Galatyn de sobreaviso.

- Um destacamento me minha própria guarda tentou me assassinar não faz nem um ano. – disse Llyr no tempo em que espreitava a fila de homens. O poder revolvía ao seu redor a cada passo que dava, devido tanto a seu talento natural, como a magia que lhe era própria como Avatar de Cachamwri, o deus dragão – Aos quatro lhes dei a morte. Uns dias depois, dêis de meus homens deram a vida para proteger-me de outros assassinos de meu irmão. Todos honram sua lembrança.

Como se fosse um só homem, os guardas lançaram um grito profundo que era uma vez a promessa e aceitação; “Galatyn! Galatyn! Galatyn!”.

Varza cuidou bem de unir-se a eles.

O rei baixou a voz, convertida em um murmúrio de cólera.

- A semana passada outro de nossos membros me traiu tomando a Espada de Semira e entregando-a a meus inimigos. Está perda me envergonha, e a vocês também.

O pobre Ilbrech em realidade não tinha roubado nada em traído a ninguém. Já estava morto quando roubaram a espada, vítima da possessão de Varza horas antes de seu corpo escapar com a arma.

- Agora confio a vocês o dom mais precioso que Cachamwri me deu e ao povo sidhe: minha esposa, que leva em seu ventre o Herdeiro dos Heróis. Demasiadas vezes já perdi esposas e filhos nas mãos de assassinos.

Entendam bem, meus guerreiros, não a perderei. – A voz do rei desceu até converter-se em um murmúrio baixo e glacial que conseguiu transmitir a resolução que o animava com mais clareza que um grito – Lutarei por ela e se for necessário, morrerei por ela. Qualquer um que permita que a toquem em um fio de cabelo dela, enfrentará minha cólera. Então desejarei que os Escuros os tenham pegado. Entenderam?

- Sim! – Varza foi o primeiro dos homens a gritar.

- Bom. – Galatyn chegou até onde terminava a fila de Varza e se deteve. Os olhos opalescentes perfuraram a Varza que, suportando com firmeza sua atenção, não se moveu nem falou. Confrontada com a energia que destilava de Galatyn, quase não se atrevia a respirar.

As sobrelanceiras loiras esboçaram uma ruga.

Percebia algo?

Por fim o rei falou:

- Gamal, você estará a cargo da segurança da rainha enquanto estivermos em Avalon. Não a perca de vista. Não gostará muito já que está acostumada a cuidar-se sozinha, e geralmente, é capaz de fazê-lo muito bem, mas neste momento é vulnerável. Sei que tem debilidade por mulheres, mas não se deixe intimidar. Cuide dela.

- Sim, senhor – respondeu Varza, sem evidenciar seu júbilo – Asseguro-lhe que sua esposa não me escapará.

Nineva atravessava as ruas de pedra de Avalon pendurada no braço de Kel. Tinha muito movimento essa noite; homens e mulheres caminhavam com animação aonde quisessem que se dirigissem naquela noite de inverno gelado. A maioria tinha se sentido a gosto em qualquer cidade americana, com a mesma mescla de identidade étnica e roupa informal, e tons de pele que iam do chocolate profundo ao celta pálido. Outros estavam vestidos com tanta complexidade como ela e Kel, enquanto que alguns levavam vestimentas mais exóticas.

Nineva viu que uma diminuta mulher japonesa coberta com um belo quimono dava passos miúdos e afetados, arrastando atrás uma estrela de magia que girava no ar emitindo faíscas coloridas. Um homem de músculos poderosos caminhava a seu lado com roupas de seda de igual beleza e um par de espadas atravessadas no cinturão.

Pareciam ter uma discussão intensa em um japonês melodioso.

O uivo de um lobo fez com que Nineva girasse bruscamente a cabeça quando uma voz feminina gritou:

- Ei, Kel...Que lindas pernas!

Kel riu com voz trovejante enquanto fazia uma reverência própria de um súdito medieval, movendo com amplitude o braço livre, como se agitasse um chapéu de plumas invisíveis.

- Muito obrigado, milady.

- Quem é a fofura? – Perguntou a mesma mulher, inspecionando-os com olhos brilhantes. Junto a ela tinha um homem, alto de barba, que lhe rodeava os ombros com seu braço musculoso.

Os acompanhavam dois pares igualmente atrativos e com afeto similar nos olhos. Era evidente que conheciam Kel e que gostavam dele.

Ele mostrou Nineva com uma mão.

- É a princesa Nineva, dos Sidhes de Morven. – Virou para ela e lhe apresentou aos três pares, que estreitaram suas mãos e lhe sorriram de maneira amistosa.

Resultou que a mulher de cabelos escuros e seu acompanhante eram Caroline e Galahad Du Lac. O segundo homem de cabelo escuro era Lancelot, o pai de Galahad, que não aparentava ser mais velho que o filho. Sua esposa, Grace, era alta e esbelta, loira e de uma beleza impressionante.

Mas os dois que fascinaram de verdade a Nineva monopolizando sua atenção foram o homem loiro altíssimo e assombrosamente bonito que Kel lhe apresentou como Gawain e sua pequena e encantadora mulher, Lark.

- Ouvi falar muito de você. – Disse sorrindo a Gawain, enquanto lhe oferecia a mão para que a estreitasse.

Gawain mostrou os dentes reluzentes.

- Não acredite em nada ao pé da letra – lhe advertiu olhando a Kel com malícia. – O gecónido* gosta de distorcer a verdade.

Nineva levantou as sobrancelhas.

- Gecónido?

- O apelido ficava melhor quando estava na espada – Lark explicou com secura.

*GECÓNIDO. Adj. Zool. Diz-se dos reptéis sauros, pequenos, grossos, de cabeça triangular com expansões laterais, como o dragão e a salamandra (N.T. P)

- Por que estão tão elegantes? – Perguntou Gawain a seu amigo.

- Temos uma reunião com Arthur e Llyr. – Como se quisesse evitar perguntas, juntou-: Aonde vão todos?

- Ao Mageclub – respondeu Caroline, enganchando-se no braço de seu bonito marido – Nós, as meninas, vamos beber uma jarra de Margarita, e depois vou embriagar Galahad para aproveitar-me dele.

Kel ofegou.

- Desde quando tem que trabalhar tão duro?

Galahad sorriu e levou um dedo aos lábios.

- Ssssh.

Nineva riu com o humor brincalhão de seus olhos azuis.

- O que faz as mulheres dar-lhe tequila, Caroline? – Perguntou Kel.

- Ela fez uma careta enquanto Grace pigarreava.

- Acabamos de voltar do Iraque.

- Ai. – disse Nineva.

Curiosa, abriu a boca para pedir mais detalhes, mas Kel apertou seu braço suavemente.

- É melhor que sigamos. Não queremos fazer Llyr esperar.

- Reúnam-se conosco depois que terminem – Disse Gawain, dando-lhe uma palmada no ombro musculoso de seu amigo.

- Faremos o possível. – concordou Kel – Mas dadas as circunstancias, não prometo nada.

Quando se foram, Nineva baixou a voz, aturdida.

- Eram Lancelot, Gawain e Galahad.

Kel sorriu.

- Sim.

- Menino. Sorriu com malícia- São lindos. Para seu deleite, um brilho de advertência iluminou os olhos de Kel.

- E muito, muito carinhosos. Todos estão unidos por um Vínculo Verdadeiro.

Ela escutava com atenção enquanto ele explicava o mágico vínculo psíquico que formavam os casais da raça Mage; um vínculo tão forte que um podia sentir as emoções do outro e comunicar-se por telepatia.

A idéia era surpreendentemente sedutora.

Nineva tratou de imaginar como seria isso: não só estar apaixonada, também sentir o amor de seu amado. Não estar só.

- Parece tentador – disse por último.
- Sim – Nos olhos de Kel apareceu um rastro de melancolia – É mesmo, não?

Nineva passou pela porta que Kel abriu e tratou de não ficar com a boca aberta como uma turista.

Belas tapeçarias medievais penduradas nas paredes do aposento circular, onde unicórnios e dragões, damas e cavaleiros estavam representados com fios brilhantes. Por mais formosas que fossem as tapeçarias penduradas, o que dominava o aposento na realidade era uma enorme mesa circular de madeira escura, maciça e luxuosamente talhada, com doze cadeiras igualmente belas a circundavam.

Ficou sem ar.

- Essa é...?

- A Távola Redonda? Sim.

Arthur ficou de pé. A diferença das vezes anteriores que o tinha visto vestia roupas para corte, um colete escarlate bordado em ouro com incrustações de pedras preciosas. Uma espada coberta de jóias pendia de uma faixa que rodeava sua cintura.

Nineva o olhou com uma expressão de surpresa nos olhos, mas sem animar-se a perguntar. Kel a tocou na cintura, fazendo que voltasse a si. O seguiu até um lugar perto de Arthur, onde Kel a aproximou de uma das belas cadeiras e se sentou um pouco perplexa.

- Espero Llyr de um momento para outro. – disse Arthur – junto com sua habitual escolta de guarda-costas, pobre desgraçado. Qualquer um pensaria que com o irmão morto, poderia sentir-se tranqüilo, mas não tem essa sorte.

- “Inquieta descansa a cabeça que leva a coroa”^{*1}- citou Kel com suavidade

- Sim, é por esse motivo que não estranho a minha. – Arthur lançou um olhar para Nineva – Fará bem em tê-lo sempre presente, menina.

Creia-me, não tenho falsas ilusões nesse sentido. – Recordou a ultima imagem de seus pais, abraçados um ao outro em meio ao desespero e a pena – Ter sangue real já me custou bastante, tal como estão as coisas. – Antes que pudesse dizer algo mais, seus instintos começaram a gritar.

O poder se aproximava. Não era simplesmente sensação de magia que rodeava às Majae, senão algo muito mais profundo, O cabelo da nuca se eriçou a medida que se aproximava e o coração começou a galopar.

^{*1}Cita cena de “Henrique IV, Parte II, Ato 3, de William Shakespeare

A porta se abriu e Llyr Galatyn entrou seguido de uma bela loira e uma mulher morena e igualmente encantadora. Nineva as reconheceu como as mulheres que tinha visto no dia anterior na reunião com Arthur. Atrás delas ia a passos largos um guarda-costas sidhe de olhar receoso vestindo uma armadura pesada.

Nineva se levantou e lançou mão da reverência que seu pai lhe tinha ensinado muitos anos antes. Pelo canto do olho viu que Arthur e Kel intercambiaram reverências com Llyr.

- Levante-se, menina. – disse Llyr com aquela voz grave e formosa.

Nineva levantou a cabeça e encontrou com seu olhar, tão dolorosamente familiar. Vestia negro e prata; as cores austeras faziam com que sua beleza fosse ainda mais chamativa. O poder que o rodeava a deixava sem ar.

Como ela, era um Avatar, ainda que de um deus completamente diferente. Mas a diferença de Semira, Cachamwri não era um prisioneiro, senão um ser com pleno poder.

Isso era o que poderia ser Nineva, se conseguisse liberar Semira.

Devido a que o olhava com tanta avidez, quase não se inteirou quando Arthur apresentou às mulheres que escoltavam Llyr: Guinevere, a mulher de Arthur, e Morgana Le Fay, meio irmã deste. Em circunstâncias normais a teriam fascinado, mas com Llyr na habitação era difícil preocupar-se.

- Me informaram – disse Llyr – que deveria ter uma Marca.

Ela baixou o profundo decote em V de seu corpete e revelou o redemoinho dourado da linhagem de Semira, que começou a brilhar como se reagisse ante a presença do rei sidhe.

- Me permite?

Como a boca estava seca, ela inclinou a cabeça.

- Sim, Vossa Majestade.

Tocou-lhe a Marca com as pontas dos dedos e ela sentiu o crepitar de seu poder. Por cima do ombro de Llyr, deu com o olhar frio e desconfiado do guarda-costas.

Finalmente, Llyr retrocedeu e fez um gesto brusco de assentimento.

- Sim, é o Avatar de Semira – seus olhares se cruzaram -. Mas sua deusa parece muito débil.

- Faz muito tempo que está prisioneira e eu sou o primeiro Avatar que nasceu depois de muitos séculos. Tenho que fortalecê-la antes de encontrar a espada e liberá-la.

Llyr levantou uma sobrancelha dourada.

- Como pensa em fortalecê-la?

Sentiu que suas bochechas ardiam, para sua grande mortificação, mas fazendo um esforço evitou encarar Kel.

- Ah. – O tom de Llyr era de cumplicidade e seus lábios se retorceram em um breve sorriso. Depois de fazer uma pausa, disse -: O historiador de minha corte me contou que Semira era considerada uma deusa da fertilidade.

Nineva pigarreou.

- Isso...parece.

- Também investiguei sua afirmação. Segundo seu cômputo, você deveria ser o vigésimo primeiro Avatar que, se a profecia estiver correta, se converterá naquela que libertará Semira da espada e nos salvará dos Escuros.

- Isso...é o que sempre me ensinaram. – O não de tensão que tinha no estomago se afrouxou. Pelo menos ele acreditava.

Arthur convidou a todos a sentarem e lhes ofereceu algo para beber, que eles recusaram com cortesia.

Quando a primeira impressão provocada pelos traços familiares de Llyr começou a desvanecer, Nineva se precaveu do frio olhar do rei.

Talvez lhe acreditasse, mas não confiava nela. O estomago começou a retorcer novamente. Ele não era um amigo apesar de parecer com seu pai e podia muito bem resolver marchar contra ela. E que demônios faria então?

Debaixo da mesa, uma mão grande e cálida envolveu a sua, que se fechava em punhos sobre a saia pela ansiedade. Levantou o olhar e se encontrou como olhar tranquilizador de Kel.

- Bem – disse Llyr – diga-me o que sabe sobre a invasão dos Escuros.

Diana London Galatyn estava sentada no jardim de inverno, rodeada de muitas flores perfumadas, junto com cinco guardas armados e vestidos com armaduras.

A veia paranóica de Llyr começava a colocá-la nervosa. Se encontrava reunido com Arthur e o suposto Avatar de Semira em algum lugar mais além do corredor. Normalmente, Diana estaria a seu lado, mas era evidente

que considerava aquela menina uma ameaça e não queria que Diana estivesse perto dela por nada no mundo.

Era ridículo. Depois de tudo Diana era uma mulher lobo e qualquer ataque mágico simplesmente ricochetearia nela. Pelo fato de que não podia se transformar fazia um pouco mais complicado defender-se. De todos os modos, a quantidade de guarda-costas era um exagero.

Mas ao mesmo tempo era uma precaução compreensível, tendo em conta a trágica história de Llyr. Diana estava preparada para suportá-lo se isso fizesse que ele se sentisse melhor.

Esforçou-se para ignorá-los e se concentrou nas fileiras de cifras do laptop que fez Llyr comprar. Posto que naquele momento não tinha colo por seu estado, um dos guardas tinha feito aparecer uma pequena mesa com um feitiço.

Quando ela e Llyr assumiram o governo do reino de Morven, descobriram que tinha muito mais dinheiro nas arcas do que o necessário. Ansgar tinha empobrecido metodicamente a seu povo para enriquecer junto com seus aliados.

Diana sugeriu de imediato fazer uma enorme devolução de impostos para uma parte do dinheiro, mas ela e Llyr também tinham em mente vários projetos públicos para o resto. Para começar, o reino de Morven necessitava com urgência ter um sistema educativo para os jovens já que, para economizar dinheiro, Ansgar o tinha abolido séculos atrás.

Logo tinha que pensar no sistema legal da coroa, que estava infestado de corrupção de cima a baixo, e ia ser um verdadeiro uma droga.

O primeiro passo para fazer qualquer dessas coisas era calcular com exatidão quanto dinheiro se necessitava para dirigir o reino de Morven. Diana, por sorte, tinha bastante experiência no manejo de dinheiro, graças aos anos que tinha trabalhado como administradora de uma cidade pequena. O reino era muito maior que qualquer das coisas das quais ela tinha se ocupado antes, claro, mas os princípios eram os mesmos.

Levantou o olhar, distraída, do laptop enquanto meditava sobre as cifras. Seu olhar recaiu no capitão da escolta, um homem alto e de constituição forte que, geralmente, se conduzia de forma alegre e despreocupada. Agora se deslocava pela habitação falando com cada guarda com uma expressão de veemência e atenção pouco habitual. Diana franziu o cenho. Acontecia alguma coisa?

Talvez fosse melhor que desse uma volta para averiguá-lo.

Varza lançou um olhar ao seu redor quando a mulher lobo levantou com esforço seu corpo grávido do banco e se dirigiu para ele. Reprimiu um palavrão e se afastou do guarda que se dispunha a enfeitiçar. O único que faltava era despertar as suspeitas da puta.

Ela fez uma reverencia profunda e colocou seu melhor sorriso.

- Rainha Diana, em que posso servi-la?

- Que está acontecendo? – perguntou a mulher lobo daquela forma direta, tão humana que ela tinha. – Notei que parece esforçar-se demasiado para falar com todos os homens.

- Sim, mas para assegurar-me de que todos tenham entendido as ordens claramente.

- Vá! – Seus olhos eram demasiado perspicazes – Quais são essas ordens?

Puta intrometida. Insuflou mais encanto no sorriso de Gamal.

- Sua majestade quer que mantemos em guarda por qualquer ameaça.

- Isso é muito obvio.

Varza pestanejou sem compreender a frase. – Como?

- Esse é seu trabalho, capitão. Me parece uma desculpa.

- Talvez, mas só queria reforçar.

- Não sei por que duvido de que se trate só disso, mas conhecendo meu marido sei que ordenou não exceder nos detalhes. Sendo assim, prossiga com o que fazia. = Para alívio de Varza, ela deu meia volta e deslizou com graça surpreendente, tendo em conta o enorme ventre grávido.

Varza observou enquanto se sentava e voltava a seu trabalho no seu aparato mortal, o que fosse. Quando esteve segura de que a mulher estava ocupada novamente, foi até o quarto e último guarda.

O homem permanecia de pé com aspecto receoso e vigilante dentro de sua armadura de malaquita*2, recorrendo ao pomo da espada com a mão. As recordações que tinha roubado de Gamal lhe disse que se chamava Krinus, um Sidhe de considerável força natural, inteligente e leal a coroa.

Que era a razão pela qual Varza o tinha deixado por ultimo. Apoderar-se dele tinha sido arriscado, posto que requeria investir mais energia nele do que tinha necessário

para os demais. Se Varza tivesse tentado primeiro com ele, um deles poderia ter captado e dado o alarme e, rodeados como estavam pelos Mage, teria sido um desastre. Ela não tinha nenhum interesse em lutar contra um pequeno exercito de vampiros e bruxos furiosos, nem de falar com Llyr Galatyn, Avatar de Dragão.

Encaminhou-se até o guerreiro, que estava muito bem treinado para afastar o olhar da mulher lobo. O pegou pelo ombro atraindo-o como se fosse dizer-lhe algo particular. O feitiço atravessou a armadura do homem como se ela não tivesse ali. Krinus arregalou os olhos pela surpresa, enquanto seus músculos se imobilizavam.

Mas ainda que tivesse o corpo paralisado, sua mente era muito forte. Mesmo quando Varza enviou o segundo feitiço na consciência do sidhe, Krinus se protegeu e se defendeu lançando uma monda de fogo na mente de seu atacante. Varza apertou os dentes, se protegeu e verteu mais magia no feitiço. As defesas de Krinus se mantiveram sólidas durante um momento, mas abruptamente cederam. Muito mais depressa do que devia.

Mesmo enquanto arremetia com sua magia, captou que o poder do homem explodia para o exterior, um uivo psíquico de advertência, desenhado para alertar o rei e sua cadela. Krinus tinha se sacrificado de propósito.

Varza disparou desesperada sua magia contra Krinus. Por um momento pensou que era demasiado tarde.

E então o feitiço do Sidhe se apagou como uma vela. Varza deixou a vitima enfeitiçada e desapareceu, reprimindo um sorriso de triunfo. Contando com o próprio Gamal, agora tinha o controle de todos os guardas. Faltava só um último elemento para que tudo estivesse em seu lugar, e se sua visão era correta, aconteceria em qualquer momento a partir de então.

**2 Malaquita é um mineral verde da família dos carbonatos (do cobre) de cor verde (N.T.P.)*

Capitulo 9

Para ser rei, Llyr Galatyn era deliciosamente educado, mas isso não impedia de crivá-la de perguntas como um policial de televisão que interroga a um assassino em serie. Nineva contestava tudo com uma honestidade escrupulosa porque sabia que ele se daria conta se mentisse.

Os olhos do rei se voltarem gelado quando Nineva admitiu que a principio tinha aceitado a espada e o oferecimento de Arralt para ajudá-la a destronar "o usurpador".

- Assim que me considera um usurpador? – A mandíbula tremeu quando a energia começou a agitar-se ao seu redor junto com a raiva, que cada vez era maior.

Ela resistiu a deixar-se perturbar por aqueles frios olhos opalescentes.

- Queria a espada de Semira. Me educaram como o último Avatar, Vossa Majestade. Meu pai me ensinou que meu dever é libertar a deusa e lutar contra os Escuros...

- Acredita que eu sou o usurpador de que fala a profecia? – Espetou em tom brusco, negando-se a que se esquivasse. Suas mãos grandes e elegantes se fecharam em punhos.

- Não, estou convencida de que é Arralt. As palavras exatas da profecia são: "Os dois reinos libertados daquele que o usurparia". Isso implica em fazer um intento e fracassar. Você é o rei.

- Me tranquiliza que tenha se dado conta. – Graças a deusa, agora soava mais cortante que irritado – Mas a principio estava disposta a colaborar com os rebeldes. O que a fez mudar de opinião?

Nineva relatou então a visão que teve durante o feitiço de Arralt, começando pelo assassinato da própria mãe. Llyr grunhiu sem surpreender-se, como era lógico.

Sua expressão se tornou austera quando ela lhe descreveu o ingresso dos Escuros na Times Square através de um portal dimensional. Mas o rei empalideceu quando ela se referiu a mulher grávida que tinha visto gritar de dor e a Sidhe de olhos amarelos que ameaçava ao bebe ensangüentado.

- A Sidhe levantou a Espada de Semira em cima do bebe. – Nineva aspirou profundamente o ar – Nesse momento tratei de escapar, assim que não vi mais nada.

Transcorreu um tempo longo, marcado pelo silencio e a consternação.

- Arralt trabalha para os Escuros – disse por fim Llyr.

- Pelo visto, sim. – disse pensativamente Arthur – E essa mulher sidhe de olhos amarelos, é familiar, Llyr?

- Não estou certo. – O rei franziu a testa, e depois voltou a prestar atenção a Nineva – Não pode proporcionar uma descrição mais detalhada?

- Acredito que sim.

Encontrou uma recordação clara e estendeu a mão. A cara da Sidhe apareceu no ar, em três dimensões e a cores, brilhando levemente pela magia. Um grunhido lhe retorcia a boca que, do contrario, poderia ter sido bonita, e uns olhos tão selvagens e amarelos como os de um puma o fulminaram com um olhar cheio de ódio.

- Não é a Miss Simpatia, certamente. – murmurou Arthur.

A brincadeira não fez Llyr sorrir, pois estava demasiado concentrado em examinar a imagem.

- Não a conheço; mas os outros, talvez sim. Permite-me, por favor?

Nineva assentiu. Quando ele a absorveu, a imagem desapareceu. Mais tarde poderia trazê-la de volta a memória para distribuí-la entre seus homens.

- Obrigado por sua colaboração, Nineva. – disse por último Llyr, depois que ela respondeu mais algumas perguntas. Virou para Arthur e lhe perguntou – Com sua permissão, queria falar com Lorde Kel.

- É claro.

Arthur lançou um sorriso a Nineva que não chegava a seus olhos negros. Ela suspeitou que estava preocupado com os Escuros

- Se importa de nos desculparmos um minuto? Não tardaremos muito mais que isso.

Nineva assentiu e se colocou de pé, esboçou uma reverencia e escapou do aposento com uma sensação de alívio. Tinha as costas molhadas de suor sob o vestido de veludo e estava desesperada para sair e respirar um pouco de ar fresco. Pegando a saia com as mãos, atravessou depressa o corredor em direção às portas que davam para o exterior. Esperaria na escadaria que Kel aparecesse.

Se bem que tudo tinha saído melhor do que esperava. Era obvio que Llyr considerava que os Escuros representavam uma ameaça maior para o trono que ela. Graças a Deus por aquela profecia ou ele teria sido muito mais hostil.

Mexia-se inquieta, desejando que existisse alguma forma pratica para que ela pudesse começar a busca pela Espada de Semira. Se não a encontrasse rápido, todos estavam fodidos. Sidhes e Mage por igual. Até os humanos mortais corriam perigo porque depois que os Escuros se comessem a mordidas aos que empregavam magia, colocariam seu satânico olhar em uma presa mais fácil.

Por desgraça, até que tivesse fortalecido a deusa o suficiente para que ela a guiasse, ela seguiria dando voltas na roda. E isso significava ter muito sexo com Kel. Não que ela se importasse porque, depois de tudo, ele o fazia muito bem.

Oxalá que enquanto durasse o procedimento não se ferisse.

A insistência de Llyr, Kel descreveu seu encontro com Cachamwri e seus posteriores esforços para localizar a Nineva que culminaram na batalha com Arralt e seus homens.

- O que pensa da jovem? – perguntou o rei sidhe para finalizar.

Kel, um pouco surpreendido pela profunda emoção que lhe despertava a pergunta, vacilou um pouco.

- Não lhe interessa seu trono. – disse, já que essa era a resposta mais simples que lhe podia ocorrer. – Decididamente ela não trabalha com os rebeldes.

- Isso disse ela. – Grunhiu Llyr.

- E pode confiar em sua palavra. Esta obcecada em libertar Semira; foi educada para isso desde que nasceu. Ao mesmo tempo, a profecia a aterroriza. – Franziu a testa – E já que tenho papel principal nela, tampouco esta muito segura comigo.

- Considerando a natureza da profecia, não a culpo. – O rei o estudava com um débil indicio de diversão em seus agudos olhos opalinos. – Você não gosta disso.

- Para ser franco, não. Não estou acostumado a fazer com que as mulheres bonitas me temam.

- Poderia fazê-lo?

- Exalar fogo sobre ela?

- Sim.

Kel sentiu que Arthur, Llyr, as duas Mage e até o guarda-costas do rei o olhavam.

- Nem pensar.

- Nem sequer para salvar a Terra dos Escuros?

Kel sabia quando o colocavam a prova e não duvidou.

- Não acredito que deva levar a profecia ao pé da letra. Deve haver outra interpretação, ainda que não a tenhamos descoberto.

Llyr suspirou.

- Espero que tenha razão, meu amigo. Desejo de verdade que Cachamwri volte a aparecer para qualquer um de nos. Talvez resolvesse essas perguntas.

- O deus dragão, desgraçadamente, não costuma vir quando o invocam. – A voz de Kel soou muito seca, incluindo para seus próprios ouvidos.

- Geralmente os deuses não o fazem. – disse Morgana – E até que o faça, é melhor que resolvamos o que fazer com as defesas de Merlin para que os Escuros não encontrem a oportunidade de invadir-nos.

- Como cai a inspeção das defesas? Lhe perguntou Arthur às Majae.

- Seguem estando tão fortes como sempre. – respondeu Guinevere.

- Então como diabos os Escuros pensam em atravessá-la? – Arthur se recostou no assento com uma expressão de frustração – E se sabem como quebrar as defesas, porque não fizeram antes?

- Tem que ser algo relacionado a Espada de Semira. – Llyr passava o polegar no lábio inferior enquanto enrugava a testa pela intensa concentração. – O feito de que fosse roubada antes que tudo isso começasse não pode ser uma coincidência. O que disse o Grimório de Merlin?

- Pouco, é verdade. – Arthur tamborilou os dedos na mesa – O que é raro. Grim, geralmente, não é assim...impreciso.

Morgana encolheu os ombros.

Llyr se sobressaltou.

- Porque o faria?

- Está ocorrendo algo que está escrito que vai acontecer. – Lhe explicou Guinevere. – Grim só põe obstáculos quando não quer que evitemos algo que deve ocorrer para evitar outro mal ainda pior

- Que outra coisa poderia ter sido pior que a destruição das Torres Gêmeas? – perguntou Llyr.

Gwen fez uma careta.

- Que a Al Qaeda pusesse suas mãos em uma arma nuclear e a introduzisse de contrabando em Washington através de uma segurança pouco estrita, o que teria acontecido um ano depois as Torres não tivessem vindo abaixo. Os Estados Unidos então teriam atacado o Afeganistão com bombas nucleares e os russo teriam se vingado depois que a nuvem radioativa começasse a matar seu povo. – Encolheu os ombros – A Terceira Guerra

Mundial teria durado três dias e matado a metade dos habitantes do planeta, e o resto teria invejado aos mortos.

Llyr a olhou.

- Sim, isso poderia ser pior.

- Mas não pior que a invasão dos Escuros – murmurou Arthur – Já vi a atuação desses safados. Me parece que, falemos de destino ou não, é hora de que nosso livresco amigo responda a algumas perguntas.

O Grimório se materializou no instante junto a ele com um redemoinho de faíscas.

- Ola, meu senhor.

- O que acontece com as defesas de Merlin? De que forma os Escuros pensam em atravessá-la?

- Com um feitiço.

- Está de sacanagem! Que tipo de feitiço?

- Vão sacrificar a minha esposa e filho? A voz de Llyr era muito tranqüila, mas a cólera que fermentava nela atraiu a todos os olhares.

- Se puderem pegá-los.

Llyr apertou os punhos enquanto movia os músculos do maxilar.

- E se não puderem?

- Farão a prova com outro feitiço.

- Grim, nos dê uma resposta direta – exigiu Arthur – Como se propõe atravessar as defesas?

- A resposta contudo não é clara, meu senhor. Há muitas variáveis.

- Fantástico. – Se recostou no assento com um grunhido de desgosto- Isso era tudo o que queria ouvir.

Nineva se dirigia pelo corredor para a saída do edifício quando uma figura masculina e alta atravessou seu caminho.

- Princesa Nineva?

- Sim? – O examinou com cautela. Era um Sidhe musculoso, de cabelo púrpura como um pensamento. Vestia uma armadura de malaquita brilhante, o que indicava que era um membro da guarda do palácio, segundo o que seu pai lhe tinha dito há muitos anos. Nineva se colocou tensa e se preparou para apelar a sua magia. Só por acaso.

- Sua Majestade, a rainha Diana, requer a honra de sua presença.

Lhe assinalou com um gesto as portas duplas pela que acabara de sair.

Nineva vacilou. O que queria a soberana dos Sois Reinos? Onde tinha estado durante o interrogatório?

- Sua Alteza?

O guarda abriu uma das portas e esperou.

Parecia que se esquivar do convite era uma possibilidade impensável. Ela entrou e parou de repente, impressionada uma vez mais pela arquitetura do Mageverso.

A habitação era uma espécie de jardim de inverno, cheio de flores, plantas e vegetais. Uma gigantesca mulher grávida estava sentada em um elegante banco de mármore que ocupava o centro. Levantou a vista enquanto seus olhos prateados a olhavam com curiosidade.

Nineva respirou fundo quando reconheceu aqueles olhos surpreendentes e os traços cinzelados. A rainha dos Sidhes era a mulher que tinha visto em seu sonho, a que estava em trabalho de parto, o que significava que era seu bebe ensangüentado a quem a criatura de olhos amarelos ameaçava com a espada. "Com razão Llyr parecia que tinha visto um fantasma. Eu acabava de dizer que sua esposa e filhos iam ser vítimas de um ato de magia mortal".

A rainha levantou as delicadas sobrancelhas escuras.

- Em que posso lhe ajudar?

Que demônios devia dizer-lhe? Nineva tratou de ganhar tempo, enquanto buscava em seu cérebro as palavras apropriadas.

- O guarda me disse que você queria me ver.

- Engraçado. – A rainha fez um gesto de estranheza – Não pedi semelhante coisa.

- Mas eu sim. – O capitão desembainhou a espada com um ruído metálico áspero. Os seis guardas que tinha ali fizeram o mesmo. Rodeando as mulheres com uma profusão de pontas brilhantes. – Venha conosco, as duas. – Disse mostrando os dentes.

A rainha entrecerrou os olhos que passearam rapidamente de aço em aço. Se levantou com facilidade do banco, apesar da enorme barriga. Nineva suspeitou que se tivesse podido, tinha se encolhido e agachado para pular.

- Se tornaram traidores, jovens?

- Passamos para o lado vencedor.

"Kel!" Enquanto a rainha sidhe distraía os guardas, Nineva tinha armazenado sua magia para pedir ajuda com um grito psíquico. O disparou fazendo explodir no exterior só para ver-se desiludida, já que de imediato se apagou.

Carvalho, os safados deviam ter levantado algum tipo de barreira.

Não havia tempo para um segundo intento. Com um conjuro, Nineva fez aparecer uma armadura e uma espada e se meteu entre aquelas pontas de espada e o ventre grávido da rainha.

- Atrás de mim, Majestade.

Mas o capitão da guarda se arrastou até diante como uma serpente e pegou a mulher pelo pulso. Nineva virou para enfrentá-lo, mas ele a afastou com, um toque rápido da espada.

- Solta a armadura, jovem. Te faremos em pedaços se não tem o bom senso de render-se.

A mão do capitão Gamal apertou o pulso de Diana provocando-lhe dor e afastando-a aos puxões da jovem sidhe de aspecto decidido.

- Vamos Majestade.

- Nem pensar, otário.

Diana retorceu o pulso e o soltou com um puxão. Como boa mulher lobo que era, tinha mais força do que esperava e o braço saiu de seus dedos, livre.

- Cadela! – Tratou de agarrá-la de novo, mas ela se esquivou, rápida como um lobo que era. Ele a encurralou, de seu corpo emanava um leve cheiro de putrefação. O fedor lhe produziu náuseas, enquanto o pelos da nuca se eriçavam.

Conhecia aquela fetidez. “Maldade”. Não estranhava que seus instintos tivessem gritado tão alto.

- Como afetaria a você, Gamal?

- Não estou disposto a servir uma loba e a seu cachorro. Os dois estarão mais bem mortos. – Os olhos de Gamal eram frios e planos como os de uma serpente – levem a princesa, - juntou dirigindo-se a seus homens que tinham se deslocado para impedir que a jovem fosse ao resgate de Diana – Mas não a matem.

Os seis guardas se fecharam sobre seu objetivo com um grunhido cada vez mais selvagem. A princesa pulou para trás, rechaçando o primeiro ataque exploratório.

“Maldita seja”, pensou Diana, enquanto retrocedia frente ao capitão que se aproximava dela sem dar-lhe trégua. “Se pudesse transformar-me, em cinco minutos eliminaria a esses safados”. Não eram rivais para os sois metro de pele, garras e caninos.

A mudança, por desgraça, mataria a seu filho; por isso não se atrevia a fazê-lo

Gamal levantou uma mão, ao mesmo tempo em que se formava um globo azul ao redor dela. Ele jogou em sua cabeça como uma bola rápida. A magia fazia brotar faíscas iguais a um cometa. Diana tratou de esquivar-se, mas o ventre atrapalhava suas reações. O globo a golpeou com uma pontada de calor, depois se esparramou e se desfez sem causar danos,

- É imune a magia mesmo, não é assim? – torceu a boca larga em uma careta de grunhido – Vejamos como se arruma com os punhos.

Ela se agachou, mas esta vez ele estava preparado e lhe deu um soco forte na mandíbula. As estrelas explodiram atrás dos olhos de Diana, que sentiu o gosto de sangue. Era mais rápido que ela tinha pensado.

Outro golpe confuso, agora um golpe por trás. /ela tratou de saltar atrás, mas o ventre fez que perdesse o equilíbrio. Sentiu que caia. As mãos cobertas com malha de armadura de Gamal se fecharam em seu braço e a sacudiram. Ela fechou os punhos e cortou as palmas da mão com as unhas.

Não, unhas não. Garras. Suas mãos se transformaram parcialmente.

Rápida como o pensamento, Diana arranhou a cara do capitão com aquelas garras curvas e lhe deixou dez sulcos paralelos abertos nas bochechas. O sangue jorrou. Ele cambaleou para trás dando um rugido de surpresa e buscando a espada que havia embainhado para pega-la.

- Pequena cadela!

Houve um chacoalho metálico e Diana se encontrou contemplando a folha reluzente. A cara ensangüentada de Gamal grunhia sobre ela.

- Não tem por que estar intacta. O único que necessito está dentro desta barriga gorda.

Ela lhe mostrou as garras e os dentes. – Não terá o meu bebe, traidor.

- Veremos. Investiu a fundo.

“KEL! LLYR!”. Uma vez mais Nineva tratou de fazer com que seu grito mágico transpassasse a barreira. E de novo, sentiu sua magia explodir nela e se extinguir.

Um dos guerreiros atacou a fundo, lançando rápido a espada para seu coração. Ela se esquivou do golpe dando um salto para trás, ao mesmo tempo em que lançava um rápido olhar para a rainha.

A mulher tinha um ventre enorme, mas era surpreendentemente ágil. Saltou para um dos lados da espada que o capitão buscava cravar-lhe no ombro, embora Vacilava um pouco, porque tropeçava devido a carga preciosa.

Por sorte, parecia que os traidores queriam capturar as duas vivas, mas só era questão de tempo antes que a superioridade numérica as vencesse. Nineva era muito hábil com a espada e bastante poderosa com a magia, mas não poderia fazer frente a seis guerreiros sidhes.

Tinha que fazer passar uma mensagem através da barreira, já que era a única oportunidade que tinham de salvar-se.

A Marca pulsava em seu peito enquanto ela enfiava a mão até o fundo e extraía toda a magia que possuía, reunindo-a em uma carga sólida. Se isto falhasse, estava acabada e a rainha não teria nem a mais remota probabilidade.

“KEL! Estão nos atacando!”. Sentiu que a barreira explodia em pedaços quando o feitiço a perfurou.

O capitão virou-se, retraindo os lábios em uma careta de pura fúria.

- Se comunicou! Matem-na!

Oh, merda.

Kel se esforçou para não remexer-se inquieto enquanto o Grimório seguia falando sobre as defesas físicas levantadas por Merlin. Agora que Llyr tinha terminado de interrogá-lo, queria encontrar a Nineva antes que se metesse em problemas, que, Deus bem sabia, era muito capaz de...

“Kel...nos atacam!”. A voz mental era débil e confusa, mas o puro medo que transmitia era inconfundível.

- Nineva! – Saiu disparado do assento e se dirigiu para a porta correndo a toda – Algo anda mal! – entre um passo e outro, já tinha colocado a armadura.

A magia brilhava em suas costas, e os demais se levantaram pisando em seus calcanhares. Não olhou sequer uma vez para trás enquanto abria a porta com um golpe e se lançava para o corredor. O ruído dos passos dos que os seguiam aumentou de maneira formidável a medida que faziam aparecer suas próprias armaduras. “Nineva?”

Nada. A Kel faltou pouco para frustra-se enquanto esquadrihava o corredor vazio com a espada na mão.

Literalmente falando, tinha dezenas de aposentos onde ela poderia estar.

- Onde demônios esta?

Atrás dele, Llyr amaldiçoava como um estivador.

- Tampouco sinto Diana. Estava no jardim de inverno.

O rei passou para frente correndo a todo vapor, em um relâmpago iridescente. Kel saiu atrás como uma bala; o coração retumbava e tinha um sabor metálico incomum na boca: medo.

Medo por uma jovem que conhecia pouco.

No mais profundo de seu pensamento, Creag tratou de rechazar o feitiço que o mantinha imóvel. O corpo seguia paralisado com obstinação, apesar de que podia ouvir o rei atravessando corredor afora. Em seu temor pela rainha, Llyr nem sequer tinha se dado conta de que seu guarda-costas não o tinha seguido. Nem nenhum dos outros.

Contudo, Creag sabia que ele devia estar à frente, protegendo Llyr Galatyn. Cumprindo seu dever.

Se na houvesse sido por esse desgraçado do Gamal... Creag não suspeitou de nada enquanto o capitão o chamou a um lado antes de deixarem o palácio. A mão do homem havia se apoiado em seu ombro e o mal se derramou em sua mente com uma catarata de águas que o lançou em uma escuridão fétida e lhe roubou a vontade.

E onde Gamal havia conseguido tal poder?

Agora, esse mal saía de Creag em uma onda de magia negra. Extraiu sua forma para fora ao tempo que tratava de levantar uma barreira mística que a absorveria.

Nada aconteceu

Em lugar dele, uma rajada de maldade golpeou o livro que se encontrava aberto sobre a mesa. O Grimório deu um grito de protesto estrangulado antes de fechar-se de um golpe.

Na profundidade de sua mente, Creag amaldiçoou de raiva e desespero quando seu corpo foi para lá pega-lo. Se ouviu falar e a voz era tão áspera que quase não a reconheceu.

- Abre as defesas, Grimório.

Percebeu que as defesas da cidade se debilitava, justamente

Acima de sua cabeça. Ante seus olhos se abriu uma porta dimensional que em um segundo se transformou de um ponto minúsculo em um oval que se movia de forma

ondulante. Creag o atravessou com um uivo mental de desesperança.

Se encontrou em uma habitação de pedra coberta de tochas onde alguns guerreiros vestido de Barbara armadura negra o esperavam. Um homem cujo cabelo escuro estava preso com caninos de animal se adiantou e pegou o livro de suas mãos lançando-lhe um sorriso desapiedado.

- Mate-o.

Creag nem sequer pode agachar-se quando um dos lutadores fez oscilar um machado em direção a sua cabeça.

Llyr lançou as duas mãos para frente enquanto iam correndo para as portas do jardim de inverno. Kel sentiu o estalar da magia, mas as portas seguiram obstinadamente fechadas.

- Estão bloqueadas por algum tipo de feitiço.

A Marca do Dragão apareceu dando golpes furiosos na superfície iridescente da armadura de Llyr ao mesmo tempo em que flutuava sobre seu corpo. Fez oscilar a espada como um bastão de beisebol; a folha fez um estrondo ao chocar-se com a madeira grossa, mas a porta nem sequer vibrou. Llyr, desesperado, murmurou uma maldição própria dos Sidhes.

Kel estendeu as mãos para usar sua magia, e a espada se transformou em um enorme machado de guerra. Enviou seu poder, que ardeu com uma labareda na arma e cortou em pedaços a madeira com toda sua força.

Machado e espada impactaram ao mesmo tempo, ambas brilhando como se fosse a forja de um deus. As portas não chegaram sequer a abrir-se, desintegrando-se, apanhadas em duas forças mágicas opostas de espadas e a proteção do inimigo. Kel se lançou pela abertura quando a barreira mágica se desvaneceu.

Nineva estava rodeada de guerreiros vestido com a armadura de malaquita da escolta de Llyr. Dois deles estavam mortos a seus pés, em meio de um lago de sangue. Sua espada reluzia enquanto ela girava e dava cortes de um lado para outro tentando abrir caminho para Diana Galatyn, pois um homem com o penacho de crina de Capitão da Guarda tinha encurralada a rainha.

-Gamal! – Rugiu Llyr.

O homem lançou um olhar apressado ao rei atacante e investiu a fundo, dirigindo a espada direto ao ventre de Diana. Ela bufou de dor enquanto olhava fixamente o aço, enterrado até quase a empunhadura.

O grito angustiado de Llyr fez que se arrepiasse o cabelo da nuca de Kel. O rei girou a espada quando sua esposa caiu e a cabeça do capitão saiu voando.

Kel, rugindo de fúria, se meteu como uma bala no grupo de homens que rodeavam Nineva. Um homem caiu cortado em dois frente a seu machado; Arthur cravou Excalibur no peito de um segundo, enquanto um terceiro morria a gritos, incinerado por um feitiço de Morgana.

Nineva fincou a folha da espada no peito do último da escolta e a deixou ali abandonada para correr para o lado de Diana.

- Mude! – Llyr agitava o corpo sangrento de sua mulher com a voz rouca pelas lágrimas que não percebia – Você mesma pode curar-se.

- Ainda não – Diana arquejava, retorcendo-se de dor – Uma cesárea! Salve o bebe!

- Deixe que a cure – Nineva apoiou as mãos no ventre inchado e coberto de sangue – Posso salva-los...

-... Mulher lobo – ofegou Diana – Sou resistente a magia. Tem que...Tem que tirar o bebe. Logo poderá curá-lo...e eu poderei mudar...

Nineva olhou a Llyr com os olhos arregalados pasmada.

- Não sei fazer uma cesárea.

- Eu sei. – Guinevere conjurou uma adaga – Sustente-a Llyr, e reze.

Varza abriu os olhos e amaldiçoou indignada. Menos mal que tinha tido a previsão de deixar a seu corpo anterior na cama de Gamal. Se não tivesse feito, não teria onde enfiar-se depois que saíra do corpo de Gamal e tudo teria se perdido.

Jogou as mantas de lado e se levantou nua. Fazendo um gesto, se cobriu com uma vestimenta de corte apropriada, e se balançou sobre os pés calçados com pantufas. Cuidando para manter um andar natural e pausado, apesar da extraordinária angustia, saiu do aposento com ar despreocupado e se dirigiu ao corredor de mármore adornado com jóias do palácio de Morven.

Tinha que deixar o palácio, e tinha que fazê-lo depressa. Uma vez que atravessasse suas fortes defesas, poderiam transportar-se de regresso para fortaleza de forma despercebida.

Se tentasse perfurá-las, Llyr se daria conta de que ela estava envolvida no atentado contra a vida de sua esposa.

Talvez não pudesse impedir que ela escapasse, mas alguns feitiços bem colocados revelariam muito daquilo com que se enfrentava.

Tal como estavam as coisas, Llyr acreditava que a guarda do palácio estava infestada de traidores e ela poderia encontrar alguma forma de servir-se dessa presunção mais tarde.

Uma Sidhe a saudou com a cabeça e Varza lhe respondeu com um sorriso alegre, apesar de estar a ponto de explodir de fúria.

Tinha subestimado por completo o Avatar e a mulher lobo. A princesa era bastante mais poderosa do que ela acreditou, considerando a debilidade de Semira.

Depois vinha a mulher lobo. Varza sabia que ela não poderia transformar-se sem matar o bebe, mas não tinha se dado conta de que ainda assim a cadela ainda podia criar garras.

“Bom, o que importa agora”, pensou Varza com prazer sinistro. “Ao menos lhe custou o mucoso”.

Isso significava que, por desgraça, o sacrifício que ela tinha em mente era inviável. Mas enquanto Creag tivesse escapado com o Grimório de Merlin, sempre existia um plano alternativo.

O bebe estava morrendo. A estocada do capitão tinha destroçado a diminuta costela, acima do quadril.

A mãe uivava com um agudo ulular canino de aflição. Tinha adotado a forma de lobo no instante em que Gwen tinha arrancado o filho de seu corpo e sanou suas feridas que, do contrario, lhe teriam matado.

Nineva apoiou um braço nas costas peludas a modo de consolo enquanto Llyr balançava o corpinho em suas grandes mãos. Tinha uma expressão feroz no rosto enquanto se concentrava em derramar a magia sobre seu filho.

O bebe, diferente de sua mãe, não era resistente aos feitiços. Llyr tinha dito que não adquiriria essa imunidade até que se convertesse em um homem lobo na puberdade.

Enquanto Nineva, Kel e os Mage olhavam contendo a respiração, as bordas da horrenda ferida começaram a soltar faíscas e logo se uniram. O diminuto príncipe se moveu convulsivamente primeiro e logo respirou.

E começou a berrar, com um grito saudável e intenso de cólera pura.

Llyr levantou o olhar. Seus olhos opalinos estavam cheios de lágrimas quando olhou a loba e em seus lábios tremia um sorriso de alívio.

- Tem o temperamento da mãe.

Nineva percebeu que uma espuma mágica saía da loba. No instante seguinte, a rainha se sentou junto a ela, curada de novo, ainda que seu vestido mostrasse o rasgão ensangüentado que atravessava a saia. Igual ao seu marido, deixou que as lágrimas corressem por suas bochechas sem nenhuma atenção enquanto esticava os braços para pegar a seu filho. Llyr então desvaneceu o sangue do corpo pequeno e nu com um gesto e o entregou a sua mulher.

- Olá, príncipe Dearg Andrew – sussurrou, embalando-o de encontro a seu corpo. O bebe movia os pequenos punhos, chorando com muita energia. Era um mês prematuro, mas pouco se percebia. Tinha sido sem dúvida um menino muito grande se tivesse chegado até o fim da gestação.

Um estalo de energia atraiu a atenção de Nineva sobre um dos minúsculos bíceps. Ali, sobre a pele suave brilhava um dragão pequeno e intrincado. A Marca de Cachamwri.

Ela havia ajudado a salvar o Herdeiro dos Heróis.

Capítulo 10

A rainha mimava o seu filho sustentando a cabecinha de cabelos escuros no oco de sua mão. O menino se tranqüilizou e as lágrimas cessaram quando a olhou. A face encantadora da mulher resplandecia de felicidade.

- É igual a seu papai, Dearg Andrew. Sim, sim, igual.

- Dearg Andrew? – Perguntou Guinevere.

- Colocamos em homenagem a seus avôs, Dearg Galatyn e Andrew London.

O menino esquadrinhava o círculo de rostos que o rodeavam, com os enormes olhos leitosos pela opalescência e salpicados de magia. As orelhas terminavam em pontas pequeninas e delicadas. A Nineva parecia ver a seu pai na forma do nariz e o queixo, e a sua mãe no arco da boca.

- É lindo. – Sussurrou.

- Obrigado. – A rainha a olhou, com os olhos prateados brilhantes de lágrimas - Obrigado por tudo. – Logo dirigiu-se a Llyr, juntando -: A princesa lutou todo o tempo para resgatar-me. Tinha seis guardas tentando matá-la e ela se preocupava mais por mim que por ela.

O sorriso que Llyr lhe dirigiu fez que doesse o coração de Nineva, de tanto que lhe recordava a seu pai.

- Conte com a gratidão dos Dois Reinos, princesa Nineva. Qualquer coisa que esteja em meu poder para dar-lhe, não tem mais que pedir.

- Eu...- começou, só para descobrir que era impossível falar, até que por fim conseguiu dizer com a voz estrangulada -: Obrigado.

A rainha estendeu o braço para pegar a mão de Guinevere.

- E obrigado a você, Gwen. Sei que não deveu ser fácil cortar-me daquela maneira, mas se não tivesse feito, não sei quanto tempo teria resistido sem transformar-me. – Seu olhar se voltou sombrio. – E se me transformasse, teríamos perdido Dearg Andrew.

- Não teria se transformado nem se morresse. – A voz de Llyr se quebrou junto com a última palavra. Pigarreou e olhou em torno para Arthur, Morgana, Kel, Guinevere e Nineva. – Devemos muito a vocês, e não esqueceremos.

Mas o espírito de alívio e alegria terminou dez minutos depois quando Llyr recordou de repente ao último guarda-costas. Não estava entre eles, nem entre os caídos.

Quando Llyr e Arthur voltaram depressa a câmara da Távola Redonda, perceberam que o homem tinha desaparecido.

Pior ainda, o mesmo tinha acontecido com o Grimório de Merlin. Arthur chamou e chamou, mas o livro não respondeu. Desesperado, passou a ver todos os vampiros e bruxas de Avalon buscando-o em pessoa e com magia, mas o livro não aparecia em nenhum lado.

Só havia uma conclusão possível.

- Caímos numa armadilha – disse Arthur com desalento
- Nos distraíram com o ataque enquanto o filho da puta levava Grim.

Arthur atribuiu um grupo de cavaleiros da Távola Redonda e um par de bruxas para guardar a Diana, Llyr e seu filho quando regressaram a seu reino. Morgana se

ofereceu para acompanhá-los e colaborar com a investigação para averiguar como tinham chegado os rebeldes a guarda do palácio.

Nineva suspeitava que Llyr tinha se irritado por ter que aceitar ajuda externa, mas não tinha titubeado. Era obvio que sua família significava muito mais para ele que seu orgulho.

Llyr lhes disse que tinha planejado outro exame mágico profundo e implacável dos guardas de todos seus palácios para assegurar-se de que não tinha mais traidores entre eles. Uma vez que tivesse se ocupado disso, projetava ajudar aos Mage a iniciar outra busca à Espada de Semira e do Grimório.

Todos concordaram que o papel de Nineva era fazer o que fosse necessário para fortalecer a Semira. Era evidente que, onde quer que estivesse a Espada, o Grimório não estaria longe.

- Temos que encontrar esse livro – disse Arthur a Kel e a Nineva – Não sei o que se propõe a fazer esses safados com ele, mas preferiria saber.

Kel olhou rapidamente para Nineva.

- Faremos tudo o que esteja ao nosso alcance.

- bom – respondeu Arthur.

Nineva e Kel marcharam penosamente de regresso para casa da montanha, esgotados.

- Preciso de um banho longo e quente – disse Nineva, mexendo os ombros doloridos. Sentia-se suja e debilitada mesmo depois de haver tirado o sangue e o suor do combate mediante um feitiço.

O inimigo havia ganhado mais uma vez.

Uma compaixão contida iluminava os olhos de Kel enquanto examinava o rosto de Nineva.

- Acredito que podemos arrumar isso.

Cumpriu sua promessa e, tão logo entraram em casa a guiou pelo corredor que conduzia até uma escadaria curva.

Nineva mirava a seu redor depois de sair por uma entrada de pedra em forma de arco.

- Aqui dentro que você toma banho?

A extensa câmara de pedra era bastante grande para fazer eco. Eram uns cinco andares de paredes de calcário curvadas e sustentadas por grossas colunas entalhadas com dragões.

- Bom, sim. - Kel lhe diminuiu a importância - Também a uso quando tenho a forma de dragão, por isso tem que ser tão grande.

Uma piscina imensa, rodeada de uma selva de plantas - samambaias, orquídeas e palmeiras imponentes que prosperavam no ar úmido e mágico- Ocupava o centro do espaço. Espirais de vapor subiam da superfície da água, que dava saltos e se movia de forma turbulenta por causa da cascata que jorrava no meio da piscina, do alto. Medindo com a vista a extensão da água que se precipitava de cima, Nineva descobriu a primeira luz azul da madrugada que entrava por uma clarabóia grande e sombria.

- Caramba, você nunca faz nada pela metade, não é verdade?

- Onde estaria a diversão então? - Lhe lançou um sorriso malicioso, cheio de dentes e intenções pouco honrosas. - Quer se despir?

- Na verdade, sim.

A água vaporosa parecia ser o que ela necessitava para os músculos doloridos e o corpo suado.

O ar quente lhe roçou os mamilos. Nineva olhou para baixo e se deu conta de que a armadura tinha se evaporado, deixando seu corpo branco nu. O cabelo loiro lhe acariciou os ombros descobertos quando ela virou para olhá-lo com uma expressão que tinha se voltado apreciativa.

- Obrigado.

A armadura de Kel também tinha desaparecido. Estava de pé ali, sob os raios de luz do amanhecer como o sonho de um deus, as sombras se fundiam debaixo dos músculos firmes e o pênis se endurecia ante o seu olhar. Seus olhos reluziam como um par de rubis iluminados por um foco, enquanto seu sorriso resplandecia de brancura.

- De nada.

Nineva contemplava aquele apetitoso pau quando ele a pegou pela mão e a empurrou com gentileza para a água.

- Vem. Tem que descer alguns degraus para entrar na piscina.

O solo de pedra produzia uma sensação surpreendente de calor e suavidade sob os pés enquanto cruzavam para a piscina, o ar úmido cheirava a orquídeas e a flora do Mageverso ainda mais exótica. Por debaixo daquilo se percebia um vestígio suave de almíscar e magia que lhe pareceu estranhamente familiar. Nineva demorou um

instante em identificá-lo: era o aroma persistente da forma de dragão de Kel.

Ele a observou enquanto a guiava pela escadaria que baixava dentro da piscina.

- Tem a testa franzida.

A água a envolveu os tornozelos, formando ao seu redor uma suave espuma que provinha da cascata. – Não é nada.

Mas era desconcertante compreender que, independentemente de sua aparência, na realidade não era um ser humano.

Era igualmente desconcertante compreender que ela se preocupava por isso. Depois de tudo, o motivo para eles estarem juntos era sua natureza de dragão. Não era como se pudesse haver entre eles algo mais do que sexo mágico.

Nineva pensou no amor que tinha nos olhos de Llyr quando olhava a sua mulher e filho. Algo na recordação lhe fez sentir uma pontada de dor e soltou a mão de Kel.

- Vou nadar.

Kel viu como Nineva mergulhava e afundava na água com braçadas longas. Seu pau tremeu em um espasmo enquanto admirava o corpo pequeno e ágil desaparecia debaixo d'água. Um minuto depois subia para a superfície, batendo as pernas longas e movendo o suave e branco traseiro enquanto seus graciosos braços se abriam caminho na água com braçadas agora fortes e rápidas.

A mente de Kel retrocedeu ao instante em que a tinha visto rodeada de guerreiros, a expressão áspera e decidida enquanto lutava para salvar a rainha. Se ele e Llyr tivessem demorado um minuto mais em chegar, teriam perdido as duas.

O coração se partia de dor ante o pensamento, e não porque a invasão dos Escuros tivesse se convertido em uma certeza. A idéia de Nineva, indefesa e rodeada de inimigos...

A intensidade de sua reação era confusamente alarmante.

“Controle-se Kel. Aqui não há um romance. É só uma obrigação”.

Nineva acelerou o ritmo e nadou mais depressa. Como se tentasse escapar dele.

E maldição, isso também doía.

Resmungando de impaciência consigo mesmo, mergulhou na água e começou a nadar na direção oposta.

Por que estava tão confuso a ponto de ficar paralisado? Ela só se servia dele pelo sexo para ajudar a sua queridíssima deusa. Era um sexo fantástico, certo...talvez o melhor que jamais tinha tido, ainda que o único que sabia o porquê era Cachamwri. Teve amantes mais experimentadas, por certo, ainda que ninguém o tivesse emocionado da mesma forma que ela. Por qual outro motivo tinha se deixado levar pelo pânico quando se deu conta de que a estavam atacando?

Sim, muito bem, ela o tinha perturbado.

"Está se preparando para cair na própria armadilha", pensou desanimado, fazendo mais longas as braçadas e impulsionando-se pela água quente com pernadas fortes."Se convencerá que esta apaixonado pela menina e ela vai jogar sua cauda no lixo quando tirar sua deusa da espada. Depois se casará com algum príncipe sidhe e vivera feliz para sempre, enquanto você fica com o coração destroçado".

De todas as formas, todo o assunto era ridículo. Os dragões não se acasalavam por toda a vida. Porra, apenas se emparelhavam por uma temporada só, o suficiente para fertilizar os ovos da fêmea.

Verdade, um casal de dragões podiam sentir muita paixão durante esse lapso, mas não era duradouro. O amor, a diferença do que sucedia com os humanos, não era um mecanismo de sobrevivência para os dragões, já que uma fêmea era capaz de abastecer sozinha a cria. Não necessitava do macho para caçar em seu lugar enquanto ela dedicava todo o seu tempo aos filhotes.

Kel tinha suspeitado que o amor era uma ilusão humana coletiva, um invento de poetas e escritores românticos, até que Gawain se apaixonou por Lark. Depois, seu melhor amigo formou um Vínculo Verdadeiro com a mulher que amava e durante um momento luminoso, Kel tinha compartilhado sua união psíquica.

E foi incrível. Algo muito mais intenso que o vínculo confortável que ele e Gawain tinham compartilhado durante tantos séculos.

Os dois tinham se vinculado verdadeiramente, para que Lark pudesse manter com vida Gawain enquanto outro cavaleiro o atravessava com Kel em forma de espada. Naquele momento, tinha sido a única maneira de liberar a Kel do aço e resgatar Arthur.

Ele tinha experimentado o amor deles com toda sua pura e brilhante intensidade, mas não tinha lugar para ele

ali. Teve que deixar o vínculo enquanto Lark lutava para salvar seu amado.

Pela primeira vez em séculos estava só de verdade e desde então vivia obcecado por aquele sabor de amor perfeito, amor que sabia que jamais experimentaria de forma direta.

Kel apoiou os pés no fundo para chegar a parte mais rasa do lado oposto da piscina e se ergueu, sacudindo as mechas de cabelo cobalto molhado do rosto.

Quando deu a volta, viu que Nineva flutuava de costas no outro extremo da piscina. Seus encantadores seios nus quebravam a superfície, com os mamilos rosados e cobertos de gotas pelo ar fresco. Cravou os olhos nela, olhando o lento e preguiçoso esperneio de suas longas pernas. O pau voltou a endurecer-se com uma velocidade furiosa.

Podia tomá-la agora. Podia nadar até ali e ela o deixaria tomar aquele corpo exuberante e tentador em nome da deusa. Podia fodê-la de todas as formas que quisesse.

Mas isso seria o Maximo que obteria dela. Não tinha um Vínculo Verdadeiro de união entre os corações e almas em um ponto final para a solidão que o perseguia. Nunca teria.

Apertou a boca e voltou a golpear a água, dando braçadas fortes na direção dela. Se a única coisa que poderia ter dela era sexo...Bem, que assim fosse. Tomaria o que pudesse.

Nineva olhou que a água da piscina se agitava devido a sua proximidade. Baixou os pés para caminhar na água e começava a virar para olhá-lo de frente quando umas mãos grandes a atraíram virando-a e fazendo-a cair entre aqueles braços musculosos.

Sentiu seu corpo duro, o membro rígido contra seu ventre enquanto ele baixava a boca sobre a sua, úmida, voraz e exigente.

Foi um beijo magnífico, um beijo sem clemência; um beijo que a fez ficar sem ar nos pulmões sem piedade. O coração saltou dentro do peito quando ele introduziu a língua mais fundo dentro da boca com movimentos longos e sugestivos.

Cavou uma mão no traseiro nu e a apertou contra a rigidez robusta de seu pau enquanto que com os dedos longos da outra buscava o seio e excitava o mamilo até que um fogo muito doce lhe correu pelo sangue.

Nineva ofegava sob seus lábios possessivos. Kel grunhiu com um ruído rouco e torce a cabeça para percorrer a mandíbula e a garganta com beijos lentos e ardentes. A sensação que sentia era tão maravilhosamente agonizante que seu coração receoso sussurrou um protesto. Com toda segurança o sexo rápido e anônimo era muito mais seguro.

- Kel? O que...que está fazendo?

- O que você acha? – Levantou-lhe no colo, e a dobrou para trás sobre o braço a medida que a mordiscava e lhe fincava os dentes cada vez mais baixo – Alimentando sua deusa.

Nineva afundou as mãos na seda molhada de seu cabelo com a respiração ávida. Os dentes de Kel roçavam com muita habilidade o mamilo e o prazer serpenteava por ela como uma espiral com espasmos tão deliciosos que perdeu a vontade de protestar.

- Doce Semira...- gemia enquanto ele a lambia e lhe dava golpes com a língua e a desfrutava.

- Gosta disso?

Ela só pode gemer em resposta.

Ele riu com um sorriso profundo e gutural.

- Sim, gosta. – A mão sob seu traseiro se movia e explorava, se deslizava entre os lábios suaves e dentro do centro que se molhava com rapidez. Traçou um círculo com o dedo em volta do clitóris e com menos urgência o introduziu fundo em seu sexo – Também gosta disso?

- Ah!, Deus, sim!

Nineva lançou a cabeça para trás em meio a ofegos enquanto ele metia o dedo e logo tirava, com movimentos lentos e incitantes.

- Claro que gosta...o faço bem. – Uma nota de dureza se somou a voz profunda de Kel – Lembre-se. Pode que não seja humano ou sidhe ou que raio deseje, mas sei o que necessita.

Então se dirigiu até a borda da piscina com ela no colo como se não pesasse nada mais que uma boneca de trapo em seus braços. Saiu da água igual a Netuno surge do mar, com a água caindo aos jorros de seus corpos. Nineva se aferrava a seus ombros sem poder respirar e cravou um olhar naqueles olhos carmesins. Pareciam selvagens, famintos e talvez até um pouco zangados. “Que diabos fiz para que se ofendesse?”

“E posso fazer com mais frequência?”

Kel a colocou sobre os pés descalços, a pego pelos ombros e a virou com brusquidão. A pegou pela nuca com uma mão e a empurrou até colocá-la de joelhos.

- E agora o que?

- Advinha.

Escutou um grunhido surdo e ao virar a cabeça, o viu cair de joelho por trás dela, enquanto a obrigava a abaixar mais a cabeça como traseiro apontado para o ar.

Nineva estremeceu; uma excitação incontrolável pulsava no profundo de seu sexo. Que Semira a ajudasse, jamais na vida tinha se sentido tão excitada. Sabia que não deveria estar, devia sentir-se ultrajada pela forma que ele a manipulava, mas seu corpo não se importava. Mais ainda, desejava aquilo: suas mãos ásperas e exigentes, seu corpo grande e firme, e a urgente curva em alta daquela grande pica.

Suas mãos se fecharam em seus quadris e levantou o traseiro, obrigando-a a apoiar as mãos no solo. Ela sentiu o frescor da erva sob os dedos.

Depois, sua boca cobriu sua vagina por trás. Nineva se sacudiu com um grito sobressaltado quando cravou a língua entre os lábios vaginais e lambeu com uma língua longa que a fez retorcer-se ante o imediato estímulo de prazer. Ela sentiu eu ele se acomodava nos calcanhares, e a arrastava para cima e para trás, e a sustentou de forma que nenhum ser humano poderia ter feito enquanto pendurava ela de cabeça para baixo.

Nineva colocou as palmas das mãos sobre os músculos de Kel para sustentar o torso enquanto ele a mordida como se fosse uma ameixa. Dentadas e mordiscos doces, longas lambidas e incitantes movimentos circulares da língua em volta do clitóris. Podia sentir a pulsação do orgasmo que crescia como uma tormenta na parte baixa do ventre, que ficava cada vez mais tenso.

Dentada. Mordisco, Lambida. Um súbito empurrão enérgico da língua chegou direto até o núcleo. Ela começou a tremer e fechou os olhos com força frente a espiral tensa e sem dó de prazer.

- Kel! Deus meu, Kel...

Lhe respondeu com um grunhido, tão selvagem como um tigre quando se alimenta.

Ela soltou um grito e se contorceu em convulsões, agitando o corpo entre seus braços enquanto a sustentava contra sua boca ainda lambendo.

O fogo ardente de seu orgasmo seguia pulsando, onda sobre onda, enquanto ele comia.

O cabelo longo e loiro de Nineva agoitou os músculos de Kel a medida que ela lançava para trás a cabeça, retorcendo-se sob seu braço. A mantinha imobilizada e desfrutava de seus gritos agudos de prazer.

O pênis pulsava e sacudia. O ignorou, resolvido a extrair um grito mais de alegria de sua boca, absorto no sabor de espuma de mar de seu sexo, em banhar-se nela até que por fim Nineva desabou em seus braços, já sem forças e entre soluços. Baixou-a sobre a grama com um selvagem sorriso de conquista e a depositou de costas.

“Veremos se seu príncipe das fadas te dá isso”.

Kel contemplou a palida beleza de Nineva enquanto ela estava tombada no solo, respirando ávida e aturdida. Curvou a boca em um sorriso de complacência, ainda que seu pênis sacudia exigindo que o satisfizesse. Pensou em abrir aquelas lindas pernas e meter dentro; depois, de má vontade, decidiu não fazê-lo.

Contudo não tinha terminado com ela. Ele queria mais. Queria marcar-se a fogo em sua alma e em seu corpo e queria assegurar-se de que ela jamais o esquecesse.

Cravou o olhar na encantadora curvatura de seus seios. Os mamilos luziam deliciosamente rosados e duros, como balas de goma de cereja.

Kel decidiu nesse instante que queria dar uma mordida.

A pegou pelos quadris, a atraiu mais para ele e a cobriu com seu corpo. Ela gemia, com uma mescla de protesto e expectativa. Kel lançou um sorriso de pirata e abaixou a cabeça.

O mamilo ao que se dirigia se endureceu ainda mais ao contato de sua língua a medida que o sugava. Ela tinha sabor de magia e a água de manancial, e a excitação exuberante e inevitável. Chupou mais forte; adorava aquele sabor.

Nineva levantou as mãos e a enfiou nos cabelos de Kel.

- Kel, oh, deusa...está me voltando louca – clamou.

- Bom. – Girou a língua em torno daquele pequeno bico duro e o excitou logo com um mordisco.

O encantava a sensação de seu corpo ágil e pequeno e despertava nele, a pele acetinada e as curvas aveludadas; encantava-lhe o sabor e o perfume exuberante de sua

excitação. Encantava-lhe, enfim, seu completo abandono. Ela era sua.

Ao menos, por agora.

Depois...

A idéia do que sucederia naquele "Depois" voltou a esquentar seu ânimo.

Resmungou sobre o cetim de seu peito e se separou dela.

Talvez não fosse de sua raça; talvez ela não o visse como um animal. Ele lhe demonstraria o que podia fazer um animal.

A girou novamente e levantou seu traseiro, deixando-a de quatro.

- Kel – choramingou.

Não tomou conhecimento do rogo lamentoso e apontou seu pênis para a tentadora abertura rosa de sua vagina. Uma investida forte e profunda até os testículos. Kel respirava ansiosamente pelo prazer teso e liquido. Não se atrevia a mover-se, pois se o fizesse, gozaria.

Por último, começou a investir com cuidado.

Nineva sentia que Kel era imenso dentro dela: um mastro aveludado grosso e duro como uma rocha. Deveria ter provocado-lhe dor, contudo tinha-a excitado com tanta habilidade que a única coisa que ela sentia era um deleite incrível.

Cada investida parecia provocar um fogo doce. Nineva respirava entrecortadamente e só conseguia pegar um punhado de grama com as mãos e a esperar uma bela vida quando ele arremetia a fundo contra ela. Cada vez que a cravava, a tensão aumentava e a aproximava cada vez mais do orgasmo.

Sentia os quadris molhados de Kel golpeando sobre os seus, empurrando para adiante.

Os mamilos roçavam em um ir e vir na erva fresca e agregavam um novo estímulo de fruição a um instante já ardente.

Então ele começou a mover os quadris em circulo, pressionando forte e retorcendo-se dentro dela. Nineva, incapaz de falar, só podia jogar a cabeça para trás e choramingar.

Seu clímax foi abrupto, cegador...e sem fim.

Kel resmungava satisfação ao sentir que ela gozava; a vagina pequena e tensa espremia sua longa verga com cada

investida. Ele se soltou e começou a fincar-se com força, fazendo com que ela sacudisse com cada embate implacável. Os testículos se converteram em nós duros e quentes entre os músculos de Nineva a medida que o clímax se aproximava.

E se desencadeou bruscamente, Kel gozou com um uivo enquanto o calor saía de seu pau em labaredas longas e deliciosas. E...

"Fogo!"

A deusa o acariciou, surpreendida, feminina e ávida. Ávida de seu calor, de seu poder. Sua carícia o atravessou com outro desesperado estalo de lascívia pura e ele introduziu-se mais fundo nas profundezas de Nineva, que se sacudia em convulsões.

Kel ouviu o débil grito de prazer e entrega da deusa. Durante um instante, ele tocou sua mente, a sentiu contorcer-se em meio ao fogo doce e quente que lhe tinha infligido. Aquele instante ardente aumentou seu próprio prazer. Kel uivou...

"Sim". A deusa respirava. "É isso. É isso o que preciso. Mais!"

Incapaz de deter-se, e sem querer tampouco, ele gozou. E gozou, e gozou. E sentiu que a Nineva passava-se o mesmo, o prazer dela incentivava o seu e o fazia mais intenso.

Até que por fim os dois tombaram na grama, ofegantes e sem forças.

Podia sentir o prazer da deusa de longe.

Ia se apagando igual um vestígio. Isso não era bom, eles a necessitavam, mas seu corpo exausto não podia fazer nada a respeito, ele carecia da força necessária.

Nineva descansava entre os braços musculosos de Kel, que a estreitavam com mais brandura, enquanto escutava a urgente respiração. Ela respirava tão forte quanto ele, e só por causa do alucinante prazer.

Ela tinha restabelecido seu vínculo com Semira durante um instante. Não puderam sustentá-lo, mas ela sabia que eles tinham fortalecido a deusa.

Iam pelo caminho certo.

O que, na verdade, não era nenhuma surpresa. Kel tinha caído sobre ela como uma tormenta erótica, alagando sua mente sucessivamente de excitação e gozo. Ela jamais tinha experimentado nada tão intenso.

Não lhe assombrava que a deusa tinha reagido. Nineva levantou a cabeça com cautela. Kel descansava sobre suas costas como se fosse uma manta masculina e quente, com o pênis relaxado que resvalava em seu sexo. Agora respirava mais profundo e tinha os olhos fechados. Entre as duas, ela e Semira, tinham feito pó dele.

Ele, é claro, tinha feito pó dela também. Bocejou estirado ao maxilar com um ruído e voltou a aconchegar-se em seu peito. Ele parecia maravilhoso assim em cima dela, tão grande e quente que dava a impressão de que seu corpo poderoso exalava vapor em forma de gotículas d'água.

Exausta, relaxou e em pouco tempo, ela também dormia.

Ele se movia sobre ela, deslizando seus estreitos quadris, tocando fundo com seu pênis longo. Nineva jogava sua cabeça para trás a medida que o prazer a assaltava no ritmo de seus golpes deliciosos. Fechou os olhos quando saboreou a sensação quente de Kel enquanto lhe fazia o amor; suas mãos se aferraram os braços musculosos. Enrugou a testa. A pele dele produzia uma sensação rara...

Ela abriu os olhos.

E gritou horrorizada. O corpo musculoso de Kel estava coberto de escamas e seu formoso rosto tinha se transformado em presas que grunhiam. Dava açoites com sua cauda como um crocodilo cada vez que empurrava implacável com seu pênis não humano.

"Kel!" Ela fazia esforço desesperado para libertar-se, mas as garras se afundavam em seu traseiro e deixavam-na indefesa com seu abraço.

Seus olhos carmesins observavam seu desamparo com o prazer próprio de um réptil.

- não pode escapar de mim. Não pode libertar-se de teu destino.

Kel abriu a boca, mostrando uns dentes como estiletes. No profundo de sua garganta, ela viu aparecer um ponto vermelho que se transformava em uma bola fervente. De sua boca saiu uma labareda...

Nineva começou a queimar-se dando um grito.

Uns braços firmes a pegaram enquanto tentava escapar da angustia e do terror absolutos. Deu um grito como se fosse um animalzinho sendo caçado e arremeteu

com força, lançando uma bola de fogo que saiu chispando até seu captor.

- Nineva! – gritou Kel, esquivando do ataque – Esta sonhando outra vez. Está tudo bem, está a salvo.

Fez aparecer uma luz e ficou observando-o como uma louca. A pele de Kel era suave e humana, e em seus olhos tinha um olhar doce de preocupação.

- Me feriu!

- Não – insistiu ele – foi só um sonho.

E tomou consciência de que tinha sido só isso quando despertou totalmente. Então desabou em seus braços com um lamento em que se mesclava alívio e vergonha.

- Desculpe. – Sua voz soava rouca. Clareou a garganta e falou novamente – Perdoe pelo que disse.

- Ouve, está bem. – Acariciou suas costas oferecendo-lhe um consolo mudo – Outra vez o sonho abrasador?

- Sim. – Ela apoiou a bochecha em seu peito e o abraçou – Não sei por que. Salvou-me a vida. Se não tivesse sido por você, teriam levado a mim e a rainha. E então tudo estaria acabado.

Ele a abraçou com mais força.

- Não pode controlar seus sonhos Nineva.

- Talvez não, mas desejaria poder controlar esse.

“Escrava...”

Varza se levantou sobressaltada com uma maldição muda. O coração que tinha roubado pulsava com força enquanto olhava a sua volta buscando a origem da voz. Tudo parecia estar bem. Arralt dormia esparramado e nu junto a ela. Mas isso era uma ilusão.

Seu amo a chamava.

Se levantou da cama e entrou sem fazer ruído no aposento ao lado. Ali estava. Uma esfera dourada flutuava no ar sobre o altar de pedra negra onde se encontrava o Grimório de Merlin e a Espada de Semira.

Pelo menos, teria algo para aplacar o safado.

“Escrava...”. A esfera emitia pulsações de cores escuras que giravam como um redemoinho vermelho sangue, púrpura e um verde horroroso. Provavelmente seu amo tinha tido que fazer magia negra para que sua mensagem passasse pelas Defesas de Merlin e chegasse a ela na Terra dos Sidhes. Perguntava-se qual de seus escravos tinha matado.

Tirou o cabelo roubado do rosto.

- Sim, amo?

"Que progresso fez?"

- Conseguimos o Grimório de Merlin e a Espada de Semira. – Apertou os punhos na saia enquanto a ansiedade lhe retorcia as entranhas.

"E os sacrifícios?"

Varza fez uma careta.

- Não pudemos prendê-los. Llyr Galatyn e Arthur os têm muito bem guardados.

"Inaceitável". O estrondo de cólera de seu amo fez vibrar a esfera. "Nossas forças estão prontas para começar a invasão. As Defesas de Merlin devem ser destruídas se vamos começar a conquista."

- Temos um plano alternativo. – disse rapidamente Varza – Necessitamos de um elemento mais para começar a trabalhar e estamos em processo de adquiri-lo.

"Então te aconselho que trabalhe depressa, escrava." O estrondo se voltou mais ameaçador, contudo. "E rápido. Ou pagará o preço"

Ela instintivamente fez uma reverência, ainda que soubesse que ele não a via.

- Nossa intenção é tê-la muito rápido, amo. Poderás proclamar sua conquista dentro de uma semana.

A esfera trovejou mais uma vez antes de ficar escura. Varza desabou aliviada.

Os Escuros regiam o mundo de Odra, a pátria de Varza, há milhares de anos, alimentando-se de dor e morte enquanto destruíam a cultura que existia antes de sua chegada. Varza mesmo não conhecia outra vida, salvo o medo e a implacável determinação de sobreviver.

Arralt tinha decidido aprender a magia dos Escuros como um meio para destronar seu pai e a seu igualmente odiado tio, Llyr Galatyn. Transportou-se para o planeta mais próximo governado pelos Escuros com um portal propulsando pelo assassinato de sua própria mãe.

Varza, por sorte, o tinha encontrado primeiro, na cidade capital de seu amo. Se tivessem tido a oportunidade, seus rivais escravos o teriam assassinado a todos, mas ela teve mais previsão. Assim foi que defendeu a Arralt e a sua volta para os Sidhes – recebendo nada mais que algumas feridas -, e escapou a seu covil com eles.

Ali, começou a investigar para saber quem era os alienígenas e de onde tinham vindo.

Ao princípio, pensou nada mais que em reclamar um reconhecimento por descobrir um novo planeta para os escuros o invadissem. Por desgraça, sua investigação demonstrou rapidamente que a Terra Sidhe estava protegida por outro escudo de proteção dos FAE. A raça rival dos escuros protegia a todos os mundos que descobria, tática que, pouco a pouco estrangulava o desenvolvimento do império.

Varza, enojada, entregou aos Sidhes seu amo, Rakatvira, acreditando que o Escuro o sacrificaria no ato, mas ela foi surpreendida.

Ao que parecia, a Terra dos Sidhes era um planeta muito raro e valioso, um dos poucos que tinha seu gêmeo em outro universo. Rakatvira e os demais Escuros tinham ocupado os dois mundos séculos antes. Contudo, então tinha concebido um novo plano: usariam a Terra alternativa como uma plataforma de lançamento para invadir o universo que o rodeava. Era verdade que tinham que usar sua própria magia, mas isso não era problema em absoluto.

O melhor de tudo era que o plano lhes permitia iludir a interferência dos Fae. O império voltaria a expandir-se, alimentando com um novo suprimento de escravos.

Por desgraça, existia o problema de destruir as defesas dos Fae, que só podia fazer-se de dentro. Arralt estava disposto a cooperar com a mudança desde que lhe permitissem governar os Sidhes como rei, mas Rakatvira não confiava muito nele.

Contudo, confiava em Varza, que sabia que não podia traí-lo. Ainda que seu aspecto demasiado alienígena não lhe permitia passar por uma Sidhe, era expert em feitiços de possessão, e o séquito de Arralt incluía a vítima perfeita.

Assim Varza se apoderou do corpo de Ceredith, a amante de Arralt, matando seu espírito com magia negra. O General não pronunciou nenhuma palavra de protesto, ainda que ela visse em seus olhos o fantasma do arrependimento.

Varza também estava um pouco arrependida. O plano significava deixar seu próprio corpo nas mãos nada carinhosas de Rakatvira, mas não tinha outra saída.

Por sorte, o ardil tinha funcionado. As defesas dos FAE não a reconheceram como uma serva dos Escuros, já que estava coberta com a carne de uma Sidhe.

Varza foi bem recompensada por seus sacrifícios. Saboreou pela primeira vez em sua vida a verdadeira liberdade enquanto trabalhava ao lado de Arralt. Estava

tentada a atraí-lo a seu amo, mas sabia que Rakatvira teria dado morte imediata a seu corpo, o que teria acabado com ela no ato.

A única mancha era o fracasso da captura de Nineva e da mulher lobo. Varza tinha a horrível sensação de que ela seria a vítima do próximo sacrifício de seu amo, se o plano alternativo não funcionasse.

Capítulo 11

Para surpresa de Nineva, a semana seguinte resultou ser mais idílica que jamais tinha conhecido. Ela e Kel passavam o tempo fazendo amor, comendo e dormindo um nos braços do outro e; entre arroubos de paixão, falaram de suas vidas. Kel tinha o que parecia ser uma interminável coleção de relatos de guerra de suas aventuras com Gawain, que alternavam entre os muito divertidos e os horripilantes. Ela nunca tinha passado tanto tempo com um homem nem desfrutado tanto em toda sua vida.

O que talvez explicasse por que nunca se tinha dado conta de quão sozinha estava.

A única mancha na felicidade incipiente na jovem era o sentimento de culpa, que nascia da consciência de que todos os demais estavam dedicados a busca desesperada de Grim e da espada. As equipes de Mage e de Sidhes interrogaram a população civil de morvenos e fizeram um reconhecimento de todos os territórios do planeta, em busca de qualquer pista da localização da fortificação rebelde. Mas para seu pesa, não tinham tido sorte.

Quando ela mencionou o tema da culpa, ele assinalou que os dois estavam fazendo algo que bem poderia obter seus frutos mais rápido que qualquer outro. E tinha um bom argumento. Semira parecia fortalecer-se cada vez que eles faziam amor, ainda que Nineva, contudo não tinha conseguido determinar onde a tinha presa.

O outro problema era que Nineva seguia tendo pesadelos com Kel. Depois de um sonho especialmente violento a despertara uma noite, ele decidiu que os dois necessitavam de uma mudança de ritmo.

O edifício de ladrilhos, longo e baixo, parecia resplandecer de magia e vibrar com a música. As luzes de

neón azul formavam um chapéu de mago em cima da entrada, com o nome Mageclub escrito debaixo em vermelho intermitente.

Nineva levantou as sobrancelhas e enganchou as dias mãos no cotovelo de Kel.

- Conheço isso.

- Ah, sim?

- Sim, Trabalhei em uma dezena de lugares iguais a este.

Kel sorriu.

- Ah, mas duvido que tenha trabalhado em algum lugar como o Mageclub.

De todos os modos, quando entraram se sentiu como em sua casa. Em um extremo do local tinha um enorme bar de bronze e mogno, rodeado de pequenas mesas redondas e alguns reservados. Estava repleto de gente que ria e se empurrava. O resto do espaço estava dominado por uma pista de dança impressionante em que alguns pares davam voltas e giravam ao ritmo vibrante de um rock.

- Bastante gente. – comentou Kel – É provável que estejam descarregando a tensão da busca.

- Sim?

- Ele encolheu os ombros.

- Já vi isso antes. Só a raça dos Mage é capaz de passar tanto tempo coletivamente rompendo as cabeças contra uma parede antes de ter que embriagar-se e começar algo.

- Bom, isso não soa muito maduro.

- Eh, pode que seja uns imbecis imortais, mas seguem sendo nada mais que humanos.

A pegou pela mão e a conduziu para o bar, passando entre as pessoas. Nineva pediu rum com coca-cola, enquanto Kel pedia uma cerveja. Observou com interesse profissional como os servia o garçom, admirando sua enérgica e imperturbável habilidade apesar do frenesi de pedidos que chegassem de todas as direções.

- Bom trabalho – lhe disse enquanto ele jogava uma cereja em sua bebida e lhe dava.

- É uma boa mudança para alguém que vem de matar terroristas.

O homem lhe piscou um olho. Era asquerosamente bonito, é claro.

- Kel! – gritou uma voz feminina em seu ouvido. Era alta e ria com um riso tonto com uma inconfundível nota de

embriaguez que Nineva reconheceu pela experiência profissional. – Está aqui!

Alguém empurrou seu cotovelo. Salvando por um triz seu drinque, Nineva se voltou para encontrar uma loira bem dotada que envolvia Kel numa estola de pele. O vestido vermelho da mulher se ajustava em cada uma de suas curvas exuberantes, enquanto que a curta saia mostrava mais ou menos um metro de perna. O rosto em forma de coração, com grandes olhos azuis e uma boca de pôster estava a altura daquele corpo estonteante.

- Ola, Clare. – Com um evidente incomodo refletido nos olhos, ele deu com o olhar atônito de Nineva e tratou de soltar os braços da loira de seu pescoço – Me...alegro...eh...de ver-te.

- Estive te procurando por todas as partes – disse a mulher com atropelo, pendurando-se com mais força. O olhou sorrindo alegre. – Me apetece uma encantadora lagartixa.

- Ah, Kel enfim pode desprender-se dela e encaixá-la nos sapatos vermelhos com salto agulha. – Clare, te apresento minha nova namorada, a princesa Nineva. Nineva, ela é Clare Amatto.

- Sua namorada: - Sem desconcertar-se por nada, Clare lhe dedicou um sorriso alegre com os grandes olhos azuis cintilantes e mostrando simpatia. Ao que parecia ela não era do tipo das ciumentas – É uma jovem sortuda. Te mostrou o que pode fazer com a língua? – Alargou mais o sorriso – Uma vez que te encontre com essa bífida, nunca poderá voltar atrás.

Nineva arregalou os olhos.

- Bífida?

- Ah, sim. Combina com a pic...longa do dragão.

- Clare – Kel a interrompeu desesperado – Tenho que mostrar o lugar a Nineva. Seja uma boa menina e...

- Mas te achei agora. – disse fazendo careta; a boca prodiga fazia jogo perfeito com o escarlata do vestido – A sua amiguinha não se importara de compartilhar-te. Não é verdade? – Lançou a Nineva um olhar suplicante.

Nineva conseguiu não mostrar os dentes.

- De fato, me importa. – Caiu em conta de que sim importava. Muitíssimo.

- Mas é tão grande. Tem muito para recorrer – disse Clare com a insistência de um autentico bêbado. Devolveu a Kel um sorriso amoroso – Muito. Montões e montões e montões.

Nineva sentiu que suas mãos se curvavam como se fossem garras e fez um esforço para relaxar. Que diabos passava? Pelo amor de Deus, não é que eles estivessem saindo. Podiam dormir juntos, mas era só para potencializar a deusa, encontrar a espada e deter os Escuros. Maldição, a metade do tempo ele lhe dava pesadelos que a faziam chorar aos gritos.

Por que queria arranhar com garras essa bruxinha quente?

Para vencer a tentação, cruzou os braços e olhou como Kel se esforçava tratando de convencer a Clare de que não estavam interessados em um trio.

- Já que teu amigo está ocupado - lhe sussurrou uma voz masculina no ouvido - não quer dançar?

Nineva voltou-se para encontrar que um dos homens mais bonitos que jamais tinha visto a olhava com olhos escuros e enternecedores. O cabelo negro alvoroçado lhe caía sobre a testa e a boca Luzia maravilhosamente sensual. Tinha o rosto cinzelado de uma maneira que lhe recordava vagamente a um ator, ainda que não pudesse dizer qual. Era uns centímetros mais baixo que Kel, mas isso só fazia com que seus ombros parecessem mais amplos vestidos com uma camisa de seda branca. As calças negras se ajustavam aos músculos e caíam em torno de uns pés calçados em botas.

- Dominic Bonhomme - lhe disse, fazendo uma reverência de cortesia com aquela cabeça morena brilhante.

- Mas Kel, - Clare arrulhava à suas costas - Te encontrei tão pouco tempo. E estou tão...

Como Nineva não estava de humor para escutar o restante, disse entre dentes:

- Me chamo Nineva Morrow. E adoraria dançar.

- Tristan apareceu entre as pessoas com aquele sentido de oportunidade que o faziam um guerreiro tão soberbo, justo quando a paciência de Kel chegava a seu limite.

- Clare, querida, me parece que tenho que levar-te para casa e colocá-la na cama. - Pegando-a pelo braço, ajudou a Kel a tirá-la de cima.

- Tristan - Clare sorria alegre e alheia ao que a rodeava - Não gostaria de um trio?

- Perdão, mas ele não é meu tipo. - Lhe roçou a bochecha com o polegar e a fez virar para a porta - Mas você, sim. Vamos, amor. Pela manhã te darei um bom remédio para a ressaca e evitarei que morra de vergonha,

ainda que de verdade tenha sorte, amanhã não te lembrará de nada.

- É tão doce...

- Em realidade não, mas estou disposto a fingir que sou. - E a levou.

Kel deu um suspiro de alívio e tomou nota mentalmente de que lhe devia a seu irmão cavaleiro um resgate.

- Perdoe-me Nineva, por isso... - Se voltou.

Ela se dirigia a pista de dança com Dominic Bonhomme, Sedutor da corte de Avalon. Ia com as costas eretas e tensa de indignação. Dominic olhou para trás por cima dos ombros e deu uma piscada impertinente.

"Esse sorriso meloso..."

Kel deu um passo para adiante.

Uma mão caiu de improviso sobre seu ombro.

- Vamos conversar. - Gawain o arrastou até um dos reservados que rodeavam a pista de dança.

- Depois que de um chute na bunda de Dominic.

- Não. Agora. Além disso, não seria divertido. Dominic nem de longe tem seu peso.

Kel grunhiu.

- Sou um dragão de doze metros. Em Avalon não há ninguém que de longe tenha meu peso.

- É exatamente o que eu disse.

A encantadora mulher de Gawain levantou os olhos de seu copo quando esse empurrou Kel para que se sentasse.

- Ola, Kel.

- Ola, Lark.

O grunhido de sua voz fez com que levantasse as sobancelhas.

- Será esta uma conversa de homem a dragão?

- Provavelmente - disse Gawain.

Lark seguiu o olhar de Kel até a pista de dança, onde Dominic estava dançando com Nineva com uma prática invejável.

- Ah, bom, nesse caso, dar-lhes-ei um pouco de privacidade. - Se levantou e se retirou majestosamente, com o vestido esmeralda girando em volta de suas longas coxas.

Kel apenas o notou, demasiado ocupado em fulminar com o olhar a Dominic e Nineva.

- Luta limpa ou não, Dominic necessita que alguém lhe baixe as fumaças.

- Aha! – Gawain rodeou o encosto do banco do reservado com seu braço musculoso – Te deu conta de que solta fumaça?

Tinha razão. Duas colunas brilhantes de raiva pura saíam das fossas nasais de Kel. Fez um esforço para recuperar o controle antes de fazer algo que logo lamentaria.

Que desfrutaria, mas que lamentaria.

- Nunca gostei desse filho da puta.

Bonhomme pegou a mão de Nineva e a aproximou mais dele.

- Lhe encanta armar confusão quando vê uma oportunidade. – Gawain o olhou no rosto com olhos frios e curiosos – Me surpreende que a veja em ti. Nunca antes ficou perturbado por uma mulher.

- Ela não é uma mulher. – gaguejou Kel – É uma princesa Sidhe, uma mártir profissional e a única esperança que temos de deter os Escuros.

- Uma mártir profissional?

Kel esfregou o polegar entre as sobrancelhas levantadas enquanto Dominic se balançava bruscamente sobre Nineva. Ela ria a gargalhadas.

-Sim. – rangeu os dentes e dominou o impulso de ir até a pista para arrancá-la das mãos daquele vampiro demasiado elegante – Existe uma profecia.

- Que profecia?

- A de que vou incinerá-la.

- Como?!

Kel lhe relatou a história com tom triste.

- Há anos Nineva tem pesadelos com isso – concluiu- De fato, essa noite mesmo mais cedo teve um, por isso a trouxe aqui em primeiro lugar, esperando distraí-la – A viu pendurada em Bonhomme, rindo tontamente enquanto o vampiro a levava bailando o tango pela pista com habilidade de um profissional – Parece que surtiu efeito.

-Acho que seria necessário cortar e unir-se a Tristan e Clare para formar esse trio.

Kel bufou.

- Como alguém já o advertiu, Tristan não é meu tipo. Além disso, contudo tenho que infundir vigor a deusa de Nineva.

-Quem morreu e te converteu no coelhinho Energizer❧?

A explicação de Kel lhe fez lançar um assovio.

❧-Coelhinho Energizer é o ícone de uma conhecida marca de pilhas e baterias. No popular, nos Estados Unidos se converteu em sinônimo de "longa duração" ou "interminável, resistente" (N.T.E.).

- De modo que no básico. – disse Gawain quando Kel terminou – tem licença para ter todo o sexo que deseje. E ela não poderia ir com Bonhomme ainda que quisesse porque não é um dragão.

- Não sei por que não parece que isso seja nenhum consolo.

Nineva e Dominic seguiam agora com uma dança lenta e sedutora, com muito contato pélvico. Dava a impressão de que o vampiro estava lhe sussurrando algo no ouvido.

- Sim, se derrete por ela. – Gawain o olhou com um sentimento de diversão e simpatia em partes iguais.

Kel encolheu os ombros, fingindo indiferença.

- Sim, fiquei um pouco enlouquecido. Não é que os dragões se acasalem para toda a vida, e incluso duvido ser capaz de amar.

- Nunca na minha vida escutei uma serie tão grande de imbecilidade.

Pestanejou, surpreendido pelo tom selvagem de seu amigo.

-Estivemos vinculados durante quinze séculos, Gecónido – disse com rudeza Gawain – Eu sei exatamente do que é capaz.

- Ela não confia em mim, Wain. – As palavras lhe escaparam mais nuas do que tinha desejado.

- O fará. – Gawain sorriu com um gesto de cumplicidade – É um sujeito confiável.

Dominic Bonhomme era encantador, bonito e sedutor, de quentes olhos escuros e com um sexy acento italiano que o fazia arrastar ligeiramente as vogais. Bailava com uma habilidade natural, mexendo os quadris ao ritmo sensual da musica.

Mas o olhar de Nineva se desviava uma e outra vez para o perfil forte de Kel, que falava com Gawain.

- Estou te aborrecendo? – lhe sussurrou ao ouvido, e acariciando-lhe o pescoço com o nariz, juntou – Espero que não. É deliciosa.

Dado que era um vampiro, Nineva se perguntou se o dizia em no sentido literal. Apoiando as mãos em seus ombros, o empurrou um pouco para trás a uma distancia mais cômoda.

- Ah...obrigado.

- Sempre quis saborear uma linda sidhe – ronronou como um gato – Quer vir comigo para casa? Nineva se colocou rígida.

- Não, não quero.
- Pensa só no ciumento que seu dragão ficaria.
- Não é meu dragão, e ainda que fosse, não jogo esse jogo.

- Aceitou dançar comigo – disse levantando uma sobancelha escura.

- E não devia tê-lo feito.

- Não. – Dominic mostrou suas presas brancas – A verdade é que não tinha que fazer isso.

O fulminou com um olhar.

- Me deixou furiosa.

- Já sei. É interessante, não crê?, tendo em conta que não podia culpá-lo pela conduta embriagada de Clare. É um pouco suscetível a respeito de um homem que conhece somente há uma semana. – Interpretando corretamente o desconcerto de Nineva, ensaiou um sorriso – Os rumores correm depressa em Avalon.

Nineva ficou olhando-o. Se deu conta de que ele tinha estado jogando com ela para fazê-la falar.

- Me manipulou.

Ele riu.

- Tesouro, isso é o que faço – Acariciou suas bochechas com os dedos, frios e zombeteiros. – E sou muito bom no que faço.

- Vá embora.

Ela lhe deu as costas e abandonou a pista de baile. Seus olhos se detiveram em Kel, que contudo estava sentado de maneira pouco elegante com Gawain no reservado. De seu nariz saía um pouco de fumaça e bebia cerveja com uma expressão pensativa no olhar.

Nineva fez uma careta, envergonhada. Tinha se comportado igual a todas as mulheres ciumentas que alguma vez tinham feito papel ridículo em todos os bares onde ela trabalhou. Sempre tinha albergado certo desdém por essas mulheres e encontrar-se agora culpável da mesma conduta era mortificante.

Sabia que devia uma desculpa a Kel, mas ainda não.

Não estava pronta para enfrentá-lo nesse preciso momento.

Em vez disso, mudou de direção e se dirigiu para uma das janelas que davam para o exterior. Enquanto empurrava para abrir se deu conta de que atuava como uma covarde. O ar frio e tonificante lhe esfriou o suor da pele e o calor das faces. Atravessou a galeria e se inclinou na varanda de ferro.

Pensativa, Nineva cravou o olhar na noite iluminada pelas estrelas. Um castelo escocês se elevava por cima as árvores, enquanto a lua pintava suas ameias de pedra. A magia brilhava no interior de uma das janelas góticas, emitindo faíscas coloridas na escuridão.

Não estava acostumada a sentir-se mesquinha. Talvez porque jamais ninguém a tivesse emocionado tão fundo para inspirar essa conduta.

- Parece que precisa de uma Margarita. – Uma morena pequena apareceu junto dela e lhe ofereceu um copo com sal nas bordas.

Nineva sorriu ao reconhecer a esposa de Gawain. – Obrigado, Lark.

A Maga brindou com seu trago gelado.

- De nada – tomou um gole – A propósito, nada mais que para sua informação..., se ferir Kel, quebro suas duas pernas.

Nineva pestanejou perplexa por cima do copo. Ainda que o tom de Lark era enganosamente amável, o brilho duro de seus olhos revelava que a ameaça era a sério.

- Não tenho intenção de ferir Kel.

- Bom. – A Maga lambeu a borda do sal. – É um bom amigo e um herói, e merece algo melhor que uma fada que não se importa se quebrar seu coração.

Nineva rangeu os dentes. Depois de Dominic Bonhomme, não estava com humor para aquilo.

- De onde demônios tirou isso?

- Observei quando ele olhava você dançando com Dominic. Não gostei de ver a dor em seus olhos.

- É imaginação sua. Faz apenas uma semana que nos conhecemos.

Lark riu.

- Com gente que vive ao limite como nós, uma semana é tempo suficiente para ferir com gravidade a uma pessoa.

- Não tenho nenhuma intenção de fazer ninguém sofrer. – Nineva arremessou seu copo pela varanda e se afastou enquanto se estilhaçava numa árvore. A bruxa tinha sorte de não estar usando-o contra ela – De todas as formas, é muito mais provável que seja Kel que me machuque.

A Maga meneou a cabeça.

- Se pensa isso, a verdade é que é uma imbecil.

Kel divisou a Nineva quando cruzava a pista como uma rainha furiosa. Levantou-se para ir atrás dela a passos largos, mas antes que pudesse alcançá-la, uma mão delicada pegou-o pelo braço.

- Deixe-a – disse Lark, com um tom de auto-satisfação – Necessitava ouvir um par de verdades e agora precisa de tempo para digeri-las.

Kel a fulminou com os olhos.

- Por que diabos meteu o nariz?

- Porque é meu amigo, maldito seja, e odeio ver que é tão infeliz – Lark suspirou – Muito bem, talvez devesse ter me calado, mas me fez ficar chateada. Igual, não creio que seja boa bastante para você.

- Lark, salvou a vida da esposa de Llyr e ao bebê...arriscou sua vida para fazê-lo.

- Então tem garra. Contudo tem a possibilidade de pensar com a cabeça e não, com o traseiro.

- Lark, já basta. – disse Gawain a suas costas – É um dragão crescido. Já pode se cuidar sozinho.

- Me alegra que se desse conta. – Kel franziu a testa e decidiu, de má vontade, que talvez Lark tivesse razão num ponto pelo menos: seria mais inteligente dar tempo a Nineva para se acalmar. Além disso, depois de tê-la visto com Bonhomme, ele não estava com humor para ir atrás dela. – Preciso de outra cerveja – E se dirigiu ao bar.

Os saltos altos de Nineva golpeavam na calçada com uma furiosa intermitência. O que mais a enfurecia era que estava com mais raiva de si mesma do que com Lark.

Assim que Clare tinha tentado ligar-se com Kel. Ele não tinha dado incentivo...parecia mais incomodo do que outra coisa. Não era que entre ele e Nineva tivesse algum tipo de romance. Era sexo, puro e simples. E nem sequer um sexo nascido de uma atração pessoal. Tinham feito o que a deusa queria. Isso era tudo.

Não tinha nenhum motivo para colocar-se ciumenta e sair indignada com outro homem. Dominic tinha razão com isso, por muito que se irritasse admiti-lo.

Uma curiosa deixa de inveja se mesclava com a raiva de Nineva. Nunca tinha tido um amigo disposto a brigar por ela como Lark tinha feito por Kel. Até Dominic o tinha defendido de uma maneira que ela sabia como considerar, ao menos a julgar por suas palavras de despedida antes que ela o deixasse plantado.

Mas tampouco ninguém a tinha conhecido jamais o bastante para saber, ou se preocupar se sofria.

“Salvo Kel”. Recordou sua expressão quando a abraçou depois do pesadelo, sua ternura, sua simpatia. Recordou a preocupação escrita em seu rosto quando atacou os guardas traidores de Llyr para resgatá-la. Ele tinha temido por ela.

E também viu a desilusão em seus olhos quando ao olhar a pista de dança a viu com Dominic. Lark tinha razão: ela o tinha ferido. Ainda que estivessem juntos pouco tempo mais que uma semana, tinham ficado mais íntimos do que se tivessem algum caso. Sem considerar a profecia.

Isso ia ser bem difícil sem que se complicassem ainda mais as coisas para eles. Nenhum dos dois poderia fazer o que devia se a atração mutua era mais sólida. De alguma forma tinha que colocar um pouco de distancia entre eles.

Se a deusa conseguisse a magia mais rápido, eles poderiam evitar entregar-se mais. Por desgracia, parecia que Semira se tomava um tempo prazenteiro a respeito.

Nineva enrugou a testa e parou em seco ao ver que algo passava como um bólido sobre sua cabeça e deixava um rastro brilhante de magia.

O que necessitava era um feitiço. Entrecerrou pensativamente os olhos enquanto via se desvanecer o rastro. Necessitava algo que desse a Semira a magia que os unia em um só esforço vigoroso. Não tinha por que ser algo muito complicado. Era provável que pudesse improvisar esse algo em menos de uma hora.

Com súbita decisão, Nineva se dirigiu a grandes passos para a colina de Kel. Tinha coisas que fazer.

Piaras rodeou claramente, batendo as grandes asas enquanto olhava aos homens que esperavam sob a luz brilhante daquele hemisfério. Não via nenhum sinal de armas, não percebia nenhuma classe de armadilha mágica, mas estava com receio.

Não se podia confiar nos humanos. Nem sequer nos sidhes, independentemente do que Cachamwri dissera.

É claro, seu líder tinha feito um oferecimento extraordinário naquela serie de mensagens mágicas. A eliminação de Avalon em troca de certa ajuda para matar Llyr Galatyn? Era tentador. Muito tentador.

Mas que ajuda tinha em mente este General Sidhe? Poderia valer a pena tê-lo em conta, sem não se esperasse

que Piaras fizesse algo que seu povo pudesse atribuir a ele. Depois de tudo, envolver-se em assuntos humanos era um tabu.

Piaras tinha começado a acreditar que podia fazer ostentação desse tabu em especial. O fiasco com Lorde Tegid tinha demonstrado sem dúvida que Avalon e seus costumes forasteiros deveriam ser eliminados antes que a raça dos dragões se corrompesse como tinha sucedido a Tegid. E o sidhe estava disposto a fazer o trabalho com a mínima participação de Piaras, muito melhor.

O dragão dourado chegou a conclusão de que podia pousar em terra sem perigo e aterrissou na clareira com sua habitual perícia.

- Considerei seu oferecimento - anunciou sem preâmbulos quando o General avançava a grandes passos a seu encontro - Mas como já disse, tenho mais perguntas que fazer.

Arralt o olhou.

Não se preocupe, Lorde Piaras. Logo tudo estará claríssimo.

Kel voava na noite, respirando o vento que soprava frio em seu rosto. A cidade se estendia debaixo dele em toda sua glória, com suas luzes mágicas que brilhavam como diamantes na escuridão.

Tinha deixado o bar meia hora antes, depois de beber outras três cervejas e de dançar com duas mulheres que não o interessavam em absoluto. Tinha compreendido que necessitava voar. Necessitava aclarar a cabeça, esgotar a raiva e a frustração. Recordar que era um dragão.

Cachamwri sabia, ninguém parecia esquecer. Especialmente Nineva.

Nos oito meses passados fez tudo o que podia fazer um humano. Deu às costas a raça dos dragões e abraçou os costumes humanos. É claro, era hora de enfrentar a verdade de que não era humano e de que nunca o seria, sem importar que forma adotasse. Mesmo com toda sua magia, ele não podia mudar sua natureza básica.

Assim como tampouco podia fazer que Nineva sentisse algo por ele, exceto desconfiança; Oh, sim, ela o desejava sexualmente. Era uma mulher sensual, e ele era excelente praticando sexo humano, graças aos séculos que tinha observado a Gawain exercendo-o. Mas ela tinha passado muitos anos sofrendo pesadelos e ocultando-se dos que

queriam matá-la. Talvez algum dia quisesse estender a mão em busca de um homem e aprender a amar. Mas era mais seguro que não seria ele.

Talvez tivesse cometido um erro ao afastar-se dos dragões. Sim, eram preconceituosos no que se referia aos humanos e sim, tinham voltado as costas a ele coletivamente quando mais necessitou.

Era verdade, claro, que consideravam qualquer idéia nova com profunda suspeita, em especial se saísse dele. Mas seguiam sendo seu povo. Eles sabiam o que se sentia ao voar alto no céu e respirar a magia em longas e acesas colunas de fumaça, emparelhar-se no ar e ver o pequeno milagre do romper a casca de um ovo de dragão. Talvez fosse hora de voltar para casa. Mas, contudo não podia. Kel suspirou, sabendo que tinha responsabilidades com Arthur, Nineva e os Mage. Necessitavam encontrar Grim e a Espada de Semira, por isso tinha que aumentar a energia da deusa até que Nineva pudesse fazer contato com ela, o que significava ter sexo até o vínculo com Semira se fortalecesse.

Mas Kel não tinha que seguir desejando algo que sabia que ao ia conseguir. Não tinha que infringir-se mais dor.

Estava obcecado por Nineva. Não era o fim do mundo. Ele a esqueceria. Tudo o que tinha que fazer era recordar-se todo o tempo que a deles era uma associação meramente pratica. "Fodê-la e esquecê-la".

Depois de tudo era isso o que faziam os dragões.

Ao divisar o monte onde vivia, Kel entrecerrou os olhos com uma súbita determinação. Seria melhor que começasse agora.

Baixou em espiral para a entrada da caverna que tinha feito para quando estava na forma de dragão, estendeu as asas para frear e aterrisou com destreza. Roçou a pedra com as garras e o ranger de suas asas ao dobrar-se pareceu encher a caverna. Na verdade, estava escura. Vazia. O que era lógico...acaso tinha esperanças de que ela o esperasse vestida com uma camisola transparente?

Kel usou a magia e mudou de forma com um grunhido de desgosto consigo mesmo. Humano outra vez, virou os ombros e se encaminhou para a entrada de dimensões humanas que conduzia a escadaria, de dimensões também humanas. Sempre se sentia como se fosse menos aos primeiros minutos de mudança.

Talvez pudesse extrair uma lição disso. Os talões das botas ressoaram nos degraus de pedra a medida eu subia

para seu dormitório, no segundo andar. Tinha esperanças de que ela estivesse ali. Quer dizer, se não tivesse ido com Dominic Bonhomme.

Mas não. Dominic não podia fortalecer a deusa e havia algo que ele podia dizer de Nineva, era que ela cumpria seu dever, custasse o que custasse.

Kel franziu o cenho. Esperava que não tivesse adormecida e tivesse outro pesadelo. A expressão de seus olhos durante aqueles últimos segundos antes que despertasse do tudo sempre lhe partia o coração. Odiava pensar que ela experimentava esse medo sem que ele estivesse ali para consolá-la. "Isso prova que sou um imbecil". Apesar da idéia, seu coração pulsou um pouco mais depressa quando chegou a porta do aposento. Abriu com um golpe...Ela estava esperando-o.

Capítulo 12

Nineva levantou uma mão para que guardasse silêncio enquanto murmurava um canto em alguma língua sídhe que ele desconhecia. Kel ficou parado com a surpresa.

Ela usava um vestido largo de uma fina seda escarlate, com dois cortes que chegavam até embaixo, e seguro só por um cinto dourado. Cada passo que dava ao caminhar deixava nuas suas longas pernas, suavemente musculosas. O cabelo loiro caía como uma cortina brilhante sobre os ombros. Estava rodeada por um círculo de velas, cujo resplendor dourado fazia que sua pele branca parecesse quase luminosa sob a luz suave.

Ela mesma parecia uma deusa.

Kel se sentiu quase hipnotizado e se aproximou mais para ver como avançava ela, deslizando-se sem pressa. Tinha desenhado uma circunferência intrincada na superfície do solo de pedra com linhas brilhantes de cor azul, dourado e vermelho, marcadas com letras que ele era incapaz de ler. Cada vela ocupava umas espirais no desenho místico que irradiava magia da mesma forma que uma fogueira irradia calor.

Kel franziu o cenho ao examinar o desenho enquanto tratava de determinar seu propósito. Ainda que não

pudesse ler as letras, sentia o erotismo que parecia vibrar através da magia.

“Está fazendo um feitiço sexual para potencializar a Semira”, caiu em conta. “Merda, como não me ocorreu?”

O feitiço aceleraria bastante as coisas, o qual era bom, disse com seus botões. Quanto mais rápido terminassem com aquilo, melhor.

Enquanto Nineva seguia entoando palavras fluidas na língua sidhe com voz sensual e sussurrante, ela assinalou um espaço que tinha dentro do círculo exterior de uns seis metros e conduzia a um labirinto formado pelas linhas giratórias do feitiço.

Kel sabia o que ela queria. Ele fez então desaparecer suas roupas e entrou nu no anel por aquele espaço. Caminhou instintivamente com passos longos e lentos, seguindo o caminho traçado pelo feitiço. A cada passo que dava, a magia se voltava mais forte e bailava em sua pele como se uns longos dedos femininos o acariciassem.

Seu membro se encheu sob o tato encantado, fazendo-se grosso e duro. Kel cravou o olhar em Nineva que estava de pé do outro lado do anel, frente a ele. Seus seios se erguiam sob o tecido fino do vestido vermelho, perfeitamente visíveis. Quando ela levantou os olhos, seus olhares se cruzaram, e respirou profundamente ante a sensual necessidade que via naqueles olhos opalescentes. O olhar era direto e ávido, incluso enquanto alçava e baixava a voz em uma cantilena musical e incompreensível.

Depois de tudo, talvez isso era algo mais que um dever.

Nineva teve que lutar para concentrar-se em sua magia enquanto Kel caminhava nu pelo feitiço. Ele se movia com uma força pura, virando os ombros amplos, os músculos do torso tensos e as pernas longas esculpidas. O membro se levantava duro e grosso, balançando-se sobre o saco firme dos testículos. Só de olhá-lo sentia a boca seca. A duras penas conseguiu não gaguejar quando cantava as antigas palavras que estavam destinadas a unir o feitiço a Semira.

Sentiu que ficava molhada sob seu olhar.

Quando ele entrou no centro do círculo, Nineva sentia dor. Terminou o feitiço com uma voz enrouquecida de desejo. Olharam-se um ao outro um instante, o calor fluía entre eles em ondas que ela quase podia ver.

Nineva ouviu o sussurro de aprovação de uma voz conhecida no profundo de sua mente. "Sim! Mais, minha menina!"

- O feitiço funcionou – conseguiu articular – Conseguimos estabelecer uma conexão com Semira. É frágil, mas existe.

Kel sorriu lentamente, seus olhos brilhavam cobertos pelas pálpebras pesadas pelo desejo.

- Então tiremos o máximo de proveito.

Se agachou e cobriu sua boca com aquela habilidade que a ela afrouxava as pernas e que conhecia tão bem. Seus lábios tinham sabor de desejo e masculinidade, e tinham um toque de fumaça de algo que ela conhecia como um dragão. As palmas largas de suas mãos se deslizaram. Por seus braços e seus dedos encontraram os fechos frágeis de seu vestido de seda. Então os fez ceder até que o vestido se deslizou pelos seus quadris e caiu a seus pés como se fosse uma poça.

Abaixou os olhos até seus seios duros e os cobriu com as mãos.

- Tão lindos – a voz era deliciosamente suave – Tão suaves.

Nineva fechou os olhos ao sentir que seus dedos acariciavam e apertavam a carne sensível. Estremeceu de prazer.

Mas mesmo quando ela estava por reclinar-se nele, recordou a Semira.

- Deite-se – sua voz era rouca – tenho que terminar o feitiço.

Kel a olhou, e levantou a comisura dos lábios esboçando um sorriso.

- Bom, já que pede com tanta amabilidade.

Distanciou-se um pouco. O membro se erguia alto e orgulhoso, atraindo a atenção desejosa de Nineva. Ele ensaiou um sorriso, como se lesse a profundidade de sua fome. Foi até o centro do círculo de feitiço e se deixou cair de costas, com a mesma graça de um gato. Sua pesada ereção caiu contra seu ventre, tão longa que se estendia mais abaixo do umbigo. Nineva devorava com o olhar o amplo tentador, a grossa capa de veias da parte inferior e a cabeça inchada e endurecida do membro. Caiu de joelhos a seu lado e estendeu a mão para pegar sua magia. Começou a entoar suavemente a cantilena.

O poder aumentou, repicando por seu corpo e formigando nas pontas dos dedos; fazendo com que ficasse mais molhada.

Estendeu o braço para ele. Tocou a superfície acetinada de sua boca, seguiu com os dedos o contorno do arrogante ângulo das maçãs do rosto até a protuberância redonda do queixo. Ele a observava, o olhar ardente e fixo como um predador.

Nineva seguia recitando de forma monótona, ainda que sua voz soava cada vez mais áspera. Enquanto seguia tecendo o feitiço, ela abaixou os dedos pelo corpo de Kel, sentindo os nós de força sob sua pele de veludo. Desenhou um intrincado círculo com os dedos ao redor do peito do homem e fez aflorar a magia de Kel mais próximo da superfície. Kel grunhia de prazer, arqueando as costas como em uma reação involuntária. O movimento fez que sua haste ricocheteasse no ventre dela. Nineva teve que tragar a saliva e lamber os lábios secos antes de poder seguir com o feitiço.

Kel podia sentir o pulsar do pênis, que parecia ficar tenso de desejo pela mão inteligente dela. Queria uivar como um lobo pela sensação daqueles dedos suaves e delicados que faziam desenhos energéticos sobre sua carne dolorida. Queria implorar.

Ela o desejava, com o mesmo desespero. Ele podia cheirar o sal e o almíscar do desejo de Nineva, enquanto ela dispunha seu corpo para receber o dele. Apertou os dentes; morria por estender as mãos entre aquelas pernas longas e tocar a carne tensa e escorregadia.

Ela por fim tendeu a mão para o pênis, mas não o tocou. Mas em lugar disso, seus dedos traçaram um círculo ao seu redor, trajetórias de redemoinhos de magia, que aumentavam o feitiço na mesma medida que seu desejo.

Kel se perguntou quanto tempo mais poderia agüentar aquilo antes de introduzir-se fundo. "Ainda não". Apertou os punhos. "Devo deixar que ela termine o feitiço".

Mas não ia ser fácil. Agora as gemas dos dedos de Nineva rondavam como um fantasma a parte inferior de sua flecha e faziam que se endurecesse ainda mais. Fechou a outra mão em volta da base do órgão e a torceu para cima para poder seguir representando o feitiço sobre sua pele.

Era tudo o que ele podia fazer para não contorcer-se. A magia aumentou como alimentada por seu desejo, que era cada vez mais forte. Nineva tomou a cabeça de sua flecha e

dançou os dedos em cima, desenhando linhas de luxúria e poder.

Então Ihe apertou a mão. Sentiu como se ela tivesse amarrado uma cinta quente e brilhante na ponta da glândula, o qual vibrava com a força de sua magia e Ihe transmitia pequenas sacudidas de gozo pela espinha dorsal. Grunhiu quando moveu os quadris para cima com uma suplica inútil. – Agora – sussurrou Nineva – O feitiço está pronto. – E eu também. – Foi um grunhido tão profundo, que até Kel se surpreendeu. Não se imaginava que suas cordas vocais humanas tivessem capacidade para alcançar esse registro. Nineva esboçou um sorriso malicioso. – Bem.

Seus olhos opalescentes o olhavam fixo enquanto baixava a cabeça pouco a pouco para o pênis ainda erguido. Os músculos do abdômen de Kel se esticaram de maneira involuntária.

Ela estendeu a língua rosada para a cabeça inchada e vermelha. Ele ficou sem respiração e esperou. Sentia como se seu sistema nervoso inteiro vibrasse como um instrumento de corda.

O extremo daquela língua quente passou pela ponta rolíça do pênis, recolhendo uma gota preta de orgasmo. Kel estremeceu com uma pontada de prazer.

Ela voltou a lambê-lo, com essa lambida prolongada e voluptuosa que se dá em um sorvete. Ele ofegou.

- Que tal isso? – Perguntou Nineva, com aquele sorriso sereno.

Ele riu, com voz estrangulada.

- Não advinha pela forma que se colocam meus olhos em branco?

- Hummm – Outra lambida, que esta vez terminou em um lento e torturante redemoinho de lambidas. Ela se inclinou e mordiscou com suavidade a flecha, justo sob a cabeça, ali onde a carne era mais sensível.

- Ovo de Cachamwri!!

Kel olhava, com os músculos tensos, como ela abria mais a boca e metia dentro, sugando com um calor molhado e acolhedor. Ela baixou devagar a cabeça introduzindo cada vez mais o grosso talo ao mesmo tempo em que acariciava o resto com as mãos. Se deteve por um instante e logo voltou a afundar a cabeça e seguiu introduzindo mais fundo naquela doce garganta. O feitiço reverberava avidamente tanto em seu corpo que Kel sacudia.

Ela o olhou rapidamente.

- Não goze.

- Monta-me.

- Ainda não – O sorriso de Nineva era ostensivamente provocativo. Voltou a chupá-lo e a sugar tão forte que ele arqueou a espinha lutando por dominar o calor cada vez maior em seus testículos.

Nineva se afastou dele, e logo voltou a lançar-se para dar-lhe outra chupada deliciosamente dolorosa que durou uma doce eternidade.

Por fim, ele compreendeu que não podia agüentar mais.

- Basta!

Ela levantou a cabeça e examinou seu semblante.

- Não, não creio. – E voltou a abaixar-se sobre ele.

Kel não pode controlar-se e explodiu. Pegou aqueles ombros esbeltos e a colocou sem contemplação sob ele. Nineva afogou um grito de admiração e o roçar quente de sua pele esmagada contra ele o fez gemer. Se sentou, pegou uma de suas encantadoras pernas por trás do joelho e acomodou sobre seu ombro. Logo pegou o outro tornozelo gracioso a forçou a abrir-se mais, apontou o talo com a mão livre e se afundou.

Ele ofegou entrecortado tão desejoso de Nineva que seus testículos estremeceram.

O pênis de Kel se sentia muito grosso a medida que se afundava sem para dentro dela como uma invasão deliciosa que a arrepiava e a atravessava a medula como uma espiral. Ele apoiou seus braços poderosos junto aos ombros de Nineva com o olhar fixo e começou a empurrar, movendo o traseiro musculoso e as coxas potentes.

- Te sinto tão úmida, tão preparada, tão maravilhosa.

- O longo cabelo azul cobalto caia em torno de seu rosto balançando-se cada vez que empurrava. Baixou a cabeça e tomou seus lábios com um beijo de conquista masculina, girando a língua dentro da boca ofegante da jovem. Mesmo enquanto a beijava, seguia cravando-se, lento e forte, torcendo os quadris de modo que o pênis parecia um saca-rolha dentro dela.

Nineva não podia fazer mais nada que aferrar-se a seus ombros poderosos. Estava próximo de machucá-la com o mordisco nos lábios, logo a acariciou sob a mandíbula com o nariz, obrigando-a a levantar a cabeça enquanto provava o martelar do pulsar em sua garganta.

O clímax se acumulava no profundo do sexo de Nineva e começava a vibrar de ansiedade. Ele parecia tão grande, tão deliciosamente pesado e tão incrivelmente masculino.

Uma mão grande buscou seu seio. O polegar e o indicador se fecharam sobre o mamilo túrgido. Apertaram. Retorceram com cuidado delicioso. Arrancaram outro gemido de sua boca.

- Que tal isso? – Era um eco de ironia intencional de sua pergunta anterior, mas ela não se importou.

Nineva nem sequer conseguia falar, só podia assentir desesperada. “Deus, por favor. Não se detenha!..”.

Outra investida quente e demolidora. Ela enroscou mais forte a perna sobre seu ombro, empurrando e tratando de arrancar aquela mínima fração que necessitava para gozar.

Era consciente de maneira imprecisa do feitiço que ainda estalava entre eles alimentando a deusa.

Kel encontrou o outro mamilo, o acariciou e o excitou. Ela se movia enlouquecida cada vez mais forte, lutando para continuar e chegar ao clímax. Solto um riso de profunda satisfação.

- Nunca provoque a um dragão, Nineva.

-Perfeito, merda! – resmungou – Fode-me!

Kel riu e lhe deu o que necessitava, acelerando o ritmo e afundando e tirando com estocadas ardentes que arrancaram um grito de seus lábios. Se retorceu a medida que o orgasmo aumentava cada vez mais, e mais, e mais...

E explodiu

Nineva gritou, cravando de maneira involuntária as unhas no músculo grosso de seu bíceps. Ouviu que Kel rugia e se punha tenso, fincando o pau até a raiz. E a deixava ali, pulsando.

O feitiço pulsava em eco. Mais e mais forte. Até se transformar em um estalido profundo que ela sentia nos ossos. Cruzou com olhar sobressaltado de Kel.

Uma detonação.

Magia trovejava através deles como um segundo orgasmo, feroz e ávido, ardendo de energia.

O mundo ficou branco, depois negro. Negro e salpicão de faíscas que resplandecia como um céu noturno...

“Não, não era o céu. Ela via a lua cheia que corria sobre um fundo de estrelas brilhantes.

Uma lua obscurecida por grandes asas. Deve ser Kel que voa na noite...

Não. Tinha muitas asas e demasiados dragões. Uma tormenta ensurdecadora de bestas enchiam o céu com rajadas de fogo mágico. Iam montados por guerreiros armados, empunhando espadas ou machados ou brilhantes esferas de energia enquanto baixavam bruscamente até um exercito de Sidhes a cavalo”.

- Nineva? – A voz profunda de Kel soava preocupada.

Ela abriu os olhos para encontrar-se aconchegada contra ele, cujos braços agora tinham se voltado ternos.

- Que...? – Sua voz soava muito débil, pigarreou e tentou falar de novo – O que ocorreu?

- Nos gozamos e depois você desabou. – A examinava com evidente preocupação no olhar. – Está bem?

Lambeu os lábios secos, deixando a cabeça cair contra o ombro de Kel.

- Semira me enviou uma visão. Eram dragões.

Seus olhos se colocaram em guarda.

- Outro sonho abrasador?

- Não, isso não. Vi aos Mage, ou talvez eram Sidhes. Mas estavam montados em um esquadrão de dragões. Centenas deles. Combatiam contra os rebeldes e um exército de Escuros.

Kel franziu o cenho.

- Está segura? Meu povo não gosta de humanos. Não é muito factível que façam uma aliança com eles e muito menos que os levem para a batalha.

Ela levantou a cabeça, que começava a martelar.

- Mesmo para combater aos Escuros? Acredito que teu povo tinha sofrido tanto como eles durante a primeira invasão.

Kel ofegou de impaciência.

- Claro que sofremos, mas isso não significará nada para os dragões. A intolerância não é uma das emoções mais racionais. Com toda sinceridade, não nos acreditariam se o disséssemos.

- Bom, teríamos que fazer com que nos acreditassem porque os necessitamos, Kel. Do contrario a deusa não teria me enviado essa visão.

Kel cerrou os olhos som uma expressão de pânico e suspirou. Passado um instante, voltou a abri-lo.

- Muito bem. Vamos passar o pão que o diabo amassou para convencê-los, mas esta bem. E a respeito de encontrar a Semira?

Nineva franziu o cenho e estendeu o braço em busca da deusa. A intensa força que sentiu durante o feitiço tinha

se evaporado, mas ainda sentia uma débil presença fantasmagórica e brilhante. "Semira?"

"Sim, criança"

Graças a deusa, o vínculo esta vez tinha se conservado, ainda que era dolorosamente fraco.

"Pode nos ajuda a encontrar-lhe?"

Ela percebeu o suspiro de Semira.

"Não sei onde estou. Essa bruxa da Varza me encobriu com um feitiço de contenção. Isto é tudo o que posso fazer para comunicar-me com você, mesmo depois de tudo o que fez para aumentar meu poder. Até que volte a estar livre, minha força será limitada".

"Teremos que voltar a tentar esse feitiço. Quer que façamos isso primeiro ou que vamos à Terra dos Dragões?"

"Vá a Terra dos Dragões. Eles devem juntar-se a luta".

"Kel disse que pensa que eles não confiaram em nós".

"Você os convencerá, criança. Deve fazê-lo".

A presença de Semira se desvaneceu e ficou só. Nineva deixou cair a nuca contra o solo.

- O feitiço não foi suficiente. Alguém que se chama Varza tem a deusa.

Kel lhe dedicou um sorriso sedutor e começou a estender o braço em direção a ela.

- Teremos que tenta outra vez. Ela levantou a mão e ele deixou o gesto inacabado no ar.

- Ainda não. Primeiro temos que ir à Terra dos Dragões.

Ele suspirou e se sentou sobre os calcanhares, olhando como ela se colocava de pé.

- Preferiria fazer amor. Acredite-me é muito mais divertido.

- Oh, não duvido, mas por desgraça Semira foi muito categórica. Os dragões primeiro, o sexo depois.

Nineva lançou-lhe um olhar cáldo.

- Não me admira. – Fez um gesto e estava vestido com um jeans e uma camiseta de algodão negra. – Bom, se vamos sair de Avalon, tenho que avisar Arthur. Necessita estar inteirado desta ultima visão.

- Boa idéia. Irei com você, quem sabe saibam algo dobre a espada.

- Quem sabe, mas é melhor que tenhamos pressa. Quase amanhece.

Enquanto caminhavam apressados pela calçadas para o edifício do capitólio, Nineva recordou que tinha outro assunto sem concluir. Pigarreou.

- Me parece que te devo uma explicação.

Kel grunhiu.

- Sim, esses orgasmos com tantos gritos me fazem doer a garganta.

- Estou falando serio. Sair como fiz com Dominic foi uma reação infantil. – Meneou a cabeça – Estava tão ciumenta que não via com clareza.

Kel arregalou os olhos carmesins e parou para olhá-la.

- Estava ciumenta?

- Acaso é uma novidade? Deve ter sido o único no bar que não percebeu. – Fez uma careta – O que acontece é que odeio as mulheres que fazem essas idiotices. Vi muitas jovens bonitas e estúpidas começar uma disputa comportando-se como meninas de doze anos. Assim que, como é natural, fiz o mesmo. – Ele lhe examinou o rosto.

- Sabe? Clare seria a primeira em dizer-lhe que ela e eu nunca fomos a serio.

- Sim, imaginei. Ela não teria sugerido um trio se o tivesse feito. As mulheres enamoradas não gostam de compartilhar. – Nineva pestanejou, como se de repente se desse conta das consequências de sua afirmação. – Quero dizer...

Transcorreu um longo silencio até que Kel disse, sem que ninguém tivesse perguntado:

- Me irritou bastante o do Dominic. É o Sedutor da Corte, ganha a vida enamorando mulheres. Não gostei de vê-lo afinar sua técnica com você.

Nineva piscou assombrada.

- É a definição de um trabalho de verdade?

- Oh, sim. Olhe, a tarefa de Dominic é dar poderes as Latentes.

- Latentes?

- São as descendentes dos Mage que levam o feitiço de Merlin nos genes. Ao ter sexo com elas ao menos três vezes um Magus pode ativar o feitiço convertendo-a em uma Maga completa. O problema é que a maioria das Latentes são criadas como mortais e não sabem nada da raça dos Mage ou de seu próprio potencial. Dominic tem que induzi-las a que o adquiram. E é realmente muito bom sedutor.

- Soa como se fosse uma espécie de gigolô.

Ela franziu o nariz.

- Mais ou menos. – Parecia sentir certo contentamento arrogante por ter lançado por terra os planos de seu rival.

Pelo visto, ele tampouco não queria compartilhar.

Os dois encontraram Arthur que seguia trabalhando na câmara da Távola Redonda, coordenando a busca do Grimório de Merlin. Escutou a Nineva descrever a visão e quando terminou, intercambiou um olhar com Kel.

- Bem, isso será encantador a seus amigos.

- Sim, mas de todos os modos teremos que tentar. Ajudaria-nos muito se não tivessem tão cegos.

Tamborilava os dedos sobre a mesa, sem parar.

- Alguma notícia de Grim?

- Temos movido céus e terra, mas não temos visto nem percebido nada de nada. – Arthur arrancou fios da barba escura com uma expressão entristecida. – Ainda que há uma boa notícia. Gwen disse que as defesas de Merlin ainda estão de pé e tão poderosas como sempre. O problema é que ela tem medo de que Grim seja o ponto fraco de nosso planeta.

Nineva franziu o cenho enquanto se afundava em uma das sólidas poltronas que rodeavam a mesa.

- Bem, como o próprio Grim nos disse, Merlin utilizou linhas da Terra do Mageverso para potencializar o feitiço. – As Linhas da Lei eram a força mágica que atravessavam o planeta, bastante similares as linhas de força magnética da Terra Mortal.

Nineva considerou a idéia um instante.

- Tem sentido. Utilizar as Linhas da Lei seria a única forma de subministrar tanto poder a um feitiço ao longo de tantos séculos.

- Mas se necessitaria algum código para controlá-lo, algo que contivesse o próprio feitiço – disse Kel, recostando no assento com o semblante preocupado.

- Aí é onde entra o Grimório. – disse Arthur.

- Oh, merda! – Nineva o olhou horrorizada – Se destroem esse livro...

- Exato. Por sorte, isso é mais fácil de falar do que fazer. Grim não é um objeto físico. É uma construção mágica e extrai sua força das Linhas da Lei.

Kel franziu o cenho.

- Então como diabos fizeram os rebeldes para roubá-lo?

- Gwen acredita que eles interferiram de alguma forma na conexão de Grim com as Linhas da Lei. Seria algo assim como desligar um computador.

- Podem interromper por completo a conexão? – Perguntou Nineva calculando as conseqüências – Porque se o fizeram...

- ...Isso destruiria Grim. – O queixo quadrado de Arthur tremia – Teoricamente é possível, mas Gwen acredita que para fazer isso teria que ser um feitiço extraordinário.

- Digamos...algo assim como a Espada de Semira?- Sugeriu Kel.

- A espada não tem poder suficiente para potencializar um feitiço dessa natureza. – Protestou Nineva – Semira não está suficientemente forte. Não nesse momento.

- Dependo do feitiço. – assinalou Arthur.

- A não ser que complementem a espada com alguma outra coisa. – Kel coçou o queixo. – Talvez com um sacrifício humano?

- Não acredito que nem sequer isso proveria bastante carga para vencer as Linhas da Lei. – disse Nineva, seguindo distraidamente com um dedo a um desenho talhado do santo graal na superfície brilhante da Tavola Redonda. – Fala de muitíssima energia.

- Seja o que for que planejam, teremos que averiguá-lo, e rápido. – acrescentou Arthur – Porque se não o fizermos, não teremos a mais remota possibilidade de impedi-los....e estaremos até o pescoço de Escuros.

O sol saia quando Nineva cavalgava o poderoso corpo de Kel, plenamente consciente da interação da sólida musculatura que tinha debaixo da pele suave e cheia de escamas, e o ruído ensurdecador de suas asas. Mediante um sortilégio ele tinha feito aparecer um arnês ao redor de Nineva para assegurar-se de que não cairia durante as manobras aéreas que tivesse que fazer. Unida tão bem a ele, ela se sentia a salvo e inclinou a cabeça ao vento frio e se permitiu desfrutar da viagem.

Era estranho pensar que só um par de horas antes ela fazia amor com aquele ser imenso e magnífico. E mais estranho ainda era pensar que aquela era sua verdadeira forma. A maioria do tempo ele parecia totalmente humano. Como se não fosse nada mais que um homem.

Um homem sexy, valente e, em certas ocasiões, enlouquecedor. Um homem que lutava por ela e a abraçava com ternura depois dos pesadelos. Que fazia o amor mais doce que ela jamais tinha experimentado.

Estavam juntos há muito pouco tempo, e é claro não podia recordar ter tido algum sentimento tão forte por um amante. Tinham passado aqueles dias fazendo amor e

lutando até a morte com os Sidhes rebeldes. Aprendeu muito com um sujeito que estava disposto a arriscar a vida por outra.

Kel tinha conseguido fazer-lhe esquecer o medo que tinha. Nineva não estava totalmente segura de quando tinha acontecido, mas ele tinha afastado o medo de sua existência. Agora resultava impossível acreditar que ele lhe faria dano, fosse qual fosse a provocação. Apesar dos pesadelos e das profecias, ele seria incapaz de machucá-la.

Não precisava mais que olhar o arnês que tinha feito. Devia ser humilhante para ele usar um par de cinta como se fosse uma espécie de cavalo, mas para assegurar-se de sua segurança e comodidade, o tinha aceitado.

Kel tinha razão: ela tinha interpretado equivocadamente a profecia. As predições de Semira deviam ser uma metáfora de outra coisa, de alguma união de forças que eles compartilhavam. E quanto aos sonhos, não eram senão pesadelos inspirados por demasiados anos de escutar as lúgubres histórias de seu pai.

Nineva levantou a cabeça para ver o sol deslizando-se no horizonte, derramando carmesim e ouro no céu purpúreo. Sob as asas que Kel batia, as árvores da Terra do Mageverso pareciam brinquedos exóticos e os rios eram cintas de prata que serpenteavam pelo solo verde.

As montanhas das Terras dos Dragões se estendiam a frente deles. As ladeiras mais baixas estavam cobertas de árvores que davam lugar a altos precipícios rochosos, que saída do sol pintavam de laranja.

- É precioso. – exclamou Nineva, fazendo-se ouvir por cima do vento.

- Sim – respondeu com um murmúrio surdo. – Assim parece. – Sua voz soava com um tom que surpreendia pela gravidade.

Kel os sentiu muito antes que seus olhos distinguissem as manchas distantes de suas silhuetas. Reconheceu a impressão psíquica de sua magia, ainda que fizesse séculos que os tinha visto.

“A patrulha de boas vindas”, pensou Kel “Ou melhor, o contrário”.

Menos mal que tinha colocado Nineva no arnês. Nunca tinha feito algo semelhante para Gawain, porque sabia que o vampiro tinha forças suficientes para sustentar-se. Além do que, ele se negava a equipar-se como um animal de carga.

Claro que estava disposto a fazer isso por Nineva, ainda que soubesse que iam cair sobre ele por isso. Aqueles que se aproximavam seriam os primeiros a zombar dele.

Pior para eles. Tinham perdido o direito de influir nele quando tinham permanecido a margem, deixando que sua mãe morresse.

Ainda que de momentos tivesse um problema mais imediato. Frente a eles se encontravam as defesas mágicas destinadas a proteger a Terra dos Dragões dos invasores. Nada surpreendente, tendo em conta o que tinha acontecido com seu tio.

Kel lançou o feitiço que funcionaria como contra-senha e abriria as defesas para que entrasse. O escudo de proteção seguiu firmemente solido.

- Bem. – desdobrou as asas para não chocar-se contra a barreira e virou, ondulando a cabeça como um réptil para examiná-la enquanto voava.

- O que está acontecendo? – Nineva gritou por cima do vento.

- Parece que não sou bem-vindo. – respondeu Kel – Mudaram a combinação mágica das defesas.

Capítulo 13

Nineva soltou um palavrão ao escutar a notícia.

- O que faremos?

- Fique tranqüila, tesouro. – Kel enviou uma espiral de magia para o escudo que o sondou com delicadeza- Me subestimaram, como de costume.

Os anos passados entre a raça dos Mage tinham lhe ensinado sutilezas da feitiçaria que seu próprio povo desconhecia. A magia dos dragões se inclinava pelo poder sem refinamentos mais que por complexidades. Se alguém pudesse igualar os dois, terminava tendo todas as vantagens a seu favor.

E Kel tinha aprendido a fazer justamente isso.

Analizou as linhas no escudo mágico como Morgana Le Fay tinha lhe ensinado séculos atrás, buscando os pontos fracos. Eram tão forte, que suspeitou que o concílio inteiro dos Lordes Dragões o tinha criado.

O problema com aquele truque era que tantas artes mágicas de diferentes origens nunca se uniam sem

problemas. Sempre tinham costuras, lugares onde o feitiço não era bastante...

"Ali."

Kel encontrou a fissura que buscava e enviou uma descarga, que a abrigou a alargar-se um pouco, e depois um pouco mais até que a atravessou voando com uma rabada de triunfo. Deteve-se o necessário para voltar a selar a fissura o voltou para os altos penhascos.

- E estamos dentro, Nineva.

Sentiu que ela se movia, como se recostasse no arnês de novo.

- Graças a Semira! – Um instante depois ela lhe gritava – Essa foi uma linda mostra de magia, Kel, a forma com que leu o escudo e o abriu. Acredita que pode me ensinar isso?

- Não vejo porque não. Tem inteligência e vontade de fazê-lo, e Cachamwri sabe que tem o poder. Talvez não suficiente segundo as normas dos dragões, mas tem mais vitalidade que muita das Majae que conheço.

Ela sorriu, visivelmente emocionada.

- Obrigado. Vindo de você, é um grande elogio.

Kel se deu conta de que ainda que tivesse gostado de responder ao cumprimento, não tinham tempo para gentilezas. A patrulha de boas vindas que antes era invisível tinha se convertido, um pouco mais adiante, em manchas aladas que a cada segundo ficavam maiores. Tinham acelerado o ritmo, como se sentissem que Kel tinha transpassado as proteções.

- Segure-se, Nineva – lhe respondeu Kel – As coisas vão ficar movimentadas.

- Tive medo que essas não fossem aves. Não com essa classe de poder. Teremos uma luta entre as mãos.

- Parece que sim. Mantém a cabeça baixa e segure-se.

- Conhece-os?

- Sim, são meus irmãos.

Kel se negou a correr, assim que os dois dragões os alcançaram com bastante facilidade. Se jogavam bruscamente e voavam em círculos ao seu redor como um par de corvos com um sentido muito forte de territorialidade, olhando Nineva com uma intensidade maliciosa que a fez mexer-se incomoda no arnês.

O azul era mais descarado dos dois. Dava voltas em círculo muito próximo deles com tanta temeridade que Kel teve que virar para evitar que enroscassem as asas.

- De modo que esta de volta, trazendo a desonra ao Clã Bloodstone. – Irial falava com depreciação, com ódio tão familiar e irritante como um par de sapatos velhos, demasiadamente apertados. A mãe tinha favorecido ao primogênito Kel e Irial sempre foi ciumento dele. Parecia que os séculos de separação não tinham suavizado em nada seu coração.

- Foi Tegid que desonrou ao clã, não eu – disse Kel entre dentes, consciente da força terrível com que Nineva se aferrava ao arnês. Se animou em lançar uma olhada para trás e viu que se sentava pálida e encurvada, com os olhos opalescentes muito abertos. Ainda que pelo geral ela fosse valente, os dragões lhe despertavam os piores medos – Foi um dos artífices do assassinato de nossa mãe e se aliou com a prole dos Escuros. Eu só desafiei o filho da puta e o matei, que é o que você deveria ter feito, se tivesse sido um filho como devia.

- Você o obrigou a perpetrar seus delitos com seus atos antinaturais. – disse Gruagh com voz chorona, enquanto dava voltas em circulo bem longe dos dois, movendo rápido suas asas verdes. Kel não se surpreendeu de vê-lo. Sempre esteve colado em Irial como um selo, seguindo e exemplo de valentão do irmão – Se tivesse se mantido longe dos humanos, nada disso tinha ocorrido. Todo mundo disse isso.

- Então todo mundo tem o sentido de uma casca de ovo. – respondeu com brusquidão – Tegid era vil e ávido de poder desde o dia em que saiu da casca.

- E você é um bajulador dos humanos – Irial falava com desdém – Olhe-se, com o arnês posto como se fosse uma besta de carga. Esse símio que leva a espada é o seu Gwen?

Kel riu genuinamente divertido.

- Se chama Gawain, e não é ele. Esta é uma mulher, chupa-ovos ignorante. A princesa Nineva dos Morven Sidhe. Cachamwri me enviou para protegê-la.

Irial entrecerrou os olhos vermelhos, repletos de ciúme e suspeita.

- Mente! Por que o Deus Dragão apareceria para alguém como você?

- Porque sabe que confiar que não farei nada nas coxas. Agora se afaste do meu caminho. Tenho palavras importantes para transmitir aos Lordes Dragões.

IO – Fazer algo nas coxas: Fazer as coisas mal feita, com má vontade (N.T.P.)

- Não permitirei que um símio sujo os manche com sua presença. Pode voltar por onde veio.

Kel grunhiu com contrariedade. Perdia tempo discutindo com eles, mas suspeitava com fundamento que não iria adiante sem uma peleja.

- Nineva, coloque a armadura. – lhe disse em inglês. – Teremos que escapar.

-O que se passa?

Falava com um tom um pouco mais alto que a medida de seu peso aumentava. Sem olhar ao seu redor, supôs que ela tinha feito aparecer a armadura e as armas com um sortilégio.

- Em duas palavras: são idiotas. – Ao ver um resquício no escudo que tinham criado, Kel se balançou como uma flecha, imprimindo mais velocidade com uma rajada de magia. Lançou-se rápido entre os assustados dragões que rugiam e batiam as asas atrás dele.

Ouviu os bramidos de Irial por cima do estrondo do vento:

- Matem ao humano. Ao menos impediremos que trate de enganar aos Lordes Dragões com mais subterfúgios.

Com o coração na garganta, Nineva se agachou sobre o pescoço de Kel fazendo todo o possível por converter-se em um alvo pequeno, enquanto o dragão azul rugia em suas costas. “Oh, Deus”, pensou com o estomago feito um nó, “isto é o que vi em minha imaginação? Tenho medo do dragão equivocado?”

Viu por cima do ombro que seu inimigo batia com fúria as asas tentando alcançá-los e abria as mandíbulas com aquele movimento que tantas vezes tinha visto em seus pesadelos. Uma labareda saiu em disparada para seu rosto horrorizado...só para dispersar-se sem causar dano ao chocar-se no escudo de Kel. O dragão rugiu: tinha seus olhos carmesins enfurecidos de raiva. Eram uns olhos muito parecidos aos de Kel, mas sem a gentileza que enchiam os olhos de seu amante ainda quando tinha a forma de um dragão.

Seu irmão voou mais próximo, estirando as garras com a evidente intenção de fazê-la em pedaços onde estava sentada. O escudo de Kel podia deter um ataque mágico, mas não serviria de nada contra umas garras que faria Excalibur passar vergonha.

Nineva ficou sem uma gota de saliva em sua boca quando aquelas enormes garra se cercaram mais. Fez aparecer uma lança mediante um conjuro e se agachou na

espada de Kel, ao mesmo tempo em que considerava possíveis objetivos. Um daqueles grandes olhos vermelhos serviria. Perfurá-lo com a lança até o cérebro e...

As mandíbulas se voltaram a abrir, mostrando uns dentes serrados mais longos que seu antebraço, apenas a um metro de sua cabeça.

- Agora pequeno símio – sussurrou o dragão em tom triunfante – veremos que gosto tem...

O mundo dava volta ao seu redor. Gritou aterrorizada e agarrou a lança com desespero.

E se deu conta que pendurava de cabeça para baixo no arnês. Kel tinha dado uma volta como um avião de caça. As vozes dos dragões rugiam, acompanhadas do estrondo de uma labareda. Tinha um horrível ranger de garra sobre as escamas. Um deles, não sabia qual, chiou. O sangue formou um arco no alto, e logo caiu a terra com uma chuva de gotas escarlates.

- É minha – bufou Kel. O feitiço de Nineva lhe traduziu as palavras. Voltou a endireitar-se e Nineva se agarrou ao arnês enquanto ficava sem sangue na cabeça. – Toque-a, Irial, e morrerá por ela.

O dragão azul silvou de dor em algum lugar sob eles.

- Pervertido, ser antinatural!

- Pelo menos não fiquei sem fazer nada nem permiti que nossa mãe morresse em um duelo que não tinha por que travar. Você poderia ter se apresentado em seu lugar, covarde!

Nineva olhou para baixo com cuidado. O sangue cobria farrapos da asa de Irial enquanto esvoaçava a duras penas e quase caia ao solo como um enorme pássaro ferido. O dragão verde baixou em espiral atrás dele para aterrissar ansiosamente a seu lado.

- Irial fala muito, mas por sorte nunca teve habilidade nem culhões para lutar de verdade – lhe disse Kel – Eu sabia que trataria de conseguir você, o valentão sem guelra; no instante que o fez, o peguei.

A atitude de Kel para seus companheiros de espécie de repente teve muito mais sentido.

- Todos são assim?

- Não, alguns têm a coragem de voltar atrás em seu ódio. – Parecia entristecido – A esses são a quem teremos que buscar.

Seguiram voando em silêncio vários minutos, enquanto o coração acelerado de Nineva sossegava. Apesar da frequência com que olhava para trás, não viu nenhum

dragão azul aparecer pronto para queimá-la na sela ou arrebatá-la como um menino guloso pega uma magdalena⁴. Suas mãos deixaram de tremer um pouco.

- Por que depreciam os humanos? –perguntou por fim, já relaxada. E por que Kel não compartilhava aquela ignorância? – Sei que disse que os dragões e os sidhes cavavam uns aos outros, mas isso foi a milhares de anos.

- Quando se vive tanto como nós, “há milhares de anos” era a época de seu avô. Igualmente, nunca foi esse o verdadeiro motivo.

- Não?

- Os dragões, como muitos imortais, temem a qualquer tipo de mudança. Quando me fiz amigo de Gawain, há mil e quinhentos anos, alguns dos mais jovens também se interessaram em ir para Avalon. Os maiores tinham medo de que eu fosse corrompê-los com costumes estranhos. Tegid tentou intimidar-me para que renunciasse aos humanos, mas eu era demasiado obstinado.

- Então o converteu em uma espada.

- Exato. Criou o feitiço para que a única forma de escapar fosse matar a Gawain. Imaginou que isso asseguraria que Arthur e companhia me atacariam. Mas Gawain tinha me salvado uma vez de uma manada de sabujos do inferno quando estava ferido, e eu seria um desgraçado se lhe correspondesse com a morte.

- Preferiu seguir prisioneiro durante quinze séculos.

- Exato. Mas quando me libertei, perfurei o bilhete do tio Tegid e o mandei direto para o inferno – sua voz soava com satisfação.

Nineva fez uma careta.

- Vamos ter as mãos muito ocupadas tentando convencer a esses loucos que nos ajudem.

- Isso temo.

A ansiedade formava um nó mais complicado que uma linha de pesca no estomago de Nineva enquanto Kel alterava o voo para os Despenhadeiros dos Dragões. Parecia como se alguém tivesse cortado em fatias a face da montanha, uma extensão talhada em pedra vermelha, recortada com picos e cheia de curvas. Gigantescas rochas jaziam ao pé da montanha, e um grande rio serpenteava ao seu redor refulgindo ao sol. Por toda parte havia dragões: jogados ao sol como enormes gatos esparramados. Dando voltas com as enormes asas estendidas e debruçando as imensas cabeças nas entradas das cavernas. Seus corpos brilhavam como jóias quando o sol refletia sobre as

escamas, e chifres, e asas em tons dourados, verde, azul, vermelho e branco.

E todos, sem exceção, se colocaram tensos alarmados e hostis quando olharam bem a Kel e se deram conta de quem era. Desceram uns sobre os outros como aves, reunidos em pequenos grupos, bufando enquanto o viam passar adiante.

Nineva ia agachada no arnês, a mão molhada de suor ao redor da lança, tratando de conter a náusea que o medo lhe provocava. Podiam ferver-lhe com seu hálito feroz, arrancá-la das costas de Kel com as enormes garras e mastigá-la como um crouton frito com os dentes fechados.

Kel virou a cabeça para olhá-la.

- Não permitirei que te machuquem.

- No momento são muitos mais que você.

Contudo, a certeza solida como uma rocha de sua voz fez com que Nineva se sentisse um pouco melhor. Sabia que ele lutaria por ela até o ultimo suspiro. E um Kel furioso não era para se desdenhar. Sentiu que o medo se aplacava um pouco.

Um dragão verde partiu como uma flecha para eles e a obrigou a abraçar mais forte a lança. O feitiço que Nineva tinha lançado quando os irmãos de Kel atacaram. Traduziram seus grunhidos em palavras.

- Que faz aqui? Pensei que tinha se unido aos humanos.

- Eh, Kel, está sangrando – gritou em tom de zombaria um dragão vermelho – de uma das saliências – Já esteve lutando?

- Sim, já. E ganhei. Quer ser o próximo? – Soava aborrecido.

O dragão verde virou, afastando-se depressa.

“Têm medo”, advertiu Nineva. O pensamento era reconfortante porque se os dragões o temiam, mesmo quando as probabilidades estavam tão na cara a favor deles, alguma razão deviam ter.

Logo franziu o cenho, ao processar o que o dragão vermelho tinha falado.

- Está ferido?

- Irial me atingiu no ventre com as garras. Não é nada. Não se preocupe...ainda posso defender-te.

Sentindo-se irritada, lhe atravessou os chifres com, o olhar, a única parte da cara que podia ver.

- Sei que talvez não acredite, mas em realidade estou mais preocupada por você, Se aterrissar, posso curar-te a ferida.

- Estou bem.

O disse com um tom cortante.

- Sim, correto. – ofegou – Homens!

Ele riu, ou quem sabe foi um ofego, era difícil decidir.

- Não sou exatamente um homem.

Oh, é um homem, não importa a forma que tenha – Ela olhava um dos dragões que sobrevoavam em círculos e que parecia como se estivesse reunindo coragem para voar mais próximo. – Poderia ter a metade da cabeça pendurada e diria “Não é nada. Não necessito ir ao medico”, ou as Majae, ou ao shaman, ou ao rei das fadas, ou qualquer que seja o equivalente do lugar. Arrogante, obstinado...

- Eu sou obstinado? Quem insistiu em que viéssemos aqui, mesmo quando Arthur e eu te dissemos...?

- Isso era diferente – Se perguntou se poderia dar naquele dragão com a lança, logo decidiu de má vontade que não. – Não se pode lutar com uma visão.

Uma profunda voz masculina retumbou atrás deles, sobressaltando-a tanto que quase deixa cair a lança.

- Em nome do Ovo, Kel, o que faz aqui?

Kel olhou em torno com tranquilidade, enquanto Nineva tratava de ter sua arma apontada na direção correta.

- Procurando-o. Nineva, faz desaparecer o palito de dentes. É Soren, o dragão que viemos ver e embaixador de Avalon.

“Oh, doce Semira, outro dragão azul não”, pensava lançando uma boa olhada na enorme besta que os seguia.

Era uma criatura gigantesca, maior ainda que Kel, ainda que as escamas fossem mais claras que o cobalto escuro deste, com um matiz um pouco púrpura. Uns chifres negros sobressaíam da cabeça, fazendo jogo com os espinhos que desciam por todo seu corpo até a cauda.

- Então será melhor que passemos para minha caverna – disse Soren com uma voz tão profunda que ela podia sentir no peito. – Não sei por que tenho a sensação que não queremos que essa conversa seja escutada.

Voou adiante deles e Kel o seguiu, batendo as asas com golpes longos e pausados. Nineva se agachou sobre seu pescoço e tratou de ignorar todas as olhadas hostis que sentiam que perfuravam suas costas.

Duas series de múltiplos cortes profundos se estendiam ao longo do ventre de Kel, onde as escamas eram de cor branca prateada, marcando os sinais de uma mordida mais ampla que os ombros de Nineva. As feridas eram mais profundas que a largura de seus dedos e o sangue corria

por eu peito quando se encostou de lado. Se ele não tivesse dado a volta durante a luta e recebido de maneira deliberada o golpe de Irial, não teria nenhuma duvida de que estaria morta.

Nineva aspirou profundamente e colocou as mãos em cima da ferida. A Marca da Deusa ardeu com fúria em seu peito, enquanto derramava sua magia sobre as feridas. A fisiologia dos dragões era diferente era diferente a que ela estava acostumada e teve que concentrar mais que o habitual para perceber como curaria. Sentiu de maneira vaga que as feridas se cicatrizavam sob seus dedos a medida eu o sangramento se reduzia, ate que cessou.

- Te direi algo em favor dela, tem poder – disse Soren
- Não conheço muitas Majae que tivessem podido sanar feridas como essa.

- É descendente de uma deusa.

Kel soava como um amante extraordinariamente orgulhoso.

- E Cachamwri te disse que a protegesse?

- Insistiu nisso, e alem disso me disse que a ajudasse a encontrar sua espada.

O dragão azul grunhiu enquanto se sentava sobre as ancas, movendo sem parar a ponta da cauda.

- Grim também está desaparecido. Isso é mau. Muito mau. Arthur a essas alturas deve estar lançando faíscas.

Quando por fim terminou, Nineva deu um passo para trás com os joelhos tremendo. Uma cura normalmente a enchia de alegria, mas em Kel havia muito que curar.

- Por Cachamwri, sente-se antes que caia de bruços - resmungou – Te disse que deixasse para mim. Curei outras piores.

- É que queria fazê-lo – Nineva olhou ao seu redor e viu que ele tinha feito aparecer um sofá na metade da caverna de Soren mediante um encantamento. Desabou nele – Curar é o que faço melhor – Parecia que era o único que ultimamente em que tinha tido algum êxito. A deusa sabia que ela era um fracasso para encontrar a espada.

- Conte-me sobre sua visão.

Soren se acomodou sobre a barriga, enquanto Kel se incorporava enrolando a cauda como um gato.

Nineva esfregou a testa dolorida. A caverna do dragão estava iluminada com uma cor verde que lhe recordava as câmeras de visão noturna da CNN. O resplendor esmeralda iluminava as paredes escarpadas e o teto, que se elevavam uns setenta metros sobre suas cabeças. Tinha algumas

colunas grossas dispersas, marcadas com rachaduras que se pareciam suspeitamente a sinais de garras. Pelo visto, Soren subia por elas para chegar ao segundo nível que se estendia em volta da caverna como se fosse um balcão.

- Nineva? – Kel a animou com gentileza, reclamando sua atenção.

Ela pigarreou e relatou o que tinha visto: Aos Sidhes e aos Mage montados em dragões que iam à batalha contra os rebeldes e seus aliados, os Escuros.

- Pelo Ovo de Cachamwri. – Foi um rugido suave. Soren tampou o focinho com a garra, os olhos fechados pela dor – Nunca o farão, Kel. Permitir que os humanos os montem? Prefeririam que os Escuros os torturem.

- Ser torturados pelos Escuros é exatamente o que ocorrerá se esses filhos da puta nos invadir.

Kel açoitava sem parar a ponta da cauda.

- Talvez, mas os Lordes Dragões nunca acreditarão. Faz séculos que integro esse conselho, e jamais pude fazer que considerassem as coisas menos humilhantes que isso.

Nineva franziu o cenho ao recordar como tinham ironizado Kel por deixar que ela o montasse. A idéia de dragões montados por guerreiros não tinha lhe parecido tão rocambolesca...até que o ultimo par de horas lhe demonstrou o contrario.

- Mas Semira me enviou a visão. É algo que acontecerá.

Soren baixou a cabeça até que seus olhos ficaram na mesma altura dos de Nineva, que conseguiu não encolher-se no assento, ainda que a cabeça dele era mais alta que todo o corpo dela.

- Semira não é nossa deusa, Nineva. E ainda que fosse, eles nunca acreditariam numa Sidhe mestiça.

- Soren – disse entre dentes Kel, com uma voz que era como um murmúrio de advertência.

- Você sabe que assim é como a verão. Temos um pouco de historia em comum com os Sidhes: Cachamwri os proclamou aliados. Mas nela pode cheirar a sangue humano, e para nosso povo, a torna um objeto de ódio garantido.

- Nineva se levantou e começou a caminhar nervosamente diante dos altíssimos dragões.

- Não duvido de que tenha razão, e para ser franca, a idéia de enfrentar um gripo de dragões fanáticos me dá dor no estomago. Mas os rebeldes têm a espada e a Grim, e estão tratando de quebrar as defesas planetárias. Não podemos permitir o luxo de ficarmos de braços cruzados, sem fazer nada para impedi-los.

- Não estou muito seguro de que tem coragem, ou uma veia suicida. – Soren disse a Kel.

- Oh, é um setenta por cento de coragem – Esticou o focinho em algo parecido com um sorriso seco de dragão – O resto é dogmatismo puro e genuíno.

Antes que Nineva pudesse replicar de forma adequada, o bater de umas asas enormes atraiu sua atenção para a entrada da caverna.

Um dragão branco entrou acompanhado de grunhidos, com os olhos arregalados de excitação e dando rabadas.

- Soren, é certo? Kel está aqui? Soren riu, com um ruído surdo e profundo.

- Sim, Eithne, Kel voltou. – E dirigindo-se a seus hóspedes, juntou – Eithne é minha protegida. A fascina tudo o que tem a ver com os humanos e espera que lhe permitam visitar Avalon...bom, uma vez que possa convencer a seu clã a deixar.

- Estão tão...cegos. – O feitiço traduziu para Nineva a voz entrecortada feminina e jovem de um dragão. Fazia lhe recordar a um colégio de ensino misto e soava de verdade raro, vindo de uma criatura que devia medir uns bons nove metros de altura. – Já não sou uma garotinha, mas parece que acabei de sair do ovo, pela atitude que adotam.

Nineva se colocou de um lado com cautela quando Eithne atravessou a caverna em direção a Kel. Por maior que fosse, parecia quase delicada ao lado de sua força maciça. Tinha certa elegância de linhas na forma de sua cabeça, e do pescoço comprido e gracioso, que trouxe a cabeça de Nineva a imagem de um cisne. De cada lado da cabeça tinha um par de babado em forma de leque como um chapéu exótico, em lugar dos chifres negros de um dos machos. Movia com entusiasmo a cauda enquanto contemplava a Kel com uma atitude que se parecia, incomodamente, a adoração de um herói.

- Soren me falou muito de suas aventuras entre os seres humanos – disse com aquela voz baixa – Te vi lutar com seu tio a ultima vez que estive aqui, mas se foi antes que pudesse falar com você. Me impressionou muito.

Kel parecia desconcertado, como se não estivesse seguro de como atuar frente a aquisição repentina de uma admiradora dragão.

- Lamento não tê-la ouvido.

“Posso imaginar!” Nineva arregalou os olhos enquanto registrava as conseqüências de seu pensamento mordaz.

“Espera um minuto...estou ciumenta de uma lagartixa de nove metros?”

Kel fez um sinal com a mão.

- A princesa Nineva de Morven Sidhe. Está aqui para falar com os Lordes Dragões.

Eithne virou a cabeça como um relâmpago, seguindo a direção da garra. Quando descobriu a Nineva, abriu os olhos de par em par, maravilhada.

- É um humano? Não pude ver com detalhes aos que estiveram com você antes. – Se acercou mais em meio a grunhidos, afundando a grande cabeça até que quase podiam olhar-se nos olhos. O orgulho não permitia que Nineva retrocedesse apesar de seus instintos reclamarem. – Mas é tão...pequena. Pela forma que todos falam, supus que deveriam ser muito maiores.

- Olá – respondeu com frieza Nineva. O sortilégio de tradução transformou suas palavras no que ela esperava que fosse um silvo apropriado.

- Fala e tudo! – A dragão riu encantada, fazendo que Nineva quase voasse.

- É claro que fala – disse Kel lançando um olhar nervoso a Nineva – Entre outras coisas.

- Muitas outras coisas – disse entre dentes. O feitiço traduziu a frase com um gratificante retumbar.

Eithne endireitou a cabeça, surpreendida.

- Oh, bem – Seus olhos grandes e redondos pestanejaram – Ao melhor pode me contar como é a vida entre sua gente. – Falou pausadamente, subindo um pouco a voz, como se podia fazer com uma pessoa de inteligência duvidosa. – Ouvi que seus costumes são muito...diferentes dos nossos.

Nineva mostrou os dentes.

- É uma aposta segura!

Soren produziu um som que o tradutor converteu em uma risada estrangulada e pigarreu.

- Bem, Eithne, será melhor que se vá. Tenho que convocar os Lordes Dragões para tentar arranjar uma audiência para Kel e Nineva.

O dragão branco virou a cabeça para ele e lançou um olhar inocente.

- Me encantaria entreter a seus hospedes enquanto está ocupado, Soren – Moveu a cauda com entusiasmos e logo acariciou furtivamente com ela a cauda de Kel. Ele olhou ao seu redor, sobressaltado – Desfrutaria muito ouvindo Kel falar dos séculos que passou em Avalon.

- Não acredito que as mães de seu clã aprovariam que te deixasse só com nossos convidados, Eithne. Talvez mais tarde – Soren lhe golpeou o ombro com o nariz – Vai. Logo falaremos.

- Mas Soren...

- Eithne.

- Oh, muito bem – O dragão branco se dirigiu para a entrada da caverna – Mas só porque não quero que meus irmãos assaltem a Kel – Lançou um olhar de manifesta insinuação por cima do ombro – Provavelmente lhes faria dano.

Daí, se lançou para fora da caverna dando um salto ágil, como um gato que salta sobre uma bancada.

- Por desgraça, duvido que seja tão fácil – disse Soren a Kel – Tem muitos irmãos.

- O Clã dos Red Rock, não é?

- Eles mesmos.

- Produzem irmãs formosas.

- E machos suscetíveis e sedentos de sangue, uma realidade que deve ter presente. – Soren olhou a Nineva – Além disso, tenho a impressão inconfundível de que já está bastante ocupado – Se encaminhou para a entrada, obrigando a Nineva a afastar-se um pouco para deixar-lhe espaço para a enorme cauda. – Irei convocar os Lordes, ainda que não devem esperar que regresse logo. Levará muito tempo para convencê-los que os vejam.

- Boa sorte, Soren – desejou Kel – E obrigado, qualquer que seja o resultado.

O dragão azul grunhiu e se lançou no ar.

Nineva esperou até que acreditou que já tinha voado longe demais para ouvi-los.

- Qual é a palavra na linguagem dos dragões para “Lolita”?

- Nineva, tem oitocentos anos. – A magia brilhou em volta de Kel e este voltou a adquirir a forma de humano, vestido com os vaqueiros e a camiseta negra. O nó de tensão que Nineva sentia no estomago de desfez de imediato.

- Que é quanto? Equivale a dezesseis anos humanos?

Ele deu umas voltas e a olhou com um sorriso de malícia.

- Vinte e cinco. Está ciumenta, Nineva?

- Porque teria que estar ciumenta de um réptil gigante?

- Cruzou os braços e o olhou carrancuda – não gosto que

me falem como se fosse um poodle anão, curto das idéias.
"Oh, é tão pequena! E fala!" Morda-me, Lolita.
Kel soltou uma gargalhada e a abraçou.
- Isso doeria. E muito.
Nineva assoprou pelo nariz.
- Eu poderia comê-la.
- Não duvido – Sua formosa boca se curvou em um sorriso – Me comeu logo. - Baixou a cabeça e buscou sua boca.

Capítulo 14

Os lábios de Nineva pareciam pétalas de rosa e tinham sabor de menta. Se abriram sob os Kel, recebendo com alegria a língua que explorava sua boca. Se afundou nele, apoiando os seios em seu peito e abraçando a cintura. Menos mal que não sabia que Eithne estava entrando em Zelo. Por esse motivo, o dragão branco tinha estado tão agressivo sexualmente e por isso seus irmãos não tinham querido que se acercasse de nenhum local onde Kel estivesse.

Contudo, a verdade surpreendente era que, ainda que Eithne saturasse o ar de feromônios de dragão, ele só pode pensar em Nineva. O preocupava o medo que percebia em seu cheiro, a forma que procurava ocultar e mostrar um rosto valente frente as enormes e ameaçadora criaturas que a rodeavam. Quando notou que ela se colocava cada vez mais ciumenta, sentiu um verdadeiro alívio. Pelo menos, o ciúme era melhor que o medo.

Por não dizer que era gloriosamente gratificante.

"Sim, estou louco por ela. Mas ela tampouco é imune a mim", pensou, enquanto seguia beijando-a com ânsia.

A fome agora infundia em seu cheiro, excitando-a cada vez mais.

- Tenho que tocá-la.

Ela fez desaparecer a armadura e ficou de jeans e uma camisa de renda, como se não tivesse suficiente valentia para a nudez. Ele baixou o braço e a pegou no pequeno traseiro com uma mão. Ela respondeu enganchando uma perna esbelta em seu quadril e impulsionando-se para cima,

trepando sobre ele como se fosse uma árvore. Algo no vivo desejo do ato o atravessou com uma pontada de luxúria.

- Ovo de Cachamwri, Nineva. – Ofegou sobre sua boca.

- Podemos fazer isso? – Murmurou em resposta, apertando as pernas mais forte em volta da cintura de Kel - Temos tempo?

- Discutirão e sacanearão por pelo menos uma hora. – Kel a acariciou com o nariz sob o queixo e a mordeu suavemente – E enquanto isso...- Afastou sua mão para usar a sua magia e se rodearam de um feitiço de invisibilidade.

Ela respondeu com um gemido, pegando a camiseta com as duas mãos e tirando-a pela cabeça. Os dois grunhiram quase ao mesmo tempo quando aquelas mãos pequenas e suaves encontraram a carne nua.

- Não deveríamos fazer amor na caverna de seu amigo. É de mau gosto.

- Mau gosto é um conceito humano. – Fechou os olhos quando ela descobriu seus pequenos mamilos masculinos com seus dedos inteligentes. Devolveu-lhe o favor e deslizou uma mão por sob a barra da camisa.

Não usava sutiã. O seio redondo e suave encheu a palma da mão de ardor e doce feminilidade. A levantou mais para cima e sua boca encontrou a ponta rosada. Degustou seu gemido languidez tanto como seu sabor. A magia e sexo.

Fez bailar sua língua sobre o bico duro, o mordiscou suave e provocativamente e fechou a boca sobre ele para chupá-lo. Nineva lançou a cabeça para trás; a seda de seu cabelo balançava sobre o braço nu de Kel que sustentava o traseiro.

- Peso demasiado? – disse ela com a voz entrecortada.

- Deve estar brincando. – Seus músculos de dragão mudados para humano mal sentiam seu peso.

A responsabilidade voltou a fazer-se presente e fez que ele enrugasse a testa.

- Deveria voltar a fazer aquele feitiço?

- Se acredita que me deterei para dedicar-me a traçar desenhos de magia sidhe no solo, está louco. – Amassou-se contra ele e mordeu-se o lábio inferior – Além disso, quero que este tempo seja só para nós. Só nós.

- Só nós. – repetiu ele, e fez desaparecer a roupa de ambos. A sensação provocada por sua ereção dura como uma rocha pressionando o suave baixo ventre de Nineva

inundou de calor seus testículos – Nineva – sussurrou com voz rouca.

Voltou a apoiar-se contra ele, enquanto seu olhar se encontrava com o de Kel, brilhante e risonho.

- Pensei muito serio em arrancar os olhos desse lagarto.

- Não poderia tê-la alcançado – riu ele.

- Sou muito engenhosa. Teria encontrado alguma forma. – Nineva o beijou lenta e profundamente, enredando as mãos em seu longo cabelo azul cobalto.

Ele a abraçava da mesma forma, amando o calor arrasador de sua pele, a deliciosa e incitante expectativa daquele sexo tenso e úmido tão próximo de seu membro dolorido e a menta e a magia de sua boca.

Quando os dois buscaram respirar um pouco de ar, ofegavam. Ela se agarrou a ele, cravando-lhe os olhos. O redemoinho opalescente de seu olhar era vertiginoso, como se estivesse vendo o infinito.

- O que somos? – Ela afastou-lhe uma mecha do cabelo como se quisesse ver melhor seu rosto. = O que somos um para o outro?

Ele ficou imóvel. No rosto dela tinha algo, algo que não esperava ver. Algo que estava mais além do dever, do desejo, ou da amizade. O coração começou a palpitar em seu peito com algo mais que não era excitação.

- O que quer ser?

- Me parece...- Ela interrompeu e engoliu com dificuldade. Ele concentrava seus olhos na boca de Nineva – Me parece que estou me apaixonando por você.

Ficou olhando-a pasmado, até o ponto de não poder mover-se.

- É idiotice? Diga-me se é uma idiotice.

- Pensei que tinha medo de mim.

Ela sorriu, com um breve tic de nervoso nos lábios.

Isso sim que foi uma idiotice. – Se abraçou convulsivamente a seu pescoço, com uma súbita angústia – Não me respondeu.

- Estou apaixonado por você.

Não se incomodou em fazer rodeios com um “me parece”. Ele sabia. Fazia dias que sabia...

- Mas é um dragão e eu sou...- Não concluiu a frase, mas a complexa emoção de seu olhar o obrigou a perguntar-se o que tinha na mente dela. Aos Sidhes? O Avatar de Semira? Predestinação?

- Não me importa. Suas mãos apertaram com ferocidade o traseiro de Nineva. A levantou e a colocou

sobre seu pênis duro – O que importa é o que somos os dois juntos.

Ele moveu os quadris e a abaixou, e se afundou nela com uma impressionante investida.

Nineva lançou a cabeça para trás e gritou com uma mescla de surpresa e delícia. Aquela forma súbita de cair-lhe em cima era quase excessiva, mas ao mesmo tempo maravilhosamente excitante em sua própria falta de piedade.

Kel cavou as duas mãos no traseiro dela, a levantou até a altura perfeita e logo começou a afundar nela e a soltar alternadamente. Ela se abraçava indefesa em seus ombros musculosos e cobertos de suor, desfrutando da mutua necessidade.

Mesmo naquela posição, seu torso era mais longo do que ela, que tinha que levantar a cabeça para ver-lhe o rosto. Os olhos escarlate estavam muito abertos, com uma expressão de luxúria e viva atenção, ao mesmo tempo em que o queixo tremia com a fúria pelo esforço de suas investidas. A boca sensual estava submetida em uma linha rígida.

Cada vez que ele se lançava dentro dela, seu sexo estremecia com o doce e brutal embate e ela se retorcia contra ele, não muito segura de protestar ou pedir por mais.

Logo Kel fez algo, uma rotação inteligente dos quadris, e prontamente começou a golpear bem no local certo. Cada investida se converteu em um deleite pulsante que envolvia seu orgasmo cada vez mais tenso e apertado em um novelo cremoso de calor.

Lançou a cabeça para trás com um grito e começou a esfregar-se contra ele, as costas arqueada entre seus fortes braços, tratando de aproveitar até o final aquela fricção que a levaria ao limite. Contudo, seguia tendo aquela sensação frustrante de estar fora de seu alcance...

Até que logo mudou a forma em que ela pegava seu traseiro e colocou um dedo entre os lábios. E fez o contato.

A detonação do orgasmo de Nineva dói silenciosa e cegadora, uma explosão candente que lhe arrancou da boca um grito de puro deleite. Enquanto ela estremecia em convulsões, ele se endurecia e rugia. Nas profundezas de seu corpo, ela sentia os jorros quentes de prazer.

E em algum lugar distante, ela sentiu que o poder da deusa estalava numa labareda brilhante. "Ah, sim...".

Nineva estava tombada sobre o peito ofegante de Kel e se concentrava em respirar. Momentos atrás, ele tinha feito aparecer um enorme manto de plumas e os afundou os dois nele, como se seus músculos tivessem se esgotado de repente.

Durante um momento muito longo não pensou em nada, com a mente em branco por causa do prazer. Sentia-se sem ossos, eufórica. Em paz, apesar da iminente invasão dos Escuros, apesar da necessidade de convencer aos xenofóbicos lordes Dragões para que os ajudassem, como se ela e Kel pudessem fazer frente a qualquer desafio enquanto estivessem juntos. Muitos anos em ser a filha de seu pai lhe diziam que isso era uma ilusão perigosa, ainda que ela não se importasse. Menos ainda quando ouvia o pulsar de seu coração contra o peito sólido e forte de Kel.

Nineva se perguntava quando tinha se apaixonado por ele. O amor parecia ter-se acercado em segredo nela enquanto ela estava ocupada em outras coisas. Ele tinha construído pouco a pouco com uma paixão tórrida e carícias reconfortantes, com seu desejo de acreditar no incrível, com a ira nos olhos cada vez que alguém a ameaçava. Tinha vertido sangue por ela sem pensar duas vezes e recebido golpes que a teriam matado.

Quem não o amaria?

A única interrogação era: por que ele a amava? Oh, segundo as normas humanas, ela era bastante bonita, mas Nineva supunha que Eithne era o termino equivalente a uma beleza deslumbrante entre os dragões, a julgar pelo olhar sobressaltado de Kel quando ela tinha entrado voando. E Eithne contava com a vantagem adicional de que era da mesma espécie.

Contudo, e contra toda lógica, Kel amava a Nineva. Ela nem sequer tinha dúvidas. Estava escrito ali, em seus olhos, quando ele tinha pronunciado as palavras inconfundíveis como um grito.

Kel, Cavaleiro Dragão da Távola Redonda, a amava. A ela, que nunca tinha sido amada por nenhum homem porque nunca deixou que ninguém se aproximasse.

Mas Kel não tinha pedido precisamente permissão.

Uma mão grande e quente apareceu e se cavou em sua bochecha e lhe inclinou a cabeça para que o olhasse nos olhos.

- Está bem?

Ela lhe deu o que imaginava que era um sorriso felino.

- Oh, estou muito melhor que bem.

Uma leve ruga se formou entre suas sobrancelhas de cor cobalto.

- Esta segura? Estive um pouco brusco no final. Deixei-me levar pela excitação. Sinto muito.

- Não sinta. – Ela virou e se esticou, sorrindo plena de prazer. – Foi maravilhoso.

- Bem. – Sorriu, mas havia algo em seus olhos que indicava preocupação.

- O que acontece?

- Disse a serio? – Buscou o olhar de Nineva.

Ela não tinha que perguntar a que se referia.

- Sim, disse a serio. – Afastou-lhe o cabelo do rosto com uma carícia – Te amo, Kel. Não sei o que acontecerá a nós, não sei se chegaremos a um final feliz, mas sei o que sinto agora e é um sentimento que nunca tive.

Ele buscou algum sinal em seu olhar antes que seus olhos carmesins se iluminassem com tal alegria que ela teve que sorrir.

- Disse a serio.

- Oh, é claro.

Seu sorriso a aqueceu.

- Eu também te amo.

- Muito bem, porque seria uma merda que eu seja a única a me sentir dessa forma.

A gargalhada de Kel retumbou na caverna.

Nineva sabia que se acabava o tempo e fez aparecer de novo a armadura. Pelo visto, ela necessitava conseguir toda a proteção que pudesse obter antes de encontrar-se com os Lordes Dragões. Kel retomou sua forma de dragão enquanto ela procurava não desejar que permanecesse como humano. Era obvio que não seria politicamente correto.

Ainda assim, pensou que ele suavizava sua expressão ao olhá-la de sua altura de dragão.

- Não permitirei que te aconteça nada, Nineva. Ela respondeu com um sorriso forçado.

- Eu sei.

O retumbar de asas desviou a atenção dos dois para a entrada da caverna.

- Estão apresentáveis? – gritou Soren de algum lugar lá fora.

Nineva disparou a Kel um sorriso travesso.

- Apresentáveis não é uma palavra muito justa.

- Menina má – murmurou Kel, depois levantando a voz, gritou -: Sim, estamos prontos.

- Bem. – Soren tocou a terra na entrada da caverna, ainda que mantivesse as asas estendidas para decolar. – Os convenci de que se reunissem com vocês invocando o nome de Cachamwri, mas não queremos que fiquem esperando. Não sei quanto tempo durará sua paciência.

Kel se abaixou e com a garra dianteira sentou Nineva à cavalo em suas costas.

- Me pareceu que desta vez é melhor não usar o arnês – murmurou para que só ela escutasse – Pode montar a pêlo?

- Tentarei fazer o melhor que puder.

- Ela se acomodou na base de seu pescoço, enganchando os ombros com as pernas e pegando com as mãos um dos espinhos que sobressaíam. O coração começou a pulsar com força enquanto ele se encaminhava para a entrada e mediante um esforço de pura força de vontade, conseguiu não gritar quando ele se lançou da caverna e caiu como uma pedra na brilhante luz matinal. O estômago lhe subiu à garganta quando por fim suas asas estendidas venceram o ar. Voaram alto, sustentados por correntes de ar quente e magia.

Não foram longe. Subiram em espiral uns mil metros antes de seguir a Soren para a entrada de outra caverna. Era mais ampla que a dele, como se tivesse sido feita para permitir a partida e chegada de muitos dragões.

O interior estava escuro depois do vôo ensolarado e Nineva não via nada pois se agarrava nervosamente às costas quentes de Kel. Quando finalmente clareou a visão, advertiu que avançavam por um túnel longo iluminado por aquela luz tênue verde que os dragões pareciam gostar tanto. O túnel, igual à caverna de Soren, era iluminado com luzes artificiais, de paredes lisas e arredondadas que dava a impressão de ter sido cortada com uma furadeira enorme. Descia de forma gradual e curvava perdendo-se na luz verde difusa. Os Lordes Dragões deviam encontrar-se nas profundezas da montanha.

Nenhum dragão falava enquanto caminhava, suas garras faziam um ruído seco e a respiração era profunda. Nineva ouvia o débil murmúrio das escamas roçando nas pedras enquanto se moviam. Algo naquele som fez que adquirisse uma consciência repentina de que ela era um mamífero solitário entre enormes répteis. Voltou a dar graças pela presença sólida e reconfortante de Kel.

Ela não deixaria que lhe acontecesse nada. Dobraram uma curva e ao final do túnel apareceu uma luz. Vozes de dragões se elevavam em uma discussão.

- ...poderá esta criatura dizer algo que valha a pena ouvir?

- Pelo menos poderia ser algo divertido.

- Se Cachamwri disse a Kel que vigiasse a essa fêmea, seria errado que não escutássemos.

- Não estou convencido de que o deus haja dito semelhante coisa. É provável que Kel esteja mentindo.

Kel grunhiu ao escutar isso com um som profundo e retumbante de raiva.

- Por que o faria?

- Talvez por algum desejo excitante de nos obrigar a ter contato com essas asquerosas mascotes suas.

- Oh, sim – Nineva sussurrou com sarcasmo para Kel – Isso era pão dormido.

- Melhor baixa-la – Sussurrou Soren antes que Kel pudesse responder – Não me parece uma boa idéia que entre na câmara com ela montada.

- Tem razão. – Kel se abaixou e levantou a mão. Ela plantou os pés suavemente na garra e se abaixou. Quando esteve outra vez sobre seus pés calçados com botas, respirou fundo e enquadrou os ombros, consciente do olhar preocupado de Kel – Está pronta? – Lhe perguntou.

- Sim. – Era mentira, mas igualmente deu um sorriso forçado e caminhou a passos largos para a câmara que estava ao fundo. Kel e Soren a seguiram levantando-se com sua imponência atrás dela como um par de dragões apoio de livros.

Foi um de seus melhores intentos de lançar uma bravata, mas quase que o arruinou com um grito entrecortado quando se pos a olhar a câmara com determinação.

Era ainda mais vasta que tinha esperado, um espaço do tamanho de um estádio de futebol que recordava a forma de um ovo. Tinha doze dragões de diferentes matizes de ouro, vermelho, azul e verde com olhos com um brilho felino em uma cornija curva de pedra que abarcava o outro extremo da câmara, em cujo centro descansava um enorme e reluzente ovo. Irradiava ondas de magia que pareciam estalar nos sentidos de Nineva.

- Que demônios é isso? – sussurrou a Kel.

- O Ovo de Cachamwri – Kel respondeu no mesmo tom.

- Que dizer que existe de verdade? – ficou olhando-o boquiaberta – Pensei que era uma figura retórica.

- Oh, é muito mais que isso. É a personificação do poder do Deus Dragão entre nós.

Enquanto eles falavam, Soren se adiantou e fez uma complicada reverencia ante o ovo, inclinando seu longo pescoço com um movimento sinuoso, depôs, virou e subiu na cornija onde acomodou seu grande corpo em um dos lugares vazios que tinha entre seus companheiros dragões.

O dragão que estava sentado mais próximo do ovo levantou a cabeça dourada.

- Kel do Clã Bloodstone se dirigirá os Lordes Dragões?

- Fique aqui – murmurou a Nineva, afastando-se entre rangidos para repetir a mesma inclinação de pescoço de Soren ante o Ovo antes de levantar-se em toda sua altura – Vim acompanhado de Nineva Morrow, princesa de Morven Sidhe e último Avatar da Deusa Semira – Voltou-se para olhá-la, e ela, com a boca seca, se apressou em acudir.

Não muito segura do que tinha que fazer a respeito do Ovo – depois de tudo, Cachamwri não era seu deus – fez uma perfeita reverencia, com grande estrepito da armadura.

— Agradeço por vossas boa disposição em escutar minha petição, Lordes Dragões.

O dragão dourado grunhiu e voltou-se para interpelar a Kel.

- Afirma que Cachamwri te deu instruções para proteger a essa criatura?

-Sim, Lorde Piaras. Aproximou-se de mim em forma de labareda e me disse que buscasse a princesa e a Espada de Semira.

- A Espada de...? Nunca ouvi falar disso. – Piaras se empinou nas patas traseiras, olhando para Kel com arrogância e incredulidade por cima de seu longo nariz.

- Não tem nenhum motivo para que o tivesse feito – respondeu Nineva – É um objeto sagrado do povo de Morven onde habita nossa deusa, Semira.

-Isso é um absurdo – disse com brusquidão um dragão vermelho – Por que Cachamwri teria que preocupar-se com uma deusa estrangeira? É uma conspiração sua, Kel, destinada a envergonhar outra vez aos Lordes Dragões. Como esse assunto da prole dos Escuros.

- Essa foi uma conspiração de Tegid, não minha – contestou irritado – Não conspiro, só sirvo a Cachamwri como manda meu dever.

- A espada foi roubada pelos rebeldes aliados dos Escuros junto com o Grimório de Merlin – disse precipitadamente Nineva – Acreditamos que os rebeldes tentam usar aos dois objetos para forçar as defesas planetárias que impedem que os Escuros nos invadam. Se isso acontecer, toda nossa gente (sidhes, a raça dos Dragões e humanos) estará a mercê deles.

- Mentira – falou o dragão vermelho – As defesas estão igual sempre estiveram. Tenta nos enrolar com seus modos de símio.

Um murmúrio de aprovação se levantou das gargantas dos demais dragões, que os olhavam com enfado e suspeita.

- o que ganharia com essa mentira? – Perguntou ela – a respeito de que as defesas continuam sólidas é porque os rebeldes ainda não a quebraram. Se esperar até que a destruam, será tarde demais para todos.

- As defesas extraem a sua força da terra – juntou outro dos dragões – Seria impossível que um bando de Sidhes rebeldes a quebre. E com essas armas irrisórias...uma espada e um livro? É ridículo.

- Se Cachamwri desejasse que tomássemos alguma medida, nos diria – Piaras fez um gesto para o Ovo – Aqui mesmo temos a manifestação de seu poder. Não enviaria a nenhum símio com uma mensagem tão vital.

- Sim – retumbou as vozes dos outros dragões – Assim é. A criatura mente com toda a segurança. Kel a trouxe aqui porque deseja nos envergonhar outra vez.

Kel e Nineva intercambiaram um olhar carrancudo. Ela compreendeu que ele tinha tido razão. Aquilo era uma completa perda de tempo.

Uma hora depois, ela e Kel saíam da câmara dos lordes, deixando que Soren seguisse expondo o caso.

- Tampouco escutarão a ele.

Nineva retirou uma mecha de cabelo do rosto, com a sensação de que o mundo se afundava. Os três tinham provado todos os argumentos imagináveis, mas os Lordes Dragões os receberam com ironias.

- Não. Kel parecia sentir-se tão exausto quanto ela. – Eles tem demasiado medo de parecer débeis ou tolos frente aos clãs que dirigem. Na espécie dos Dragões, uma coisa assim pode fazer com que te matem, já que um líder fraco logo encontrará alguém mais jovem e ambicioso que o desafiará.

- Presumo que não estamos falando de um desafio eleitoral? – Nineva perguntou secamente.

- Se parece mais a uma luta mortal. De fato, eu poderia ter ocupado o posto de Tegid entre os Lordes Dragões depois de tê-lo matado.

- Por que não fez? Não gosta da política dos dragões?

- Por isso, e porque não tinha nenhum desejo de viver entre eles.

Nineva grunhiu.

- Depois do que vi nas ultimas horas, acredito que o entendo.

Kel a ajudou com um impulso a montar a cavalo em seu lombo, caminhou para a entrada da caverna e levantou vôo dando um salto longo bruscamente. Nineva estava demasiado abatida para chiar, apesar da caída arrepiante.

Os despenhadeiros estavam cobertos de dragões que os olhavam com hostilidade e suspeita. Alguns lhes lançaram ironias que ela se esforçou por ignorar.

- Pela primeira vez me alegro que meu pai esteja morto.

Kel a olhou, enrugando o focinho.

- Que demônios quer dizer com isso?

- A única coisa para que nasci, e todo o tempo jogado fora. – Fechou os punhos contrariada e golpeou um dos espinhos de Kel – Perdi a espada, não pude fortalecer a deusa e não posso encontrar nenhum dos dois. Agora também desapareceu o Grimorio de Merlin e os malditos dragões não querem escutar-nos. – A ultima frase foi um rugido de pura ira. – Nada de que faço funciona, Kel.

- O que está me dizendo então é: sou um fracasso.

- O que...você? Não, o que quis dizer...

- Mas somos parceiros, correto? Cachamwri me disse que te protegesse e recuperasse a espada. Não o fiz, assim que segundo seu raciocínio...

- Você e eu sabemos que Arthur Pendragon não te faria cavaleiro da Távola Redonda um fracassado.

- E eu te asseguro que um cavaleiro da Tavola Redonda tampouco permitiria que o associassem a um. – Fulminou com o olhar a um dragão macho que voou demasiado próximo. O outro perdeu a coragem de imediato e deu a volta. Kel continuou -: Se eu acreditasse que você era esse tipo de lastro, te daria uma palmada na cabecinha e te levaria de volta a Avalon, onde tenho muitos amigos que cuidariam de você. Logo iria a busca da deusa. Como não o fiz, é evidente que não é um empecilho.

Desdobrou as asas e se preparou para descer na caverna de Soren flexionando as pernas para absorver o impacto. Nineva já se apressava em desmontar seu pescoço.

- Então por que diabos seguimos falando?

- Não ter êxito imediato não te converte em um fracasso, Nineva. Renunciar é o que te converte em um fracasso e te conheço demasiado bem para acreditar que desistirá.

- Muito bem, Não está morto que luta. Acrescentou aqui um discurso comovedor. Viva, viva. – Se apressou a entrar na caverna, indignada -. Mas isso segue sem responder minha pergunta: Que diabos fazemos agora? Os lordes Dragões não acreditam em nós, não nos ajudariam e os Escuros nos invadirão. Temos que fazer algo.

Ele a seguiu com uma expressão pensativa.

- Talvez não.

- O que, esperamos em converter-nos e *Purina Demon Chow*?* 

Kel suspirou e se sentou sobre os calcanhares, movendo a cauda em volta das patas.

- Tesouro, faz muito tempo que estou nisso e descobri que quando fiz o que tinha que fazer e não funciona, é porque fiz um mal calculo das probabilidades. As vezes, quando espera e volta a tentá-lo, a oportunidade que necessita te cai nas mãos.

- Mas e se não cai, Kel?

- Cairá. – Encolheu os ombros – Ou estamos fodidos. Neste momento, essas são as duas únicas opções que temos.

*  - Marca muito popular de comida em vários países para cães e gatos.

Capitulo 15

Nineva seguia parecendo tão cética , e com animo tão baixo, que ele estava a ponto de tratar de consolá-la com sua forma humana quando uma voz suave interrompeu.

- Kel, está aí?

Fez uma careta. Justo o que faltava quando Nineva sofria um colapso: uma jovem dragão apaixonada refinado

sua habilidade em paquerar. Por desgraça, as fêmeas em zelo eram propensas a fantasias e melodramas, e sabia que tratar de livrar-se de Eithne provavelmente a provocaria mais.

- Sim, estamos aqui, Eithne.

Chegou com um aterrissar tão leve como uma pluma que falava ao mesmo tempo de juventude e agilidade. Seus grandes olhos azuis examinavam com intranquilidade a caverna enquanto dava rabadinhas como um gato inquieto.

- Estamos sós?

Kel conseguiu reprimir um suspiro.

- Nineva está aqui. – Talvez Eithne mostrasse um pouco de sensibilidade.

Ela fez um gesto desdenhoso.

- Enquanto não seja Soren, não me importa.

Nineva, de pé junto a ele, pos os olhos em branco.

- Faça como se não estivesse aqui.

Kel lhe roçou a ponta da bota com a cauda, mais destinado a consolá-la. “Paciência, querida”.

- O que quer, Eithne?

Avançou para ele. As escamas brancas quase resplandeciam sob a luz central da caverna.

- Quero ir com você, Kel. A Avalon. – Ao ver que abria a boca para explicar-lhe que isso era impossível, ela estirou uma pata dianteira em um gesto de súplica. – Não suporto mais estar aqui. Sinto como se sufocasse sob capas infinitas de esperança e tradição.

- Eithne, sabe que não me deixariam leva-la comigo, ainda que eu acreditasse que era uma boa idéia. Teu clã não permitiria.

- Mas as fêmeas só falam de seus ovos e de suas crias e de como tratam de ensinar-lhes a voar, a caçar, e a lançar feitiços. – A paixão acendia seus grandes olhos azuis – Não me interessa nada disso. Quero ver Avalon. Quero conhecer os humanos, e ter aventuras!

- Bom, as vezes as aventuras são uma merda. – disse Nineva entre dentes.

Eithne a olhou. A hostilidade encheu aquele lindo olhar azul antes de voltar a prestar atenção a Kel.

- Dizem que você se emparelhou com ela, é verdade?

- E acredita que isso é assunto seu, por quê? – Nineva grunhiu, franzindo a sobancelha.

Eithne só grunhiu, parecendo ler a resposta na cara de Kel.

-Sim, é verdade. – Deu a volta com uma rabada de enfado- Não posso acreditar. Sou da mesma espécie que você; estou em zelo e você me rechaça por este ...símio.

Nineva entortou os olhos.

- Em zelo? Como...?

- Os hormônios – espetou Kel. E dirigindo-se ao dragão juntou-: Não estou rechaçando-a, Eithne. Sinceramente sei que não funcionará. Teu clã...

- E emparelhar-se com essa criatura funcionará? Nem sequer é de nossa espécie.

Nineva cruzou os braços e olhou a cara de Kel.

- Sabe, para ser alguém tão ilustrado a respeito da relação entre espécies, sua veia de intolerância está muito a flor da pele.

Eithne curvou os lábios e deu um passo com ar ameaçador para sua pequena rival.

- Saber quando algo não é natural não é intolerância. Kel decidiu que tinha escutado o suficiente.

- Eithne, vá.

- Kel...

- Já! – Foi um rugido surdo.

Eithne o olhou ferida e deu a volta para lançar-se com toda raiva fora da caverna. Kel e Nineva permaneceram em silêncio, escutando o bater de suas asas.

- Acredita que ela tenha razão? – A voz de Nineva era muito tranqüila.

Kel bufou.

- Esta cheia de merda.

- Mas olhe-nos! Mal chego a seus ombros.

- Neste momento. Isso poderia mudar em cinco segundo exatos.

- Mas isso é magia.

- Não, é realidade. E temos a sorte de poder mudá-la para acomodá-la a nossos sentimentos – Prorrompeu em um som sibilante de absoluta frustração – Ouve, disse que me amava. O disse a serio?

Ela estendeu as mãos em um gesto de impotência.

- É claro, mas a coisa não é tão fácil. Para começar, tem só uma semana cheia de tensão que nos conhecemos e que passamos lutando por nossas vidas ou fodendo como coelhos. Como sabemos que isso é verdade.

- Nineva, tenho quase dois mil anos de idade. Sei como me sinto. E sei que isto...- estendeu uma garra cheia de escamas – não significa que seja uma merda. Fui uma peça de metal durante a maior parte de minha vida, mas seguia

sendo eu. Sou em quando sou um dragão, e sou eu quando sou um humano. E sei muito bem o que quero. Você. O único verdadeiro problema é: você o que quer?

Nineva olhou sua cara magnífica e estranha. E compreendeu que ele estava certo. Em realidade não importava a forma que tivesse.

- Quero você.

- Muito bem. Lembre-se.

- Kel? Nineva? – A pergunta soou por cima do golpe surdo de um corpanzil que pousava em terra. Soren entrou na caverna com aspecto desanimado e meneando a cabeça.

Nineva nem sequer se surpreendeu.

- E agora o que?

- Seguirei tratando de convencê-los. Talvez a força de perseverar se abrandem. – O enorme dragão se lançou de costas e estirou as asas que iam de uma parede a outra da caverna, como tratando de tirar a câimbra. – Provavelmente seria melhor que você e Kel voltassem a Avalon e continuassem...com o que seja que tua deusa necessita que façam.

Kel assentiu.

- Já temos feito tudo o que podíamos fazer aqui. – Lançou um olhar receoso a entrada da caverna, mais adiante da qual três ou quatro dragões davam voltas em círculos esquadrinhando o interior com evidente hostilidade.

- E com toda franqueza, me parece que já temos pressionado ao máximo com nossa grata presença. Necessitamos sair daqui antes que um desses idiotas comece algo que eu tenha que terminar.

Agradeceram a Soren seus esforços, arremeteram e empreenderam vôo, tratando de fazer caso omisso dos olhos frios e hostis dos dragões que os viam partirem.

Nineva agradecia ter posta sua armadura.

Um pouco mais tarde, a voz de Kel quebrou o silêncio deprimente que tinha caído entre eles.

- já atravessamos as Defesas da Terra dos Dragões. Poderia abrir um portal para o resto do caminho de volta a Avalon, mas gostaria de seguir voando um pouco mais e acalmar a frustração. A menos que queira...

- Não, não há problema. Me sinto muito bem aqui em cima. – E assim era, com o sol da tarde que aquecia agradavelmente seus ombros cobertos com a armadura. Muito mais abaixo deles, o solo se estendia em um edredom móvel de árvores despojadas de folhas pelo inverno e reios

meio congelados, que desde aquela altura se pareciam a uma miniatura de natal.

Era agradável não ter nada que fazer, dado que ela sabia que no momento em que chegassem a casa se voltariam a precipitar na correria frenética para encontrar a Grim, a Semira e a espada.

E Nineva estava tão cansada...S=Tinha se ajustado aos horários de vampiro de Avalon e seu corpo insistia em fazia tempo que deveria esta na cama.

- Estou um pó – grunhiu
- Então dorme um pouco.
- Cairei.

Kel bufou.

- Deixa-me em paz!

Nineva esboçou um sorriso. Sabia a que ele se referia: ele nunca a deixaria cair. Assim que desabou em sua armadura aquecida pelo sol e deixou que seus olhos fechassem. Um momento depois, sentiu o tato fantasmagórico de um feitiço que a pegava, sustentando-a erguida sobre o arnês que ele tinha feito aparecer antes com um sortilégio. Reconfortada, se deixou levar até ficar adormecida.

Seus sonhos eram uma mescla caótica de imagens de dragões e de Escuros que arrasavam Times Square. Despertou meia hora mais tarde com o coração acelerado e as palmas das mãos empapadas de suor dentro das manoplas*ц.

**ц – Manoplas: Luvas da armadura. Geralmente revestida com o mesmo material da armadura nas costas da luva e couro do lado interno.*

Olhou com curiosidade em torno dela enquanto voavam, e pouco a pouco começou a serenar-se. Tudo parecia estar em paz. Sob eles tinha um cânion majestoso, cortado por um serpenteante fio de prata de um rio. A água formava uma espuma branca nas corredeiras que se chocavam contra as grandes rochas lisas lançando no ar uma umidade que lampejava sob a luz do sol. Os arvoredos se agrupavam na orla do rio ou despontavam nas ladeiras do cânion formando ângulos estranhos.

Uma águia calva descrevia círculos lentos em uma corrente ascendente, buscando com o olhar a próxima comida. Sem prévio aviso. Abaixou-se e desceu como uma flecha e logo se curvou subindo outra vez para o céu. Umas escamas prateadas brilharam enquanto um pescado dava rabadas inúteis entre suas garras.

A boca de Nineva se curvou em um sorriso de puro prazer.

- Kel, viu...

- Traidor! – A rajada de malévola satisfação a fez voltar sobre si num salto tão rápido que teria caído se não tivesse sido pelo arnês. O dragão azul apareceu do nada no ar, com as mandíbulas abertas e apontando uma labareda mágica em seu rosto.

O escudo de proteção de Nineva saltou em seu lugar sem que o pensasse conscientemente. A rajada mortal agitou-se sobre ele só para escorrer como água. Kel se retorceu sob ela estendendo as asas enquanto freava e girava com rapidez.

- Irial! – A ira trovejava em sua voz – Te disse o que faria se tratasse de ferir-me outra vez.

- Teria que ter pensado nisso antes de roubar o Ovo. – Irial saiu detrás dele como um bólido e fechou bruscamente as mandíbulas antes de pegar por um cabelo na cauda de Kel. – Agora já o fez, irmão. Darão-te caça como blasfemo que é. Serei só o primeiro a derramar seu sangue...

- De que demônios fala? – Nineva se agarrou ao arnês com uma sensação de enjôo enquanto Kel se retorcia e mordia a Irial quando este passou a seu lado. O outro dragão rugiu de dor.

- Parece que sou eu que derramei seu sangue. – Kel se balançou sobre a garganta de seu irmão.

Uma sensação de forças que se encontravam atraiu o olhar de Nineva para cima, bem a tempo para ver que apareciam outros seis dragões. Ao que parecia, estavam revestidos de algum feitiço de invisibilidade.

- Kel, tem muitos mais! – Ela fez aparecer uma bola de fogo e a disparou a toda velocidade nos recém chegados, mas se desviou a um lado quando Kel enfrentou Irial em outra passada rasante.

O rosto de Nineva se salpicou de sangue pegajoso e cegante. Esfregou os olhos tentando tira-lo.

- Kel, maldição, olhe para cima.

- Merda! – bramiu Kel, descobrindo por fim seus atacantes. Fechou as asas e se atirou para o rio, derrubando-se bruscamente igual ao que tinha feito a água.

Os seis dragões se lançaram atrás de Kel, golpeando o ar com golpes estrondosos e os olhos enlouquecidos de fúria. Irial estava quase a altura da cauda de Kel e se lançou em sua perseguição estendendo as garras. Nineva

disparou então outra rajada e teve a satisfação de ver que o alcançava. Irial soltou um grito e sacudiu a cabeça de dor.

- Símio, vai me pagar.

"Não sou um símio!" A Marca da Deusa começou a arder enquanto o poder de Nineva aumentava. A bola de fogo que fez aparecer esta vez estava tão quente que ela sentiu através das manoplas e a disparou contra ele, obrigando-o a desviar para um lado. Irial perdeu o controle e caiu dando uma cambalhota.

Mas o resto dos dragões ganhava, e se aproximavam cada vez mais da cauda de Kel, que não parava de dar pinotes.

- Apresse-se! – gritou Nineva fazendo aparecer outra bola de fogo e disparando-a contra o perseguidor que estava mais próximo – Estamos a um cabelo de que nos tostem.

O líder, um pé grande dourado, abria as mandíbulas. Algo começou a desprender um brilho incandescente na escuridão de sua garganta. Nineva lançou um escudo...

De repente, se encontrou cavalgando de cabeça para baixo no ar. Reprimiu um grito quando se deu conta de que Kel se lançava em uma volta em espiral. Os dragões passaram disparados como balas, mesmo quando ele surgiu atrás deles, e Ihes arrojou uma rajada furiosa de fogo mágico. Uns quantos gritaram surpreendidos, mas não se queimaram. Nem sequer pareciam feridos.

- Esse foi um disparo de advertência – gritou Kel com um rugido de batalha. – Com que mentira extravagante os alimentou meu irmão para que me atacassem?

-Não é nenhuma mentira. – O líder se inclinou um pouco e voltou a lançar-se para ele – O que fez com o Ovo, ladrão?

- Que ovo? – Kel soava tão desconcertado como Nineva.

- Não faz falta que se faça de inocente, Kel – O dragão dourado entortou os olhos enquanto ele e Kel davam voltas ao redor um do outro – O Ovo de Cachamwri. Não o percebo em você, deve ter ocultado. Onde? Diga-nos e talvez te deixemos com vida.

O horror deixou Nineva boquiaberta.

- Oh, doce Semira, os rebeldes o roubaram. – Ficou gelada ao recordar o poder descarnado que ela tinha sentido no objeto místico. Contando com ele, a espada e o Grimório, os rebeldes teriam tudo o que necessitava para quebrar as defesas do planeta.

Kel lhe lançou um olhar que refletia um horror idêntico. Virou a cabeça com um movimento brusco e rugiu.

- Idiotas! O Ovo desaparece e automaticamente me perseguem enquanto os verdadeiros ladrões escapam? Como podem ser tão cegos e estúpidos? Se não percebem o Ovo, é porque não o tenho!

O dragão dourado pareceu desconcertar-se, como se a veemência de Kel o tivesse feito duvidar.

- Mente. - Irial voou acercando-se mais do líder quando todo o grupo virava em um paroxismo em volta de Kel e Nineva. - Ele e o símio o esconderam em algum lugar. Vamos matá-los e depois buscaremos o Ovo como melhor nos convenha.

- Cale-se. Espetou o dourado e dirigindo-se a Kel, ajuntou - É melhor que confesse. Tem a todos os dragões a suas costas. Se nos disser como achar o Ovo, tudo será mais fácil para você.

- Não temos o Ovo - Kel voou mais próximo do líder para controlá-lo, mas o ranger de dentes de Irial o obrigou a dar meia volta - Pensa um pouco...porque teríamos oculta-lo? Acredita que teríamos sulcado o ar tão tranqüilamente onde vocês poderiam nos pegar com facilidade? Teríamos aberto um portal como fez o verdadeiro ladrão.

- Deve tê-lo o outro símio...esse Gawain.- Vociferou um dragão - Kel e essa são chamariz destinados a nos enganar.

Um grande rugido desviou a atenção de Nineva da manada que os rodeava na entrada do cânion e abriu os olhos como pratos.

- Deus bendito!

Eram dragões. Uma imensa nuvem retorcida que inundava o cânion como um rio de escamas multicoloridas e que ia aumentando de tamanho com cada bater de asas.

O coração subiu para sua garganta. Destroçariam a Kel e a ela. E se as atitudes do passado eram reveladoras de alguma coisa, seria impossível fazer-lhes entrar em razão. A turba só descobriria a verdade depois que estivessem ambos mortos.

Nineva começou a projetar uma porta dimensional só para ouvir que um dos dragões uivava de fúria.

- Tentam escapar!

Os seis que davam voltas se lançaram para eles rapidamente. As colunas de fogo se chocaram contra o escudo mágico que Kel tinha levantado, mas Nineva fez

caso omissso das chammas e se concentrou em criar a porta de regresso a Avalon.

A familiar ponta prateada de uma entrada apareceu...mas não pode formar-se. Nineva amaldiçoou contrariada.

- Me bloqueiam! – Podia senti-lo, era a magia coletiva dos dragões que esmagava a sua e a sufocavam.

Começava a sentir pânico quando olhou e viu as seis criaturas que davam voltas ao redor deles. Deviam ter sido uma força dilatória, o suficientemente jovem e veloz para encontrá-los e obriga-los a avançar mais devagar até que o resto do bando os alcançasse.

De repente, os dragões se afastaram a toda velocidade, como um pardal. Até Irial desapareceu, não sem antes lançar a seu irmão um sorrisinho de suficiência e dando para a horda uma clara linha de fogo.

- Kel! – gritou Nineva, olhando aos dragões que se aproximavam.

Estavam a menos de duzentos metros e se aproximavam rápido. Fez aparecer uma balestra# e flechas mágicas correspondentes, que eram de fogo e com as pontas quadradas. A besta lhes proporcionaria maior alcance a seus projeteis.

- Se te ocorrer algo?

- Morrer com as botas postas – bramou Kel – Não me encolherei de medo diante desses covardes. – Levantou a voz – Não roubamos o Ovo, imbecis! Somos inocentes. Os verdadeiros ladrões...

- Mentiras! – Gritou Irial. – Mate-os! Reduzam-nos a cinzas!

- Matem-nos! – Das gargantas de milhares de dragões se elevou um canto que fez os ouvidos de Nineva repicar e seu peito vibrar como um tambor.

Se agachou contra as costas amplas de Kel e olhou a massa colérica de escamas, e asas, e garras. Nineva apontou a balestra ao dragão que estava mais próximo e se dispôs a disparar, sobrepondo-se ao seu temor.

- Esperem! –Uma silhueta azul baixou fazendo-se visível entre eles e a massa de dragões furiosos. Era Soren – Eles não fizeram nada. Foi Piaras.

A **besta** (leia-se com o som "é" e não "ê") ou **balestra** é uma arma com a aparência de uma espingarda, com um arco de flechas, acoplado na ponta da coronha, acionada por gatilho, que projeta setas, dardos similares a flechas. Ela foi bastante usada no século XVI e chegou a coexistir com e depois foi substituída pelos mosquetes, primeiras armas de fogo. Hoje, continua a ser fabricada, pois é usada, em algumas partes do mundo, por caçadores. A palavra "besta" teria sido sincopada do italiano "balestra", que por sua vez deriva do latim tardio "ballistra".

As vozes dos dragões se levantaram confusas eiradas enquanto se moviam de um lado para outro. Contudo titubearam, ou porque acreditaram em Soren ou porque temiam atingi-lo com o fogo.

- Por que mente por esses ladrões, Soren? – Perguntou um do bando – Afaste-se ou morra com eles!

- Empreguem seu bom senso...eles não tem o Ovo. – Soren usou sua magia para sustentar-se no ar diante de Nineva e Kel, protegendo-os com seu próprio corpanzil – Eu em pessoa, vi Piaras pegar o ovo através de um portal dimensional. O segui até onde pude, mas algo bloqueou meu feitiço antes que ele chegasse a seu destino. Sei que cheguei a algum lugar nas grandes montanhas do continente oriental, porque ali já tinha anoitecido por completo, mas quando sobrevoei a zona, não pude encontrar nada. A fortaleza rebelde esta muito bem protegida.

- Não seja absurdo – protestou um dragão vermelho que parecia ofendido – Piaras jamais teria cometido semelhante blasfêmia.

Kel levantou a voz subitamente.

- Então onde está Lorde Piaras? Não o vejo entre vocês, ainda que todos os demais Lordes Dragões se empurrem entre si para ser o primeiro a incinerar-nos. Por que seu líder não está entre vocês?

Cabeças se olharam em volta em desordem.

- Piaras? – repetiu incrédulo o dragão vermelho – Lorde Piaras?

- Tem razão...todo mundo se uniu na perseguição – disse Soren – Até o ultimo dos mais jovens. Assim que, por que faltaria Piaras, salvo que foi quem pegou o Ovo?

As vozes se levantaram em murmúrios confusos.

“Por fim a luz clara da razão”, disse uma voz zombeteira.

Nineva levantou de golpe a cabeça no momento em que uma figura flamejante se materializava em meio ao ar, frente a turba de dragões. Alguns quase caíram do céu de assombro, ao mesmo tempo em que se escutou um ofego massivo de horror.

-Cachamwri – sussurrou Kel.

“Sim, Cachamwri”. O fogo agitava-se em volta do corpo flamejante do dragão. “ E já tenho mais que suficiente de tudo isso”. A voz mental do Deus Dragão

bramou gelada quando se dirigiu a multidão. "Por que atacam ao meu campeão e a princesa dos Sidhes enquanto o ladrão escapa correndo com meu Ovo?"

- De verdade é seu campeão? – A voz de Irial, que soava descomposta, se levantou em meio do silêncio que se fez bruscamente.

"Já não hei dito?" – O Deus Dragão se movia em círculos furiosos fazendo que saltassem faíscas das asas ardentes – "Bah! O enviei para que desse uma verdadeira advertência, mas estão tão cegos por antigos ódios e não escutaram. Imbecis! Não merecem meu Ovo!"

- O que quer que façamos? – perguntou com humildade e em um fio de voz o dragão vermelho.

"Ajudarão os humanos e os Sidhes para que recuperem meu Ovo, a Espada e o Livro", grunhiu Cachamwri. "Não me importa se produzem náuseas ao tocá-los. Eles irão para a batalha montados sobre vocês como bestas estúpidas que são, e os ajudarão a que façam voltar atrás os Escuros. Se não fizerem, merecem o que colher de seus conquistadores".

Nenhum dragão se atreveu sequer a murmurar um protesto.

- Será como você quiser, Cachamwri – disse o lorde dragão vermelho – Te imploramos que nos perdoem por ter permitido que ocorresse o roubo.

"Agora saiam de minha vista. Desejo falar com meu campeão e seus aliados."

Nineva olhava aturdida, como a turba inteira dava meia volta e se ia voando sem que ninguém fizesse nenhum ruído solvo o de bater de asas.

- Te agradeço, Flamígero. – disse Kel calmamente quando ficaram sozinhos. E olhando a Soren, juntou – E a você também, Lorde Soren. Teriam nos matado se não tivesse intervindo.

Cachamwri deu um suspiro de desgosto. "Sim. Imbecis".

- Mas não entendo – disse Soren com calma – Por que deixou que Piaras levasse o Ovo em primeiro lugar? Poderia tê-lo evitado.

O Deus o olhou: " O roubo tinha que acontecer, ou nada dos demais ocorrerá".

Soren meneou a cabeça.

- Não entendo.

"Claro que não. Você não é um deus". Cachamwri concentrou sua atenção em Kel. "Reúne Arthur e a seus aliados e diga-lhes que se preparem para a guerra. Nossa

gente se reunirá com eles fora da cidade". Sua expressão ficou sombria. "Não demorará muito a partir de agora."

Havendo dito isso, desapareceu, deixando atrás um brilho ofuscante.

- Onde diabos está a fortaleza rebelde? – grunhiu Kel contrariado – Até que não saibamos, estamos fodidos.

Soren meneou a cabeça enquanto voava descrevendo um círculo amplo em volta deles.

- Vi uma extensa cadeia montanhosa sob a luz da lua, e o mar que rugia junto dela, mas não percebi mais nada.

- Se suas defesas são muito sólidas, essa poderia ser a razão. – observou Nineva – Poderia levar-nos de volta para lá?

- Oh, claro. Mas buscar nessas montanhas levaria dias, ainda supondo que fosse o destino final de Piaras. Pode ter descido ali para confundir-me e logo ir-se.

"Semira?", pensava Nineva, enquanto os dragões davam voltas um ao redor do outro. "Se me aproximar o suficiente, seria capaz de guiar-me até você?"

Houve uma longa pausa antes que a deusa por fim falasse. "Creio que sim, mas deverá fazer outro feitiço para fortalecer-me antes que tente. Suspeito que ambas necessitaremos."

"Esta bem".

- Semira poderia guiar-nos o resto do caminho, mas Kel e eu precisamos fazer outro feitiço primeiro. Disse que necessitará do poder.

- Ao menos é uma possibilidade – disse Soren – Enquanto isso, nos reuniremos com Arthur e Llyr para ultimar os detalhes do ataque.

Kel assentiu.

- E rogar porque os rebeldes estejam em algum lugar dessas montanhas que viu.

- Nineva está ocupada preparando o feitiço final para potencializar Semira. – Comunicou Kel a Arthur, Llyr, a rainha e aos do conselho da raça Mage que tinham se reunido nas câmaras tão logo o sol se ocultou e os vampiros despertaram. – É uma magia um pouco complicada.

- A pergunta é: será suficiente? Terá terminado antes que Arralt e seus rebeldes concluam com tudo o que pensam fazer com as defesas? – Perguntou Morgana.

Kel encolheu os ombros.

- Não sei. Será uma corrida contra o relógio.

- De qualquer modo, é melhor que todos estejamos em nosso lugar e preparados para ajudar o mais rápido que

pudermos. – disse Arthur – Kel, acredita que sua gente cooperará conosco?

- Depois da repreensão de Cachamwri? Não se atreveriam a fazer o contrario. Quando é conveniente, pode ser horrendo.

- O que seria muito gratificante, se tivéssemos um pouquinho mais de tempo para treinar – disse Llyr – Não me satisfaz a idéia de levar tantas forças diferentes a combater sem tê-las instruído primeiro para trabalhar juntas.

- Por desgraça, teremos que nos conformar com o que se consiga e rogar para que seja suficiente – lhe respondeu Arthur.

Diana falou de seu assento abraçando o bebe adormecido contra seu peito.

- Falei com o conselho de clãs dos Gigantes e podemos contar com uns duzentos, pelo menos. Já tinham começado a juntar-se. Necessitamos que venham aqui com um portal.

- Duzentos homens lobo de mais de três metros de altura, resistentes a magia. – Morgana se recostou no assento e sorriu como um felino – Isso deveria assustar a alguns rebeldes.

- Os assustaria muito mais se não tivessem aos Escuros que os respaldem – Grunhiu Arthur – Do contrario, necessitamos todos os dragões, vampiros, bruxas, lobos e fadas que pudermos reunir.

Kel se levantou.

- E falando nisso, é melhor que volte para Nineva. Se ela terminar a tempo como planejado, e estou certo que o fez, a esta hora esta pronta para mim. – Deixou que eles continuassem com a sessão de estratégia e atravessou o corredor a passos largos, tratando de ignorar o estomago que retorcia em um nó nauseante. Seria melhor que o feitiço funcionasse essa vez.

Encontravam-se de pé formando enormes filas. Eram milhares, de rostos austeros e bem preparados com suas armaduras negras, espadas e machados pendurados na bainha.

Preparados para lutar e morrer para que Arralt fosse soberano dos dois reinos.

Arralt percorria as fileiras, detendo-se cada tanto para criticar o estado da espada de alguém, ou a couraça

demasiado apertada de outro. Para sua satisfação, Arralt não viu a dúvida nos olhos de nenhum deles, só uma devoção fanática.

Tinha recrutado seu exercito durante séculos, construindo soldado a soldado com aqueles que tinham sofrido nas mãos de seu pai, sendo Ansgar que era, não tinham faltado recrutas.

O único que desejava era que fosse seu a pai que encontrasse nessa noite em batalha, seu pai que cairia sob sua espada. Llyr Galatyn não era mais que um pobre substituto.

Contudo, ver que a vida escapava dos olhos do rei seria uma doce satisfação. Galatyn tinha lhe arrebatado a revanche que deveria ter sido sua.

Quanto tinha lhe recriminado sua mãe quando Llyr deu morte a Ansgar.

- Me falhou. Te levei nove meses no ventre, prole do violador, acresci teu poder ao longo de todos esses séculos, te ensinei truques mágicos proibidos e esperou muito. Esse monstro tinha que morrer pela sua mão. Pela sua!

- Matarei Galatyn e logo me apoderarei do trono.

Sua cara, que embora fosse encantadora, tinha se crispado em um gesto de desdém.

- Llyr agora é o campeão de Cachamwri, estúpido. Pode recorrer ao poder do próprio deus dragão. Não tem nenhuma possibilidade de ganhar frente a ele e te fará em pedaços junto com seu exercito.

Arralt sabia que a cadela tinha razão, por mais que lhe provocasse irritação reconhecê-lo. Teria que ter construído seu poder de outra forma.

Tinha achado o meio para fazê-lo em os antigos livros proibidos de sua mãe, livros escritos pelos colaboradores dos Escuros muitos séculos antes que os alienígenas fossem expulsos das Terras dos Sidhes.

Arralt se deu conta muito rápido de que o único meio de obter o poder para derrotar a Galatyn era entabular uma aliança com os anteriores conquistadores de seu povo. A idéia era impressionante, mas arriscada. Os escuros poderiam destruí-lo facilmente e, mais ainda, dada sua natureza desapiedada, todas as probabilidades se inclinavam a favor de sua morte.

Contudo, não aproveitar a oportunidade significava matar seu sonho, o que era pior que a morte de sua revanche.

Tinha elegido arriscar-se, ainda que isso significasse dar morte a sua própria mão. Qualquer assassinato não teria impulsionado tanto uma porta. Tinha que ser a traição absoluta a pessoa que tinha lhe dado vida.

É claro que matar a pequena cadela não tinha significado um verdadeiro sofrimento de sua parte porque ela, com a determinação de convertê-lo na arma de sua vingança, o tinha atormentado desde o dia em que nasceu.

Arralt por fim descobriria se sua aposta teria uma recompensa...ou o destruiria por completo. Seu exército derrotaria ao de Galatyn? E se ganhasse, respeitariam os Escuros o acordo e lhe permitiriam reclamar seu trono? Qualquer das duas coisas poderia acontecer.

Ao olhar agora as fileiras de seus homens, supôs que muitos estariam mortos antes do amanhecer. Também ele poderia estar morto ou ser vergonhosamente um prisioneiro, sujeitado em correntes.

Ou rei.

Arralt sentiu os lábios se curvarem em um sorriso de júbilo puro.

Evegnii olhou o General Arralt, inspecionando ao exército com aquele sorriso que gelava as entranhas e se perguntou, não pela primeira vez, que diabos fazia ali.

Cinco anos atrás tinha lhe parecido uma aventura heróica unir-se a rebelião, um esforço nobre por derrotar Ansgar o Tirano, que tinha ordenado a tortura do pai de Evegnii por atos de rebelião.

Rebelião. Seu pai tinha se embriagado em uma taberna e dito cobras e lagartos sobre os impostos de Ansgar, sem saber que um dos bajuladores do rei estava entre as pessoas.

Ao principio, a incorporação ao exército de Semira tinha prometido tudo o que Evegnii esperava. Tinha desfrutado da camaradagem de seus companheiros rebeldes e o desafio de dominar a arte de combater. Além disso, estar rodeados de tantos veteranos de guerra, tinha ensinado muito.

Então Llyr tinha matado Ansgar; pouco depois, a mãe do General morreu em circunstâncias misteriosas e o próprio Arralt tinha desaparecido durante meses. Quando regressou, o fez em meio a rumores de que tinha encontrado aliados arrepiantes: Os Escuros.

Evegnii começou a dar-se conta de que tinha cometido um erro terrível. Se comentava que Llyr era um bom rei...e todo mundo sabia quem eram os Escuros. Sentiu a tentação de desertar no ato.

Mas pensou melhor depois de ver a execução publica de um desertor capturado. Evegnii não tinha nenhum desejo de que o destroçassem e usassem para potencializar qualquer ato de magia negra.

Magia negra, pela doce Semira.

Se os rumores estavam certos, logo todos iriam para a batalha ao lado dos Escuros. O sargento de Evegnii já tinha advertido a toda a unidade que mataria qualquer um que não lutasse com valentia.

Maldito. Não importava o que fizesse. Evegnii sabia que estava maldito. A única esperança era lutar como um louco e rezar para que o general não tivesse mentido quando jurou recompensar os seus homens se lhe fizessem ganhar o trono.

Oxalá não tivesse o sentimento angustioso de que seus filhos amaldiçoariam o nome de seu pai por causa daquela noite, independentemente das riquezas que Arralt pudesse empilhar sobre sua cabeça.

Não que importasse já que ele tinha só uma eleição: lutar ou morrer.

Capítulo 16

Kel encontrou Nineva onde sabia que a encontraria: de pé ao lado da grande cama, mais adiante dos desenhos de runas que tinha representado no chão. Podia sentir a magia suspensa no ar, a espera que eles lhe provessem combustível para acendê-la.

Ele imaginava que isso não exigiria muito esforço, pois bastava olhá-la para que sua libido estalasse em chamas.

A diferença do sexy negligé vermelho da ultima vez, vestia um vestido de renda branca que caia por suas curvas esbeltas até os pés descalços. Uma tiara de rosas vermelhas descansava no cabelo loiro e cacheado, solto sobre os ombros. A Marca de Semira soltava lampejos dourados em seu peito, e ardia com mais brilho do que

nunca tinha visto, testemunho silencioso do poder que havia no aposento.

- Parece uma noiva na noite de núpcias – disse Kel com uma voz que soou rouca a seus próprios ouvidos. Sentia que o coração queria sair pela boca.

Ela avançou para ele. A cauda de renda da saia se arrastava pelo piso, recordando outra vez um vestido de noiva. Ao menos até que ela se aproximou o suficiente para que ele visse a sombra dos mamilos rosados aparecendo através da renda.

- Quero que esta vez haja algo mais do que o feitiço. – suas mãos pequenas e frias se apoiaram em seu peito enquanto levantava o rosto para olhá-lo – Quero que isso seja também por nós.

Kel sabia o que ela estava pensando. Se essa noite morressem em batalha, esta poderia ser a ultima vez que se tocariam. Roçou-lhe a frágil bochecha com o polegar e lhe sorriu com o mais suave e sedutor de seus sorrisos. Tinha empregado milhares de vezes com incontáveis mulheres, mas jamais tinha ressoado em seu peito com ecos tão doloridos como agora.

- Me esforçarei ao máximo.

Nineva devolveu o sorriso, mas o dela era genuíno e cálido.

- Oh, eu sei. Nunca me falhou.

A beijou. Era um beijo de boca aberta, feroz, como ela o necessitava, e o interrompeu só o suficiente para pega-la em SUS braços e levá-la para a cama. A magia fazia borbulhas em seu pé enquanto atravessavam os limites do feitiço e dançavam por suas costas quando a depositou no colchão. Ao afastar o olhar daquele precioso rosto, ela viu os globos entrelaçados das runas, que giravam resplandecendo em volta da cama. A Marca da Deusa pulsava com força em resposta, muito mais quente do que nunca. O que não era nenhuma surpresa porque a própria Semira a tinha guiado para que desta vez o feitiço funcionasse, e seu poder fervia como o centro de uma tormenta.

Kel abaixou-se sobre ela, cobrindo-a com aquele corpo grande e firme e ela esqueceu-se de tudo mais. Tinha abandonado pela primeira vez a roupa formal que sempre usava e tinha optado por uma camisa aberta até a cintura e enfiada dentro de umas calças negra justas, que por sua vez terminava dentro das botas.

Ela sorriu deslizando o dedo pelos músculos que a abertura da camisa deixava descoberto.

- Parece que acaba de escapar da capa de uma novela romântica.

Ele sorriu, mas o humor não se refletiu em seus olhos sombrios.

- Ei, imaginei que se era bom para Fabio, também é bom para mim.

Nineva enrugou o nariz.

- É consciente de que a última vez que Fabio* apareceu na capa de uma revista eu tinha uns dez anos?

- Fantástico, faz-me sentir velho.

- É velho, mas também é imortal, assim que isso não conta.

O sorriso forçado de Kel se desvaneceu.

- Estamos nos esforçando o suficiente?

- Estava pensando nisso.

- Esse é o problema – Acariciou as maçãs do rosto com os nós dos dedos – Nós dois pensamos em demasia. O jogaremos a perder – Ela sabia que ele não falava do feitiço.

O beijo que ele lhe deu esta vez não era a versão costumeira do sedutor, e sim que brotava da necessidade e do coração. Ela o enlaçou pelo pescoço e se entregou para sua boca, saboreando a carícia lenta de sua língua.

Quando se afastou, os dois respiravam com avidez. Durante um momento, se olharam nos olhos sem falar. A expressão dura e receosa tinha desaparecido do olhar de Kel, substituída pela ternura. Baixou o olhar pelo corpo de Nineva e se deteve no corpete de renda.

- Sabe, quanto mais olho essa camisola, mais gosto.

Ela deu um sorriso provocante de propósito.

- Pensei nisso.

Kel se colocou de lado e apoiando-se em um cotovelo, começou a acariciar com os dedos a renda como se tocasse uma leve pluma. Sob o tecido fino os mamilos estavam cobertos de gotas. Ela olhou no rosto e curvou a comisura da boca sorrindo com malícia, logo abaixou a cabeça. Ela olhou como sacava a língua e lambia devagar a ponta tensa através da renda. Sentiu que um pequeno crepitar de prazer a atravessava velozmente com um ligeiro toque.

*-O italiano Fabio, modelo famoso em vários países pelo tipo físico que estampava várias capas de romances nos anos 80. Segue uma foto no fim do livro. (N.T.P.)

Depois começou a morder, seguido dos dentes, que passeavam com delicadeza sobre a ponta fazendo que a renda colasse sobre ela e endurecia ainda mais com a

excitação. Nineva cantarolava de frisson com a boca fechada.

- Então, que dizem das línguas bipartidas? – sussurrou, enquanto uma recordação repentina a obrigava a sorrir.

- Ele levantou rapidamente os olhos e a olhou.

- Não comece.

- Ah, vamos...

Fechou os lábios ao redor do mamilo e lhe deu uma chupada quente, girando a língua por sobre a renda. Nineva deixou de brincar instantaneamente.

A mão livre de Kel estava ocupada com a saia da camisola, recolhendo o tecido até que pode introduzir a mão por baixo. Quando a palma descobriu a pele suave das coxas, Nineva suspirou de prazer e se arqueou sob ele expectante.

Ele seguia chupando através do tecido, que se umedecia com a saliva de sua boca. Contudo, não ter contato direto com aquela língua experta era enlouquecedor e ela se retorceu.

Ávida por tocá-lo, estendeu o braço buscando o profundo decote de sua camisa e deslizando a mão sob o tecido macio e quente como pele. Jogou com o mamilo dele e teve o prazer de fazê-lo gemer.

Ele acariciou com a palma de sua mão por cima da renda da calcinha, como se quisesse vingar-se. Nineva então moveu os quadris, sem vergonha de pedir por mais, enquanto ele passava o dedo pela união dos lábios cobertos pelo cetim. Ela sentiu que se inundava com um quente creme.

Sem deixar de passar aquele dedo de cima para baixo, ele voltou a dar-lhe outra lambida no mamilo antes de dedicar atenção ao outro. Ela, cada vez mais ávida, levantou uma mão e estava a ponto de fazer desaparecer a roupa de ambos.

- Não – disse ele em um sussurro enquanto seus olhares se cruzaram – Eu quero tirar o vestido.

Ela lambeu os lábios ressecados, surpreendida por seu olhar masculino.

- Está bem – sua voz soou débil e envergonhada.

Kel se levantou e subiu a saia por sobre os quadris, deixando nuas as coxas graciosas e a calcinha de renda e cetim que mal cobria seu sexo. Seu olhar de rubi se iluminou com uma expressão aprovadora. Apoiou uma mão grande na renda da cintura e com uma estirada violenta rasgou em duas a calcinha. Inclinou a cabeça, enquanto

jogava para um lado os pedaços, com o olhar cravado em sua carne mais delicada.

Os dedos que tocavam os pelos loiros eram deliciosamente reverentes em comparação com a cavalheiresca eliminação da peça de roupa.

- É tão bonita aqui – Aspirou profundamente enquanto fechava as pálpebras sobre aqueles olhos vivazes – E cheira tão doce.

Nineva olhou, quase estremecendo pela intensidade de sua própria necessidade, como Kel se acomodava entre suas pernas. As mãos grandes pegaram seus joelhos abrindo-os quando baixou a cabeça. Ela se apoiou nos cotovelos para olhar como lhe beijava os pelos claros.

Então ele deu uma lambida, demorando-se sobre a união dos lábios vaginais, sem empurrar, simplesmente brincando.

Nineva apoiou a cabeça atrás e grunhiu.

- Kel, esta me fazendo ficar louca.

- Magnífico – Outra lambida, esta vez uma mínima fração mais profunda, provando o sabor, mas se deteve antes de tocar o centro dolorido. Suas mãos subiam pelos lados para pegar os seios por sob a camisola.

Kel voltou a lambê-la ainda mais fundo, demorando-se mais ao mesmo tempo em que os polegares jogavam com as pontas de seus mamilos. Ela gemia sem poder conter-se.

Nineva viu pelo canto dos olhos o brilho de algo que ardia. O examinou de forma automática: era o globo do feitiço que resplandecia incandescente, girando mais rápido, como se alimentasse da mutua necessidade.

Durante um instante, pensar no feitiço – e na batalha que seguia – esteve a ponto de provocar que saísse do clima de forma violenta. Foi então quando a língua inteligente de Kel se aprofundou, arrastando-a sobre o clitóris, e o gozo a obrigou a lançar a cabeça para trás e gritar.

Ele a comia pouco a pouco, com as voltas e investidas daquela língua malévola e os mordiscos lentos que puxavam os lábios vaginais como se quisesse arrancá-los. Ao mesmo tempo, pegava a renda suave do corpete entre os dedos e o passava para cima e para baixo sobre os mamilos, brincando deliciosamente com eles.

Nineva afundou os punhos no cabelo de Kel e esperou a doce vinda enquanto ele a excitava. Com os dentes. Com a língua. Com os dedos. Todos trabalhando ao mesmo

tempo para derramar prazer líquido em cada um de seus terminais nervosos até que ela se retorceu como uma gata.

O feitiço os rodeava resplandecendo com uma luz vermelha e quente.

Ele tinha o sabor do mar da meia noite, a magia e a uma feminilidade selvagem e elementar. A cadência lenta e inconsciente de seus quadris em sua boca estava deixando-o louco. Tinha o pênis tão firme como a folha de uma espada e doía onde se apertava no colchão. Kel não sabia bem quanto tempo mais poderia agüentar a urgente necessidade de possuí-la, mas estava decidido a levá-la primeiro ao orgasmo com a boca.

Quando por fim ela se ficou tensa contra ele gritando de gozo, foi tudo o que pode fazer para não gemer de alívio.

No momento seguinte, a formosa camisola foi presa de suas mãos impacientes, que a rasgaram em dois como um menino que ataca o papel do presente de Natal. Se levantou, o pênis se sacudi vibrando ao ritmo de seu coração. Queria cair sobre ela como um bárbaro, mas sem saber como, conseguiu controlar-se.

Tinha que gravar em sua alma a recordação do momento em que ela alcançava o prazer perfeito.

Nineva o olhou. Os olhos opalescentes estavam nublados de deleite, os lábios inchados, o cabelo loiro desalinhado ao redor do rosto. Os seios subiam e baixavam com a respiração ofegante, arrematados pelos doces mamilos rosados tão cheios e inchados como cerejas. Aquelas formosas pernas estavam abertas, e os pelos dourados que tinha entre elas, molhados de sua boca e com o próprio desejo dela.

Ela pegou pelos quadris com resolução e apontou o pênis dolorido para a tensa abertura.

O primeiro golpe foi cegador. Sua doce carne se aderiu a seu membro como uma tenaz, deliciosamente molhada e mais tensa que um punho. Kel começou a tremer ante a deliciosa perfeição e se perguntava como diabos faria para durar.

Tinha que encontrar uma maneira. Não ia abandoná-la um instante antes do que devia.

Apertando os dentes, desceu sobre Nineva, apoiou os punhos ao lado de seus ombros e começou a empurrar lentamente.

Ela grunhiu e lhe rodeou a cintura com as intermináveis pernas.

Cada vez que deslizava o pênis na carne escorregadia era provar o paraíso..., e um exercício de tortura maravilhoso enquanto tratava de não gozar. Olhou seu rosto encantador tratando de dominar-se. O que era um grave erro de cálculo porque não tinha nada mais excitante que a imagem de Nineva sumida na alienação do prazer e os olhos opalescentes que soltavam faíscas de magia. Seus lábios suaves emitiam gemidos sensuais ao ritmo de cada entrada.

- Nineva- gemeu – Ovo de Cachamwri, Nineva...

- Me sinto tão bem – respondeu com a respiração entrecortada, afundando os dedos em seus ombros. As unhas lhe fincavam na pele como pequenas esporas e chiou os dentes – Mais. Deusa, mais. Mas depressa – Os diminutos músculos internos ficaram tensos em torno dele.

E ele perdeu o controle.

Começou a investir, dando o que ela implorava, mais forte, mais rápido, enfiando e tirando o pênis. Nineva se retorcia sob ele, os olhos assombrados com o orgasmo que ia aumentando.

- Kel!

Kel sentia o arrebatamento, a glândula grossa e incrivelmente excitante e delicioso.

Nineva tinha consciência difusa de que a Marca da Deusa palpitava em seu peito no ritmo de seu coração. O feitiço agora girava em torno deles tão depressa que era impossível distinguir qualquer runa. Não se via mais que uma massa roliça e a dança espumante da magia sobre sua pele.

Os ombros musculosos de Kel estavam escorregadios pelo suor sob suas mãos e a carne dura de seu traseiro se movia na armadilha de suas pernas enquanto o abraçava.

Até que meteu até o fundo e se endureceu ali com um grito. A sensação de ser satisfeita até a plenitude era suficiente para incliná-la sobre o abismo e deu um grito quando começaram as doces pulsações.

A magia se derramou no mais profundo de seu ser quando gozou. O globo do feitiço implodiu num silêncio absoluto. Os dois gritaram ao mesmo tempo em que as runas se fundiam em sua pele como flocos de neve aquecidos.

"Sim!". A voz de Semira ressoou na mente de Nineva, mas já não era débil. A presença que tinha sido uma coisa distante, de improviso chegou à sua consciência de um antigo poder e uma magia alienígena.

Nineva ficou sem respiração pelo aturdimento. "É livre?"

"Ainda não. Não de tudo". A voz mental da deusa parecia ressoar em seus ossos. "O feitiço necessita de uma ultima coisa."

E Nineva, sabendo exatamente o que era, sentiu que se gelava o sangue.

- Kel?

A voz de sua amante soava estrangulada. Levantou alarmado a cabeça de seu peito.

- O que? O que aconteceu?

Nineva tinha uma palidez mortal no rosto, os olhos desmensuradamente abertos.

- Semira disse que terá que fazê-lo se queremos completar o feitiço. Agora.

Voltou a alarmar-se e sentiu uma câibra na boca do estomago.

- Fazer o que?

Os lábios tremeram.

- Cumprir a profecia.

Ele ficou olhando-a

- Quer dizer frita-la.

- Sim.

- Que parte do: "Diabos, não", não entendeu? Pareceu-me que tinha deixado muito claro minha postura sobre esse tema.

Kel deu a volta para o outro lado, incapaz de ficar quieto por lhe ferver o sangue.

Maldita deusa. Acaso não era suficiente com todas as vezes que tinha passado de Caim por ela?

Nineva se sentou sobre os calcanhares, exuberante e nu apesar da angustia que tinha em seus belos olhos.

- Mas Semira disse que é necessário completar o feitiço. E temos que liberá-la, Kel. Sabe disso. É a única forma de que nos salvaremos.

- E como demônios saberemos que conseguirá algo? Ela disse que se tivéssemos sexo se reforçaria tanto que poderia guiar-nos até onde se encontra. Fodemos como coelhos e, contudo não tem a menor idéia.

- Não empregue esse tom quando fala de Semira – espetou Nineva – É minha deusa como Cachamwri é teu deus.

- E estou farto de que os deuses me façam saltar de um lado a outro como uma marionete. Sabem o que acontece, mas não levantaram um dedo para impedi-lo.

Esperam que nos façamos de ponta de lança. A merda com isso.

Nineva se levantou da cama como uma mola, com ira e desespero nos olhos viços.

- Deixaremos que os Escuros nos invadam porque pensamos que os deuses não colaboram com sua parte?

- Não – grunhiu entre dentes – Os deteremos, mas que me matem se acredita que vou incinerar a mulher que amada mais porque alguma pretendida “deusa” o diga. Abriremos um portal para que o exército chegue a essa montanha que Soren encontrou, e logo perseguiremos a esses covardes e os mataremos. E quando o fizermos você estará intacta e inteira, não em um pedaço crocante.

- E se fracassamos? – gritou Nineva – O que acontecerá se os Escuros destroem as defesas e não temos o poder de detê-los por que... não tivemos guelra?

A olhou com frieza.

- Quer dizer por que eu não tive guelra...

Nineva voltou a sentar-se na cama e enterrou o rosto entre as mãos. Uns minutos depois levantou a cabeça e suspirou.

- Kel, me educaram para fazer isso.

- Não, teu pai te lavou o cérebro para que o fizesse, o que é diferente.

- Não misture meu pai nisso.

- Por quê? Tudo isso tem a ver com ele. Acredita que sacrificar-se no altar de Semira compensará de alguma forma que ele se fez matar por você quando era uma menina.

- Não se fez matar Kel, fui eu que fiz com que o matassem.

- Salvou um maldito cachorro. Ele poderia ter escapado Nineva. Poderia ter pegado sua mãe e saído em direção contrária a que mandou você. Em troca decidiu morrer como um mártir e sacrificar sua mãe enquanto isso. Não te ajudarei a seguir os passos de teu pai.

Nineva curvou a boca com desdém.

- Muito bem. Se quiser ser teimoso e imbecil, problema teu. Mas quando os Escuros irrompam como uma nuvem de gafanhotos, não diga que não te avisei.

Um silêncio absoluto caiu entre eles com o peso de um bloco de gelo enquanto se preparavam para abrir um portal que os levaria fora de Avalon.

Acreditava realmente que ela queria queimar-se? Perguntava-se Nineva tão enjoada que mal podia falar.

Depois de tudo as vezes que tinha despertado suando e gritando, como podia acreditar que morrer entre chamadas tinha algum atrativo? Não tinha desejos de ser um mártir, pensasse o que pensasse ele.

Mas se isso significava salvar a ambas as Terras dos Escuros estava disposta a fazê-lo. Diabos, de todas as maneiras aqueles safados a fariam sofrer mais se ganhavam. Era mais racional assegurar-se de que ninguém tivesse que cair com ela.

Mas não. Kel estava convencido de que ele tinha razão. Além do que, não queria carregar a culpa de ter que fazer-lhe dano.

Por que estava tão apaixonada por aquele homem era um mistério total. Era um tolo. Um romântico tolo, de bom coração e arrogante.

E quando fez um gesto para que o portas se materializasse, Nineva o atravessou, pois não tinha nenhum desejo de estar a sós com ele nem um minuto mais.

Apareceu em uma colina que dominava Avalon. A cidade se entendia branca e serena à luz da lua igual uma deusa adormecida. Como Nineva não estava de humor para apreciar o espetáculo, se colocou de lado para que Kel pudesse entrar pelo portal. O pasto coberto de geada rangeu sob seus pés.

Tinha dragões por toda parte que olhava. Olhos que resplandeciam na claridade da lua, escamas que lampejavam, asas recolhidas ou esticadas nervosamente. E o que era ainda mais prodigioso, cada uma das grandes criaturas carregava um cavaleiro, alguns vestidos com a armadura da raça Mage, outros com a dos Dois Reinos.

Ao notar que o arnês que levavam os dragões, Nineva não pode ocultar um sorriso tenso e ligeiramente malévolo. "Apostaria o que não tenho que lhes encanta". Os que não montavam nos dragões cavalgavam sobre cavalos sidhes.

- Devem estar sob um feitiço dos mil demônios – comentou Kel em voz baixa – Geralmente os dragões não gostam de cavalos. Nós os comemos.

Nineva mal o olhou. Um grupo de figuras musculosas e descomunais de longos focinhos lupinos, orelhas pontiagudas de lobo e garras como adagas que tinha lhe chamado a atenção. Uma pele grossa os cobria de vermelho escuro, negro, marrom, cinza, branco e loiro, em uma variedade de tons que igualariam a cor de cabelo de um humano comum.

- Quem diabos são? – sussurrou esquecendo por um momento de que estava furiosa com ele.

- Lobos Gigantes – Kel encolheu os ombros – ou homens lobo, escolhe o nome que preferir. Merlin os criou para cuidar dos Mage. Faz muito pouco tempo que nos inteiramos que eles existem.

- Homem lobo? Como a rainha? Mas ela se converteu em um lobo comum depois que o menino nasceu.

- Os Lobos Gigantes podem assumir mais de uma forma.

- Ali esta.

Viram que Arthur se aproximava a eles aos trancos vestindo uma armadura completa de ouro resplandecente, gravada com símbolos mágicos intrincados. Esta noite levava a espada Excalibur embainhada nas costas. As jóias que recobriam a empunhadura do enorme aço refletiam a luz das tochas mágicas. Nineva, pela primeira vez, acreditou que era o rei de que falavam as lendas.

Llyr caminhava a seu lado com uma armadura iridescente de escamas de dragão, seguindo por um dos enormes homens lobos. Era raro ver que uns olhos familiares sobressaíam daquelas caras de lobos selvagens.

Nineva se atreveu a aproximar-se mais dele, enquanto Llyr, Arthur e Kel conferenciavam.

- Onde está o príncipe Dearg?

Diana sorriu mostrando uns dentes brancos e intimidantes.

- No palácio, com sua bisavó Oriana e todos os guardas que temos. Se alguém tentar fazer algo, Oriana os converterá em rã. – suspirou – odeio deixar-lhe, mas tenho a sensação de que precisamos a todos os Gigantes que podemos conseguir. – Seu olhar agora estava posta na cara de sue esposo – Além disso, me condenaria se deixasse que Llyr fosse para a batalha sem eu para cobrir-lhe as costas.

Nineva assentiu enquanto dirigia seus olhos para Kel. Ainda que estivesse muito irritada com ele, sentia exatamente o mesmo.

Todos seus instintos lhe sussurravam que aquilo ia se por feio.

Piaras bufava de raiva, dando rabadas com seu corpo dourado no feitiço que o prendia. Até Varza retrocedia ante as fúria. Rugia maldições e ameaças próprias dos dragões

pedindo que devolvessem o Ovo roubado e jurando que se vingaria por tudo que tinham lhe feito.

Tinha voado direto para a armadilha sem titubear. Parecia, ao Lorde Dragão jamais tinha ocorrido que os Sidhes fossem uma verdadeira ameaça.

Precisaram de mais de uma centena de guerreiros, quinze dos quais perderam a vida, mas ao final do dia, Piaras estava amarrado com correntes mágicas. Com a magia de Arralt que continha aos dragões, Varza pode possuir a besta como tinha feito com as outras vítimas sidhes, ainda que esta vez tivesse deixado com vida o espírito de sua vítima, para dar-lhe mais tarde melhor uso.

Roubar o Ovo de Cachamwri foi um jogo de meninos depois disso, ainda que – era forçado a admitir – um jogo de meninos que colocava a prova os nervos. Evitar que os Lordes Dragões perceberam que seu líder estava possuído tinha requerido que empregasse até a última gota de habilidade e a magia de Varza.

Mas tinha feito. Agora tinham a Espada de Semira, o Grimório de Merlin e o Ovo de Cachamwri... e o sacrifício que potenciaria as primeiras fases do feitiço.

Algo bom também. Ela era capaz de sentir a impaciência de seu amo, mesmo através das defesas.

Deu as costas a Piaras justamente quando Arralt vinha para ela a grandes passos, radiante de excitação. Não a surpreendia. Era dos que se embriagavam com o risco.

Mas nunca tinha tido que suportar que os Escuros lhe ensinassem qual era o preço que se pagava por perder.

- Minhas forças estão prontas para abrir um portal – anunciou.

- Bem. Os guerreiros de meu amo também esperam – disse Varza – Prepara o sacrifício – Virou e foi até o altar que tinha feito aparecer no centro da grande câmara. A seu redor se encontravam as linhas retorcidas do feitiço de morte que tinha desenhado a espera da última runa para completar a magia.

A esfera de seu amo se centrava sobre o altar lançando sua luz amarela sobre a espada, o livro e o ovo. A magia mortal flutuava no ar, pesada e negra, cheia de promessas.

- Um sacrifício? – Perguntou Piaras, afundando-se em seus calcanhares enquanto os homens de Arralt o rodeavam em sua jaula encantada.

Ninguém se importou em responder, pois o General rebelde foi até o altar e aceitou a lança do dragão que ela entregava. A lança media mais de quatro metros de

madeira maciça sidhe e estava talhada com runas de reforço. A ponta, afiada como uma navalha, era do tamanho de seu antebraço.

O medo dançava nos olhos do Lorde Dragão quando Arralt se acercou dele empunhando a arma com as mãos.

- Não se atrevas, símio!

Arralt esboçou um sorriso frio.

- Me atreverei a muito mais, lagarto. – E dirigindo-se aos dez guerreiros que rodeavam ao dragão, juntou-: Preparem-se.

Os homens, que eram seus lutadores mais experimentados, assentiram com movimentos breves e tensos. Então deixou cair ao cajado encantado onde estava preso o dragão.

Ao instante, a enorme besta investiu, com as mandíbula abertas preparadas para lançar uma labareda mágica. O guerreiro mais próximo a ele lançou um alinha de feitiço que estalou em volta do focinho da criatura como uma corda, fechando-lhe bruscamente a mandíbula. Piaras retrocedeu, arrastando ao guerreiro desequilibrado. O dragão sacudiu a cabeça e tratou de explodir o Sidhe contra a parede do fundo, mas os demais lutadores lançaram suas próprias linhas.

Os feitiços imobilizaram o corpo em todos os lugares onde o tocavam paralisando as pernas e as asas até que por fim o deixou estendido no chão de pedra, ofegante e furioso com a derrota.

- Coloque-o de costas. – Ordenou Arralt.

Outros guerreiros correram a juntar a força às linhas. Conseguiram virar a besta que se defendia até que seu peito ficou à vista.

Arralt irradiava um prazer gelado ao aproximar-se do Lorde Dragão. Os músculos de Piaras se sacudiram pelo esforço da luta, e só se acalmou impotente sob o peso do feitiço para amarrá-lo.

O General levou para trás a lança para tomar impulso e a cravou no peito da besta. Piaras grunhiu de dor e estremeceu em convulsões quando a ponta penetrou em seu coração. Varza se adiantou rápido e pegou a lança enquanto Arralt se colocava de lado. A arrancou e com a ponta ensangüentada desenhrou a ultima runa decisiva no piso.

Quando o dragão morreu, o fedor da magia negra liberada lhe provocou arcadas mesmo em Arralt. Varza mal

notou. Toda sua atenção se concentrava na magia que se levantava em volta deles como uma tormenta.

Voltou a levantar a ponta da lança e voltou-se para o altar onde se encontrava aberto o Grimorio. Rabiscou um símbolo nas paginas do tomo usando a lança jorrante. Logo, lançando a um lado a arma, pegou a Espada de Semira e fez um sinal com a cabeça para Arralt.

Este se adiantou e levantou o Ovo, sobre o Grimorio. Varza fincou a espada nele sem vacilar. O sangue brotou da casca quebrada e caiu no livro aberto.

O feitiço explodiu com um estalo de luz silenciosa. A energia pura se abriu no altar, disparando raios para o teto da caverna e atravessando a pedra grossa com seu fio.

Quando o resplendor se desvaneceu, o livro tinha desaparecido.

Varza estendeu seus sentidos para o alto contendo a respiração e buscando as defesas que rodeavam o planeta e buscando as defesas que rodeavam ao planeta milhares metros mais acima. Viu que o encantamento se chocava contra a barreira e crepitava ao longo das linhas de força. Em cada lugar que tocava, as proteções se debilitavam e caíam eliminadas.

Em um segundo, todas tinham se desvanecido.

Varza sorria, mas era mais um grunhido que outra coisa.

- Acabou.

Arralt e seus homens, os tolos, davam hurras. O General aparentemente não tinha se dado conta de que a vida que ela tinha vivido em Odra nem tinha compreendido que acabava de entregar-se junto com seu povo ao mesmo destino.

A voz de Rakatvira retumbou do globo, muito mais clara agora que as defesas tinham desaparecido.

- A conquista começava neste mesmo instante. Vamos a Avalon.

Capítulo 17

Em um momento estava falando com Diana. No seguinte, uma luz explodiu dentro de sua cabeça com uma

rajada candente de dor e ela estava enrodilhada no chão, cega e respirando com dificuldade.

- Nineva! – O medo ressoou na voz de Kel. A pegou e a colocou em seu colo – O que aconteceu?

- Semira...- disse com um ruído áspero. Podia ouvir a deusa gritar nas profundezas de sua mente – Algo se passou com Semira...

A voz de Diana ressoava longe, em algum lugar à esquerda, tensa pelo pânico.

- LLyr! Que diabos está acontecendo?

- Cachamwri. O...atacaram...- A voz de Llyr soava com a mesma debilidade da de Nineva. Ele também deve ter caído.

Uma mulher começou a dizer palavras com uma criatividade impressionante.

- As defesas desapareceram. Isso foi o que golpeou os Avatares...Fizeram algo à Espada e ao Ovo.

- Alem de Grim – bramiu Arthur – Bem, isso o rompeu. Estamos fodidos.

- Os Escuros! – O rugido de advertência subiu, seguido quase imediatamente por gritos de batalha e uivos não humanos que gelavam o sangue. Na ladeira da colina, os dragões saltavam para o céu com um vendaval das asas estrondoso.

- Raça dos Mage – Gritou Arthur com voz trovejante por cima do vento e começou a correr – Atacar!

Seu povo correu atrás dele com um rugido.

Nineva, consciente das inúmeras armaduras que passavam correndo diante dela, tratou de sair do colo de Kel apesar da debilidade que a fazia fraquejar.

- Ajude-me a ficar de pé –disse com a voz crispada p Temos que ir à luta.

- Eu sei. – Kel se levantou e a ajudou a endireitar-se com uma mão – Me advertiu e tinha razão- disse sombriamente.

- Não creio que tivesse importado – Nineva apoiou as pernas e reprimiu um gemido. Sentiu-se vazia: o calor familiar da Marca se Semira tinha desaparecido de seu peito – Não teríamos tido tempo de terminar o feitiço antes que nos atacassem.

- Podemos fazê-lo agora?

- Para que? Não posso sentir Semira. Creio que está morta. – Nineva não queria pensar nisso no momento. A culpa a inutilizava e ela necessitava estar bem para lutar.

Llyr também tinha se levantado, ainda que tivesse o rosto branco e uma expressão austera quando se dirigiu para o inquieto semental ruão que outro Sidhe sustentava pela rédea. Diana revoou desassossegada em sua volta quando ele montou o enorme animal.

- Está seguro de que está preparado para isso?

- Tenho que estar – disse a sua esposa em tom grave, afundando as esporas nas ancas musculosas do animal. – Sou o rei.

Galopou para onde se ouvia o ruído da batalha. Diana saiu após ele trotando. Os demais homens lobo a seguiram, levantando as vozes em uivos arrepiantes que se ouviram no campo de batalha.

- Eu também tenho que mudar – gritou Kel a Nineva – Faremos muito melhor as coisas se recupero minha forma de dragão.

- Faça-o – gritou retrocedendo. O resto do exercito já tinha se perdido colina abaixo para travar combate com os Escuros, de modo que tinha muito lugar para transformar.

Nineva sentiu que sua magia lhe inundava a pele e ele voltou a ser um dragão. Considerando os uivos e gritos que vinham do campo de batalha, foi muito contente.

Então correu para ele, agarrou o arnês que levava no lombo e conseguiu subir no pescoço. Kel saltou em direção ao céu entes mesmo que ela tivesse terminado de acomodar-se. Nineva pegou as cintas e enganchou os pés nas esporas e se aferrou com toda sua alma tratando de conservar a vida.

As imensas asas de Kel os transportaram alto e sobre a batalha, a um céu cheio de dragões que se moviam daqui para lá, jorrando fogo, montados por guerreiros.

Por desgraça também estava cheio de rajadas mágicas borbulhantes de energia que voavam pelo ar como um fogo antiaéreo. Eram de longe do tamanho de blocos de pedra e de um vermelho sangue furioso.

E fediam a magia negra.

Uma explosão comeu o escudo de um dragão enquanto este virava e lutava por fugir. Um segundo depois, ele e seu cavaleiro estalaram em uma labareda e caíram gritando no chão.

- Merda! – sussurrou Nineva gelada até a medula afastando o olhar do impacto.

Kel deu uma sacudida sob ela.

- Arthur! – Ela teve que agarrar-se no arnês já que, sem prévio aviso, ele fez um movimento brusco e se lançou

para terra. Se conteve para não gritar e fez aparecer uma balestra com uma flecha mágica preparada nele.

Encontraram Arthur enfrentando um gigantesco Escuro. O alienígena era assombrosamente parecido com as gravações medievais de demônio em pé nos cascos. Devia medir uns três metros erguido e a parte inferior do corpo estava coberta de uma grossa pele negra. O resto era vermelho brilhante, com uns braços provido de garra, dentes semelhantes a canino que assomavam pelo maxilar inferior e um par de chifres negros retorcidos. Tentava golpear a Arthur com um machado imenso que sustentava com as mãos. O machado repicou em Excalibur enquanto o alienígena tentava abrir caminho a machadadas entre a guarda de Arthur.

Pelo visto tinha recebido ao menos um bom golpe. Um rio de sangue escarlata jorrava do peitoral do vampiro enquanto dançava em volta de seu inimigo. Para os olhos curadores de Nineva parecia muito sangue.

O Escuro levantou o olhar e viu Kel que descia bruscamente para ele. A criatura disparou uma rajada de feitiço, obrigando Kel a saltar para o lado. Enquanto o dragão se estabilizava, Nineva apontou com cuidado a balestra e disparou. A flecha se alojou no ombro maciço do Escuro, mas ele a sacudiu como se fosse uma mosca.

“Oh, isso não está nada bem”, pensou

Kel se atirou contra o Escuro como um trem de carga fazendo-o tropeçar. Fez um rangido arrepiante e o dragão rugiu de dor. Nineva fez aparecer outra flecha e se congelou nos estribos, tentando olhar por cima do corpo gigantesco de Kel. Não via nada, só uma impressão borrada do pescoço acoitador do dragão e o lampejo do machado mágico do Escuro. Não tinha como fazer pontaria.

- Kel! – gritou entre os uivos do combate – Porra! – saltou do arnês. Caiu de pé e escapuliu em torno do dragão, escapando por muito pouco da cauda que balançava de um lado para outro.

O sangue corria do focinho de Kel por causa de uma ferida sobre o olho enquanto exalava uma gota de labareda sobre o Escuro. A rajada evaporou o escudo da criatura com tanto calor e força que Nineva pode sentir onde estava.

Quando as labaredas se extinguiram, o Escuro carregou o machado para trás, dirigindo-se para a cabeça de Kel.

Nineva então disparou a balestra no olho do alienígena. A criatura perdeu o equilíbrio e caiu explodindo em chamas quando seu feitiço o perfurou.

Baixou a balestra e ficou olhando atônita. Não tinha esperado que aquilo funcionasse.

- Cuidado, à sua direita! – rugiu em seu ouvido Arthur.

Ela deu a volta bruscamente enquanto Excalibur cintilava desviando a espada que um guerreiro rebelde de armadura negra levantava sobre sua cabeça. Um instante depois, a labareda de Kel cobriu ao rebelde, que caiu de sua montaria dando um grito antes de morrer.

- Doce Semira – sussurrou impressionada por ter se salvado por milagre. Se Arthur não tivesse impedido aquele golpe....- Obrigado, Arthur.

- Que diabos faz no chão? – rugiu Kel – Quer que te matem? Monte.

- Esquece que acabo de salvar-te a vida? – Mas correu para agarrar a mão cheia de escamas que ele lhe oferecia e deixou que lhe desse impulso para subir à cavalo em seu pescoço.

- Obrigado! Fique nesse maldito arnes antes que te passem por cima.

- Por esse motivo quis Gwen sobre um dragão – gritou Arthur – Esses filhos da puta são muito poderosos, Kel – Aspirou profundamente e foi de encontro ao alienígena que estava mais próximo, levantando Excalibur para dar um golpe de contornos desfocados. A criatura bramiu ao mesmo tempo em que virou como um torvelinho para atacar com sua enorme espada maciça.

Nineva passeou o olhar pelo campo de batalha enquanto fazia aparecer outra flecha de balestra. Sentiu que seu coração se encolha. Tinha corpos de demônios mortos por todas as partes junto a um grande numero de rebeldes caídos.

Mas também eram muitos mortos com as armaduras dos Mage, dos Dois Reinos, colados aos cadáveres de seus cavalos e dos dragões aliados. Outros tantos cadáveres estavam tão terrivelmente destroçados e queimados que era impossível adivinhar a que bando tinham pertencido. Mas o que mais inquietante era que dava a impressão de que os aliados estavam perdendo.

- Isso não está se mostrando nada bem! – gritou Nineva enquanto Kel voltava a partir para o céu. Apontou a balestra e disparou uma carga em um rebelde. A flecha

resvalou em seu escudo de encantamento e seguiu talhando contra o vampiro que lutava contra ele, como se nada fosse.

- Já sei – Kel voou em direção a um grupo de rebeldes e assoprou neles uma coluna de fogo. Uns bólidos ardentes se esparramaram contra seu escudo enquanto ele ascendia mais alto.

Nineva olhou para baixo por cima de uma das asas. Um par de rebeldes tinha caído, mas o Escuro que ia a frente nem sequer tomou conhecimento e apertou o passo. Se balançou contra um Gigante e as duas bestas enormes começaram a destroçar-se um ao outro com garras e caninos. O escuro tentou queimar o homem lobo com um feitiço, mas a besta se sacudiu e seguiu tentando destroçar a garganta de seu adversário.

- Seria muito bom se tivéssemos uns homens lobos a mais – gritou Nineva.

- Nos viria muito bem umas quantas forças a mais de todos – respondeu asperamente – As probabilidades são uma merda.

De repente, uma labareda brilhou justamente sobre suas cabeças. Nineva se agachou instintivamente, mas se levantou de imediato ao ouvir uma voz conhecida.

“Kel...”

- Cachamwri! – O dragão quase caiu do céu estupefato quando levantou o olhar ao deus – Está vivo.

“Quase, garoto. Preciso que me ajude a recuperar-me do que me fizeram”. E era evidente só de olhar que, fosse qual fosse o feitiço que os rebeldes tinham praticado, tinha custado muito caro a Cachamwri. Se antes tinha ardido em labaredas de cor viva, agora tinha um aspecto fantasmagórico, de contornos transparentes.

- Tudo o que tenho é teu – respondeu Kel.

- E Semira? – perguntou Nineva – Sabe se vive?

“Sim, mas sumamente debilitada. Contudo, se aferra a existência dentro de sua espada, mas se não a liberarem logo, estará perdida”. Nineva sentiu um indicio de esperança pela primeira vez desde que tinham começado a batalha.

- Ao menos esta viva.

Pelo canto do olho viu algo que apontava para sua cabeça. Se esmagou rápido no pescoço de Kel ao mesmo tempo em que uma bola de fogo passava silvando por cima dela.

“Necessitamos de um momento de tranqüilidade para fazer isso, garoto”, disse Cachamwri e apontou para a crista da montanha, “Vai para lá”.

Kel voou obedientemente sobre o campo de batalha, esquivando de rajadas e flechas enquanto se afastava.

-As coisas não vão bem. – disse a Cachamwri.

“Calculou por baixou. Estão perdendo. Os Escuros se preparam para introduzir novas forças”.

Kel lançou uma maldição enquanto Nineva gelou o coração.

- Estamos fodidos.

“Ainda não.” Disse Cachamwri. “Se atuarmos com rapidez, não”

- Faremos tudo o que haja ara fazer – respondeu Nineva.

- Sim – Kel assentiu com gravidade – Seja o que seja.

Desceram na colina pouco depois. Nineva baixou do arnês com um salto, olhando perdida o campo de batalha. Graças a deusa, contudo não tinha nenhum sinal de mais portas dimensionais.

Mas mesmo sem forças novas dos Escuros, era evidente que as perdas dos aliados eram muito maiores. Muitos jaziam mortos ou feridos, enquanto aqueles que estava de pé se entranhavam em uma batalha desesperada com os Escuros e os rebeldes.

Ouviu que Kel perguntava a suas costas.

- O que devo fazer?

“Abra sua mente para mim” disse o Deus Dragão.

A culpa voltou a cravar-se em Kel como uma navalha ao ver os contornos pálidos e fantasmagórico de Cachamwri. Apesar do que tinha dito a Nineva, ele sabia que era responsabilidade dele o que tinha acontecido ao Deus Dragão, além da destruição iminente de todos nas mãos dos Escuros.

Tinha estado tão convencido de que existia uma maneira de evitar o sacrifício de Nineva...E tinha se equivocado.

Agora tinha que retificar o horror.

Kel deixou cair suas defesas mentais que sempre tinha mantido para proteger sua magia e seus pensamentos. Se abriu por completo para que o Deus Dragão quisesse fazer-lhe e obrigou a todos os seus músculos a relaxar-se para a entrega.

- Estou pronto.

Um fogo pálido brilhou quando Cachamwri se lançou contra ele e durante um instante, o deus pareceu recuperar por inteiro seu campo de visão.

E então Cachamwri impactou contra ele.

Foi como se o tivessem lançado ao coração de um sol, com uma onda de calor e energia cegante. Logo chegaram recordações estranhas, a mente tão incrivelmente vasta e antiga que ele mal podia abarcar integralmente. Kel sentiu que retrocedia encolhido de medo e desconcerto ante aquela gigantesca consciência.

Cachamwri talvez tivesse sido um dragão há tempos, mas agora era muito diferente. Algo que podia apagar Kel como uma vela.

"Levanta esse animo, garoto. Não te elegi como anfitrião por acidente. Acalme-se e deixe que venha e encontrara a força que necessita".

"Sim, Flamígero"

Kel estendeu a mão para a presença ardente e colossal que enchia sua mente e a tocou.

E nesse instante de contato, sentiu a surpreendente profundidade do amor de Cachamwri.

Logo o deus o envolveu com delicadeza em umas asas grandes e brilhantes. A compensação transbordou em Kel como um tsunami de luz. Viu o que Cachamwri necessitava dele, assim como viu a maneira de salvar Semira e Nineva. E compreendeu que encher-se de culpa era tão sem propósito porque aquilo não poderia ter acontecido de outra maneira senão aquela.

E no instante tudo se clareou.

"Tinha que permitir o roubo do Ovo", compreendeu Kel.

"Sim, porque do contrario os Escuros teriam encontrado outra forma de invadir dentro de cinco anos", disse o Deus Dragão. "E eu não teria podido impedir que triunfassem. Teriam escravizado a milhares de milhões de pessoas e teriam destruído a mim e a Semira. Ao atraí-los para aqui, agora, talvez possamos matar a seu líder, Rakatvira, e evitar o próximo intento de atravessar as defesas".

"Talvez?"

"Nada é seguro jamais".

O Deus Dragão tinha se exposto a um grande risco para salva-los a todos e quase tinha custado sua vida. A destruição do Ovo tinha esvaziado o poder de Cachamwri. Para reconstruí-lo tinha que voltar a adquirir forma física e refazer a conexão com o Mageverso. Estava demasiado

débil para criar para si um corpo próprio, por isso necessitava pedi-lo emprestado a um aliado.

Llyr representava uma possibilidade, mas sua forma sidhe era demasiado frágil para sobreviver a união. Só Kel tinha tanto a força absoluta como o poder de um dragão e, o mais importante, o amor de Nineva Morrow, Avatar de Semira. Porque era esse amor o que lhes permitiria a todos sobreviver.

Por desgraça, todos tinham que atravessar o inferno. Literalmente.

- Kel! – Nineva estendeu uma mão tremula para tocar a cabeça do dragão. Quando Cachamwri se precipitou para ele, Kel veio abaixo como um boi abatido. Por um momento teve medo que tivesse morto, até que sentiu que assoprava pelo nariz.

Aqueles grandes olhos de rubi se abriram de repente e se cruzou com os dela, ferozes e cheios de determinação. A magia estalava a sua volta e voltou a ter forma humana. Se colocou de pé e estendeu a mão, estreitando suas mãos frias nas dele, quentes. – Una-se comigo com o Vínculo Verdadeiro.

Nineva ficou boquiaberta, completamente confusa.

- O que? Agora? O que aconteceu com Cachamwri? Acredita que...

- Isso é só parte disso. – Kel a atraiu mais para próximo dele com o olhar fixo em seu rosto – Temos que ativar o feitiço da profecia. É a única forma de salvar Semira e potencializar Cachamwri o suficiente para reparar as defesas antes que chegue a próxima onda de Escuros.

Ficou gelada de terror. Durante um momento de loucura, Nineva quis negar-se, mas naquele instante de vacilação ouviu os gritos de dor e morte que vinham do campo de batalha. Respirou fundo e disse:

- Estou pronta.

- Ainda não. Primeiro, o Vínculo Verdadeiro.

- Mas isso não é algo como a versão do Mageverso de um casamento? Temos tempo?

- Temos que ganhar tempo, porque é a única forma de que qualquer um de nós sobreviva. Tenho que empresta-lhe minha força.

- Enquanto me incinero? – As conseqüências eram óbvias. Deu um passo atrás horrorizada – Sentirá, Kel. Sentirá tudo.

- Sim. – Seu olhar rubi era sereno – Mas também me assegurarei que sobreviva.

- Não. Nem o sonhe. – A idéia de que ele compartilhasse a dor que ela conhecia de seus sonhos era atroz – Não quero que passe por esse sofrimento.

- E você pensa que eu quero que sofra? Soltou suas mãos e a tomou pelos ombros – Nineva, o feitiço te matará se não estabelecermos o Vínculo Verdadeiro e então nada disso funcionará.

- Mas...

- Confia em mim.

Olhou o no rosto e sorriu.

- É claro – respirou fundo – Como o faremos?

- Como disse Cachamwri: Abra sua mente para mim. – Kel baixou a cabeça.

Nineva parou com dignidade e ofereceu a boca com os olhos fechados. Durante um momento, não existiu nada mais que o familiar roçar dos lábios um contra o outro, terno e delicioso. Depois, ela abaixou com cuidado as barreiras mentais que tinha aprendido a construir desde pequena.

Os pensamentos de Kel acariciaram os seus. Sentiu seu poder, cheirou o conhecido almíscar selvagem das escamas de dragão... E algo mais que isso. Algo ainda mais antigo, e até mais poderoso.

Cachamwri.

Séculos incontáveis passaram em um relâmpago sobre ela. Rostos de dragões e humanos que uivavam e sorriam e rugiam de dor, vozes uivantes e risonhas. O choque do aço com aço reverberando em seu corpo. A solidão dolorosa, o pânico de estar preso e ser minúsculo dentro de uma caixa de aço. Logo, a consciência sem rachados da amizade firme de Gawain que compartilhou sua alma para manter inteiro a Kel.

Por ultimo, seu próprio rosto de aspecto surpreendentemente frágil, iluminado pela luz de seu amor.

A consciência plena lhe tirou o fôlego e fez que os olhos ardessem.

Kel a amava de verdade. Amava o contorno de seu corpo e o inquebrantável sentido de dever de sua alma. Admirava sua inteligência e desfrutava de seu humor. Adorava a habilidade quente da boca dela em seu corpo e a estreiteza tensa de seu sexo.

E tinha a determinação absoluta de não perdê-la. Faria qualquer coisa para salvá-la do que fosse.

A única coisa que ela esperava era ser digna dele. "Oh, você é.". E durante um instante, a pegou num redemoinho de paixão quente.

E Nineva devolveu tudo: o amor que sentia por sua coragem, por aquele corpo belo e poderoso. Ela mostrou a ele como admirava sua força e habilidade, a férrea lealdade com seus amigos sem importar o que custaria. A curiosidade e a intrepidez que o levavam a estender o braço quando o resto das pessoas retrocedia.

Ele era tudo o que uma vez ela tinha sonhado no segredo de seu coração de menina e em sua receosa alma de mulher.

E por um momento foram um, aconchegados muito juntos em seu brilhante casulo de paz, compartilhando o amor entre eles como um vinho doce e seletivo.

Até que a voz sonora de Cachamwri penetrou naquele instante como um relógio de carrilhão. "Não há mais tempo. Muda, garoto. Chama a magia agora".

Em seu pesar, Nineva abriu os olhos e se encontrou estreitada em seus poderosos braços. Ele a olhava e ela viu o desejo e o arrependimento em seu olhar.

E o temor de como seriam os próximos momentos para eles.

Ela se esforçou para sorrir e retrocedeu um passo, porque sabia muito bem quanto lugar necessitava ele para mudar. O terror que a perseguia curiosamente tinha desaparecido. Ela sabia que ele faria tudo o que pudesse para protegê-la, assim como sabia que ele conseguiria.

A magia brilhou. No instante seguinte, ele surgiu imponente sobre ela, as escamas cintilantes, os olhos que brilhavam vermelhos. Mas ainda podia sentir sua mente, tão humana, tão de Kel.

"Agora", ordenou Cachamwri, sua voz retumbou em seus pensamentos unidos.

Nineva sentiu Kel tremer quando aspirou fundo e fechou os olhos brilhantes. Através do Vínculo Verdadeiro, ela sentiu que ele chegava ao Mageverso muito mais profundo que jamais até então, atraindo o poder a seu ser. Ela sentiu como o enchia inundando suas células e formando espuma em seu sangue. Cada vez mais e mais, muito mais do que jamais antes tinha extraído, mais que o que tivera se atrevido ainda que soubesse. Tanto que sentiu que salpicava a ela, até que cada milímetro de sua pele formigasse e a Marca morta de Semira voltou a vida em seu peito.

Logo Kel extraiu mais poder ainda.

Agora ele resplandecia, com um azul luminoso e brilhante que lançava luz no pasto gelado. Ao vê-lo arder recortado sob o céu, Nineva pensava que era o mais esplêndido que tinha jamais visto.

Varza esgrimia o machado mágico com força desapiedada. O sidhe leal tratou de escapar por uma lateral, mas foi demasiado lento. A enorme folha de aço atravessou seu coração encantado como se não fosse mais que um papel fino. O sangue inundou a cara de Varza enquanto gritava. Apertou os dentes com prazer selvagem e espremeu a força da vida de seu corpo moribundo e a incorporou a sua reserva de magia, logo extraiu o machado do corpo de um arranque. O guerreiro caiu em cima de uma pilha sangrenta, enquanto ela se virava em busca de uma nova presa.

Varza supervisionava o campo de batalha com um sorriso de satisfação. Tudo estava indo bem, mas isso não fazia falta dizê-lo. Cada morte em qualquer dos dois bandos se convertia em peso para a magia dos Escuros, pois os fazia cada vez mais forte. Até os dragões, em fim caíam ante eles.

“Escrava!”

O estalido mental de Rakatvira a estremeceu antecipando a dor.

Virou e se apressou em acudir para ele, esboçando uma cuidadosa reverência.

- Sim, amo.

- Algo ocorre no topo daquela colina – O escuro a fulminou com o olhar. Seus olhos emitiam lampejos amarelos sobre a máscara de sangue que cobria sua cara deformada. Mais sangue jorrava de suas garras e lambuzava o seu peito maciça – Averigua o que é e detenha-o. Não gosto disso.

Ela voltou a inclinar-se.

- Como ordena, meu amo.

Virou e avistou ao cume da colina em questão. Rakatvira tinha razão. Algo resplandecia ali em cima, brilhante e azul, ondas de poder vivo que aumentavam a um ritmo constante. Fosse o que fosse, era evidente que se tratava de uma ameaça.

Varza partiu a trote para a colina. Descobriu a Arralt e um grupo de seus homens num momento em que

liquidavam a um dragão e a seu cavaleiro. Alevantou a voz e gritou-lhe.

- General! Comigo!

Ele se voltou e uivou como um lobo sem ganas de receber ordens. Ela assinalou a colina sem pronunciar uma palavra. Arralt seguiu a direção do dedo e deixou de uivar. Gritou uma ordem a seus homens e se encaminhou atrás de Varza, que começou a correr.

- Nineva! A voz de Kel parecia ressoar em sua cabeça como o repique de um sino.

Nineva levantou-se com orgulho em toda sua altura e o olhou sem afastar o olhar, ainda que ele resplandecia com tanto brilho que a fez verter lágrimas. Olhou as mandíbulas abertas. Ali, na escuridão de sua garganta, viu acender-se o resplendor quente de uma labareda.

Foi a última coisa que viu.

O hálito de Kel se derramou sobre ela como uma lágrima de fogo selvagem como o clarão de um lança-chamas. A dor era muito pior que em seus pesadelos, um inferno de dor vermelho vivo, pele rangente e cabelo aceso. Nineva chiava, o som se mesclava como rugido de angústia de Kel. Ela voltou a chiar, sacudindo-se, cega, com os globos oculares que arrebetavam e a pele queimada que se despendia dos ossos torrados. Morrendo...

Varza se deteve bruscamente no topo da colina. Séculos de tormento entre os Escuros a tinham feito praticamente imune ao horror, mas ainda assim deu um passo para trás.

A mulher ardia como uma tocha executando uma dança macabra de dor no gramado chamuscado. Era impossível que estivesse viva, ainda que seguisse movendo-se e gritando.

O dragão cujo hálito a tinha calcinado se lançou a fundo para pegar o corpo flamejante...e ele também se incendiou. Seus chiados de angústia se elevaram em um coro horrível que continuou sem parar, pois seguiram queimando-se durante muito tempo mais depois que morreram. Até que, por sorte, as duas figuras desabaram e o fogo se converteu em um pestanejar. A fumaça subia dos corpos enegrecidos.

Varza foi para trás enquanto se eriçava o cabelo da nuca.

- Pelo nome negro de Rakatvira, não sei o que estavam tentando fazer, mas seja o que for falhou- disse a Arralt -. Não são uma ameaça para nós.

Juntos começaram a regressar baixando pela colina.

"Nineva!"

Kel inundou sua consciência como um jorro de água fria. "Demasiado tarde".

O pensamento era fraco, vago. Nineva sentia que começava a flutuar. Em algum lugar no alto brilhava uma luz perolada e tranqüilizante. Inclinou a cabeça calcinada para olhá-la e sentiu a doce promessa de paz. Não mais a batalha sem fim, não mais dor. Nenhuma pena ou dor, ou fracasso. Só uma paz que a levava para cima.

"Não!". A voz de Kel era distante, como um sonho ainda que se ouvia nela o medo e o desespero. "Não me deixe, Nineva. Por favor. Não quando finalmente te encontrei..."

Ela abaixou o olhar e cruzou com aqueles olhos de cor escarlate que não sabia por que a olhavam como se ele a sustentasse em seus braços.

"Não pode morrer". Ela sabia que ele tentava aproveitar de seu sentimento de dever. "Como venceremos aos Escuros sem sua ajuda?"

"Semira pode fazê-lo. Já recuperou o poder". Nineva podia sentir a deusa através do vínculo que agora os conectava. "É livre. Cumpri com meu trabalho e posso voltar para casa. Ver papai".

"Mas e eu?". A dor do pensamento se cravava como uma adaga no agradável aturdimento da morte. "Não existe nada para mim sem você".

Ela sentiu sua pena, sua dor e fracasso. Ele tinha feito tudo o que pode, mas não significava nada para ela. Ao fim e ao cabo, não o amava.

O coração pulsava entrecortadamente no peito de Kel.

"O que esta fazendo?" Perguntou ela.

"Parece que estou morrendo", disse Kel muito longe. E seu coração se deteve.

"Não!". Ela esperneou afastando-se da luz. "Não, nós viveremos juntos. Volta, Kel". Desesperada estendeu a mão através do Vínculo Verdadeiro pegou a magia e o inundou com ela.

No mesmo instante, se deu conta de que não o alcançaria. Ela já não estava nem sequer viva. Tinham sido levado demasiado longe.

“Não, minha valente menina. Não te deixarei morrer. Não se sacrificará tanto por mim”. Era Semira, com a voz mais forte que Nineva jamais tinha escutado.

O poder a transbordou, doce e limpo e brilhante, banhando seu pobre corpo calcinado e estendendo a cura como a água mais pura que se funde a terra seca e calcinada.

Seu coração se sacudiu e começou a pulsar. Nineva estremeceu em convulsões tossindo e afogando-se em cinzas. De repente a obstrução desapareceu e ela inspirou ar puro nos pulmões.

-Kel? – A voz surgiu como um arquejar quebrado. Ao levantar a cabeça, se deu conta de que estava estendida de barriga para baixo. Girou apoiando-se nas mãos e joelhos – as cinzas rangiam e choviam a sua volta – e se pôs de pé gaguejando.

Algo enorme, negro e disforme jazia no meio a um círculo de pasto queimado; algo que parecia ter sido um dragão. Era impossível que estivesse vivo.

- Kel! – Gemeu. Tinha suportado tudo aquilo só para perder o único que importava?

Um grande olho vermelho se abriu, brilhante, em contraste com os restos carbonizados que o rodeavam. Grunhiu convulsivamente e se pôs de pé de um salto, tremendo como um cachorro molhado. As cinzas voaram de seu corpo e revelaram uma pele com escamas curadas e limpas.

“Devia deixá-lo morrer quando me devolveu o poder?”, Cachamwri perguntou pelo Vínculo Verdadeiro com um tom que soava divertido. “Teria sido uma magra recompensa por semelhante generosidade e sacrifício”.

“Fará algo a respeito dos pesadelos que terei durante os seis séculos vindouros?”, perguntou Nineva com aspereza, sacudindo a cinza dos braços. A pele debaixo era brilhante. Nineva o olhou surpreendida.

Ele riu. “Me parece que isso se pode arranjar. Semira, meu amor?”

“Aqui estou. Livre”. A voz de Semira falava na mente de Nineva, reverberando como campainhas de prata. “Sou livre, enfim”.

“E temos muito o que fazer, se quer seguir assim”, lhe disse Cachamwri. “Vamos colocar mãos à obra enquanto nossos meninos se ocupam de seus inimigos”. Saiu do corpo de Kel de supetão, ardendo brilhante como uma estrela e

coou em direção ao céu desprendendo faíscas as asas. Kel ofegou admirado.

Nineva sentiu que algo gigantesco se removia dentro de si e logo se liberava, Uma figura feminina exuberante saiu de seu corpo e se lançou velozmente em direção ao céu, brilhante como a lua, o cabelo dançava em volta de seu corpo nu enquanto voava. "Espere por mim, meu amor".

Semira. Era livre. Nineva sentiu que as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Tinham conseguido. Tinham triunfado.

- O que fez? – A voz feminina rugia de fúria.

Nineva virou surpreendida. Um grupo de guerreiros armados com Arralt encabeçando, a assediava. Adiante deles caminhava uma mulher, de cabelo verde manchado de sangue, os olhos amarelos entrecerrados de raiva e um gigantesco machado na mão.

Era Varza.

Capítulo 18

Kel ainda se sentia acabado e aturdido pelo horror da morte que tinha compartilhado com Nineva, mas descansar não era uma opção. Rugiu e lançou-se sobre o punhado de rebeldes. A fêmea se afastou de seu caminho com um giro. Ele ouviu seu machado ressoar no escudo que Nineva tinha feito aparecer com um conjuro, mas antes de que ele pudesse voltar atrás, tinha as garras cheias de rebeldes sidhes.

Ainda assim, através do Vínculo Verdadeiro sentia a firme determinação de Nineva de que ela lutaria com aquela bruxa.

O grupo de rebeldes rodeou a Kel enquanto este virava e tratava de decidir qual pegar primeiro. Pela forma que se moviam pode adivinhar que eram veteranos, adestrados no uso da lança, machados e espadas que brandiam. Não moveram um cabelo sequer ante a perspectiva de enfrentar-se com um dragão enfurecido de doze metros. E também sabiam como fazê-lo, já que se acercavam como lobos que rodeavam um osso.

Mas o osso em questão não era um fantoche. Kel se lançou de cabeça contra um guerreiro que tinha se acercado

demasiado com a lança. Cravou-lhe as mandíbulas nas coxas, o fez saltar no ar e lhe deu uma sacudida atroz. Logo, se ouviu um grito e um ruído seco, e o homem caiu com os músculos flácidos, morto pela quebra do pescoço. Kel o lançou de lado.

Antes que pudesse saborear o triunfo, a dor lhe cortou a pata traseira. Kel se retorceu e açoitou com a cauda ao seu redor. Esta pegou no guerreiro que lhe afundou a espada nas ancas e o lançou para o céu como se fosse uma bola chutada.

Contudo, a lança não desapareceu, assim que o safado não estava morto.

Nem tampouco seus amigos, por que cercaram Kel entre rugidos de raiva, levantando os machados e picando com as espadas por todas as partes onde podiam alcançá-lo. Saltou para o céu e bateu as asas forte o bastante para mandá-los para trás enquanto pegava outro deles com a cauda.

Os cinco guerreiros que caíram escaparam a uma distancia mais respeitável, com olhos frios e calculadores.

Por desgracia, eles tinham lhe causado tantos danos como Kel a eles.

De seu corpo saobressaiam duas lanças, pois alguém tinha enfiado uma no ombro direito. E o pior era que sangrava por meia dezena de feridas de espada e machado.

Exalou um labareda sobre eles, mais que nada para dar-se tempo para pensar enquanto se dispersavam.

Ele era mais hábil, por desgracia, lutando batalhas como essa em forma humana, onde presenteava a seus adversários um alvo menos amplo para atacar. E a mudança de forma também curaria suas feridas, uma das quais sangrava muito.

Kel deixou que a magia fluísse por ele. No instante seguinte estava de pé outra vez, com o peso familiar de uma espada na mão e uma armadura que protegia o corpo – Agora – bramiu -, problemas de novo. Nineva dava voltas ao redor da Sidhe de olhos amarelos, vigiando o machado da bruxa. Semira tinha devolvido ao corpo de Nineva toda sua força ou talvez mais, apesar da experiência próxima da morte. Sentia-se fresca e forte, a espada e o escudo sólidos e familiares entre suas mãos.

E tinha algo mais que garras para chutar o traseiro de uma bruxa alienígena.

- E você é a artífice de tudo isso – murmurou Nineva – Roubou Grim, o Ovo e tentou seqüestrar a rainha.

- Teu conceito do obvio é espantoso. – Varza entrou a fundo, esgrimindo o machado.

Nineva mal sentiu o golpe no escudo de aço, que sacudiu pelo impacto. Deu uma estocada no estomago da bruxa, mas sua contra atacante se afastou com um salto.

- Tinha que ter continuado morta, cadela. – Varza gritou, empregando o impulso de seu corpo para agregar mais força ao golpe do machado.

Nineva retrocedeu com um salto, evitando a machadada em diagonal que teria lhe partido em duas, e se imediato brandiu sua espada, mas Varza se esquivou e conservou a cabeça.

- Tua morte só alimentará minha magia – zombou a alienígena.

- Primeiro tem que me matar, monstro.

Mas alem de sua adversária, Nineva viu Kel girar sobre si mesmo com aquela graça sobre-humana para pegar a um dos rebeldes com um talho feroz. O homem desabou e não voltou a levantar-se. Podia sentir a satisfação de Kel enquanto perseguia ao guerreiro seguinte.

Esperava ter a mesma sorte com Varza.

Semira estender os braços desfrutando da magia que fluía através dela agora que tinha escapado da espada. “Ah, meu amor, é tão doce a liberdade”, murmurou.

Cachamwri deu voltas em seu redor desprendendo faíscas coloridas das asas e lhe enroscou a cauda nas coxas. “Sonhei com sua liberdade”.

Tinha tocado a mente resplandecente de Semira há séculos quando estava prisioneira e tinha se apaixonado por ela em vão. Quis liberá-la da espada então, mas a deusa não permitiu. Segundo ela, tinha o dever de cumprir a profecia e proteger seu povo dos Escuros.

Agora aqueles milênios de solitária paciência por fim tinham terminado. Semira era livre. Deusa para seu deus, o eterno amante imortal que ele sempre tinha sonhado...que felicidade conheceria.

“Pronto”. Disse Semira. “Mas primeiro devemos refazer as defesas antes que chegue a segunda onda de Escuros”.

“Muito certo”. Inclinou a cabeça e contemplou as linhas planetárias que atravessavam o céu. “Não deveria ser muito difícil se trabalharmos juntos”.

Ela lançou um olhar para baixo, controlando a seu Avatar e a Kel. Uma magia mortal turvava o campo de

batalha como fumaça negra, espessando com cada guerreiro que caia e fortalecendo ainda mais os Escuros. "Ocorre-me que talvez não necessitamos nos contentar só com reedificar as defesas".

O dragão virou a cabeça chamejante para examiná-la. "O que tem em mente?".

Semira o olhou e lhe disse.

Kel rechaçou o golpe da espada dirigida a seu peito enquanto o guerreiro girava rápido junto dele. Desenganchou sua espada antes que o outro pudesse arrancá-la de sua mão e afundou no peito do rebelde. O homem gritou de dor. Kel o viu arregalar os olhos antes que se pusesse em branco através da ranhura de sua viseira e o rebelde caiu morto pela espada de Kel.

Uma espada cintilou sobre sua cabeça. Kel deu um salto para trás com agilidade, enquanto o ultimo lutador ficava a estudá-lo com o olhar entrecerrado e cheio de ódio. Sorriu com os lábios apertados ao reconhecer o emblema do rabo de cavalo adornado com caninos.

Era Arralt em pessoa.

- Liberar os deuses não serviu de nada. Estriparei-te – grunhiu Arralt – e depois perseguirei a esse covarde do Llyr Galatyn e arracancarei seu coração.

Kel sorriu com arrogância, ao mesmo tempo em que sentia o aumento da energia mística sobre suas cabeças.

-Lamento discordar. Sente isso? Semira e Cachamwri estão de pé outra vez lançado novas defesas. Teus esforços não poderão atravessá-las. E então recolherei as sobras, incluindo a você.

- Você...! – Arralt não concluiu a maldição e arregalou os olhos, estupefato – A magia! Não se trata das defesas mais, o que fazem com a magia negra?

Kel ficou atônito ao dar-se conta de que seu adversário tinha razão. O mau cheiro da magia alienígena se debilitava como uma nuvem que se dissolve. Seus olhos se arregalaram de prazer.

- Que me condenem. Estão colocando alguma espécie de campo debilitante.

Kel se concentrou e fez aparecer uma bola de fogo que resplandecia tão quente e brilhante como sempre.

- Ainda...que parece que não afeta a nós. – Olhou a Arralt com um sorriso selvagem – Ei...

O olhar perturbado do rebelde mostrou que tinha compreendido e lançou um rugido de fúria.

- Você! Você fez isso! Destruíu tudo.

Kel riu em sua cara.

- Oh, ainda não, mas o farei.

Arralt se lançou contra ele, com a cara contraída por uma raiva enlouquecida, ao mesmo tempo traçando grandes arcos no ar. Kel retrocedia, parando cada estocada. A folha se sacudia em suas mãos fazendo ruído cada vez que roçavam as armas, enquanto buscava uma oportunidade que lhe permitia dar na cabeça do General.

Nineva sangrava por uma dezena de feridas ardentes ao longo das coxas, braços e mãos, nas costelas e o ventre.

Mas ela fazia caso omisso do sangue e a dor, pois depois da experiência que tinha atravessado, mal as notava.

Tudo o que importava era terminar com a cadela que lhes tinha deitado aquele a ela, a Kel e Semira e Cachamwri, sem contar todos os mortos e feridos que enchiam o campo de batalha.

E ela estava certa de fazê-lo. Varza tinha trocado o machado por uma espada, e logo fez aparecer um aço mais leve para substituí-la. Movia-se cada vez com mais lentidão, como se os golpes que Nineva tinha recebido tivessem começado a afeta-la.

- Esta se cansando, Varza?

A bruxa a olhou com desprezo.

- Não enquanto haja um homem moribundo neste...- Se interrompeu bruscamente, arregalando os olhos – O que?

Nineva sorriu.

- Demorou muito para notar, cadela. Minha deusa esteve muito ocupada com as linhas planetárias. – Fazia mais de quinze minutos que ela tinha sentido que a magia mortal se esvaia e era evidente que Varza estava demasiado concentrada em matá-la para notá-lo. Não é estranho que esteja debilitada.

- Não estou tão fraca para matá-la.

A alienígena mostrou os dentes e balançou a espada. Nineva desviou a ponta para um lado e afundou sua arma no peito de Varza com uma estocada sem dó.

A alienígena baixou os olhos e pegou a folha que a rasgava.

- Não...

Nineva sorriu.

-Oh, sim...

Varza estendeu velozmente uma mão, e sua manopla desapareceu. Antes que Nineva pudesse colocar-se de lado, meteu os dedos na ranhura do visor e lhe tocou a ele nua.

Algo malévolo e poderoso saiu daqueles dedos, a carícia de uma mente, de uma alma alienígena que entrava como uma torrente no ser de Nineva e tentava apagar o espírito de seu corpo.

“Tenta possuir-me!”, compreendeu horrorizada Nineva.

“Não acredito”. Kel grunhiu pelo Vínculo Verdadeiro, enviando-lhe uma onda de força e magia para reforçar a dela. O ataque de Varza naufragou.

Nineva dirigiu uma mão para o peito da bruxa e desferiu um golpe com uma bola de fogo que a atravessou. A mente da alienígena piscou quando Varza caiu morta na erva.

Nineva deixou-se cair de joelhos, respirando entrecortadamente. Umas manchas brancas bailavam ante seus olhos.

- Varza! – gritou Arralt ao ver que a bruxa caía. Sua voz ressoava com angústia e desespero.

Kel lançou para trás a espada. Por um instante, o olhar do rebelde cruzou com o seu e supôs que o safado se esquivaria do golpe. No entanto, o aço nunca se levantou já que Kel acompanhou o golpe reunindo cada grama de sua força, que era considerável.

A cabeça de Arralt rodou longe.

- Que me pendurem! –murmurou Kel baixando a espada enquanto olhava cair o corpo do General ao solo.

- Ele sabia que perderia. – Disse Nineva.

Kel seguiu a direção de seu olhar para o campo de batalha. Daquela posição estratégica, era fácil ver que a maré tinha mudado. O resto dos rebeldes agora caíam ante Llyr e seus homens, enquanto os Mage, os dragões e os Lobos Gigantes varriam com os Escuros.

- Sem a magia mortífera, os alienígenas são nada mais que tipos grandes com espada. – disse Nineva, extraindo seu próprio aço do cadáver de Varza.

Kel sorriu com uma careta selvagem.

- E Arthur sabe que pode com os tipos grandes com espadas.

Kel e Nineva passaram as três horas seguintes voando daqui para lá pelo campo de batalha, exalando fogo e arrojando rajadas de feitiço para ajudar a reduzir a resistência.

Os Sidhes rebeldes começaram a render-se quando se soube que Arralt estava morto. Llyr e seus homens os rodearam e os fizeram prisioneiros.

Mas ninguém teve clemência com os Escuros, que lutavam com a resolução feroz de ratos encurralados. Matar a todos foi um trabalho sangüinário e esgotador, até que por fim o ultimo demônio morreu.

Nineva percorreu o campo de batalha com Kel buscando feridos entre os caídos. A qualquer que encontrasse ainda vivo o curava. Menos aos Escuros. Kel se ocupava deles com um golpe rápido de sua espada.

Nineva e Kel não eram os únicos que circulavam por ali. Parecia que todos os Sidhes, Majas e dragões trabalhavam, sanando aos que podiam e separando aos mortos para sepultá-los.

Eram muitos. Tinham caído mais de trezentos da raça Mage, junto com trinta homens lobo, e centenas de Sidhes, em sua maioria rebeldes.

Na batalha também tinham morrido cento e cinqüenta dragões.

- Kel.

Nineva parou de repente. Viu um corpo enorme. Estava caído no chão e quebrado, com a pele horivelmente queimada, mas ela percebeu um leve sinal de vida. Junto a ela jazia uma figura bípede bem morta e tão queimada que era impossível identificar.

- Acredita que podemos salvar esse dragão?

-Se trabalharmos rápido. – disse Kel com tom resolutivo enquanto corria para o dragão caído. Nineva o seguiu.

Mas quando chegaram a seu ombro, descobriram que tinha alguém agachado junto a enorme cabeça. Nineva se lançou para trás com estupor.

Era um menino. Não aparentava mais que quinze anos, com um queixo suave como uma menina, o corpo longo e delgado vestido com uma toga de lã compacta.

O dragão gemia de dor, um brilhante olho azul aberto apenas em uma fenda que resultava surpreendente em encontrar-se com as queimaduras que estropiavam suas escamas brancas.

Nineva a reconheceu com uma sensação de horror. Era a linda dragão branca que paquerara com Kel.

- Eithne? – Se apressou a aproximar-se e se deixou cair junto do menino enquanto lançava um feitiço rápido de tradução. – Oh, Eithne...

- Dói! – gemeu a dragão branca – Não posso curar-me...!Que má sorte! Eu tentei, mas...

- Sssh – O menino apoiou a mão em seu pescoço. Nineva lhe lançou um olhar admirado porque falava a linguagem do dragão sem utilizar o feitiço de tradução, algo que ela jamais tinha acreditado possível para uma garganta humana- Vê? A dor desaparece.

- Oh – disse Eithne com voz fraca e surpreendida – me sinto...melhor.

- Eu posso seguir – disse Nineva ao menino na língua Sidhe de Cachamwri. Já que pelo encantamento que acabava de lançar devia ser desse povo – Este não é lugar para você. É provável que seus pais...

- Nineva – Kel a interrompeu em voz muito baixa – Não é um menino.

Ficou de boca aberta quando ele lhe disse através do Vínculo Verdadeiro de quem se tratava. Reclinou-se nos calcanhares e ficou olhando-o.

A magia brotava da mão longa e delgada de Merlin inundando o corpo do dragão com uma onda brilhante. Onde quer que tocasse as queimaduras se debilitava e desapareciam, substituída por brancas escamas saudáveis.

Ao terminar, o bruxo alienígena retirou a mão. Eithne se sentou fazendo um esforço e olhou em torno, com a preocupação em sua cara de dragão.

-Aevar? Onde está Aevar? – Seus olhos azuis pousaram na figura enegrecida que se encontrava a curta distância dali – Oh, Aevar...

E suavemente ao princípio, começou a lamentar-se com um grito de pena dos dragões.

Quase amanhecia quando Llyr, Diana, as Majae e os cavaleiros da Tavola Redonda, além de Kel e Nineva, se reuniram nas câmaras do conselho dos Mage.

E é claro, Merlin, que entregou o Grimório a Arthur. Merlin a tinha reconstituído o tomo mágico com os restos que tinha encontrado entre as linhas planetárias.

- Voltou. Arthur recebeu o livro, olhando atônito a seu mentor – ou...alguma vez se foi?

Merlin prorrompeu em um riso surpreendentemente profundo e masculino vindo de alguém tão jovem.

- Oh, fui.Nimue e eu temos estado muito ocupados lançando por terra os planos dos Escuros. – Recobrou a seriedade e disse – Mas quando senti que tinham destruído ao meu Grimório comum encantamento mágico, supus que necessitaria de mim.

- E não se equivocou – admitiu Arthur.
- Não sei. - Nos olhos infinitos de Merlin tinha um sinal de orgulho – Ao que parece você já tinha tudo sob controle quando cheguei.
- Se não tivesse voltado a levantar as defesas e a anular a magia mortal dos Escuros...- Começou Morgana.
- Não tive nada a ver com isso – Merlin fez um gesto gracioso apontando Nineva e a Kel – Terá que falar com esses dois acerca do que se passou com as defesas.
- Maldição, Gecónido – disse Gawain olhando aos dois – Que fez dessa vez? Kel encolheu os ombros.
- Liberamos Semira da espada e ajudamos a ela e Cachamwri a recuperar seus poderes. - Gawain pestanejou.
- Como diabos o fizeram?
Seu olhar cruzou com o de Nineva e lhe pegou a mão. Seus dedos estavam quentes e fortes – Juntos.

A alvorada e a chegada do dia de sono enviaram aos vampiros a cama entre resmungos, ainda que só depois de que Merlin promettesse ficar toda a semana.

Nimue, ao que parecia, tinha regressado ao planeta qualquer que fosse o nome para onde tinha estado com Merlin, e estava ocupada avaliando aos campeões da raça inteligente que encontraram ali. Merlin queria retornar com sua amada, mas decidiu que primeiros se colocaria em dia com suas criações, a raça Mage e os Lobos Gigantes. Foi para casa de Arthur e Gwen que se sentiam quase ridiculamente encantados com a perspectiva de ter Merlin como hospede.

O sol estava alto quando Nineva e Kel deixaram o capitólio e iniciaram o longo regresso a seu lugar, na ladeira da colina. Podiam ter aberto um portal ali, mas ela queria respirar um ar que não cheirasse a fumaça e morte.

Não tinham percorrido nem sequer a metade do caminho quando ouviram vozes de dragões que se elevavam em um grito.

Nineva moveu a cabeça bruscamente, pois o ruído ressoava por toda a cidade. Olhou preocupada para Kel – Pensei que iriam embora.

Kel franziu o cenho.

- Pelo visto, não. É melhor que o comprovemos.

Encontrara aos dragões reunidos na campina que se estendia mais além do campo de batalha. Sentados em um

enorme círculo concêntrico as grandes bestas elevavam as vozes em um estrondoso canto de louvor.

Cachamwri, brilhante como uma estrela, se encontrava no centro com Semira, que se refestelava sobre suas costas, semelhante a um gato preguiçoso.

- Olhem – disse o Deus Dragão enquanto Nineva e Kel sobrevoavam no alto olhando-os aturdidos.

Os dragões levantaram as cabeças e rugiram como um só.

- Kel! Nineva!

Era um inconfundível grito de aclamação e Kel quase caiu do céu.

Cachamwri soltou uma gargalhada retumbante.

- Vocês dois, abaixem. Estava lhes contando como salvaram a todos nós.

Os dragões responderam com outro ensurdecador rugido de aprovação.

“Deus bendito”, disse Kel através do Vínculo Verdadeiro, com um tom que soava pasmado.

Nineva lhe deu uma cotovelada na cabeça.

- Baixa, por favor. Quero escutar isso.

Passaram as horas seguintes entre a acolhida e bajulação das mesmas criaturas que no dia anterior queriam matá-los.

Kel lhe disse mais tarde que duvidava de sua absoluta sinceridade, em especial dos Lordes Dragões.

E quanto a opinião coletiva da raça dos Dragões sobre a humanidade, prognosticava uma mudança mais lenta. Contudo, a coragem e a habilidade que os Mage e os Sidhes demonstraram tinham modificado a imagem que a geração mais jovem tinha deles. E o mesmo ocorreu com o evidente amor de Cachamwri por Semira, a quem este parecia ver como o único ser remotamente parecido com ele.

“O verdadeiro amor” murmurou Nineva no vínculo mental que os uniam quando voavam rumo a casa, “não é grandioso?”.

Kel grunhiu como resposta.

- Olhe – disse Nineva apontando com um dedo esbelto enquanto gritava com uma alegre exagerada – Aquilo é...? Oh, acredito que sim. É uma cama! – Nua, coberta de sangue e a tirando a armadura com um conjuro, caiu de braços sobre o enorme colchão de Kel – Olá cama. Como te subestimei.

- É uma boba – disse Kel.

- Também tenho uma seria carência de sono – Se levantou o suficiente para levantar as mantas e se meteu em baixo. – Sinto-me como se tivesse passado um trem por cima. – Deu um enorme bocejo e juntou – Ou um rebanho inteiro de dragões.

- Os dragões não viajam em rebanhos.

- Em revoadas?

- Não somos gansos.

- Manadas?

- Cavalos.

- Grupos de grandes alados?

Kel levantou as mantas e se arrastou para dentro, logo a atraiu para junto dele.

- Dorme.

- É isso o que tento fazer, se te calar de uma vez por todas.

Kel bufou e a envolveu com seu corpo nu. Ela se aconchegou nele com um suspiro de satisfação.

Em poucos segundos, os dois estavam dormindo.

Capítulo 19

Nineva despertou com beijos. Suaves, ávidos, com a boca aberta. Sorriu muito adormecida.

- Tem o sabor de maçãs e mel.

- Dizem que é magia. - Kel cavou a mão em seu peito nu, acariciando com o polegar o mamilo até que ficou totalmente duro.

Ela se esticou contra ele como um gato, encantada com a sensação provocada por aquela mão inteligente e a boca que imprimia suaves mordidas sob a mandíbula. Encontrou a orelha e a lambeu até que a fez rir bobamente. Deslizando a mão para baixo, ela encontrou o pênis musculoso contra seu ventre e a acariciou com suavidade. Sentia-a como um cetim quente que recobria um núcleo de pedra. Os dedos descobriram seu pulso, que batia forte e com ritmo regular.

Um prazer vertiginoso começou a crescer dentro dela. Tinham sobrevivido. Apesar de todas as probabilidades

contrarias – céus, tinham sido mortos – viviam. Os escuros tinham sido derrotados; Semira, libertada e as defesas de novo em pé protegendo a ambos os planetas de outra invasão.

- Não posso acreditar no que fizemos – murmurou contra a boca de Kel.

- Eu sim – Ele lhe deu um sorriso de arrogância deliberada – Sou bom.

- Ah, sim? – O obrigou a deitar-se de costas e subiu sobre ele, a cavalo sobre suas coxas – Prove-o.

- Muito bem. – Pegou o traseiro entre as mãos e a levantou como se fosse uma almofada de plumas. Antes que soubesse o que a golpeou, ele a tinha sobre seu rosto e lhe dava uma lambida longa e travessa.

Ela ofegou e gemeu.

- Kel!

Ele fez um ruído amortecido por uma nota de satisfação bem discernível. Estendeu as mãos para o torso de Nineva e buscou seus seios. Seus dedos descobriram os mamilos que se empinavam excitados e começou a apertar e soltar. Uma longa e saborosa sensação de prazer subiu em espiral por seu corpo fazendo-a suspirar e segurar a cabeceira da cama.

Ainda que...Nineva se afastou dele.

- Ei, espera um minuto...- Quis pega-la de novo, mas ela já estava se reacomodando, cabeça abaixo ao longo de seu corpo. Agarrou seu pênis e o levantou para dar-lhe uma lambida longa e incitante.

- Bom – disse Kel com a voz sufocada pelas coxas dela -, se insiste.

- Menos conversação e mais mordiscos – sugeriu ela e virou a língua sobre o bulbo grosso de seu membro.

Ele riu e obedeceu, lambendo com entusiasmo malicioso. De repente se deteve, e ela sentiu subir a magia pelo Vínculo Verdadeiro. A seguinte lambida de Kel a estremeceu com um deleite inesperado.

- Isso é a língua bipartida?

- Acredita que sou tão perverso? – murmurou baixinho.

Ela riu bobamente sem poder evitá-lo, retorcendo-se, enquanto ele o demonstrou até que enfim voltou a deter-se e disse:

- Menos riso e mais lambida.

Sentindo-se provocada, ela se inclinou com uma gargalhada final rouca e pegou a glândula enfiando pouco a

pouco em sua boca, chupando forte. O corpo de Kel ficou tenso e se arqueou sob ela com um ofego de prazer.

Depois, ele aprofundou a união do Vínculo Verdadeiro e de improviso ela pode sentir exatamente a sensação que produzia sua boca quente e molhada em volta da carne mais sensível de Kel. Ela ofegou, intrigada, logo o soltou e lhe deu uma lambida de prova. Pegou os testículos com uma mão e os acariciou, acrescentando outra deliciosa sensação.

No entanto, Kel não era dos que tomam o prazer passivamente. A seguinte lambida daquela longa língua bipartida a estremeceu com uma sacudida e ele grunhiu de satisfação por sua reação.

Nineva respondeu inclinando a cabeça e mordiscando em volta da ponta da glândula de uma vez que desfrutava da sensação de seus próprios dentes através do vínculo.

Jogavam excitando-se, lambendo-se, dando-se suaves mordidas e com o golpe a carícia de seus dedos. E cada contato alimentava seus orgasmos voltando-os cada vez mais tensos, mais próximos da explosão.

- Não goze – lhe advertiu ele sobre seu sexo. – Gozarei também se o fizer.

Nineva sorriu com arrogância.

- Isso soa como um desafio.

- Melhor não, moça. Não se quer esse pau em outro lugar que não seja tua boca.

Rindo suave, ela abaixou a cabeça e introduziu um testículo na boca e jogou com sua língua nele. As sensações que chegavam através do vínculo a faziam retorcer-se. A qualquer momento, ele...

- Muito bem – resmungou Kel – você pediu.

A tombou de costas enquanto ela gritava rindo, se sentou e se colocou entre suas coxas. Levantando-lhe o traseiro com as mãos, introduziu o pênis no sexo molhado e a ponto de explodir de Nineva. Aquela primeira investida os fez gemer ao mesmo tempo.

Kel saiu pouco a pouco dela, os olhos convertidos em uma linha e começou outra vez a introduzir-se. Ela arquejava e se encantava com a sensação sedosa de sua grossura, a força e o calor.

Aferrando-se a seus poderosos bíceps, cravou o olhar em seu rosto formoso, no balanço do cabelo azul cobalto e a flexibilidade de seus ombros amplos.

- Te amo – conseguiu articular.

Aquelas palavras quase bastaram para que eles gozassem por si só. Kel pode reprimir a tormenta de prazer com grande força de vontade enquanto lhe dizia com a respiração entrecortada.

- Eu também te amo.

"Que maldito eufemismo"

Nineva riu ao ouvir o pensamento pelo Vínculo. Seus exuberantes músculos internos ficaram tensos e ela sentiu a primeira pulsação forte nas profundezas de seu núcleo.

O talvez fosse ela. No Vínculo Verdadeiro, não era fácil sabê-lo.

Kel se soltou e se cravou forte, deleitando-se com o calor doce e escorregadio. Ela o recebeu, investida atrás de investida, movendo os quadris no mesmo ritmo e retesando-se para a explosão quente que dançava mais além do alcance dos dois.

Quando explodiu em liberdade, um orgasmo impulsionou o outro em uma deliciosa espiral alimentada de uma intensidade muito superior a que tinham sentido jamais. Eram longos jorros intermináveis e cegantes.

Quando por fim Kel desabou a seu lado, necessitando recorrer as últimas forças que ficaram para trazê-la para cima de seu peito. E permaneceram assim, moles como bonecas de pano, sem outro desejo que o de respirar.

A felicidade de Kel era tão imensa, que a sentia como um segundo clímax. Ocorreu-lhe um pensamento. Mas vacilou enquanto tratava de encontrar uma maneira apropriada de expressá-lo.

Nineva levantou a cabeça sorrindo-lhe.

- Sim.

Franziu o cenho fingindo que ofendia-se.

- Poderia ter a decência de deixar-me perguntar.

- Pergunta então.

- Não. Mudei de idéia.

- Lagarto mentiroso, não é verdade. - Levantou uma sobancelha com um gesto e a olhou desafiando-a.

Ela se rendeu com desgosto.

- Muito bem, então. Perguntarei eu. - A ofensa simulada se apagou do rosto de Nineva, deixando nela um brilho suave e encantador - Case-se comigo.

Kel sorriu de prazer.

- Sim. Pelo Ovo de Cachamwri, sim.

Mas primeiro tinha que passar pelo funeral, um serviço religioso celebrado em comemoração a seus mortos que os entristecia apesar de que eles estavam radiantes de felicidade.

Os Sidhes e a raça dos Gigantes tinham entregado os mortos a suas famílias para que tivessem uma cerimônia em separado, mas os Mage tinham uma tradição diferente. Kel lhe contou que os funerais do povo de Avalon se celebravam geralmente na praça central, mas ali não tinha lugar para tantos ataúdes. Portanto, em lugar disso, se realizou no que tinha sido o campo de batalha.

De modo que os Mage, muitos Sidhes uma quantidade surpreendente de Gigantes e até alguns dragões voltaram a se reunir. Todos, salvo estes últimos, vestiam roupas de luto que consistia em uma vestimenta de veludo negro e grosso, bordados com gemas sem brilho.

Nineva, de mãos dadas com Kel, olhava em torno com certa aprovação e tristeza; as Mage tinham feito um grande trabalho com sua magia. Já não ficava nenhum sinal de sangue, nem de morte, nem de terra chamuscada ou queimaduras mágicas. A raça dos Mage tinham transformado todo o lugar em um vasto jardim de verão, florescente e quente sob a luz da lua apesar de que o inverno se estendia em volta. Tinha também uma ou duas estatuas gigantescas de bronze: um dragão no ato de decolar com um cavaleiro Mage, um guerreiro sidhe leal montado a cavalo, um vampiro com armadura que esgrimia uma espada.

E no centro de tudo aquilo, se encontravam os ataúdes, dispostos em círculos. Homens e mulheres descansavam com suas armaduras ou com vestido muito enfeitados, as feridas pela qual tinham sido mortos, desaparecidas e os rostos tão serenos como se dormissem. As flores se amontoavam em sua volta: rosas, orquídeas e outras flores exóticas do Mageverso cujo nome Nineva não conhecia. Seu cheiro produzia uma espécie de triste beleza.

Logo começou a cerimônia. Primeiro os representantes de cada religião a que tinham pertencido os caídos rezaram suas orações. Na continuação, os amigos e os seres queridos se referiram aos que tinham perdido com palavras simples alguns, outros com uma oratória destacada.

Nineva chorou muito antes que a cerimônia tivesse terminado e até Kel secou umas lágrimas sem vergonha.

Finalmente, Arthur ingressou no centro do jardim. Mostrando uma regia estatura, por era rei até a medula,

independentemente do cargo que desempenhava agora, levantou a voz.

- Temos conhecido tanta dor neste ultimo ano e tantas perdas...Isso é o pior de tudo. Tantos homens valentes e mulheres desapareceram Sidhes e Mage, tantos dragões galantes caíram. Tantos deram suas vidas imortais na batalha contra um inimigo desapiadado para que seu povo pudesse viver em paz. É uma divida que jamais poderemos saldar, salvo com o que fazamos das vidas pelas quais eles pagaram. Tirem o melhor proveitos delas, meus amigos. E nunca os esqueçam.

Arthur desembainhou Excalibur e todos os vampiros fizeram o mesmo.

- Mage, apresentar armas! – Uma profusão de espadas apontou para o céu, a de Kel entre elas.

Merlin, sem barba e estranhamente belo, com vestimentas de veludo negro que caiam em volta de seu corpo delgado, saiu de entre as pessoas e se colocou ao lado de Arthur.

- Majae! Unam-se a mim para enviar a nossos caídos para casa.

O poder saiu de seus dedos em forma de lanças e golpeou os féretros, mesclando sua magia com as que as Majae dispararam obedientemente. Os ataúdes estalaram em um globo de luz cegador que se projetou para o céu e detonou regando o jardim com uma chuva de faíscas.

Nineva se reclinou no ombro de Kel contendo as lágrimas, enquanto caia um silencio reverente.

Depois de semelhante tristeza, Nineva tinha esperado que seu casamento precipitado fosse um feito escuro, mas tinha subestimado a afeição dos Mage por uma boa festa.

A cerimônia se celebrou dois dias depois na praça central, enfeitada com grandes caixas cheias de rosas brilhantes do Mageverso para a ocasião. A impressionante multidão incluía a todos os convidados que tinham assistido funeral. Até os dragões passeavam por ali em sua forma humana, a quem Soren tinha ensinado a mudar. A maioria parecia incomoda, mas com animo decidido a honrar Kel. Dava a impressão de que tratavam de consertar a maneira em que o haviam tratado.

A exceção era Eithne, que tinha se convertido em um deliciosa loira platinada e parecia estar passando melhor que nunca em sua vida paquerando com todos os Mage e Sidhes com que tropeçava, incluídas algumas das mulheres

pois parecia não ter muito claro como determinar o gênero humano.

Contudo, Nineva tinha seus próprios motivos de preocupação. Não sabia bem o que vestir e tinha feito aparecer com um feitiço, meia dúzia de vestidos de corte. Por fim se decidiu pelo que sempre tinha sonhado em segredo, sem ter em conta se era apropriado ou não para uma Sidhe da realeza.

Assim foi que a noiva chegou ao altar pelo braço de Llyr Galatyn com um tradicional vestido branco de casamento com perolas cultivadas, e metros de renda branca. O véu era tão longo que roçava a seda bordada de perolas da cauda.

Kel, para deleite de Nineva, tinha a mesma expressão de perplexidade de qualquer noivo mortal enquanto esperava firme com Gawain sob um arco coberto de rosas. Merlin estava junto a eles com uma grande taça de prata na mão. O mago alienígena vestia outra toga branca e rebordada de esmeraldas, rubis e intrincada runas bordadas em ouro.

A raça dos Mage tinha herdado de Merlin o gosto pelo espetáculo.

Mas Nineva mal tinha consciência de sua presença porque era o noivo que absorvia toda sua atenção.

Kel parecia incrivelmente bonito com um casaco de veludo azul cujas mangas com talhos deixavam ver o fio branco da camisa e umas calças azuis que se aderiam aos músculos poderosos de suas coxas. Umas esporas douradas de cavaleiro adornavam as botas fazendo par com um cinturão ajustado a sua esbelta cintura. A espada pendia de um lado do corpo, cintilante de ouro e pedras preciosas.

Kel inclinou a cabeça reverente quando Llyr entregou a mão da noiva; se endireitou e tomou seus dedos entre os quentes dele. Nineva não podia afastar os olhos dele quando se ajoelharam.

Mais tarde, não pode lembrar-se por nada do mundo das palavras que Merlin tinha lhes dirigido.

Pelo visto deu as respostas corretas porque Kel nunca resmungou. Sua voz profunda ressoou sobre a multidão que escutava absorta quando ele jurava tomá-la por esposa e levá-la muito próxima do coração.

Merlin levantou a taça sobre suas cabeças.

- Do mesmo modo que compartilham esse vinho, que Nineva e Kel bebam até a ultima gota de felicidade da vida e encontrem forças um no outro em tempos de desafio.

Ofereceu a taça a jovem que a tomou com cuidado. Sentiu que o metal era extraordinariamente quente em suas mãos quando se inclinou para tomar um gole do espumoso líquido que ela continha. Tinha sabor da luz do sol e a primavera. Curvou a boca de prazer, enquanto se voltava para Kel.

- Bebe até o fundo, meu marido. É muito doce.

Ao mesmo tempo em que a pegava e bebia como um símbolo de união, a multidão levantou suas vozes com um grito de aprovação.

Nineva olhava como Kel devolvia a taça a Merlin, sem dar-se conta de que corriam lágrimas de felicidade por suas bochechas. Quando ele a levantou em seus braços, seu beijo tinha sabor de vinho de outro planeta, exótico e resplandecente de poder.

Os Mage eram tão extremos para celebrar como para sofrer. Tinham mesas cheias de alimentos para as Majae e aqueles convidados que, diferentemente dos vampiros, de fato não comiam. Nineva provou pratos deliciosos cujo nome não sabia, tomou bebidas embriagadoras e dançou até que lhe doessem os pés.

Saia cambaleante da pista de dança com seu flamejante marido quando um homem alto, que a princípio ela confundiu com um Sidhe, se interpôs em seu caminho.

Então Nineva advertiu que tinha a pele tingida de azul e a pupila de seus brilhantes olhos azuis era um alinha horizontal. A iridescência que se derramava em volta de seus ombros não era cabelo e sim plumas e junto a ele tinha uma mulher tão encantadora que a deixou sem fala.

Nineva reconheceu a Semira no mesmo instante em que Kel ofegava e caía em um joelho, arrastando Nineva com ele para baixo. Os Sidhes e os Dragões que estavam em sua volta também caíram de joelhos enquanto que os humanos só olhavam, um pouco confusos.

- Cachamwri, nos honra com sua presença.

- Semira, minha deusa. – pode dizer Nineva enquanto o coração começava a pulsar com força.

- Oh, levantem, meninos. – disse o Deus Dragão impaciente – Tenho um presente de casamento para vocês.

Nineva e Kel trocaram um olhar de terror ao mesmo tempo em que se colocavam depressa em pé. Kel clareou a garganta e disse:

- volta a honrar-nos, ainda que não seja necessário, Flamigero.

- Bem, é claro que não, mas queremos fazê-lo do mesmo jeito. Vem aqui, menina. – Cachamwri pegou Nineva pela mão e a aproximou dele. Lhe roçou a bochecha com seus lábios e o poder a invadiu com um pequeno estremecimento que a obrigou a abrir muito os olhos.

Nineva focou olhando-o.

-Oh – Pestanejou enquanto seu presente estalava nela

- Oh!

Cachamwri esboçou um sorriso e assentiu.

- Vá então. Se é que quer ir.

Seu olhar voou rápido para Semira, que fez um gesto para espantá-la.

- Ganhou isso, menina.

Kel viu aturdido que sua noiva flutuava de repente no ar e a cauda do vestido de noiva balançava enquanto ela subia cada vez mais alto.

- Nineva, onde está...

A luz brilhava em volta dela e desapareceu. Em seu lugar tinha uma encantadora dragão dourada, com as asas estendidas para enfrentar o vento. Ela o olhava rindo com um riso de dragão.

Kel não esperou que perguntassem duas vezes. Saltou atrás dela, deixando que sua magia o transportasse para o alto, ate que não teve perigo para transformar.

Seguiu a mulher que amava para o horizonte enquanto a multidão abaixo prorrompia em vivas.

Sob eles, Morgana Le Fay tomou o braço se Soren e sussurrou:

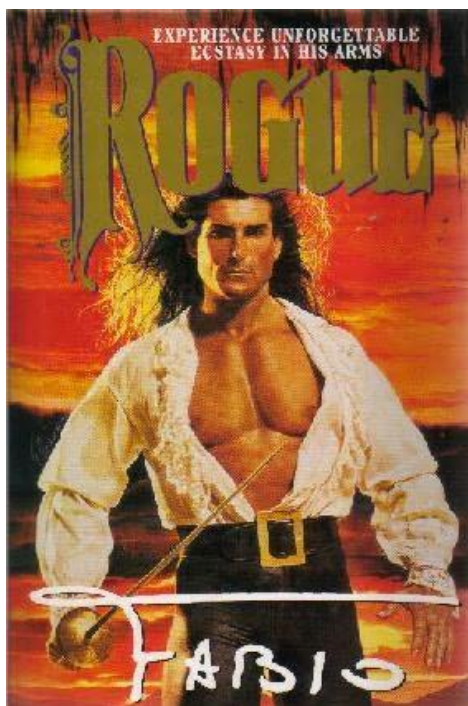
- Me pergunto quanto tempo demorou em imaginar esse ardil.

- Não seguirá sendo um dragão para sempre, certo? – Perguntou Eithne, do lado oposto com um tom horrorizado. Soren riu.

- Por que haveria de fazê-lo, menina, quando é muito mais divertido das duas formas?

Fim

9*Foto do modelo italiano Fabio, e a roupa que Kel deve ter copiado (com exceção desse cinturão horrroso!). (N.T.P.)*



- (N.T.P.): Nota da Tradutora para o Português.
- (N.T.E.): Nota da Tradutora para o Espanhol.